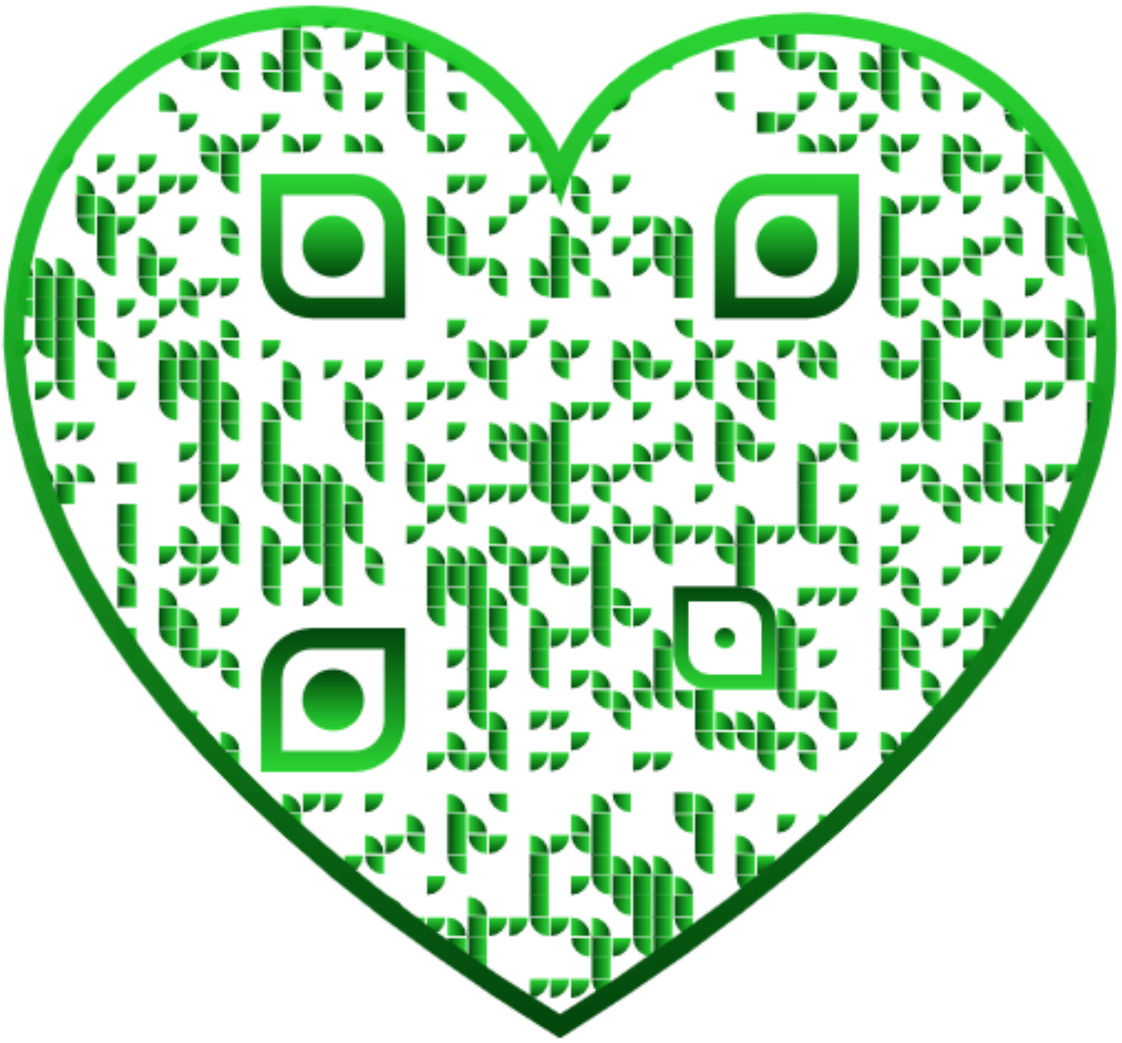
ANDRÉ MATOS

O MAESTRO DO HEAVY METAL

ELIEL VIEIRA
LUIS AIZCORBE



ANDRE MATOS

O MAESTRO DO HEAVY METAL

ANDRE MATOS

O MAESTRO DO HEAVY METAL

Eliel Vieira
Luis Aizcorbe

Estética Torta

Copyright © 2020 Estética Torta

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer forma ou meio, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

EDITORA RESPONSÁVEL

Lívia Martins

PROJETO GRÁFICO

Matheus Ferreira

CAPA

João Duarte (sobre fotografia de Ignacio Cángelo)

REVISÃO

Lívia Martins

LEITURA FINAL

Júlio Feriato

COLABORAÇÕES DIVERSAS

Eco Moliterno e Raquel Moliterno

CURADORIA

Clovis Roman & Kenia Cordeiro

PESQUISA E ACERVO

Dener Ariani

CONSULTORIA E ACERVO

Gustavo Maiato
ENTREVISTAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V658a Vieira, Eliel

Andre Matos: o maestro do heavy metal / Eliel Vieira, Luis Aizcorbe. – Contagem, MG : Estética Torta, 2020.

456 p.
ISBN: 978-65-89087-14-4
1. Heavy Metal - Brasil. I. Aizcorbe, Luis. II. Título.
CDD: 782.42166
CDU: 78.03

André Queiroz – CRB-4/2242

1ª edição, 2020
Direitos de edição e comercialização em território brasileiro e internacional exclusivos a:
Editora Estética Torta

esteticatorta.com.br
facebook.com/esteticatorta
instagram.com/esteticatorta
contato@esteticatorta.com.br

Este e-book não contém as fotografias, imagens e QR Codes da edição impressa, que é, nesse sentido, mais completa. Para adquirir o livro impresso, acesse o site da editora.

PREFÁCIO

Quando me perguntaram se eu toparia escrever um prefácio para este livro, de início tive um misto de sentimentos. Claro que, de jeito nenhum, eu me recusaria a fazer isso pelo meu inesquecível amigo Andre. Mas a sua morte ainda não parece verdade para mim. Enquanto escrevo essas linhas, preferiria estar produzindo uma música do Avantasia com ele. Sim, estava nos meus planos gravar com ele novamente, com o Avantasia. Tínhamos acabado de nos reunir no palco depois de alguns anos. Estava claro que nossa parceria não havia terminado. Mas, mais uma vez, a vida acabou sendo imprevisível.

Em vez de focar na perda trágica e no vazio que ele sem dúvida deixou no cenário musical internacional, quero abraçar todo o grande trabalho artístico que Andre deixou e todas aquelas memórias incríveis – e na maioria das vezes muito engraçadas – que ele deixou para a gente e, tenho a sorte de dizer, *com* a gente. Todo mundo sabe o grande cantor que ele era, quão completo ele era como músico... Sua inteligência era tão evidente em tudo o que ele fazia que nem faz sentido falar sobre isso. E ele era profundo. Sim, ele poderia ser engraçado, caótico e tudo isso. Porém, ele era intensamente profundo e, apesar disso ser óbvio em todas as suas letras expressivas e na arte que ele produzia, acho que a profundidade que você sentia perto dele era só a ponta do iceberg.

A primeira vez que estive com ele foi quando a minha banda, Edguy, abriu para o Angra no início de 1999. Sentamos em uma varanda em algum lugar do sul da França na tarde de um dia de show. Eu só queria me apresentar como vocalista da banda de abertura, mas acabamos tendo uma longa conversa sobre música, poluição ambiental, ídolos, Brasil, Alemanha, literalmente tudo. E sobre

ouriços. Sim, essa é a primeira coisa que me vem à mente quando você me pergunta sobre o Andre. Ele nunca tinha visto um ouriço e parecia não muito contente com isso. Eu achei muito divertido aquele aborrecimento com o que ele parecia considerar uma grande lacuna na sua educação. Após a turnê, comprei para ele um livro sobre ouriços e mandei para o Brasil.

De toda forma, o que era para ser um rápido “Oi, tudo bem?” se transformou em uma grande amizade com contribuições mútuas para os projetos musicais de ambos ao longo dos anos. Ele cantou nos discos do Avantasia e fez shows comigo. Eu cantei com o Shaman em estúdio e ao vivo no Brasil. Quando eu recebi um prêmio de uma revista francesa de rock, eles me surpreenderam colocando o Andre para anunciar o prêmio em Paris, e cantamos a música do Avantasia, “Inside”, juntos, pela primeira vez. Isso deve ter sido por volta de 2002. Sempre que nos encontrávamos em algum lugar, em um festival ou em um hotel, eram ocasiões afetuosas e adoráveis.

Como todo mundo, sempre me lembrarei do Andre como um vocalista que constantemente me impressionava, desde que ouvi as primeiras notas de “Carry On”, do primeiro disco do Angra. Mas ele se tornou – o que é mais importante ainda – meu amigo. Um cara que teve os mesmos problemas e divergências com o mundo da música que eu sempre tive. Um cara que não era apático e ignorante para conseguir vagar ileso pela vida no mundo da música. Esse mundo com regras tolas, expectativas e mentes fechadas. Ele era um artista. E se ele não tivesse toda aquela personalidade grandiosa e complexa, não nos teria dado uma arte tão espetacular.

Como pessoa e como músico, o maestro vai fazer falta. Mas ele nos deu muito, e isso ninguém poderá tirar de nós.

Andre, obrigado por ter balançado meu mundo!

Tobi Sammet

Setembro de 2020

APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

Em uma entrevista concedida em dezembro de 2013 ao programa *Heavy Nation*, Andre Matos foi questionado pelos apresentadores Julio Feriato e Fernanda Lira se não tinha intenção de lançar um livro contando sua história, como Max Cavalera havia acabado de fazer. Andre respondeu: “Acho que vou lançar sim. Mas vou me aposentar primeiro, sair do meio e aí posso contar tudo o que sei... Você acha que eu vou fazer um livro que não seja polêmico?”. Após as risadas, Andre completou: “Talvez quando eu tiver com 50 ou 60 anos de idade eu faça alguma coisa desse tipo, se for o caso. Mas não tenho tanta vontade. Tem muitas coisas do passado que ficaram no passado e podem ficar por lá. Mas, se for pra fazer, que seja uma coisa honesta. Eu não vou fazer só pra enfeitar as historinhas e contar coisas bonitinhas”.[1]

Da parte dos autores, a ideia de registrar a vida de Andre Matos em livro começou em 2016. No dia 28 de julho daquele ano, escrevemos um e-mail à então empresária do cantor, com a proposta de que Andre registrasse uma autobiografia. A resposta veio no mesmo dia: “A ideia é interessante, mas agora não dá. Mais pra frente podemos conversar sobre sua proposta”. Não houve insistência por parte dos autores, e a conversa caiu no esquecimento. Em junho de 2019, Andre faleceu. E com ele se foram muitos planos e possibilidades, incluindo o de, eventualmente, um dia, registrar um livro contando sua história através de suas próprias palavras.

Restou, no entanto, a possibilidade de escrever um livro *sobre* a vida e carreira de Andre. Uma obra que registrasse sua carreira, as bandas que começou, aquelas das quais ele saiu, suas

composições, opiniões, declarações, como um tributo à sua história. Este é o livro que você segura em suas mãos, agora.

Conceber a biografia de alguém que não está mais entre nós impõe suas dificuldades. Afinal, como podemos escrever sobre uma pessoa se o biografado em questão não está aqui? E como poderíamos nos atrever a redigir uma biografia justamente sobre Andre Matos, reservado como ele era em relação à sua vida?

No caso de Andre, no entanto, conseguimos tirar de letra essas dificuldades. Como pessoa pública, Andre concedeu centenas de entrevistas ao longo da vida, narrando pormenores do que estava vivendo, no momento exato em que estava vivendo. Temos palavras do vocalista falando das expectativas sobre determinado álbum, sobre frustrações em relação a companheiros de banda, sobre planos futuros, sobre arrependimentos e amarguras. Todo esse acervo histórico tem valor inestimável e insubstituível.

Tomemos como exemplo a ruptura do ANGRA, em 2000. Dificilmente uma entrevista que Andre Matos pudesse conceder hoje, se estivesse vivo, sobre esse assunto, poderia trazer mais sobre os sentimentos que ele estava tendo naquele momento do que as entrevistas que ele concedeu dias depois da separação, ainda com os nervos à flor da pele.

Felizmente, contamos com um riquíssimo acervo de entrevistas que cobrem absolutamente toda a sua vida profissional. Sempre que possível, neste livro, deixamos que Andre contasse sua própria história, fazendo uso de citações do próprio músico, extraídas desse vasto contingente de entrevistas concedidas ao longo de todos esses anos.

No entanto, alguém pode perguntar: “E a vida pessoal de Andre?”. Ninguém trabalha 24 horas por dia, e a vida de um músico no palco representa apenas uma fração do que ele é no dia a dia. De fato. E aqui encontramos uma dificuldade enorme, já que Andre era uma pessoa bastante reservada em sua vida particular. Ele até falava sobre sua infância, adolescência e alguns aspectos de sua vida privada em entrevistas quando perguntado, mas falava sempre de maneira política, superficial, sem entrar em muitos detalhes.

Para preencher essa lacuna, buscamos, junto às pessoas mais próximas ao cantor (familiares, amigos, colegas de trabalho e até uma ou outra ex-namorada), depoimentos e histórias que pudessem nos trazer um vislumbre de como Andre era fora dos palcos. E descobrimos muitas coisas interessantes. Muitas coisas, *mesmo*! Muitas histórias e de todos os tipos: das mais inocentes e divertidas às mais cabeludas e inacreditáveis.

E aí esbarramos em duas questões. A primeira é que algumas histórias, se contadas, comprometeriam pessoas que ainda estão entre nós. Pessoas que fizeram coisas que não poderiam ser feitas para ajudar Andre em determinadas situações. Houve uma vez, por exemplo, em que ele teve que ser "preso" por um policial amigo para que não perdesse um show. Histórias assim, por mais espetaculares que sejam, tiveram que ficar de fora deste livro. Talvez algumas delas vejam a luz do dia futuramente, mas, por ora, permanecerão ocultas.

A segunda questão é sobre de respeitar a privacidade de alguém que prezava muito por isso. Andre Matos era muito fechado, muito reservado e avesso à alta exposição à qual as pessoas se submetem nas redes sociais hoje em dia. Não há sentido algum em fazer uma autópsia da vida pessoal do cantor e expor vísceras de um aspecto de sua vida que ele sempre fez questão de preservar. Por respeito ao cantor e sua memória, decidimos que algumas histórias merecem continuar na privacidade.

Tentamos também, sempre que possível, evitar entrar em polêmicas e "tretas" desnecessárias e (com a morte de Andre) superadas. Seria infrutífero remoer certas coisas agora. Sim, a carreira de Andre foi marcada por muitas separações de bandas e desgastes com colegas de trabalho e empresários, e o livro ficaria incompleto sem que esses assuntos fossem abordados. Mas, por uma questão de cuidado, nos limitamos a fazer um exame mais informativo do que aprofundado dessas questões.

Alguns fãs mais radicais ficaram insatisfeitos com o anúncio de que entrevistamos desafetos de Andre neste livro, como Rafael Bittencourt e Kiko Loureiro. Respeitamos quem pensa assim, mas é uma insatisfação que não faz sentido. Veja bem... Você, leitor do

ano 2020, pode se gabar de ter boa memória e de ter acompanhado boa parte das “tretas” *in loco*, bem no momento em que tudo estava acontecendo, discutindo os eventos com outros fãs em fóruns de internet, ou talvez até mesmo conversando com Andre sobre isso, etc. Se não tiver acompanhado ao vivo, certamente teve o privilégio de ter lido ou assistido a entrevistas de Andre contando seu ponto de vista – muitas delas disponíveis até hoje para quem quiser ler/assistir.

Contudo, tente imaginar um futuro fã que descobrir a música de Andre daqui algumas décadas. Imagine o quão difícil será para ele ter acesso às mesmas fontes primárias que você, fã de agora, teve. Quem garante que YouTube, WordPress, Blogspot, Facebook e sites especializados como o *Whiplash* estarão no ar daqui um tempo? O mais provável é que todas essas fontes às quais você teve acesso não existam mais daqui uma década ou duas! Tente imaginar quantos sites e quanto conteúdo precioso se perdeu apenas de quinze anos para cá: portais e blogs hospedados no hpg, cjb, fotolog, fã-clubes, fóruns... Muita coisa se perdeu e continuará a se perder.

Queremos mesmo que a história de Andre Matos (que inclui as rupturas com o V_{IPER}, o A_{NGRA} e o S_{HAMAN}) fique armazenada apenas na memória de fãs e na instável “nuvem”?

Não! A história do mundo foi contada e preservada através de livros! Então, precisávamos registrar aqui, neste registro oficial e definitivo, a *história completa*, com todos os pontos de vista; não a versão da história que você considera correta. Que os fãs mais radicais nos perdoem, mas este livro não foi feito apenas *para vocês*. Ele foi escrito para que um jovem que venha a conhecer “Carry On” daqui mil anos possa ter acesso a um registro abrangente sobre todos os eventos que culminaram na saída de Andre do A_{NGRA}, assim como você teve. E, por causa desta obra, ele poderá ler todos os pontos de vista.

O que sobra de toda essa pesquisa e processo de edição? Aquilo que todo fã quer ler: um livro que consiga abranger toda a carreira do cantor, com um panorama cronológico e detalhado de todas as suas atividades, carreira, projetos principais e paralelos, junto a um

vislumbre de sua vida pessoal; ver aquilo que os amigos próximos viam, com a privacidade reservada.

A benção e o apoio da família de Andre ao longo da composição deste livro foram primordiais. No primeiro e-mail enviado a Eco Moliterno, em janeiro de 2020, deixamos claro que, sem a benção da família, este livro *não* seria produzido. Não seguiríamos em frente com uma "biografia não autorizada". Mas eles abraçaram o projeto, nos apoiaram em todo o tempo e nos forneceram entrevistas, fotografias e arquivos valiosos.

Nosso primeiro agradecimento, portanto, vai a Sônia (mãe), Daniel (irmão), Helena (irmã), Eco (primo), Sara (ex-esposa) e Adrian (filho). Sem vocês, este livro não teria sido possível. Esperamos que esta obra conforte o coração de vocês e que o luto se transforme numa saudade gostosa, de quem sente falta de um querido, mas sabe que o encontrará novamente em breve. Gostaríamos muito de ter entrevistado o senhor Ary, avô de Andre. Contudo, seria pedir demais a um senhor prestes a completar 100 anos (em dezembro de 2020), ainda mais em tempos de pandemia. Mas estendemos nosso carinho e agradecimento especial também a ele, que tão importante foi na formação de Andre!

O segundo agradecimento vai a todos que reservaram um tempinho em sua corrida agenda para nos conceder entrevistas sobre sua relação pessoal e profissional com Andre Matos. Sem a contribuição dessas pessoas, este livro também não teria sido possível. São elas, em ordem alfabética: Alberto Torquato, Alessandro Conti, Anderson Bellini, Anderson Carlo, André Linhares, André Mesquita, André Pomba, André "Zaza" Hernandes, Andreas Kisser, Antônio Barbieri, Aquiles Priester, Blaze Bayley, Bruno Agra, Bruno Ladislau, Bruno Sutter, Claudio Vicentin, Corciolli, Eloy Casagrande, Eric de Haas, Fábio Ribeiro, Fausto Caetano, Fausto Mucin, Felipe Machado, Filipe Lima, Guilherme Canaes, Heleno Vale, Hugo Mariutti, Ivan Busic, João Lopes, João Milliet, Kiko Loureiro, Leck Filho, Luca Turilli, Marcos Kleine, Mark Jansen, Michael Weikath, Mônica Giardini, Olivier Garnier, Oliver Laudahn, Paulo Baron, Pit Passarell, Rafael Bittencourt, Rafael Rosa, Renata Kubala, Ricardo Batalha, Ricardo Confessori, Rick Dallal, Rodrigo Silveira, Sascha

Paeth, Sergio Facci, Silvio Vartan, Thiago Bianchi, Tobias Sammet, Val Santos, Vera Kikuti e Yves Passarell. Agradecemos também àqueles que preferiram não ser nomeados, mas sabem quem são.

O terceiro agradecimento vai às pessoas que colaboraram com o processo de pesquisa e composição deste livro: Gustavo Maiato, que conduziu a maioria das entrevistas e transcrições (em alguns casos, traduções) com competência e maestria; Clovis Roman e Kenia Cordeiro, do site Acesso Music, que nos ajudaram com a pesquisa e a escrita de algumas porções de textos; Dener Ariani e Clovis Roman (de novo), que compartilharam conosco seu vastíssimo acervo de revistas, recortes de jornais, cartazes e itens raros; Priscila Queiroz, pela consultoria e apoio; Ignacio Cángelo, por ceder a fotografia usada na capa, que representa Andre Matos da forma como ele gostava de ser visto; João Duarte, pela capa, pelo *hotsite* e por todo o suporte em design; Matheus Ferreira, pelo excelente projeto gráfico; Lívia Martins, pela revisão e edição. E à editora Estética Torta, por ter apostado neste trabalho e feito todos os investimentos necessários para que tudo acontecesse da melhor maneira. Sem vocês todos, o livro não teria saído tão perfeito quanto saiu.

Em quarto lugar, a Anderson Bellini e Thiago Mauro, pelo espaço que nos cederam para divulgarmos o livro em seu evento “Alive” (14/09/2020).

Em quinto lugar, a Solange de Almeida Grossi que, através de seu blog andrecoelhomatos.wordpress.com, preservou e compilou em um só lugar centenas de entrevistas que Andre concedeu ao longo de sua vida. Muitas delas usadas aqui.

E o último e mais especial agradecimento é ao próprio biografado: Andre Coelho Matos. Este livro é um tributo à sua vida e obra! Você partiu cedo demais! Que você jamais seja esquecido e que seu legado continue a inspirar milhares, como inspirou a nós!

Aos leitores, esperamos que curtam este trabalho tanto quanto curtimos fazê-lo! Aproveitem para revisitar toda a obra de Andre, à medida que forem lendo o texto.

Luiz Aizcorbe

Eliel Vieira

Novembro de 2020

1 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wpC2rEN5iMk. Acesso em: 7 out. 2020.

Capítulo 1

A INFÂNCIA

Salvo pelo filho do general

Era início da década de 1940 e o mundo estava em guerra. De um lado, os países do Eixo (capitaneados por Alemanha, Itália e Japão). De outro, os países Aliados (capitaneados por Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética). Em meio a esse conflito, tentando manter uma posição de neutralidade e recebendo pressão dos dois lados, estava o Brasil, governado por Getúlio Vargas. A posição neutra do Brasil mudou em 1942, quando dezenove navios brasileiros foram atacados na costa brasileira por submarinos alemães. O Brasil tomou lado na guerra se juntando aos Aliados, e pracinhas do Exército, Marinha e Aeronáutica foram convocados para a guerra.

Um desses convocados era Ary Coelho da Silva, avô de Andre Matos. A história deste livro possivelmente não estaria sendo contada se o filho de um general não estivesse com dificuldade para passar de ano. “Ele já estava até pronto pra viajar pra Natal (RN), onde as tropas brasileiras iriam se reunir antes de embarcarem pra Itália. Mas como ele dava aulas particulares lá no Rio para o filho de um general, acabou sendo dispensado por ele pra que o menino não ficasse de recuperação”, conta Eco Moliterno, primo de Andre.

Pesquisando sobre profissões que dariam empregos certos no pós-guerra, Ary leu sobre a importância de engenheiros químicos e, assim, ingressou na faculdade de Química. Formado, trabalhou em lavouras de cana de açúcar, em Campos dos Goytacazes, norte do Rio. Lá nasceram suas filhas, Sônia e Heloísa. Posteriormente mudou-se para Niterói, onde passou a ter três empregos: pela

manhã, era professor de Física no Instituto Liceu; à tarde, pesquisador no Instituto de Química; e, à noite, atuava como jornalista do jornal carioca *Última Hora*.

Na década de 1960, Ary foi convidado por Darcy Ribeiro para ser professor de Química na Universidade de Brasília, e se mudou para a capital federal com toda a família por um tempo. Veio então o AI-5 e Ary teve seu posto cassado. De volta a Niterói, o jornalismo começou a se tornar sua profissão principal. Após um período trabalhando na extinta *Revista Manchete*, Ary foi transferido para São Paulo – onde, mais tarde, seria convidado por Victor Civita a coordenar a área de fascículos da editora Abril.

As praias fluminenses e o feliz acidente

É no final da década de 1960 que a história de Andre Matos começa, nas ensolaradas praias fluminenses de Niterói. O mundo era bastante diferente do atual. Não havia internet, nem milhões de canais de conteúdo disponíveis na palma da mão, tampouco a possiblidade de se comunicar instantaneamente com pessoas de qualquer lugar do mundo apenas com o movimento dos polegares. As opções de entretenimento para adolescentes e jovens eram poucas e limitadas. E, no litoral carioca, as praias eram unanimidade.

Foi em uma dessas praias que a filha de Ary, Sônia Maria Coelho da Silva, conheceu Pedro Henrique Matos. Embora o namoro só tenha ficado sério no início da fase adulta, Sônia e Pedro haviam se conhecido alguns anos antes. “Conheci o pai do Andre na adolescência. Namorei outros caras, mas foi com ele que acabei namorando e me casando. A gente era do mesmo grupo na praia. Acho que quem é do Rio sabe. A gente frequentava a praia em determinados lugares”, conta Sônia.

Pedro era fotógrafo e prestava seus serviços para importantes revistas da época, algumas editadas pelo pai de Sônia que, através de sua influência, posteriormente ajudou o jovem a conseguir um emprego na filial da editora Abril no Rio. Sônia cursava Economia na Universidade Federal do Rio de Janeiro pela manhã e fazia estágio no *Jornal do Brasil* à tarde.

A jovem estava perto de concluir a faculdade quando descobriu que havia um coraçãozinho batendo dentro do seu útero. Era Andre.

A gravidez não planejada teve bastante impacto nos planos do casal. “Foi um acidente”, lembra Sônia, “Eu era muito jovem. Não tinha preparo. Estava barriguda do Andre no dia da formatura da faculdade”. Embora não estivesse nos planos, a gravidez trouxe muita alegria à família, especialmente ao senhor Ary, que poderia, com o neto, concretizar o sonho não realizado de ter um filho menino. “Eu só tive uma irmã. Éramos duas filhas e não tinha um menino na família. Então esse primeiro neto, embora não planejado, foi bastante celebrado”, conta a mãe.

Sônia e Pedro se mudaram para São Paulo após a formatura, onde os pais de Sônia já moravam e onde Andre Coelho Matos nasceria, no dia 14 de setembro de 1971, na Maternidade São Paulo, que hoje não existe mais. De acordo com a mãe, o nome “Andre”, sem acento, foi escolhido por ser um nome universal, presente em vários países: “Eu sempre tive uma preocupação de colocar um nome universal nos meus filhos. Um nome que estivesse presente em todas as línguas. Andre e Daniel, meus filhos, são nomes que você encontra em todos os países. Nem tinha ainda essa coisa de globalização na época, mas eu achava importante”. Andre teve o nome escrito incorretamente por muita gente (com acento no “e”) ao longo de toda a sua vida. Isso quando não erravam também seu sobrenome, muitas vezes escrito “Mattos”, com um “t” a mais.

O primeiro apartamento do casal foi na rua Bela Cintra, bem pertinho de onde, décadas depois, ficaria a sede da rádio Kiss FM, uma das rádios de rock mais importantes do Brasil. O ritmo da maior metrópole do país assustou o jovem casal. “Viemos para São Paulo, uma cidade estranha... Eu estranhei muito no começo. Estava acostumada com praia, com o Rio, com outro ritmo de vida”, conta Sônia. “A mudança uniu o útil ao agradável. Meus pais já moravam aqui em São Paulo e eu vim ficar perto deles. Meu marido conseguiu um emprego na revista *Quatro Rodas*, e eu, numa companhia imobiliária”.

Enquanto os pais encaravam o ritmo alucinante de São Paulo, a avó, Osvaldina Coelho da Silva, a “Vadequinha”, cuidava da criança.

Era um arranjo benéfico para todos; para os avós, que adoravam cuidar e mimar o neto, e para os pais que, precisando trabalhar, tinham tranquilidade de saber que o filho estava sob bons cuidados. Sobre a rotina familiar, Sônia conta: “Eu trabalhava o dia inteiro. Saía de manhã e voltava à noite. E o Andre ficava esse tempo todo com a avó. Ele acabou ficando mais apegado à minha mãe do que a mim. Ele sempre foi muito agarrado à avó. Quando tentamos colocar ele na escolinha pela primeira vez, aos 2 ou 3 anos, ele não quis de jeito nenhum. Ele queria ficar com a avó”.

Além do carinho e aconchego de Vadequinha, o ambiente ao qual Andre foi exposto nos primeiros anos de vida era bastante rico culturalmente, tanto na casa dos pais, quanto na dos avós, onde passava a maior parte do dia. Sônia conta um pouco sobre esse ambiente: “Eu gostava muito de cantar. Aquelas musiquinhas infantis ele não gostava de jeito nenhum. Mas, quando eu cantava Chico Buarque... ah!, ele parava e ficava ouvindo bem atento”.

Um dos presentes mais importantes que Andre ganhou no primeiro ano de vida foi da madrinha, Maria José: um radinho portátil. “Quando ele estava muito agitado, eu o colocava no berço, sintonizava na rádio que transmitia música clássica e ele acalmava na hora”. Sônia conta também que Andre tinha um ouvido musical bastante atento e que o filho adorava dançar, antes mesmo de completar 1 ano: “Quando ele tinha uns 6 ou 8 meses de idade, nessa idade em que a gente apoia para que fiquem em pé, ele adorava se balançar todo enquanto eu cantava. Desde bebê ele tinha essa forte característica musical”.

Ascendência japonesa?

Os olhinhos puxados não vêm de uma ascendência japonesa, como muitos podem pensar. “Não temos nenhum parente japonês. Não dessa encarnação ao menos”, brinca a mãe. Em uma entrevista dada em 2002 ao fã-clube do Shaman, Andre brincou sobre suas origens: “Toda a mistureba que você possa imaginar! Uma parte da minha família veio do Maranhão e outra parte de Minas Gerais, e se encontraram no Rio de Janeiro, né. Então, assim, nesse meio tempo, misturou com sangue índio, com sangue negro, é… sangue europeu de outras raças também, mais do norte, enfim... as duas

coisas. Da parte do meu pai, é mais a mistura dos índios com os negros, e da parte da minha mãe, mais a coisa europeia. E isso é o que eu acho muito legal. Acho que o brasileiro é isso na verdade; por mais puro que seja nunca é puro. Então, por isso que o brasileiro tem um monte de coisa diferente dos outros, e a musicalidade está entre elas. Mas assim, grosso mesmo, é claro que é português. 'Coelho Matos', esses nomes não enganam!".[2]

A explicação para os olhos puxados é a hipermetropia, que Andre herdou da mãe. Por esse motivo, o garoto precisou usar óculos desde os primeiros meses de vida: "Herdou de mim esse problema. Para o azar dele, o hipermetrope tem o olho bem pequeno. Então usar lentes era complicado. Ele teve que usar óculos desde muito novo, logo que a gente descobriu o problema. Usava aqueles *oclinhos* que tinha de amarrar na orelha. Como o cabelo dele nasceu em pé, bastante espetado, as pessoas perguntavam se ele era mestiço de japonês. Ele parecia um japonesinho. Mas não".

O irmão, os primos e a casa da avó

Aos 3 anos de Andre, a família se mudou do apartamento na Bela Cintra. Sabendo que uma nova criança viria para a família – o irmão de Andre –, Sônia e Pedro aproveitaram uma oportunidade e se mudaram para o mesmo prédio dos pais de Sônia, o mesmo apartamento na rua Dr. Veiga Filho, em Higienópolis, onde Andre morou por toda a vida, até o último dia. "Naquela época tinha o Sistema Financeiro da Habitação, e eu comprei este apartamento aqui onde moro até hoje. O meu fica no décimo-quinto andar e o dos meus pais no décimo-sétimo. Meu pai mora lá até hoje", conta a mãe.

Para evitar que a chegada do irmão não gerasse ciúmes em Andre, Sônia fez com que Daniel chegasse ao mundo trazendo um presente ao irmão: "Comprei um ônibus de brinquedo... bem grande, e esse foi o presente que o Daniel deu ao Andre quando nasceu. Lembro do Andre me visitando na maternidade. Lembro até da roupa que ele estava vestindo. Ele ficou encantado com o 'presente do irmão', o ônibus de brinquedo".

A chegada de Daniel trouxe mais uma criança para a casa da avó, que, por fim, contava com quatro crianças: Andre e o irmão, Daniel,

e os primos, Eco e Raquel. “Minha mãe tomava conta dos quatro para que eu e minha irmã pudéssemos trabalhar. Ela adorava e eles adoravam a avó. Casa da vó era... bem, era o lar deles. Era a avó que levava e buscava na escola. Ela fazia quase tudo”, conta Sônia. A mudança para o novo apartamento, no mesmo prédio dos avós de Andre, deixou Sônia e Pedro mais próximos dos filhos: “Depois que nos mudamos, casa da mãe e casa da avó passaram a ser a mesma coisa”.

Os irmãos tinham personalidades bastante distintas: “O Daniel sempre foi uma criança muito levada, muito agitada. E o Andre era mais na dele”, conta a mãe. “O Andre sempre foi assim. Não era uma criança *dada*, que se enturmava e brincava com qualquer criança que aparecia. Ele sempre foi mais na dele, mais introspectivo”.

Conhecimento absurdo sobre tudo

À medida que o garoto crescia, o ambiente familiar em geral, mas a profissão do avô, em especial, passaram a exercer influência cada vez maior sobre Andre. Aos 4 anos, ele já sabia ler. “Aprendeu sozinho, sem professor particular”, conta a mãe. “Meu pai nessa época trabalhava na editora Abril, era diretor editorial dos fascículos e ele trazia para casa um monte de laudas para revisar. E o Andre começou a imitar. Tenho contos escritos pelo Andre na máquina de datilografar. Ele devia ter uns 6 ou 7 anos e já escrevia muito. Ele editava um jornalzinho que tinha de tudo: publicidade, havia editorial... O nome da editora era ‘Editandre’. Para você ver o nível da brincadeira. Muito profissional. E a gente nunca forçou nada. Foi natural. Tenho alguns desses materiais comigo até hoje”, lembra Sônia. “Ele escrevia tudo na máquina de datilografar. Era muito avançado para a idade. Ele pegava as laudas, formatava direitinho, escrevia notícias, editorial, notas de redação. Era tudo muito excelente. Esse interesse pela área editorial veio por influência do meu pai e do pai dele”.

Como não podia ser diferente com uma criança assim, Andre se destacava na escola. O ensino fundamental foi no tradicional Colégio Rio Branco. “Era um excelente aluno. Ganhava aquele prêmio Rotary, de melhor aluno, quase todos os anos. Era muito

elogiado pelos professores, especialmente na parte de redação", lembra Sônia. "Ele gostava muito de ler. Livros de história, história antiga, medieval, história do Brasil, entre outros. Ele tinha uma curiosidade ampla e eclética. E na escola as notas eram muito boas. Não era muito de ficar se matando de estudar. Não precisava. Era atento às aulas e isso bastava".

"O Andre desde pequeno tinha um tesão absurdo pelo conhecimento", conta o irmão, Daniel. "Ele tinha conhecimentos absurdos sobre tudo. A gente ia brincar, eu chutava a bola pra ele. Ele ia pegar a bola, via uma planta e falava: 'Nossa, essa planta aqui, ela é da família das herbáceas, não sei o quê!'. Porra! Chuta a bola! [risos] Ele sempre gostou de conhecer tudo!".

O menino prodígio, no entanto, não era lá muito bom em exatas, e precisava fazer aulas de reforço com a tia engenheira Heloísa, irmã de Sônia, que Andre carinhosamente chamava de Tetia. A falta de paciência com matemática eventualmente ajudou a ocasionar a expulsão de Andre do colégio, na adolescência, mas essa história contaremos no terceiro capítulo.

A primeira cirurgia de Andre aconteceu aos 6 anos e foi bastante desconfortável para um menino daquela idade. Ele havia se acostumado a andar apoiando-se na ponta dos pés mais do que o normal e pegou o hábito de não baixar o calcanhar completamente. A mãe conta: "Lembro que rodei São Paulo inteira, mil médicos, até que descobrimos que ele havia encolhido o tendão e precisaria de uma cirurgia. Ele teve que ficar com gesso nas pernas inteiras e depois teve que fazer fisioterapia e reaprender a andar".

Uma das maiores paixões do garoto, que não podia correr ou pular, além das leituras e do jornalzinho que editava, era aviões, pelos quais era fascinado. Essa paixão por aviões Andre acabou levando para o resto da vida. "Se ele não tivesse talento para música, teria sido piloto de avião. Ele sabia tudo sobre aviação", conta Eco, o primo. "Quando moramos juntos com meu avô, já adultos, ele passava a noite jogando simuladores de voo. Ele comprava os jogos mais avançados, dizia que estava pousando no aeroporto de não sei onde... Eu chegava de noite e ele falava 'Estou num voo aqui, não mexe aí não!'. Ele sabia tudo sobre avião. Os tipos, modelos, tudo!".

“Dei vários programas de simulador de voo para ele”, lembra o irmão, Daniel. “Chegava lá com um programa novo, boeing *não sei das quantas*. Ele em dois dias estava apavorando no jogo, com todos os detalhes. Ele tinha um fascínio por coisas de aviação. Uma vez... eu não lembro para onde a gente estava indo, estávamos nós dois no avião. Aí vem aquele aviso no meio do voo que nós íamos enfrentar uma turbulência. Eu estava lendo aquelas revistas que você pega na frente da poltrona e ele estava lendo um livro quieto na dele. Começou a vir uma turbulência forte, eu parei de ler e ele continuou. Eu falei que ele podia ficar enjoado e vomitar se continuasse lendo. Ele falou para não me preocupar, que ele estava curtindo a turbulência. Aí eu dormi. Uma hora eu acordei, ele estava dormindo. Aí eu fui ver qual era o livro que ele estava lendo, e o livro se chamava *Caixa-preta: O relato de três desastres aéreos brasileiros*. E ele lendo no meio da turbulência! Depois que ele acordou eu falei: ‘Você estava lendo essa porra no meio da turbulência?’. Ele falou: ‘Claro! Qual é o melhor lugar para eu ler isso? Eu estou sentindo todas as emoções aqui dentro!’”.

Outra paixão que o garoto tinha eram os dinossauros. “Ele sabia o nome de todos. Adorava os bonequinhos. Havia na época uns fascículos ilustrados da editora Abril sobre os dinossauros e ele conhecia todos. Quando via a imagem de um, ele falava ‘Esse é o Tiranossauro *sei lá das quantas*!’. E aprendia tudo sozinho”, lembra a mãe.

Sempre que podia, especialmente em feriados e nas férias, a família costumava viajar para o sítio do avô, na cidade de Piedade, a duas horas de carro de São Paulo. “Era um lugar muito especial, para ele e para todos nós”, lembra Daniel. “Quando nós resolvíamos viajar, um dos lugares que tínhamos na mão era o sítio. Brincávamos bastante lá. O Andre sempre tinha uma invenção nova. Uma coisa que me instiga até hoje é que ele tinha um microscópio, que deve estar lá no sítio. Eu falava: ‘Que coisa de CDF cara! Você tem um microscópio no sítio!’. Aí ele falava: ‘Então vem aqui’. Aí a gente pegava uma aranha morta no chão e ele falava: ‘Vem ver isso aqui de perto no microscópio’. Eu pirava! Aquele bicho cheio de olhos, cheio de coisas que eu não fazia ideia. Ele falava assim: ‘Viu? Microscópio no sítio!’, aí todo dia eu queria que ele me mostrasse

uma coisa no microscópio. ‘Andre, achei um bicho diferente! Vamos olhar no microscópio?’, e aí já virava a brincadeira do microscópio. Tinha outra brincadeira que era a nossa preferida de todos os tempos que era usar os antigos velocípedes de brinquedo e descer pelas ladeiras de terra do sítio se esborrachando no chão!”.

Floresce o amor pela música

A profissão do pai de Andre, fotógrafo, além de render um vasto acervo de fotos dos filhos na infância, introduziu o garoto à indústria da publicidade e propaganda. Não que uma carreira tenha vindo a partir daí, mas poucas crianças têm acesso ao mundo dos bastidores em tão tenra idade como Andre teve. Muito se engana quem pensa que seu primeiro contato profissional com o mundo da música se deu com o VIPER, aos 13 anos. A rigor, temos que considerar o “trabalho” de Andre como garoto-propaganda, aos 7 anos, para os fascículos *Historinhas Disney*, da editora Abril. Além do livrinho, os fascículos vinham acompanhados de um disco compacto, que trazia as histórias narradas, músicas e palavras em inglês para a garotada aprender. Andre apareceu em algumas revistas da editora Abril da época, nas peças publicitárias que anunciavam o lançamento da reedição do fascículo sobre *Os Três Porquinhos*.

Há uma aparição ainda mais antiga, com Andre ainda bebê, em uma propaganda para as papinhas Nestlé.

Foi por volta dos 7 anos que o interesse de Andre por música, já existente desde o primeiro ano de vida, passou a crescer e tomar cada vez mais conta dos seus interesses. Com um avô que tocava violão, um pai que arranhava um pouco na gaita, uma mãe que adorava cantar pela casa e uma avó paterna, dona Nely, que era cantora lírica amadora numa igreja de Niterói, o garoto foi impelido a estudar piano com um professor particular, Cláudio Torres. “O Andre era muito sofisticado nas coisas dele. Então, quando começou a se interessar mais por música, o piano foi o instrumento que quis aprender. Música para ele era piano”, conta a mãe.

Na famosa entrevista que deu em 2004 ao programa *De Frente Com Gabi*, Andre conta detalhes de quando começou os estudos e de quando ganhou o primeiro piano: “Aos 7 anos de idade eu

comecei com as aulas de piano e aos 10 anos eu ganhei meu primeiro piano". Sônia nos conta que este primeiro piano foi dado como presente após elogios, de uma professora, de que o garoto estava progredindo bem: "Colocamos ele numa escola particular de música e, quando o professor disse que ele levava jeito, compramos um piano próprio para ele. Ele estudou muito naquele piano. Ficava lá estudando por horas a fio, compenetrado".

Nos intervalos das aulas no Colégio Rio Branco, Andre gostava de ir ao teatro da escola praticar e tocar com amigos. Um deles era Corciolli, com quem Andre teria parcerias musicais décadas depois, na carreira solo. "Não estudávamos na mesma classe, já que eu era um pouco mais velho que ele. Mas, no intervalo das aulas, tinha uma turminha da escola que subia até o teatro do colégio, no último andar, e ficava lá tocando no piano de armário que ficava na coxia. Certo dia chegou esse menino de cabelo comprido, óculos redondos, sotaque carioca e todo pomposo, tocando QUEEN no piano! Ele devia ter uns 11 anos, nem tinha formado o VIPER ainda, mas tinha uma personalidade que já se impunha".

Em entrevista ao portal *Whiplash*, Andre contou como a influência da família foi determinante para que ele seguisse o caminho da música: "Acho que eu fui até meio induzido a fazer música pela minha família, porque quando eu era pequeno, enfim... Em vez de me botarem numa escolinha de futebol, me botaram pra aprender piano. Eles achavam que eu tinha musicalidade, meus pais gostam de música, meus avós... Então, eu comecei a estudar piano aos 7 anos de idade, interrompi, voltei aos 10 e aí foi embora".[3]

Em outra entrevista, de 2002, Andre comentou como a influência específica do avô foi determinante para seu interesse em música: "Tive muito incentivo da parte do meu avô, que é um cara que me incentivou muito, porque ele falava: 'Olha, esse menino precisa ser músico, ele tem o ouvido muito musical, e tal'. Talvez pela frustração de ele não ter sido músico, ele projetou em cima de mim e me ajudou muito. Ele foi um tipo de um patrono".[4]

No álbum de 1996 do ANGRA, *Holy Land*, o vocalista oferece uma dedicação especial ao avô na seção de agradecimentos: "À minha

querida família, especialmente ao meu avô, Ary, pelo apoio e inspiração".

"Meu avô só não foi um artista porque a condição de vida dele não permitiu. Ele precisava ter um emprego", conta o primo de Andre, Eco. "Ele influenciou todo mundo. Ele que apresentou poesia pra gente. Ele escrevia muito. Na casa da avó não tinha muito isso de música, mas na casa dos pais do Andre, sim. Sempre que eu ia lá, tinha música tocando. Tanto que ele e o Dani viraram músicos".

"Minha casa era muito musical", conta Daniel. "Meu pai nunca foi músico de tocar, mas ele era um apreciador muito forte de música brasileira e jazz. Minha mãe sempre gostou muito de MPB também. Unido a isso, o Andre começou a tocar piano e ter contato com a música erudita. Se ele gostava de tudo, imagina o quanto ele gostava das coisas pelas quais era apaixonado! Deu no que deu, essa monstruosidade que foi a carreira dele".

Sobre o interesse específico pelo rock, a mãe não sabe precisar ao certo de onde veio: "Não teve uma influência específica que tenha levado ao rock. Aqui em casa o rock nem era muito incentivado. Era mais o jazz, que o pai dele gostava muito, música clássica e MPB – Chico Buarque, Caetano, Gil". Andre deu algumas pistas sobre o início do interesse pelo rock em algumas entrevistas. Em 2008, falando ao extinto site britânico *Komodo Rock*, o vocalista conta: "Eu cresci morando junto com os dois estilos: música clássica e rock. Bandas como Queen, Iron Maiden, Priest, Purple, AC/DC estão entre as primeiras influências que tive. Porém, minha primeira aquisição no rock foi o *Fair Warning* de Van Halen. Então eu passei por vários artistas e gostos diferentes, para citar apenas alguns: Kate Bush, Peter Gabriel, Sting…".[5]

Em outra entrevista, concedida ao *Whiplash* em 2006, por ocasião de um show que David Lee Roth faria no Brasil, Andre forneceu alguns detalhes sobre seu encontro com o Van Halen: "Um belo dia, ao acompanhar meu pai a uma loja de discos, recebi um presente: poderia escolher o que quisesse! Pedi então a um vendedor cabeludo, do qual me lembro até hoje, que me desse uma dica: 'Quero o melhor disco de rock que você tiver aí!'. 'Só um minutinho!', ele me disse. Pouco depois ele voltou com um LP na mão avisando:

‘Pode levar! Esse eu garanto!’. A capa era um tanto estranha, de cor ocre com figuras meio surreais, cenas bizarras. O título? *Fair Warning* do VAN HALEN. Isso mudou minha vida de tal maneira que eu poderia classificá-la em ‘antes’ e ‘depois’ de VAN HALEN”.[6]

VAN HALEN pode ter sido importante, mas a banda que acabou conquistando o coração do adolescente foi o QUEEN. Na mesma entrevista ao *Komodo Rock*, Andre declarou: “Se eu precisar nomear a única influência, acredito que o QUEEN será o meu favorito de todos os tempos. Eles conseguiram de alguma forma misturar todos os estilos musicais com o rock, sem perder sua própria identidade”. A mãe confirma o amor do filho pelo QUEEN: “Era a banda que ele mais gostava. O Freddie Mercury era o cara que ele mais respeitava como vocalista”.

O primeiro show que Andre foi assistir ao vivo, no entanto, não foi de heavy metal, ou sequer de rock. Aos 11 anos, foi com os pais assistir a um show de Eduardo Dusek, talvez o principal nome da música pop brasileira em 1982, com clipes transmitidos em cadeia nacional semanalmente no *Fantástico* e seu LP *Cantando no Banheiro*.

Tudo começou com uma bola!

Mas nem só de alta cultura vive uma criança. E uma das paixões de Andre era o futebol. As discussões sobre futebol na casa eram rotineiras, já que os pais cariocas queriam que os filhos, paulistas e corintianos, torcessem pelo Flamengo. “Teve um dia que o Daniel apelou e disse que ia torcer para o Botafogo! Aí eu tive que intervir: ‘Botafogo de jeito nenhum! Aqui é Flamengo ou Corinthians. Não tem liberdade para escolher outro!’”, recorda a mãe, com um leve sorriso. “O André era muito corintiano. Ele gostava muito de acompanhar e, quando ele não podia, eu acompanhava e passava todas as coisas para ele. O irmão adora, acompanha... eu também gosto muito e a avó dele gostava muito do Corinthians e levava eles no Pacaembu em alguns jogos”.

“Minha avó virou corintiana fanática! Ela adorava futebol”, lembra o primo Eco. “A gente ia no estádio com ela. Fui em muitos jogos no estádio ver o Corinthians com o Andre. O pai do Andre trabalhava na *Placar* e conseguia algumas coisas. Teve um jogo Corinthians x

São Paulo, na final do paulista de 81, que eu entrei em campo de mão dada com o Casagrande. O Dani entrou com o Sócrates. O Andre e minha irmã também entraram. Tem a filmagem da gente entrando... era época da democracia corintiana".

E foi num dia desses, em que Andre estava jogando bola com os amigos do seu prédio, que ele acabou conhecendo seus futuros companheiros de banda, no VIPER. Na já mencionada entrevista ao programa *De Frente Com Gabi*, Andre conta o episódio: "Foi puro acidente. Quando eu era adolescente... tinha lá meus 11 ou 12 anos de idade... Eu estava lá no prédio onde eu morava, que tinha uma quadra de futebol. Aí um dia caiu uma bola no meu prédio, uma bola de futebol. Eu pego aquela bola, e tinha que devolver pro prédio do lado, né? Aí eu olhei e tinha um rapaz pedindo a bola. Eu joguei a bola e ele falou assim: 'Você tem um time de futebol aí?'. Eu falei: 'Time nós não temos'. E ele falou comigo assim: 'Tudo bem. A gente tem uma banda aqui. Você quer tocar com a gente?".

Quem chutou essa bola foi Yves Passarell, hoje guitarrista do CAPITAL INICIAL. Ele conta alguns detalhes desse encontro, em entrevista exclusiva: "No começo, nós éramos vizinhos de prédio. Tudo começou com uma bola! Eu morava em um prédio com meu irmão, o Pit Passarell e o Felipe Machado morava lá também. Aí estávamos jogando bola e a bola caiu no prédio ao lado, que era o prédio do Andre. Eu não sabia que era o prédio dele. Fui lá buscar a bola e o Andre estava com a bola na mão para me entregar. A gente começou a ficar amigo, jogamos futebol no prédio dele depois. No final eu convidei ele para o VIPER".

Mas a história de Andre no VIPER, o início de sua espetacular carreira musical, será contada com mais detalhes no próximo capítulo.

[2] Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2019/12/04/entrevista- do-fc-do-shaman-2002/. Acesso em: 01 jul. 2020.

[3] Disponível em: https://whiplash.net/materias/entrevistas/095796-andrematos.html. Acesso em: 8 jun. 2020.

[4] Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2019/12/04/entrevista-do-fc-do-shaman-2002/. Acesso em: 01 jul. 2020.

[5] A página *Komodo Rock* não existe mais. Graças ao trabalho de um blog de fãs, a entrevista foi preservada: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2008/04/27/komodo-rock-talks-with-andre-matos-3/. Acesso em: 01 jul. 2020. Tradução nossa.

[6] Disponível em: https://whiplash.net/materias/news_906/044716-vanhalen.html. Acesso em: 01 jul. 2020.

Capítulo 2

THE KILLERA SWORD

Andre havia acabado de fazer novos amigos. Felipe Machado, Nando e os irmãos Yves e Pit moravam no prédio vizinho ao dele. Não está absolutamente claro em que ano se deu o episódio da bola. Algumas versões dão conta de que aconteceu em 1984. Já Felipe Machado, em postagem publicada no site *Wikimetal*, conta que foi no final de 1983: “Desde muito novos já éramos uma turma de crianças interessadas em música, e até já tocávamos em uma banda de brincadeira chamada Rock Migration. Foi aí que se mudou para o prédio ao lado um garoto quieto e bonzinho, que escondia a timidez atrás dos óculos de lentes grossas. O primeiro a ficar amigo dele foi o Yves, que logo o convidou para jogar bola com a gente. Jogar bola é a melhor forma de trazer um garoto novo para dentro de uma turma já estabelecida, acho”.[7]

Viagem na mente

Em 1984, com 12 para 13 anos, Andre já tocava piano e se destacava na escola, ganhando prêmios nos diversos concursos culturais de que participava. Não demorou muito até que o grupo de amigos começasse a fazer barulho juntos. Yves conta detalhes da “banda” que tinham: “Em Higienópolis tinha várias bandas. Tinha a Rock Migration que era o Felipe, meu irmão, o Nando e eu. Depois, tinha outras bandas circulando; tinha o Marcos Kleine, que participou de uma fase do Viper. Tinha o Cássio Audi. Depois o Marcos, o Andre e eu fizemos uma banda chamada Netuno, tinham três músicas, foi a primeira banda”.

Marcos Kleine, que você verá hoje como guitarrista da banda Ultraje A Rigor, conta um pouco de como era essa banda Netuno, a primeira

de Andre Matos: “Era o Andre Matos, o Yves Passarell e eu. Eu era batera de almofada, com uma caixa de fanfarra que havia roubado do colégio. A gente fez uma sessão de fotos do Netuno, e era engraçado porque era temático. O Andre se vestia mais clássico, eu ia de chapéu, o Yves de outra coisa, meio Gengis Khan pobre. A gente se sentia como ‘banda’ fazendo essas coisas. Não chegamos a fazer show. Eu nem bateria tinha. Era só uma brincadeira”.

Foi nessa banda de brincadeira, Netuno, que Andre compôs sua primeira música, chamada “Viagem na Mente”, que, infelizmente, jamais viu a luz do dia.[8] “A gente tocava três músicas: uma era nossa que tinha um nome meio sombrio que eu não vou lembrar agora. A gente gostava de ler a Bíblia pra fazer a letra. E também tocávamos ‘Run to the Hills’ do Iron Maiden e ‘Eva’ do Rádio Táxi”, lembra Kleine.

Os ensaios e os “shows” daquela “banda” aconteciam na casa dos irmãos Passarell, onde Andre aproveitava para tocar o piano da mãe de Yves e Pit. Além de algumas composições próprias, ainda bastante primitivas, os garotos tocavam covers de bandas britânicas que os influenciavam, como Saxon, Judas Priest e, principalmente, o Iron Maiden.

O Iron Maiden, que vivia o auge internacional de sucesso com a entrada de Bruce Dickinson e o lançamento dos álbuns *The Number of the Beast*, *Piece of Mind* e *Powerslave*, era a principal referência dos meninos, que sabiam as músicas de cor. A expectativa em relação à estreia da banda no Brasil, que aconteceria em janeiro de 1985, no Rock in Rio, colocou ainda mais gasolina na fogueira do interesse deles pela música. Se as demais crianças do bairro queriam ser o Rambo, o Hulk ou o Zico, aquele grupo de meninos queria ser o Iron Maiden.

Rock in Rio

O ano de 1985 começou com grandes expectativas para Andre. O mundo era bem diferente do que conhecemos. O mercado de entretenimento musical não era nem um pouco parecido com o de agora, em que centenas de bandas internacionais fazem turnês pela América Latina e pelo Brasil, com casas de shows de tamanhos variados para receber públicos distintos. Ainda vivíamos sob o

regime militar, a economia não era lá essas coisas e a paridade cambial era extremamente desfavorável para que qualquer produtor se aventurasse em trazer artistas internacionais para tocar no país. Não havia YouTube para você assistir e satisfazer a curiosidade de como era o show de uma banda internacional. Não existia DVD. Pouquíssimas famílias tinham aparelho de VHS, um luxo encontrado apenas em lares de classe média e alta. E simplesmente não havia materiais disponíveis. Restava aos jovens fechar os olhos e tentar imaginar como seria ver as bandas tocando ao vivo.

O anúncio de que Iron Maiden, Queen, Scorpions, AC/DC, Ozzy Osbourne, Yes e Whitesnake tocariam no Brasil, no mesmo festival, era surreal e inacreditável para qualquer jovem da época que gostasse de heavy metal. Era quase como se alienígenas anunciassem que nos fariam uma visita. Esse espanto e empolgação atingiram também Andre, que pediu e ganhou dos seus pais um ingresso para acompanhar os shows que aconteceriam no dia 11 de janeiro, noite de estreia do festival. Naquela noite, Iron Maiden, Queen e Whitesnake se apresentariam, além de Ney Matogrosso, Erasmo Carlos e a dupla Baby Consuelo/Pepeu Gomes.

Voltaremos ao Rock in Rio em instantes, pois algumas coisas muito importantes aconteceram entre o finalzinho de 1984 e início de 1985. Das várias “bandas” da turma de amigos do bairro, surgiu uma principal, chamada Viper – nome criado por Pit Passarell. Sem Andre e com Pit nos vocais, o Viper chegou a fazer uma apresentação no Colégio Rio Branco, no festival de talentos da escola. “Tocamos a música ‘H.R.’, que faz parte do *Soldiers of Sunrise*. Ela foi tocada sem o Andre, pela primeira vez, no final de 84. O Andre estava lá na plateia nos assistindo”, conta Felipe Machado.

Na festa de aniversário de Marcos Kleine, no dia 3 de janeiro, Andre foi convidado a assumir os vocais dessa nova banda. “Não teve teste nem nada, a gente simplesmente começou a ensaiar”, conta Yves. Felipe Machado nos fornece alguns detalhes adicionais sobre o que viram em Andre para fazerem aquele convite: “O Andre era um cara que cantava, tocava piano bem e tinha um supervisual igual ao do Bruce Dickinson. Daí o Pit, o Yves e eu pensamos: por que

não chamamos o Andre pra ser o vocal do VIPER? Aí a gente ia ficar bem parecido com o IRON MAIDEN, ou seja: um baixista bem forte que seria o Pit, equivalente ao Steve Harris. O Yves e eu seríamos os dois guitarristas fazendo guitarras em terça. E teríamos um vocalista só vocalista, e parecido com o Bruce".

É importante destacar que, por mais que estejamos falando do início de uma das bandas mais importantes do heavy metal brasileiro e do início de carreira de Andre Matos, aquelas eram mudanças em uma "banda" que nem amadora era. Aquilo era nada além de uma brincadeira de adolescentes. "Quando ele entrou, ele tinha 13 anos, eu 14, o Yves 15 e o Pit, 16. Nós éramos uma escadinha", lembra Felipe Machado. Tamanha era a inocência do grupo que, na cabeça dos meninos, Andre era a pessoa perfeita para o posto de *frontman* naquele momento não tanto por ser um exímio vocalista (o próprio reconheceu que não era), mas por ter um visual bastante parecido com o de Bruce Dickinson!

Comentando sobre a escolha, Andre diz que foi coagido pelos amigos e, de início, não curtiu muito a ideia: "No começo, eu era só um tecladista. E eu fui praticamente coagido a ser vocalista do VIPER, porque eles não tinham vocalista e acabou sobrando pra mim. E pra ser sincero, no começo eu não gostava, não... porque era muito difícil. Eu achava que não tinha voz – e não tinha mesmo. Então, demorou alguns anos pra coisa se firmar mais".[9] E foi assim, sem nenhum contrato assinado, sem coletiva de imprensa ou nota oficial que Andre – enquanto bebia guaraná, comia bolacha de chocolate e pizza na festa de aniversário de um amigo – passou a ser vocalista de uma banda de heavy metal.

Andre passou os dias seguintes de janeiro de 1985 se preparando para o Rock in Rio. Com o pai, foi à Galeria do Rock em São Paulo e comprou adereços para o show: spikes, camisetas e cintos. Pedro Henrique, o pai de Andre, era muito estiloso e do tipo que se preocupava bastante com roupas e visual. Eco, primo de Andre, conta: "Nesse ponto, ele teve muita influência do pai, principalmente a coisa do estilo. Meu tio se vestia muito bem. No porta-malas do carro dele tinha uns cabides de roupa, ele tinha talento. Poderia ter sido estilista. Ele gostava de tirar foto, a coisa da estética, figurino

de modelos... Era um cara muito bonito. Era um galã. E ele levava o Andre pra comprar braceletes e camisetas lá na Galeria do Rock. Isso influenciou no estilo".

Poucos dias depois, Andre viajou com a mãe e o irmão Daniel para o Rio de Janeiro. A mãe conta como foi: "Tinha o trem da Central e fomos de leito até o Rio. Uma tia minha ficou com o Daniel, pois era novinho demais e não poderia entrar. Lembro que foi um sacrifício gigantesco ir àquele festival! Não tinha lugar pra se sentar, era uma lama pura. Arrumei uma caixa de papelão, defini um lugar e falei para o Andre 'Vou ficar aqui. Vai lá ver o Bruce Dickinson'. Quando o Iron Maiden terminou, estava já comemorando que poderíamos ir embora, mas o Freddie Mercury começou a cantar e tivemos que ficar lá um pouco mais. Ele adoraria ver o Queen, mas foi mesmo por causa do Iron Maiden. Foi assistindo àquele show que deu aquele estalo, que aquilo era o que ele queria ser".

Andre voltou a São Paulo encantado com o que havia visto. Anos depois, quando tocou com sua banda solo e o próprio Viper no Rock in Rio, concedeu uma entrevista à TV do festival, dizendo o quanto havia ficado impressionado: "Quando eu voltei, eu voltei completamente diferente. Eu falei: 'Vocês não têm noção do que que é realmente... A parada de verdade'. E quando eu vi aquilo acontecendo, nesse mesmo local, nesse mesmo ar que a gente está respirando, realmente eu não conseguia realizar, não conseguia acreditar. Me beliscava e falava: 'Não é possível que isso exista e esteja acontecendo e é isso que eu quero ser da vida'".[10]

Andre voltou disposto a estudar canto, teoria musical e se aprofundar mais no universo da música, aproveitando e levando bastante a sério o convite para ser a voz do Viper. Um dos professores que teve na adolescência foi o premiado pianista brasileiro Gilberto Tinetti.

O interesse de Andre pelo rock e heavy metal cresceu bastante nesse período da adolescência. Em uma entrevista dada em 2008 para o site russo *Metal Kings*, Andre conta um pouco do que escutava na adolescência: "Quando eu era adolescente, todos éramos loucos pelo metal, e eu costumava ouvir nomes grandes de

metal como Manowar, Judas Priest e assim por diante. Mas também gostei de bandas como Van Halen, AC/DC, Black Sabbath e muitas outras".[11]

O primeiro show

Os garotos do Viper passaram algumas semanas ensaiando algumas composições próprias e covers até que, na maior cara de pau do mundo, pediram uma oportunidade para tocar no "SP Metal", um projeto que acontecia todas as segundas e terças no extinto teatro Lira Paulistana. Celso Barbieri, responsável pelo projeto, contou em entrevista exclusiva para este livro como foi a conversa, nas palavras dele, "com um grupo de garotos na faixa dos 13 ou 14 anos", que pediram oportunidade para se apresentar:

"O senhor é o apresentador da Praça do Rock?", perguntou um deles.

"Dispenso o 'senhor'. Podem me chamar de Celso! Mas, sim, sou o apresentador. Vocês têm uma banda?", respondeu Celso.

"Sim, temos uma", responderam, falando todos ao mesmo tempo, um atropelando a fala do outro.

"Qual é o nome da banda, o estilo e quais são as influências", perguntou o produtor.

"O nome da nossa banda é Viper! Nós tocamos heavy metal. Executamos músicas do Iron Maiden, Judas Priest, Saxon, etc. Dá para você nos ajudar?".

"Não dou força para banda que só toca cover. Vocês têm repertório próprio?", inquiriu.

"Sim! Nós já temos seis músicas próprias!".

"Bom! Antes de irem para a Praça do Rock, vocês precisam ter alguma experiência. Posso colocá-los para abrir o show de uma banda no meu Projeto SP Metal que faço no Teatro Lira Paulistana. A banda que abre não recebe cachê e pode tocar por 25 minutos. Mas, se for boa, será convidada para ter seu próprio show como banda principal, cuja abertura é sempre de minha escolha. Vou precisar de um *release* da banda também", respondeu Celso, que dá mais detalhes da história em seu site oficial e o texto é bastante interessante.[12] O show aconteceu no dia 08 de abril de 1985. A data

até hoje é celebrada anualmente pelo VIPER como “Viper Day”, com alguma festa/apresentação que geralmente acontece no Manifesto Bar, em São Paulo.

“Todo mundo ficou muito feliz: primeiro show oficial com a formação com o Andre. Abrimos para a banda PLATINA, dos irmãos Busic, que formariam mais tarde o DR. SIN, junto com o Daril Parisi”, lembra Felipe Machado.

As expectativas para o primeiro show estavam a mil. Andre pintou o cabelo de loiro, para ficar mais parecido com o Bruce Dickinson, e foi acompanhado dos pais. “Antes do show”, conta Barbieri, “os pais de Andre, o já falecido Pedro Henrique e sua esposa, se aproximaram e agradeceram por tudo o que eu estava fazendo para ajudar seu filho. Pedro, que era fotógrafo, me agraciou com seu livro de fotografias chamado *Paratii*. Já em casa, descobri que o livro, um projeto gráfico do grande Ziraldo, que conta com texto de Ivo Pitanguy, veio com uma breve dedicatória e autografado”.

Em uma entrevista de 2009, Andre conta os sentimentos de subir ao palco pela primeira vez: “Foi um terror, né? [risos] Foi realmente minha estreia no palco, aos 13 anos. A gente abriu um show num festival de verdade, com público, ingresso pago e tal. A única coisa que eu lembro é que eu fiquei o show inteiro olhando pra baixo. Não conseguia encarar a plateia. Foi uma experiência bem... interessante, vamos dizer assim. Mas acho que só o primeiro foi assim, depois começou a rolar legal, eu comecei a gostar e quis fazer isso sempre”.[13] Em outra entrevista, concedida à revista francesa *Hard Rock Magazine*, Andre também comenta sobre o nervosismo dessa estreia nos palcos: “Lembro que, no palco, eu tremia que nem uma folha, a ponto de quase deixar o microfone cair no chão, porque não conseguia segurá-lo. Após o show, tomei um banho frio e percebi que minha vida nunca mais seria a mesma depois daquela experiência”.[14]

Graças a uma gravação feita pelo próprio Barbieri, o áudio da apresentação de trinta minutos pode ser conferido na íntegra na internet. Neste show, o primeiro da história da banda e de Andre, o VIPER apresentou três músicas próprias e cinco covers de cinco bandas, todas britânicas: DEMON, VENOM, SAXON, JUDAS PRIEST e, claro, IRON MAIDEN.

Os ouvintes mais atentos perceberão o inglês repleto de *embromations* do vocalista adolescente, que dava apenas seus primeiros passos no idioma que, posteriormente, Andre viria a dominar completamente, aprendendo sozinho e de maneira autodidata.

“Achei esse primeiro show do VIPER simplesmente incrível!”, lembra Barbieri. “Foi uma grata surpresa e suas músicas autorais passaram muito bem pelo teste do público. Obviamente, a banda ainda era levemente tosca, mas não havia dúvida de que era um diamante quase bruto, já levemente lapidado, mas com muito potencial. Imediatamente ofereci para o grupo uma data como banda principal”.

Yves Passarell, um dos guitarristas do VIPER na época, destaca a importância dessa primeira apresentação no Lira: “Esse show foi decisivo para nossa história. Foi ali percebemos que era isso que a gente queria fazer na vida. A gente abriu para outra banda. Eu considero esse o show mais importante. Depois tocamos também em Santo André e lotou. A coisa foi crescendo. Você acha que não vai ninguém no show, mas de repente vinha uma galera. Isso foi acontecendo com o VIPER e fez toda a diferença”.

A banda tocou novamente no dia seguinte, 09 de abril. Felipe Machado relembra: “No dia seguinte, 9/4, tocamos de novo e o show foi bem melhor. Acho que é interessante ressaltar que o público achou tudo muito curioso, afinal a idade média do VIPER nessa época era de 13, 14 anos. Imagina ver um monte de pirralhos tocando som pesado, deve ter sido muito engraçado. Foi bem divertido. Estávamos meio ansiosos mas acabou dando tudo certo”.[15]

Entregador de pizza

Ainda adolescente, o vocalista conseguiu comprar seu primeiro microfone com o dinheiro que juntou no seu primeiro “emprego” – um bico que fazia com seus amigos de VIPER como entregadores de pizza da San Pietro, de Higienópolis – a pizzaria existe até hoje. “Trabalhei como entregador de pizza. Tinha 15 anos, não sei... Fiquei lá trabalhando. A pizzaria existe até hoje, fica na quadra de trás da minha casa, chama-se San Pietro e a gente ficava lá no porão esperando as pizzas saírem, mas era bom. No final sobravam

umas pizzas pra gente comer! O trajeto era duro viu… Andava a pé aqui pelo bairro, às vezes era ruim pra caramba, tinha que levar umas Coca-Colas junto e quando a gente chegava lá, o cara nem dava gorjeta! Mas uma vez eu me dei bem: erraram o cheque e colocaram um zero a mais e eu ganhei a diferença".[16] Em outra entrevista, Andre diz que: "Com essa grana [do trabalho entregando pizza], comprei meu primeiro microfone e primeiro amplificador".[17]

"Eles tinham que entregar a pizza a pé", comenta Daniel, irmão de Andre. "A garrafa de refrigerante era de vidro e eles tinham que levar o vasilhame de todo mundo. Era uma coisa sofrida. Lembro da gente comprando pizza para ajudar o Andre. Foi com a grana das gorjetas que ele comprou o primeiro microfone".

Sendo o amigo responsável por conseguir o bico para os amigos, Marcos Kleine relembra um pouco essa época: "A gente era duro e quebrado... Não tínhamos grana. Era uma pizzaria perto das nossas casas e era só final de semana. A gente entregava a pé, não tinha bicicleta nem nada. A franquia chamava San Pietro e teve uma vez que a filial que era perto ficou sem azeitona. Umas seis quadras de distância. Aí mandaram o Yves ir pra lá levar as azeitonas. Pouco tempo depois os caras da franquia ligaram perguntando por que tinham mandado só metade do pote. O Yves foi comendo azeitona no caminho! É um sem noção!".

Caso de polícia

As brincadeiras dos amigos de vizinhança eram comuns e variadas. Por ideia de Yves, os garotos revezavam nas brincadeiras todos os dias, como se estivessem nas Olimpíadas. Um dia brincavam de corrida, outro dia era vôlei, outro futebol... Mas houve um dia em que a brincadeira virou caso de polícia. Quem conta é Marcos Kleine: "Teve um aniversário... Eu não lembro de quem. A gente foi lá para o prédio do Felipe e do Nando, que era maiorzão. A gente resolveu brincar de esconde-esconde, não sei por quê. Não me pergunte de onde saiu isso. Era valendo alguma besteira. Alguém do prédio estranhou aquela movimentação silenciosa e chamou a ROTA. Eles chegaram com aqueles faroletes já gritando: 'Sai todo mundo!' e a gente saiu tudo de mão pra cima. Imagina... Éramos uns moleques brincando de esconder e a polícia tratando a gente

como bandido! A gente tomou uma geral, tivemos que nos explicar para os caras e tudo mais. E o Andre ficou escondido o tempo todo. Só quando a ROTA foi embora que ele saiu! Ele ficou escondidinho e foi o último a sair! É a primeira vez que eu conto essa história!".

Além das brincadeiras no bairro e os ensaios, os garotos gostavam bastante de viajar. Yves conta um pouco sobre essa época: "A gente ficou muito amigo. A família, o Pedro, Sônia, Daniel... Nós viajávamos muito fora de shows. Viajávamos muito! O pai dele, o Pedro Henrique, era fotógrafo e conhecia vários lugares. Mandava a gente ir pra Paraty, falar com tal pessoa que a gente ia ficar num lugar ótimo. Aí a gente chegava lá e não tinha nada! Eu e o Andre entramos em várias roubadas. A história de quando fomos pra Ilha do Mel foi boa. Nós fomos de ônibus do Tietê. A gente achou que a grana ia dar e fomos acampar. Fomos primeiro pra Curitiba, depois Paranaguá, pegamos um barco e fomos para a Ilha. A gente pensou que ia ficar quinze dias e ficamos dez, porque a grana simplesmente acabou. Ficamos devendo lá e nem sabíamos como voltar. Tivemos que pedir dinheiro emprestado para o pessoal da pousada. Não tínhamos um centavo".

The Killera Sword

Além de algumas apresentações ao vivo e viagens, 1985 reservou para Andre a gravação e lançamento de sua primeira fita demo com o Viper, *The Killera Sword*. Com 24 minutos de duração e 6 faixas, a demo esbanja autenticidade e, considerando a falta de recursos, a escassez de instrumentos e a tenra idade dos garotos, o trabalho surpreende pela relativa qualidade das composições. A influência do Iron Maiden é nítida a qualquer ouvinte atento. Ao lado de Andre Matos, gravaram essa demo: Pit Passarell (baixo), Yves Passarell (guitarra), Felipe Machado (guitarra) e Cássio Audi (bateria).

"Foi uma gravação rápida. Acho que gravamos tudo em um dia. Lembro que usamos os amplificadores que estavam lá. Se não me engano, foi o tio do Felipe que arrumou o estúdio. Naquela época não existia um estúdio só de rock! Então, gravar em qualquer estúdio já era uma coisa foda. Naturalmente, éramos muito novos e sem experiência alguma. O André devia ter 13 ou 14 anos", relembra Yves.

Felipe Machado nos fornece mais detalhes sobre a gravação da demo: “Quem conseguiu para a gente gravar essa demo foi minha mãe. Ela tinha um amigo chamado Luiz Loy, um cara que tocava na noite. Daí ele tinha um estúdio e minha mãe falou: ‘Os meninos estão com uma banda aí, eles podem usar o estúdio?’. Ele falou que sim, nós passamos uma tarde lá e gravamos seis músicas. Acho que todo mundo tocou ao mesmo tempo, menos a voz que foi depois. A *Espada de Killera* foi a primeira experiência de estúdio de todos nós. Foi gravada lá por volta de julho”.

A demo ajudou bastante na divulgação do V_{IPER}, especialmente depois que foi tocada no programa de rock *Rockambole*, apresentado pelo Beto Peninha na rádio 97, do ABC Paulista. Felipe lembra de alguns detalhes: “Esse programa tocava música underground e tocou uma música nossa. Quando tocou a ‘Nightmares’ na rádio, mandaram um monte de carta perguntando que banda era aquela, de que país era. Não sabiam que a gente era brasileiro. Não tinha informação, o cara não falou nada no ar, só disse que era uma banda nova. Então, como teve muitas cartas, ele entrou em contato com a gente e nos chamou pra participar do programa. Pegamos um trem pra Santo André e participamos dessa entrevista. A partir daí, começamos a ser chamados para festivais. Foi algo bem orgânico”.

Os adolescentes passaram o ano de 1986 refinando suas composições, estudando, brincando e viajando para algumas apresentações. Uma das bandas que fizeram muitos shows com o V_{IPER} nessa época foi o V_{ODU}, formada por amigos do mesmo bairro. O baterista da banda, Sérgio Facci, que posteriormente viria a gravar as baterias no segundo disco do V_{IPER}, *Theatre of Fate*, relembra uma história de uma dessas viagens de shows em 1986: “Certa vez fomos tocar em Presidente Prudente e o Andre era vegetariano. Aí todo mundo achou aquilo muito estranho. Ele chegou pra comer com a gente com uma lancheirinha, com comida diferente, toda preparada. Ele sempre foi um cara diferenciado, um músico diferente. Usava uns óculos fundo de garrafa e a gente zoava muito ele por causa disso, coitado! Todo mundo falava que ele era maior estrela e não cumprimentava ninguém, mas na verdade não era isso; é que ele não enxergava sem os óculos”. Os amigos devem

mesmo ter dado muita risada dessa história, já que Val Santos, o baterista do Viper em 1986, também se lembrou dela: “O Andre era meio quietão, não se metia em roubadas com a gente na época e ficava na dele. Tinha uma época que virou vegetariano, comia umas gororobas. Teve uma viagem que fizemos para Presidente Prudente, eu fui de roadie, ele levou umas coisas muito esquisitas pra comer!”.

A primeira namorada

A influência para se tornar vegetariano veio da primeira namorada que Andre teve, Maewe. A primeira “oficial”, de levar em casa e apresentar para a família, já que o garoto tinha seus rolos na escola. “Tímido que nada! Ele era muito namorador! Uma vez ele me fez comprar um apontador pra dar de presente para a namoradinha do Colégio Rio Branco”, lembra a mãe.

Maewe causou um certo espanto na família por ter o dobro da idade de Andre, na época com 14. “Essa história é engraçada”, conta Sônia. “O Andre tinha 14 anos e ele começou a namorar uma moça de 29 anos lá de Porto Alegre. Ela só era seis anos mais nova do que eu. Eles se conheceram num congresso de música clássica que aconteceu em Londrina. Pra mim foi complicado aceitar. Ela era muito mais velha do que ele. Ele ia pra lá, depois ela vinha e ficava uns tempos aqui. Depois eu acabei ficando muito amiga dela. Atualmente ela mora nos EUA, em Seattle. Essa moça, Maewe, era totalmente vegana. E foi a partir dali que o Andre passou a ser vegetariano. Não comia carne em hipótese alguma. E ele aprendeu com ela. Só comia arroz integral e coisas orgânicas... Naquela época nem era tão comum igual hoje. E era um problema. Minha mãe ia fazer comida para a família e tinha que fazer alguma coisa separada para o Andre. Se tivesse alguma coisa de carne, ele não comia. Ele não era vegano. Tomava leite, comia queijo e ovos. Peixe ele até comia de vez em quando. Mas carne ele não conseguia nem olhar”.

“Essa namorada dele era vegetariana ao extremo, ela sequer cozinhava em panela de ferro”, conta Daniel, o irmão. “A gente ia comer, ele cozinhava a comida dele, na panelinha de barro, um arroz com legumes. Depois, ele viu que não era exatamente isso que ele queria. Ele gostava muito de peixe e passou a comer.

Depois de muitos anos ele abriu mais... Se só tivesse frango, ele comia. Não era aquela coisa de vomitar. Ele foi abrindo. Pelo que ele me falou uma vez, a primeira carne vermelha que ele resolveu comer foi um hambúrguer do McDonald's. Ele falou: 'Posso comer, afinal é minhoca, não é boi! Vou começar pela minhoca, depois encaro uma picanha!'. Ele tinha suas preferências, mas na hora da fome, se aparecesse algo de presunto, não tinha erro. Ele comia. Ele tirou do dia a dia, só. Isso começou com essa namorada dele".

Quanto ao VIPER, a banda estava ganhando cada vez mais notoriedade com a fita demo e os shows que faziam, chamando atenção de algumas pessoas importantes da incipiente cena metal. Ainda em 1986, a banda fez sua primeira aparição na TV, tocando ao vivo as músicas "Law of Sword", "Sign of the Night" e "Wings of the Evil" no programa *Toquem Rock* da TV Gazeta, um programa especializado em apresentar bandas de garagem. No vídeo, além do estilo visual marcantemente semelhante ao de Bruce Dickinson do IRON MAIDEN, dos adereços ao cabelo de franjinha, nota-se o vocal de Andre mais grave e operístico do que aquele agudo que se tornaria a marca registrada de sua carreira. O vídeo foi preservado e pode ser conferido no YouTube.

Um álbum oficial, por mais espetacular e surreal que a ideia pudesse parecer, era o que esperava aqueles adolescentes no ano seguinte.

[7] Disponível em: http://www.wikimetal.com.br/homenagem-felipe-machado-viper-a-andre-matos. Acesso em: 08 jun. 2020.

[8] A informação sobre a música "Viagem na Mente" foi dada por Andre em uma entrevista concedida em 2002 ao fã-clube oficial do Shaman, já extinto. A entrevista foi preservada em um blog de fãs do cantor e pode ser conferida aqui: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2019/12/04/entrevista-do-fc-do-shaman-2002/. Acesso em: 02 jul. 2020.

[9] Disponível em: https://whiplash.net/materias/entrevistas/095796-andrematos.html. Acesso em: 08 jun. 2020.

[10] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FDEG-K_hBiM. Acesso em: 02 jul. 2020.

[11] Disponível em: http://metalkings.com/reviews/andre-matos/andre-matos-eng-2008.htm. Acesso em: 01 jul. 2020. Tradução nossa.

[12] Disponível em: https://bit.ly/Viper_PrimeiroShow. Acesso em: 08 jun. 2020.

[13] Disponível em: https://whiplash.net/materias/entrevistas/095796-andrematos.html. Acesso em: 08 jun. 2020.

[14] *Hard Rock Magazine*, n. 38, setembro de 1998.

[15] Disponível em: http://www.ailhadometal.com/slideshow/viper-entrevista-exclusica-com-a-banda-sobre-a-volta-e-o-show-em-sao-paulo/. Acesso em: 25 jun. 2020.

[16] Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2011/02/20/shaman-online-entrevista-andre-matos-parte-2/. Acesso em: 02 jul. 2020.

[17] Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2019/12/04/entrevista-do-fc-do-shaman-2002/. Acesso em: 02 jul. 2020.

Capítulo 3

SOLDIERS OF SUNRISE

O VIPER passou o ano de 1986 refinando as composições e ganhando traquejo em algumas poucas apresentações ao vivo. Esses pequenos shows aconteciam ao lado de bandas como o VODU, como você pôde ler no capítulo anterior, e geralmente aconteciam em situações e locais bastante precários.

Um desses shows aconteceu do lado do Carandiru – sim, o presídio. O local, construído inicialmente para ser uma igreja, acabou virando um bar, chamado Ácido Plástico. “O lugar mais underground da face da terra! Você entrava e o palco era como se fosse no altar da igreja. Hoje funciona lá uma casa maçônica”, conta Felipe Machado. Na verdade era um festival de quatro dias, com duas bandas tocando em cada dia. O VIPER se apresentou dia 02 de abril. Em uma entrevista de 1998, Andre comenta que aquele foi o lugar mais esquisito onde havia tocado até então: “[O show mais estranho] foi com o VIPER, numa igreja plantada no meio de uma penitenciária de São Paulo, que virou um bar com o passar dos anos. Foi muito estranho, já que os clientes do bar poderiam assistir você e alguns presos também. Tocamos de frente para o pessoal do bar, mas de costas para os prisioneiros”.[18]

Duas pessoas importantíssimas para a carreira do VIPER estavam nesse festival: Toninho Pirani e Eduardo Bonadia, proprietários da revista *Rock Brigade*, primeira publicação especializada em rock e heavy metal do Brasil. “Eles viram a gente tocando e gostaram, principalmente quando estávamos começando”, conta Yves.

Toninho e Eduardo já tinham assistido à banda em outras oportunidades. Toninho contou recentemente que viu os meninos

tocando na segunda noite daqueles shows no Lira Paulistana[19] e, como havia a ideia de transformar a *Rock Brigade* em uma gravadora, lançar o VIPER foi uma possibilidade que surgiu naturalmente. Os empresários então marcaram uma reunião com os garotos no escritório da revista, para discutir algumas possibilidades. Eles haviam lançado o primeiro disco do VODU e queriam ter o VIPER como segundo lançamento. “Ficamos muito felizes com aquele convite. Éramos muito novos, na faixa dos 15 anos de idade”, lembra Felipe Machado. “Foi nesse show então que a gente ficou sabendo que ia gravar o primeiro disco. Demorou, o show foi em abril de 86 e nós só lançamos no segundo semestre de 87. Teve toda essa negociação”.

Soldiers of Sunrise

Os tempos eram outros e completamente diferente dos atuais. Hoje em dia, qualquer pessoa consegue sozinha gravar uma música ou mesmo um álbum inteiro com um computador, emulando sons de guitarra, baixo, bateria e uma orquestra inteira, bastando apenas ter os *softwares* adequados. Não havia nada disso em 1987. Um toca-discos era coisa de classe média, poucas famílias tinham. E ter um disco de vinil gravado não era para qualquer banda, muito menos para uma banda de adolescentes que tocava heavy metal no Brasil. Era apenas um sonho distante. Yves, o guitarrista, conta um pouco sobre isso:“A gente nem pensava em ter um disco. A gente tinha de 13 a 16 anos. Tínhamos feito a demo e começamos a divulgar os shows. Depois que participamos de um programa de rádio lá em Santo André, a demo teve uma aceitação enorme. Então a *Rock Brigade* e o Antônio Pirani foram lá conferir aqueles meninos que estavam sendo chamados de ‘Menudos do Heavy Metal’ em um show e fizeram o convite”.

As músicas que compuseram esse primeiro álbum haviam sido compostas pelos garotos ao longo dos últimos dois anos, em meio a ensaios precários, com todos os instrumentos plugados em um mesmo amplificador – quando não usando apenas um violão e uma bateria de almofadas. “No *Soldiers*, a gente dividiu as composições. No começo era tudo junto e misturado. Literalmente, tipo... Vários instrumentos no mesmo amplificador, sabe? Não sei como a gente

sobreviveu àquilo. Hoje as bandas têm a maior moleza! Na época, era quase impossível ter um amplificador bom e guitarras boas", lembra Yves.

Andre assinou a coautoria de quatro músicas que entraram nesse primeiro disco. "Nightmares", "The Whipper" e "Killera (The Princess of Hell)", em parceria com Pit, Felipe, Yves e Audi; e "Signs of the Night", em parceira com Yves. Composição não era o forte de Andre nessa época, com 14 para 15 anos. O principal compositor desse primeiro disco foi Pit, que assina como compositor principal de basicamente todas as músicas do disco. "O Andre só foi virar um compositor mesmo depois que ele saiu do V$_{IPER}$. O principal era o Pit. Em segundo era eu. No primeiro disco a maioria das músicas são minhas e do Pit. E algumas são de todos. O Andre era o *frontman*, o líder no palco. O Pit era o cara que compunha mais. Eu e o Yves mandávamos mais na parte de correr atrás de show, conseguir contatos, escrever *release*. Cada um tinha um papel. O primeiro disco foi bem isso", lembra Felipe Machado.

As gravações e a mixagem de *Soldiers of Sunrise* aconteceram durante os meses de abril e maio de 1987, no estúdio Guidon, no bairro Aclimação, em São Paulo. "O estúdio ficava num bairro distante, íamos de transporte coletivo e levávamos mais de duas horas para chegar", relembra Andre, em texto publicado na reedição do *Soldiers* pela *Wikimetal*, de 2012. "Lembro que eu costumava repassar as letras e melodias todos os dias dentro do ônibus antes de gravar minhas partes".[20]

O Guidon não era um estúdio acostumado a gravar bandas de heavy metal (o que, aliás, em 1987, não era uma coisa comum de se ver). Muito pelo contrário. Quem costumava gravar bastante naquele estúdio eram artistas religiosos, como Grupo Logos, Comunidade da Graça, Padre Zezinho e alguns outros. "Em 1987, quando o disco foi gravado, não existia uma cultura de rock pesado no Brasil, então era difícil encontrar profissionais e estúdios acostumados a gravar esse tipo de música. Por outro lado, as canções são atemporais, algo que temos visto nos shows em que tocamos o repertório inteiro do disco", lembra Felipe Machado, em entrevista de 2015.[21]

A produção ficou a cargo de André Cagni, o “Pomba”, da banda Vodu, amigo dos adolescentes e que também era editor da *Rock Brigade*. “Produção é modo de dizer”, conta Felipe Machado em entrevista exclusiva para este livro. “Ninguém sabia muito bem o que estava fazendo. Tinha um engenheiro de som, um cara chamado Pepeu, que montava o som. Mas a gente não sabia direito o que estava fazendo. Foi até sorte que o disco tenha ficado razoável”. Em uma entrevista ao *Whiplash*, Pomba comentou um pouco sobre a produção do disco *Soldiers of Sunrise*: “Sempre me meti em produções e o resultado foi o melhor possível dentro da época. O pessoal do Viper ainda era inexperiente, mas tinha ótimas músicas e os recursos eram parcos”.[22]

Em uma entrevista dada em 2013 para o site *Metal Meltdown*, Andre comenta sobre a produção do disco: “Não havia produtores disponíveis para esse tipo de música. Havia os produtores tradicionais de música brasileira. É que nem aí nos Estados Unidos você ter que contratar algum produtor country/folk para fazer um álbum de metal. No nosso caso, adolescentes na época, nem pensávamos nisso. Mas sabíamos que havia algo chamado ‘produtor’ que deveríamos ter no álbum. Então chamamos um amigo nosso que era o baixista de outra banda. Ele era um pouco mais velho que a gente e supostamente tinha um pouco mais de conhecimento sobre a coisa toda”.[23]

Além de Andre, nos vocais, a banda contava com Yves e Felipe Machado (creditado no encarte como Philip) nas guitarras, Pit no baixo e Cássio Audi na bateria, a mesma formação da demo anterior, *The Killera Sword*.

A sonoridade de *Soldiers of Sunrise* é bastante influenciada pelo heavy metal inglês tradicional e se esbalda em fontes como Iron Maiden e Judas Priest. Os garotos se desafiavam uns aos outros, estimulando a evolução em seus instrumentos: “Como crescemos tocando juntos, um desafiava o outro, e assim você cresce muito. Quando você tem uma banda, você quer tocar bem, tem uma dinâmica de aprendizado em que um estimula o outro a tocar”, lembra Felipe Machado.

Na já mencionada entrevista para o site *Metal Meltdown*, Andre contou um pouco sobre o processo de gravação do *Soldiers of Sunrise*: “Foi engraçado, muito engraçado. Tente imaginar. Éramos uma banda de metal melódico adolescente do Brasil, da América do Sul. Honestamente, se hoje ainda não há muito espaço para bandas de metal no Brasil... Claro que o mercado cresceu muito e as bandas começaram a fazer turnês aqui com maior frequência, e nossas próprias bandas também se tornaram cada vez maiores. Mas, naquela época, éramos vistos como alienígenas, tipo... ‘O que esses garotos estão fazendo? Que porra é essa?’. Encontramos um produtor que investiu algum dinheiro nesse primeiro disco. Então alugamos um estúdio, que era um estúdio normal para música pop ou samba, qualquer música brasileira que eles costumavam gravar lá. (...) Todo o disco foi gravado basicamente em uma semana. Foi tipo ‘Um, dois, três, vai!’ e toda a base instrumental foi gravada quase que ao vivo”.[24]

O vocalista, ainda sem domínio completo da técnica vocal e do jeito certo de cantar, lembra que teve dificuldades com a voz após a gravação: “Lembro dos últimos dias em que minha voz estava completamente arruinada. Eu não tinha nenhuma técnica naquela época e arruinei completamente minha voz. Tínhamos que gravar a última música chamada ‘H.R.’, que traduzida significa ‘Heavy Rock’, e estávamos pensando em chamar outra pessoa para cantá-la, porque eu não conseguia cantar uma única nota. Mas então dissemos: ‘Ah, podemos deixar ela um pouco mais punk rock’, para que eu pudesse cantar com a minha voz áspera, que era o que eu conseguia entregar naquele momento. No fim das contas ficou OK”.[25]

Marx, Lênin e Fidel

A capa do disco, ao melhor estilo pintura renascentista, apresenta um cavaleiro galopando em seu cavalo no litoral. Com um escudo na mão esquerda, um cetro na mão direita e uma capa vermelha, ele encara a pessoa que segura o vinil com seus olhos vermelhos, enquanto, ao fundo, o sol nasce. A ilustração foi criada por Alberto Torquato, que assinaria a capa de outros importantes trabalhos de Andre no futuro.

Na seção de agradecimentos do encarte, destacam-se os curiosos nomes de Marx, Lênin, Fidel, Bonaparte, Asterix, Obelix e Ideafix, além de um jovial: “Nosso especial foda-se a todos os inimigos da paz mundial ao redor do mundo!”.

Ter um disco gravado, lançado em vinil, com fotos promocionais na parte de trás do LP, era uma coisa espetacular demais para a cabeça de Andre e seus amigos adolescentes. Em uma entrevista de 2013, Andre comenta um pouco sobre isso: “Para ser sincero contigo, quando éramos jovens, especialmente falando sobre o final dos anos 80, quando quase nada acontecia na cena, já era uma bênção você conseguir encontrar um lugar para tocar. Então, quando alguém veio até nós e disse: ‘Olha, tenho aqui a possibilidade de lançar um álbum seu’ (...) Quero dizer... Na nossa cabeça, não precisávamos de mais nada além disso. Não estávamos preocupados se aquilo iria virar uma carreira, de ficar de olho no dinheiro, no lado comercial da coisa. Estávamos felizes demais por ter a chance de tocar e gravar um álbum e de ter nossos nomes impressos em uma gravadora de vinil e na contracapa do disco. Portanto, não estávamos realmente muito preocupados com esse tipo de coisa”.[26]

Numa entrevista de 2017, Andre comenta sobre a alegria e o orgulho de ter aquele primeiro disco em suas mãos: “Para um garoto, foi um feito bastante precoce, e não poderia imaginar o que viria mais tarde. Apenas recordo a emoção de receber uma cópia do disco (em vinil) e, ao abri-lo, dar-me conta de que naquelas faixas eu também estava, que minha voz foi ‘eternizada’ ali. Dessa emoção não esquecerei jamais”.[27]

Em outra entrevista, concedida em 2001, antes do show de estreia do S_{HAMAN} na cidade de São Paulo, Andre foi questionado sobre o que sentia ouvindo *Soldiers of Sunrise* tantos anos depois de sua gravação: “Quando eu ouço *Soldiers*, percebo que eu era um cara estreante, novato, completamente verde naquilo que estava fazendo, mas fazendo aquilo com uma puta garra, cara... Naquela época eu era muito mais um fã do que um músico. A ideia que eu tinha na cabeça era um dia chegar no nível de ídolos que eu admirava. Então eu era um clone de alguns cantores que eu

apreciava naquela época, tipo Bruce, Rob Halford, Eric Adams, por aí vai. Então o *Soldiers* foi praticamente minha primeira experiência no estúdio, eu tinha na época uns 15 anos, então era um adolescente fazendo aquilo que gostava, muito feliz de estar podendo gravar o primeiro disco. Eu me lembro muito bem da emoção que eu tive quando segurei o disco na mão pela primeira vez, eu não podia acreditar que a minha voz estava ali marcada naquele vinil e foi uma emoção muito grande. Então tudo isso me lembra de um momento muito mágico e muito nostálgico até".[28]

O disco saiu no Brasil pela novata Rock Brigade Records, em vinil, e teve distribuição nacional pela Woodstock Discos, tradicional loja de discos de São Paulo, em atividade até os dias de hoje. Walcir Chalas, proprietário da Woodstock, comenta como foi a sessão de autógrafos do disco na sua loja: "A Woodstock tinha uma parceria com a Rock Brigade e distribuía os discos deles. Nós agendamos uma sessão de autógrafos do *Soldiers* lá, forramos a loja com capas do disco e demos a eles a mesma projeção que dávamos para bandas internacionais. Inclusive, eu levei discos do V$_{IPER}$ para a Inglaterra naquela época. Umas cem cópias. Isso virou disco raro lá na Europa. O *Soldiers*, dentro do heavy metal tradicional, foi e ainda é o disco mais importante da cena brasileira. É incomparável e imbatível. Pena que não gravamos nem tiramos fotos desse dia. Naquela época só vivíamos o momento e que se dane o dia seguinte. Está na memória, apenas!".

Shows

Para divulgar o álbum, a banda topava qualquer coisa, como conta Felipe Machado em uma entrevista para o site *Wikimetal*: "Pô... Pintou um convite para um show 'Vamo lá!' Não ganha nada. 'Tudo bem? E daí né?' Ah, mas precisa ir de Kombi, viajar sete horas pra Presidente Prudente 'Ah vamo!'".[29]

E embora fossem novos, os garotos investiam financeiramente na banda e cuidavam de divulgá-la o máximo possível. "Eles começaram a ganhar um dinheirinho desde os 13 anos, faziam show na Lira Paulistana... E com esse dinheiro eles fizeram o negócio girar", lembra Sônia, mãe de Andre. Felipe Machado dá mais detalhes: "Uma coisa que foi muito interessante dessa época é

que nós éramos muito empreendedores. Como tínhamos uma cabeça muito voltada para o exterior, cantando em inglês, nós procurávamos imitar as bandas. Não apenas nas composições, mas na parte de pensar o mercado também. A gente queria ser o IRON MAIDEN mesmo. Tocar no Rock in Rio, exterior, fazer turnês, fazer fotos. Tinha muita banda de gente com cabelo curto – a gente queria ter cabelão, queria as roupas dos caras, a produção deles".

Algumas datas de shows foram agendadas para promover o álbum. Não uma turnê, já que não havia uma indústria especializada para esse tipo de evento. Eram shows esporádicos – a maioria no estado de São Paulo. A banda investia tanto quanto podia no aspecto visual do show, além da música.

Felipe fala um pouco sobre os esforços dos adolescentes quando o assunto eram os shows ao vivo: "Era uma banda boa ao vivo, com shows legais. Muito mais do que músicos que se juntaram para fazer o som, éramos uma garotada que queria fazer sucesso, com carreira internacional. O Andre era o principal cara do palco, ele se dedicou e descobriu o carisma dele no palco já nessa época. Como tínhamos um vocal como ele que cantava muito bem e chamava muita atenção... Ele era um cara bonitão e ninguém tinha um cabelo igual ao dele, de rockstar gringo. Ele tinha uma persona no palco. Todos nós agitávamos muito, a banda no palco era muito boa, a gente corria... A gente cresceu vendo os vídeos".

"Nós íamos fazer shows com bandas que os caras tinham 40 anos, éramos mais novos que os filhos dos caras! Nós éramos bons músicos, modéstia à parte. Fomos mais autodidatas, menos o Andre que fazia aulas formais. Hoje em dia é até mais fácil de gravar e você não vê bandas dessa idade gravando, imagina na época! Era bizarro ter uma banda assim. Isso chamou a atenção", recorda.

Uma das características de Andre no palco, e que acabou o seguindo por toda a carreira, é o fato de ele fazer os shows sem os óculos fundo de garrafa que usava. O vocalista adolescente até curtia não enxergar nada, já que era bastante tímido. "No show ele tirava os óculos e não enxergava nada! Engraçado dizer isso, mas ele era tímido. Não era um cara expansivo. No palco ele dominava, mas no âmbito pessoal tinha poucas amizades fortes, não gostava

de sair. Era introspectivo. Então quando ele chegava no palco, o fato de não enxergar fazia com que ele se soltasse mais, porque não estava vendo as pessoas ali assistindo ele. Isso é algo psicológico. Ele não estava vendo o que estava acontecendo direito. Mas é claro que isso dava muitas histórias engraçadas. Ele esbarrava na gente, milhares de vezes enrolava o cabo do microfone na gente, ou tropeçava no cabo da guitarra. Isso era comum!", lembra Felipe Machado.

E engana-se quem pensa que "Musa Nissei Sansei" foi o primeiro apelido nipônico que Andre Matos recebeu. Nessa época de V_{IPER}, os olhinhos puxados renderam ao adolescente o apelido de "Ponês" entre os amigos: "Ele tinha uma miopia, o olho era meio puxado, meio japonês. Tanto que o apelido dele era 'Ponês'. A gente saía com umas meninas, começando a descobrir isso de namorar... E elas perguntavam 'Cadê o Ponês?'. Ele até usava 'Andre Ponês' como nome, que acabou pegando entre nossa turma", rememora Felipe.

Tá pegando fogo, bicho!

Uma das datas de apresentação do V_{IPER} era muito especial: no auditório do Colégio Rio Branco, um dos mais tradicionais de São Paulo, no dia 28 de agosto de 1987. A data foi organizada pelos próprios garotos, narra Felipe Machado: "A gente chegou na diretoria do Colégio Rio Branco e alugamos lá para um show. A gente produziu o show inteiro com 14 anos. Alugamos a iluminação em uma firma de iluminação, consultamos na páginas amarelas. Tinha que ir com a mãe buscar. Eu tinha uma coleção de discos do L_{ED} Z_{EPPELIN} e troquei essa coleção por um amplificador. Alugamos equipamento de som, fizemos os ingressos, carimbamos com um carimbo vermelho para ninguém falsificar. Fizemos panfletos, íamos na Galeria do Rock e na Woodstock panfletar".

A expectativas eram altas em relação àquele show, já que era a escola onde Andre, Yves e Pit estudavam. Além disso, seria o show de "despedida" de Felipe Machado, que viajaria para um intercâmbio nos Estados Unidos e ficaria lá por alguns meses. E como tragédia pouca é bobagem, o que deveria ser uma grande apresentação quase se tornou um pesadelo catastrófico. A banda tinha preparado

um efeito pirotécnico para a música “Soldiers of Sunrise”. Durante a parte instrumental, Andre saiu do palco e voltou com uma tocha acesa nas mãos, correndo para todos os lados. Marcos Kleine, que no dia estava como roadie do Viper, conta o que aconteceu: “Para eles era uma ocasião muito especial, porque era o colégio do bairro e eles estudaram lá. O Andre em uma parte do show entrou com uma tocha, só que ela não estava bem ornada e esfacelou, caiu no chão e o Valdério, que era o roadie na época, chutou a tocha por instinto e foi na cortina do teatro. Foi uma correria, tudo começou a pegar fogo até que eles conseguiram controlar a situação, mas eu ri demais porque parecia filme do *Jackass*”.

Graças a uma filmagem do show feita por Ricardo Batalha, redator-chefe da revista *Roadie Crew*, o tragicômico incidente pode ser assistido no YouTube.

Em uma entrevista de 1998 para a extinta revista brasileira *Heavy Melody*, Andre comentou sobre o incêndio do Colégio Rio Branco. “Essa noite foi terrivelmente inesquecível, pois como naquela época eu gostava muito de Manowar, eu entrava nos shows com uma tocha na mão. Dava um efeito muito bacana, só que eu mesmo fazia essas tochas e não era nenhum perito, é claro que isso ia acabar dando xabu algum dia. Então, no momento que entrei no palco e passei pela bateria, caiu um pedaço da tocha na caixa do Cássio, que se desesperou. E nosso roadie, que era o Valdério, e que depois virou batera do Viper, pegou uma baqueta e jogou o negócio pra frente pra tentar salvar a bateria, daí que espalhou todo o fogo no palco. Interrompemos a “Soldiers” e, quando o pânico acalmou e tudo parecia resolvido, recomeçamos o show. Daí o cara da empresa de som notou que parte do seu equipamento tinha sido estragado pelo fogo, então subiu no palco pra me bater e o show parou de novo, pois um amigo subiu pra me defender e os dois armaram uma luta de boxe no palco. Então finalmente tocamos “Soldiers” pela terceira vez e o show acabou rolando. Foi hilário, no final até engraçado, mas não havia extintor de incêndio no local e poderia ter sido uma catástrofe. Eu até me arrepio quando lembro”.[30]

Expulso da escola

Posteriormente a esse episódio, e por mais que fosse um aluno exemplar, com grandes notas e premiações, Andre Matos foi "convidado" pela diretoria a mudar de escola. Sônia conta a história: "Ele era o primeiro aluno da classe. Mas certo dia o diretor do colégio me chamou. Queria que o Andre cortasse o cabelo e disse que, se não cortasse, o Andre teria que sair da escola. Eu peitei o diretor e disse que, se a decisão estava tomada, ele iria sair mesmo. Não deixei que cortassem o cabelo dele. Ele foi então para o Colégio Objetivo. Não acho que a expulsão tenha acontecido por causa do incêndio. Talvez tenha, mas a questão foi mesmo o tamanho do cabelo. Era um colégio muito careta, muito tradicionalista".

"Eu estudei no mesmo colégio que Andre, o Rio Branco", lembra Kiko Loureiro. "Sou um ano mais novo que ele. Eu estudava de tarde e ele de manhã. Não cheguei a conhecê-lo na época, mas lembro da figura dele na escola. Era o único cara de cabelo comprido na escola. Cabelo oxigenado, meio loiro, laranja, copiando o Bruce Dickinson".

O primo Eco dá alguns detalhes a mais sobre a expulsão de Andre: "Ele ficou com má fama no colégio por causa do incêndio. E nessa época ele tinha um cabelo platinado, quase branco. Era uma figura esquisita em um colégio bem rígido. É um colégio rotariano. Ele odiava um professor de matemática chamado Natalino. Aí certo dia o Andre pegou um caderno e ficou escrevendo 'Natal Filho da Puta', 'Natal Filho da Puta', 'Natal Filho da Puta'. Aí alguém bateu no ombro dele, era o professor, o Natal. Ele viu e mandou o Andre para a diretoria. Pelo conjunto da obra, ele foi convidado a se retirar do colégio. Passou a ser uma *persona non grata* na escola. Com isso ele terminou o colegial no Objetivo".

Esse lado "rebelde" de Andre é pouco conhecido e, por sua natureza muito reservada em relação à sua vida privada, tivemos muito pouco acesso a histórias mais escabrosas do jovem rebelde. Mas temos registro de uma peripécia de Andre no Colégio Objetivo. Quem conta é Ricardo Confessori: "Tem uma história do Andre que me chocou. Tem uma amiga minha que estudou com ele no Objetivo. Ela me contou que o Andre jogou uma carteira da sala de

aula pela janela. Era no quinto andar mais ou menos. A cadeira espatifou na rua e, se tivesse alguém passando, tinha matado. Ele tinha uns 15 anos nessa época, mas o garoto era um rebelde terrorista! No bom sentido, claro".

A banda de adolescentes, que tocava bem e já tinha disco gravado, chamava a atenção em São Paulo. E o ano seguinte, 1988, guardaria a Andre e aos meninos algumas viagens e surpresas inesperadas e grandiosas.

[18] *Hard Rock Magazine*, n. 38, setembro de 1998.

[19] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DNKwltCehwM. Acesso em: 19 out. 2020.

[20] Encarte do CD *Soldiers of Sunrise*. Selo Wikimetal, 2012.

[21] Disponível em: https://www.virandobixo.com.br/noticias/NOT,0,0,1125724,Viper+lanca+DVD+com+t-urne+comemorativa+e+album+classico+remasterizado.aspx. Acesso em: 25 jun. 2020.

[22] Disponível em: https://whiplash.net/materias/entrevistas/069491.html. Acesso em: 02 jul. 2020.

[23] Disponível em: http://www.metalmeltdown.com/dr-metals-blog/interviews-andrematos1. Acesso em: 25 jun. 2020. Tradução nossa.

[24] Disponível em: http://www.metalmeltdown.com/dr-metals-blog/interviews-andrematos1. Acesso em: 25 jun. 2020. Tradução nossa.

[25] *Ibid.*

[26] Disponível em: http://www.metalmeltdown.com/dr-metals-blog/interviews-andrematos1. Acesso em: 25 jun. 2020. Tradução nossa.

[27] Disponível em: https://www.otempo.com.br/diversao/andre-matos-tocara-holy-land-e-outros-classicos-neste-domingo-1.1553569. Acesso em: 25 jun. 2020.

[28] Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2009/05/04/entrevista-antiga-e-gigante-de-andre-matos-para-heavy-melody-partes-1-2-e-3/. Acesso em: 01 jul. 2020.

[29] Disponível em: http://www.wikimetal.com.br/entrevista-com-felipe-machado/. Acesso em: 19 out. 2020.

[30] Revista *Heavy Melody*, 1998, edição desconhecida. A entrevista está preservada em um blog de fãs. Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2005/12/11/entrevista-revista-heavy-melody-1998/. Acesso em: 02 jul. 2020.

Capítulo 4

THEATRE OF FATE

Para divulgar o álbum *Soldiers of Sunrise*, a banda se esforçou, juntamente com a Rock Brigade – gravadora e escritório de empresariamento – para agendar o máximo de shows possíveis. Não havia na época uma indústria de entretenimento consolidada como temos hoje, muito menos uma indústria focada no heavy metal. As possibilidades de apresentação ao vivo eram escassas, e as condições para que acontecessem, em geral, muito precárias.

A maioria das apresentações que a banda fez foi em São Paulo e região metropolitana. Com exceção de um show em Presidente Prudente, ainda em 1986, e de uma apresentação no Rio de Janeiro, em julho de 1987, os shows do Viper nessa época aconteciam todos na capital paulista, mesmo depois do lançamento de *Soldiers of Sunrise.*

Graças a registros amadores de fãs, alguns desses shows foram registrados em áudio ou vídeo e, graças às famosas trocas de *bootlegs*, sobreviveram ao teste do tempo. Uma das apresentações de 1988 que foi preservada aconteceu no Teatro Mambembe, em 23 de março. Além de apresentar as músicas do disco *Soldiers of Sunrise*, a banda aproveitava esses shows para testar e trabalhar músicas novas, que viriam a fazer parte do futuro álbum de estúdio. Eram composições de Pit Passarell, trabalhadas por Felipe, que havia acabado de retornar do intercâmbio nos Estados Unidos.

Nesse show no Teatro Mambembe, por exemplo, além das músicas do *Soldiers* e de um cover de “Run to the Hills”, do Iron Maiden, o Viper apresentou versões ainda primitivas de duas músicas que fariam parte do álbum seguinte: “End of a Fate” (que posteriormente veio a

ser a faixa título do próximo LP, *Theatre of Fate*) e “At Least the Time” (uma versão primitiva de “At Least a Chance”). E, à medida que os shows iam acontecendo, não apenas as músicas iam tomando forma e sendo lapidadas, mas também o tímido Andre ia pegando experiência, se soltando no palco e amadurecendo.

Conhecendo o velho continente

Bastante importante para o amadurecimento do vocalista, também, foi a viagem que o jovem músico fez com a família para a Europa, nos meses de julho e agosto de 1988.

O dilema da mãe de Andre na época, após se separar de Pedro Henrique, era: “Comprar um carro ou fazer uma viagem para a Europa com a família?”. E Sonia escolheu a viagem, levando junto os filhos, Andre e Daniel, os sobrinhos, a irmã e os pais para um mês no velho continente. “A viagem abriu os horizontes do Andre para o mundo. Ele soube se virar melhor anos depois quando teve que viajar para a Alemanha, pois já conhecia a Europa. Ficamos um mês lá, viajando. A família toda. Ele sempre me disse que duas coisas importantes que contribuíram para a carreira dele foram o Rock in Rio e essa viagem para a Europa”, conta a mãe.

O primo de Andre, Eco, conta um pouco sobre a viagem: “Fomos para Itália, Bélgica, Inglaterra, Holanda, França, foi um belo de um *tour* pela Europa. Suíça também, acho. Foi todo mundo da família, exceto o pai do Andre. Nove pessoas viajando junto o tempo todo. Teve um dia... A gente estava na França. O Andre já estava estudando música clássica e ele queria conhecer uma tal igreja. Era onde o Bach tinha composto alguma coisa, tinha um órgão especial, sei lá. Mas a gente não ia passar naquela cidade. A gente estava em um outro lugar, ele chamou o Dani e eu e falou que ia em uma igreja. Ele fugiu da gente, pegou um trem e foi sozinho. Disse que qualquer coisa, se perguntarem, ele tinha ido para lá. Aí depois minha tia perguntou onde o Andre estava, nós falamos que ele tinha ido ver a tal igreja e ela pirou: ‘Como assim?’. Na época não tinha celular nem nada. Ele tinha quase 17 anos. Depois ele voltou, encontrou a gente no hotel e levou uma bronca enorme da mãe”.

“Lembro do Andre querendo ter olhos atrás da cabeça nessa viagem”, lembra o irmão, Daniel. “Ele ficou louco! Imagina um cara

como ele chegando na Europa, vendo tudo aquilo. Naquela época não tinha internet ou uma revista para olhar e saciar a curiosidade. Ele chegava no lugar e desembolava algumas palavras no idioma local. Era absurdo! No Louvre, por exemplo. Eu não sei como explicar, imagina uma pessoa querendo absorver tudo. Ele tinha essa capacidade, pegava os mínimos detalhes de tudo".

"Ele foi também no cemitério do Père-Lachaise onde está o Jim Morrison", lembra Eco. "Ele fez o próprio programa dele lá na França. Desgarrou da gente e foi sozinho. Ele era o mais velho, se virava bem. Essa viagem foi um gatilho em todos nós para dar uma visão de mundo mais ampla".

Viajando a trabalho

Outra viagem bastante importante no ano de 1988, dessa vez com o Viper, foi para Natal, em novembro. Para os garotos que haviam chegado a viajar sete horas dentro de uma Kombi para fazer um show no interior de São Paulo, viajar de avião para o Nordeste e tocar como banda principal em um festival era um luxo inédito. "Foi demais! Imagina, você monta uma banda com seus amigos de prédio e te convidam para fazer um show em Natal!", lembra Felipe Machado.

Os garotos aproveitaram a viagem para ficar alguns dias a mais em Natal curtindo a praia, antes de voltar para casa. Felipe consegue se lembrar da camiseta que Andre vestia na volta para São Paulo: "Ele voltou com uma camiseta do PCB. O avô dele que era comunista tinha dado. Todos nós éramos bem de esquerda naquela época, mas ele era mais que todo mundo".

Voltando a São Paulo, a cabeça dos meninos estava mesmo na composição de músicas para um próximo álbum. O ano era 1989 e eles, mais experientes e com influências mais progressivas, queriam dar um passo maior e fazer um álbum superior ao de estreia. "Nós ouvíamos muita coisa tipo Marillion, Yes, bandas que já tinham algo meio progressivo. Ouvimos muito o *Operation Mindcrime* do Queensrÿche, um disco conceitual. Então nós queríamos fazer um disco conceitual, de uma única história no disco inteiro. Colocar música clássica, orquestra", lembra Felipe Machado.

Um novo álbum

Num texto bastante longo e muito interessante para qualquer pessoa que se interesse pela carreira do VIPER, Felipe narra detalhes por trás da criação de cada uma das músicas do disco *Theatre of Fate*. O texto, publicado originalmente na revista *Rock Brigade* por ocasião do trigésimo aniversário de lançamento de *Theatre*, foi republicado no site *Combate Rock* e pode ser conferido na íntegra na internet.[31]

Uma das inovações que vemos já nas demos de pré-produção do que viria a ser o *Theatre of Fate* foi levar algumas pessoas para gravar coros para o refrão. Uma dessas pessoas convidadas para gravar o coro foi Rafael Bittencourt, colega de faculdade de Andre e pessoa com quem, alguns anos depois, Andre viria a dividir as principais composições no ANGRA. “Conheci o Andre como fã. Eu achava o máximo ter uma cena de heavy metal brasileira. O VIPER era a banda que mais se destacava na cena paulista. Fui assistir eles no Mambembe e fiquei impressionado. Me senti muito orgulhoso quando me chamaram para participar do coro da demo! O coro da demo do VIPER! UAU!”, lembra Rafael.

Fazer um álbum trabalhado desse jeito demandaria não apenas muito esforço e criatividade nas composições e um bom estúdio, mas também um bom produtor. E a ajuda decisiva nesse sentido quem deu foi Eric de Haas, um holandês maluco bastante conhecido no Brasil pelos shows internacionais que produz aqui e pelo seu jeitão carismático e acessível.

“Conheci o Andre quando vim morar definitivamente no Brasil. Estava tirando fotos para a *Rock Brigade* e o Toninho [Pirani, editor-chefe] me levou em um show e me apresentou. Eu já conhecia o disco do VIPER, *Soldiers of Sunrise*, que eu tinha recebido para ouvir e achava muito bom. Cheguei a fazer algumas fotos promocionais deles”, lembra Eric.

“Então eu já estava morando aqui e fui ao estúdio um dia. Eles estavam ensaiando as músicas novas e eu fiquei conversando com eles. Eu tinha um amigo inglês, produtor musical, e pensei que seria um *plus* pra banda ter um produtor bem profissional trabalhando no novo álbum, um gringo que já estivesse acostumado a fazer aquilo.

Então sugeri pra eles meu amigo Roy Rolland. Eles gostaram e eu liguei pro Roy, que adorou a ideia também. Ele topou gravar o disco em troca das passagens para o Brasil e uma semana de férias!", recorda o produtor holandês.

Na reedição de 2013 do álbum *Theatre of Fate* pelo selo Wikimetal, podemos ler um depoimento de Andre sobre a apreensão que sentiram de ter um produtor estrangeiro cuidando do segundo álbum da banda: "Estávamos apreensivos. Até então éramos semiamadores. O que o produtor iria pensar a nosso respeito? Iríamos desapontá-lo? Será que ele se recusaria a trabalhar conosco? Roy era um sujeito bastante peculiar e soube lidar muito bem com a nossa ansiedade. Fizemos várias reuniões antes da gravação para trabalhar os arranjos e letras, até ganharmos uma confiança mútua e partirmos para o desafio em si".[32]

Antes de entrar no estúdio, no entanto, um show grande – maior que qualquer outro que a banda havia feito até então – aguardava os garotos. Os menudos do metal tocariam no imponente Ginásio do Ibirapuera, abrindo para o Motörhead, que fazia sua estreia no Brasil. A turnê foi toda atrapalhada e cheia de contratempos. Uma invasão de fãs no palco durante o show de abertura da banda Vodu fez com que a polícia tivesse que intervir para colocar ordem na casa. E a retenção dos equipamentos dos ingleses na alfândega permitiu que o Viper fizesse um show trinta minutos maior na data do dia 11 de março. "O nosso show rolou e foi maravilhoso, uma das memórias mais felizes do nosso início de carreira", lembra Felipe Machado.

A bagagem que ganharam nos shows ao vivo amadureceu a banda para o próximo grande passo: a gravação de seu segundo álbum. "A experiência dos shows ao vivo ajudou a nos dar mais segurança", lembrou Andre.[33] As gravações aconteceram no estúdio BMG Ariola, nos meses de agosto e setembro de 1989. "Parecia que estávamos no Olimpo", comenta Andre. "Nossos olhos brilhavam. Os melhores equipamentos analógicos – raridades nos dias de hoje – e salas de gravação feitas para uma orquestra inteira estavam ali, à nossa disposição".[34]

Os músicos lembram do papel importante que o produtor Roy Rolland – "um inglês de voz suave e cabelos de Bozo", nas palavras

de Felipe Machado[35] – teve no resultado final do disco. “O produtor virou tudo de cabeça para baixo [no estúdio]”, comentou Andre. “De martelo e serrote em punho, praticamente reconstruiu o ambiente acústico, criou labirintos de madeira, posicionou os amplificadores de uma forma que nunca havíamos visto e também os microfones”.[36]

“O Roy colocou a gente em outro patamar”, lembra Felipe Machado. Começou a ficar muito séria a coisa, com músicas bem mais elaboradas. Estávamos todos muito pretenciosos nesse disco. Mas no bom sentido. Ambiciosos talvez seja o termo mais adequado. Então a gravação do disco foi outro nível. O Roy trouxe várias técnicas, já tinha gravado com várias bandas no exterior. Ele era mais velho”.

Uma das mudança exigidas pelo produtor inglês foi a substituição do baterista da banda na época, Val Santos. “Ele disse que o Val poderia ser bom ao vivo, mas no estúdio ele queria alguém com uma pegada mais precisa em relação ao andamento”.[37] Val, claro, ficou chateado com a situação: “Eu fiquei mal pra caramba. Quando se trata de gravação de um disco, o baterista é o cara que tem que estar mais certinho. Naquela época não tinha edição, Pro Tools, nem nada. Era tudo em fita de rolo, as edições eram mais complexas. Tinha que acertar tudo, do início ao fim, e eu não conseguia”.

A banda trouxe então Sergio Facci, ex-V$_{ODU}$, para gravar as baterias do disco. “Foi uma excelente escolha”, lembra Felipe. “Antes da primeira sessão oficial, ele e eu passamos alguns dias no estúdio ensaiando, pegando todos os detalhes dos arranjos de bateria. Como o Serginho é um dos melhores bateristas de rock do Brasil, foi tudo muito rápido. No dia marcado, ele entrou no estúdio e, rapidamente, eternizou a sua parte”.[38]

O grande compositor desse disco foi Pit Passarell, que assina a autoria principal de todas as músicas do álbum, exceto uma. “Compor para o Andre era a coisa mais fácil do mundo”, lembra Pit. “Tudo o que eu escrevia, ele conseguia cantar. A gente estava com isso de querer compor músicas muito altas, muito agudas, mas eu não fazia de maldade. Ele conseguia cantar. Para ele era natural alcançar aquelas notas”.

“O compositor Pit e o vocalista Andre eram uma parceria perfeita nesse sentido”, conta Felipe Machado em entrevista. “Pois o Pit criava melodias lindas, mas com notas muito difíceis de alcançar. Posso afirmar humildemente que o grande segredo do sucesso do VIPER nessa fase foi o talento do Pit como compositor e do Andre como vocalista. Eu e o Yves sempre fomos bons guitarristas, modéstia à parte, mas o Pit e o Andre eram (e continuam sendo) excepcionais”.[39]

“Moonlight”

A única faixa do disco que não foi composta por Pit foi “Moonlight”, escrita por Andre, que recebe os créditos totais pela composição. A faixa foi inspirada na “Sonata para piano n. 14”, de Beethoven, e combina arranjos de bateria e guitarra com os acordes da peça original e uma letra tão melancólica quanto a melodia. A música provavelmente reflete a influência dos estudos em música erudita que Andre tinha na Faculdade Santa Marcelina, onde havia ingressado no início daquele ano, 1989, aos 17 anos.

“O Andre já estava mais na música clássica e piano. Então as músicas tinham arranjos de corda, piano. Tem uma versão de ‘Sonata ao Luar’ que o Andre adaptou que ficou mais rock e ele chamou de ‘Moonlight’. Ele colocou letra! Imagina só... Colocar letra em uma música do Beethoven, olha a pretensão do moleque!”, lembra Felipe Machado.[40]

Em uma entrevista de 2007, Andre comenta um pouco sobre o orgulho de ter composto “Moonlight” naquela idade: “É a primeira música que compus sozinho e que foi lançada em disco, quando eu tinha 17 anos. Era uma grande homenagem à música clássica. Eu estava estudando Beethoven e não tinha muita gente que fazia isso, mesclando clássico e metal. Foi ela a responsável por levar o VIPER para fora do Brasil, pois foi a primeira a estourar no Japão”.[41]

“Moonlight” foi uma das últimas músicas a entrar no disco *Theatre of Fate* e foi apresentada por Andre aos companheiros de banda durante os ensaios para gravação. “Lembro que no início estranhamos a versão, porque ela era essencialmente uma balada no piano, sem guitarras, baixo ou bateria. Durante os ensaios, acrescentamos a bateria e a guitarra, e ela foi ficando aos poucos

mais parecida com o que ouvimos hoje no álbum. Acabou se tornando uma maneira poética e perfeita para terminar o álbum", lembra Felipe Machado.[42]

Mas, se por um lado Pit foi o grande compositor do álbum, Andre Matos recebe o crédito por todo o conceito e arranjos de cordas no álbum. A banda chegou a levar um quarteto de cordas para gravar algumas músicas. Uma solução caseira, já que o quarteto era formado por Renata Kubala (namorada de Andre na época), Ricardo Kubala (cunhado) e outros dois colegas da faculdade. Além de liderar o quarteto, Renata teve uma participação exclusiva em "Moonlight", tocando o solo de violino da música. "Ele adorava estudar e tocar essa peça de Beethoven e a ouvíamos muito juntos", comenta Renata. "Acho que a dedicação especial ao estudo do piano clássico e o ambiente da faculdade naqueles anos influenciaram muito o estilo do disco. Foi um projeto muito legal para nós que tocamos no quarteto".

Theatre of Fate

Em entrevista ao site americano *Metal Meltdown*, Andre comenta sobre o álbum *Theatre of Fate*: "Em 89, sim, foi um grande salto de um patamar para outro. (...) Foi uma realidade completamente diferente [em relação à gravação de *Soldiers*], e é por isso que acredito que esse segundo e último álbum do VIPER (para mim, foi o último que participei da banda e eu tinha 17 anos), foi um marco. Foi lá que eu realmente comecei a aprender a trabalhar com música e como é realmente o trabalho no estúdio".[43]

Em outra entrevista, concedida em 2001, Andre dá mais detalhes sobre o amadurecimento dele e da banda com as gravações de *Theatre of Fate*: "O VIPER fez aqui no Brasil, numa época que ninguém estava fazendo isso, uma produção grande, com um produtor de fora. Eu me lembro que eu estava mais ainda envolvido com música clássica também. Tinha acabado de entrar na faculdade de música e comecei a escrever uns arranjos para o disco, com coisas clássicas e tal. A gravação em si foi muito legal. Foi inesquecível".[44]

O produtor Roy Rowland levou o álbum para ser mixado em seus estúdios na Inglaterra e, como não havia internet para trocar mensagens instantâneas como acontece hoje em dia, a apreensão

e ansiedade sobre como o disco havia ficado consumiu os garotos por alguns dias. “Aguardamos durante umas duas semanas, bastante ansiosos porque não tínhamos nenhuma cópia”, relembra Felipe Machado sobre a ansiedade de ouvir o álbum finalizado. “E se o Roy morresse no caminho? E se acontecesse alguma coisa com as fitas? E se todo aquele trabalho fosse perdido? Quis o destino que nada disso acontecesse. Quando recebemos a fita cassete mixada pelo correio, corremos para o estúdio para ouvir pela primeira vez. Não podíamos acreditar. Saímos do estúdio emocionados. Aquilo era lindo, aquilo era um motivo de orgulho. Aquilo era nosso”.[45]

Theatre of Fate foi lançado em 10 de outubro de 1989 pela gravadora Eldorado e é um dos primeiros álbuns do mundo (certamente o primeiro no Brasil) no estilo que veio a ser chamado “power metal”, chamado também de maneira jocosa por algumas pessoas de “metal espadinha”, por sua atmosfera épica.

A capa do disco, novamente criada por Alberto Torquato, foi pintada a mão em estilo renascentista. Nela, uma forte luz explode do peito de um homem que olha para os céus, com uma lua ao fundo. Yves conta uma piada interna da banda sobre a capa de *Theatre of Fate*: “É a capa do homem nu que não tem pau”.

Com cerca de 35 minutos de duração e 8 faixas, *Theatre of Fate* apresenta uma espécie de *template* ou fórmula que seria repetida em muitos álbuns futuros de Andre: uma introdução com instrumentos acústicos e clássicos (“Illusions”), precedendo faixas explosivas, rápidas e poderosas (“At Least a Chance” e “To Live Again”), faixas que começam mais lentas e reflexivas e explodem em velocidade depois (“A Cry From the Edge” e “Living for the Night”), faixas com bastante influência neoclássica (“Prelude to Oblivion” e “Theatre of Fate”), e a já mencionada “Moonlight”, que destoa do que ouvimos no álbum como um todo, mas o encerra de maneira absolutamente brilhante.

Ao longo de todo o álbum temos guitarras que dançam com violinos, pianos e instrumentos acústicos; solos bastante melódicos, que fazem contraponto a riffs rápidos e marcantes. A bateria é bastante típica do que vemos nas bandas clássicas de power metal que

gravaram aproximadamente na mesma época, com bastante variações de ritmo; fazendo ótima cozinha com o baixo de Pit, que recebe bom destaque na mix. E, claro, temos a voz de Andre, bastante aguda, numa evolução bastante considerável em relação ao que havíamos visto em *Soldiers of Sunrise*.

“Foi um disco histórico do rock brasileiro. O SEPULTURA tinha lançado também o *Schizophrenia*, que tinha uma produção legal, mas acho que *Theatre of Fate* tenha sido o primeiro disco realmente muito bem produzido, com um som internacional, dentro do Brasil”, comenta Felipe Machado.

Repetindo o que vimos em *Soldiers of Sunrise*, a lista de agradecimentos do disco traz algumas menções curiosas e interessantes a pessoas que não tiveram qualquer participação (direta pelo menos) na criação de *Theatre of Fate*, como: Charlie Chaplin, “Gorbachev e sua Perestroika”, Alan Parker (escritor e roteirista britânico), Brian De Palma (cineasta americano), Carlos Drummond, Molière (dramaturgo francês do século XVII), Beethoven, Vivaldi, Bach, Steve Martin (ator americano), Napoleão Bonaparte, Francis Poulenc (pianista francês), Salvador Dalí (pintor espanhol), Danton (político francês do século XVIII), Will Eisner (quadrinista americano), Spirit (principal criação de Eisner), Asterix, Obelix e Ideafix.

Com toda a importância desse lançamento, o VIPER saiu como capa da edição n. 44 da revista *Rock Brigade*. A matéria foi escrita por André Pomba, amigo dos caras e produtor do primeiro disco do VIPER, *Soldiers of Sunrise*.

Um dos primeiros shows de divulgação do *Theatre of Fate* aconteceu no dia 15 de dezembro, em Recife. O show aconteceu na sexta-feira que antecedeu o segundo turno das eleições presidenciais de 1989 entre Collor e Lula, o que, para Andre, bastante simpático na época às ideias de esquerda, significou voltar para São Paulo no primeiro voo possível após o show. “Todo mundo da banda ficou lá em Recife para passear e tal. Menos o Andre. Ele pegou o voo logo de manhã pra São Paulo para participar das eleições. Ele queria muito votar no Lula”, lembra Felipe.

“Essa coisa de esquerda veio do meu avô”, conta Eco. “Ele era comunista. O próprio fato de ele ter se estabelecido em Niterói era porque o Partido Comunista estava desenvolvendo o núcleo naquela cidade. As decisões da vida dele foram pautadas pela ideologia. Crescemos nesse meio. Todos de esquerda, influenciados por isso. O mundo mudou muito. Você falar que é comunista hoje nem faz mais sentido, mas nossa visão era de esquerda. Na época do Lula, era a chance de ter o primeiro presidente de esquerda. No primeiro turno, nós apoiamos o Roberto Freire, que era o candidato do Partido Comunista. Depois, quando o Lula foi para o segundo turno, fizemos campanha, boca de urna, e o Andre participava bastante disso. Nunca fomos filiados a partidos. Não era coisa eleitoreira. Era ideologia mesmo”.

A banda também fez algumas aparições na TV nos meses posteriores ao lançamento de *Theatre of Fate*. Podemos destacar, em primeiro lugar, a aparição no programa *Metrópolis*, da TV Cultura, em fevereiro de 1990. Um Andre com visual “esporte fino”, com camisa social dentro da calça, cinto elegante e cabelo ainda longo, mas bem mais comportado, se contrasta do adolescente de braceletes, calça apertada e visual mais rebelde dos anos anteriores. A banda canta “Living For The Night”, “A Cry From The Edge” e concede uma curta entrevista.

Outro importante programa da TV Cultura no qual a banda foi divulgar seu trabalho foi o *Revistinha*, em junho. As mesmas duas músicas foram apresentadas. O programa foi ao ar menos de uma semana antes do último show ao vivo de Andre com o Viper. Esse show aconteceu no dia 30 de junho de 1990, na casa de shows Dama Xoc, absolutamente lotada.

“A gente tocou ‘Wasted Years’ do Iron Maiden nesse show. Foi a última música com ele... Ela fala sobre anos perdidos, sobre passado. Nós usamos essa música para ser a última. Ninguém sabia que ele ia sair, a gente guardou esse segredo. Aí quando acabou o show ele saiu e foi se dedicar à música clássica”, recorda Felipe Machado. Graças a uma filmagem amadora, esse show foi preservado e pode ser conferido na internet.

Andre ainda faria mais uma aparição com o VIPER antes de deixar a banda. E foi no programa *Matéria Prima*, de Serginho Groisman, em agosto daquele ano. Um Andre com cabelo chanel, bastante curto em relação ao que costumávamos ver ao longo de sua carreira, cantou com seus amigos as músicas “To Live Again”, “Living for the Night” e “Prelude to Oblivion”, sendo acompanhados efusivamente pela plateia.

A primeira passagem de Andre Matos no VIPER se encerra neste ponto, em 1990. Em virtude de sua saída, a turnê de divulgação do disco *Theatre of Fate* foi pequena diante do que poderia ter sido, se levarmos em conta a qualidade e grandiosidade do álbum. Andre saiu antes que o disco estourasse no Japão e antes que pudesse ter visitado outros países com a banda – na verdade, antes sequer de ter feito uma turnê visitando, ao menos, as principais capitais do Brasil.

Para contextualizar sua saída e abordar o período de transição até o começo do ANGRA, precisaremos abrir alguns parênteses não diretamente relacionados ao *Theatre of Fate*. Expandiremos esse tema no próximo capítulo.

[31] Disponível em: https://combaterock.blogosfera.uol.com.br/2019/10/13/com-theatre-of-fate-o-viper-alcancou-todos-os-palcos-do-mundo/. Acesso em: 20 jul. 2020.

[32] Encarte do CD *Theatre of Fate*. Selo Wikimetal, 2013.

[33] *Ibid*.

[34] *Ibid*.

[35] Encarte do CD *Theatre of Fate*. Selo Wikimetal, 2013.

[36] *Ibid*.

[37] Disponível em: https://combaterock.blogosfera.uol.com.br/2019/10/13/com-theatre-of-fate-o-viper-alcancou-todos-os-palcos-do-mundo/. Acesso em: 20 jul. 2020.

[38] *Ibid*.

[39] *Ibid*.

[40] Disponível em: http://www.wikimetal.com.br/entrevista-com-felipe-machado/. Acesso em: 03 jul. 2020.

[41] Disponível em: https://whiplash.net/materias/entrevistas/072833-andrematos.html. Acesso em: 03 jul. 2020.

[42] Disponível em: https://combaterock.blogosfera.uol.com.br/2019/10/13/com-theatre-of-fate-o-viper-alcancou-todos-os-palcos-do-mundo/. Acesso em: 20 jul. 2020.

[43] Disponível em: http://www.metalmeltdown.com/dr-metals-blog/interviews-andrematos1. Acesso em: 03 jul. 2020. Tradução nossa.

[44] Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2009/05/04/entrevista-antiga-e-gigante-de-andre-matos-para-heavy-melody-partes-1-2-e-3/. Acesso em: 03 jul. 2020.

[45] Disponível em https://combaterock.blogosfera.uol.com.br/2019/10/13/com-theatre-of-fate-o-viper-alcancou-todos-os-palcos-do-mundo/. Acesso em: 20 jul. 2020.

Capítulo 5

SAÍDA DO VIPER

A última aparição de Andre Matos com o V$_{IPER}$ da qual se tem notícia se deu no programa *Matéria Prima*, apresentado por Serginho Groisman na TV Cultura, no dia 18 de agosto de 1990. O último show efetivamente com o V$_{IPER}$ havia sido cerca de dois meses antes, em 30 de junho. Por que Andre iria querer sair de uma banda em seu auge, lotando casas de shows, musicalmente bastante entrosada, que havia acabado de gravar um disco espetacular, sem precedentes no Brasil, com um produtor estrangeiro?

A resposta não é única, mas multiforme. Uma série de fatores contribuiu para essa decisão e, embora o rompimento definitivo tenha acontecido em algum momento do segundo semestre de 1990, precisamos voltar um pouco no tempo para entendermos os prováveis motivos que levaram Andre a abandonar aquele projeto musical que, profissionalmente falando, já encontrava-se bastante consolidado.

“Por causa da banda, o Andre começou a levar a música mais a sério”, recorda a mãe de Andre, Sônia. “Além do piano, ele começou a fazer aula de canto, de teoria musical. E os professores apostavam muito nele. Uma das professoras, a Naomi Munakata, era apaixonada por ele. Aliás, ela faleceu há poucas semanas, de coronavírus.[46] Ela me chamava lá e falava: ‘Esse menino... Vocês têm que investir nele’. A gente ouvia isso de vários professores. Outro professor importante, Gilberto Tinetti, também o elogiava bastante. Então a gente foi vendo que o caminho seria esse mesmo. Não teve como fugir disso”.

Em 1989, aos 17 anos, Andre ingressou na Faculdade de Artes Santa Marcelina para formação em piano erudito, o que demandava dele uma dedicação integral aos estudos. Além disso, dedicava-se a práticas extracurriculares relacionadas com o estudo de música clássica, como um coral com amigos da faculdade que cantava em casamentos e igrejas. “Não é que era coral de igreja... Éramos um monte de amigos que se reuniam e cantavam. Era um coro quase profissional, então a gente cantava em várias igrejas diferentes, em festas ou mesmo concertos de música clássica e era muito legal. O repertório que ia desde música mais sacra mesmo até música bem moderna, isso me ajudou muito com a minha voz também”.

Em entrevista concedida ao documentário *Viper 20 Years: Living For The Night*, Andre conta como a música clássica e erudita estava tomando conta de suas atenções naquele ano: “Eu estava com a cabeça super voltada para aquilo. Estava completamente apaixonado pela coisa da música clássica e eu queria me aprofundar naquilo. E é uma coisa que exige muito, mesmo. A partir do momento que eu resolvi me dedicar àquilo, eu fiquei mais de um ano só concentrado naquilo, estudando mais de oito horas por dia de piano clássico e teoria”.

Felipe Machado conta que a intenção de não continuar no V_{IPER} já havia sido comunicada por Andre antes mesmo das gravações de *Theatre of Fate*: “O Andre pirou um pouco, porque ele havia entrado na faculdade de música e começou a falar que queria levar as coisas para uma *vibe* mais de música clássica. Não queria mais esse negócio de rock. Queria ser maestro, pianista clássico e para fazer isso teria que estudar dez horas por dia, não ia poder tocar as duas coisas e aí falou que iria sair do V_{IPER}. Nós na hora pensamos: ‘Como assim? Nós vamos lançar o disco agora! O disco está ótimo!’. E ele propôs: ‘Vamos fazer assim: eu lanço o disco, faço a turnê, a gente faz os shows e daí, depois que tivermos feito vários shows, eu saio e vocês colocam outro cara e eu vou me dedicar à música clássica’. Fazer o quê, né? A gente até pensou que quando chegasse perto ele ia desistir, mas ele era muito determinado e cabeça dura”.

Em algumas entrevistas ao longo da carreira, Andre deixou claro que a decisão de sair se deu por conta da impossibilidade de conciliar os estudos com a banda, não por briga ou desavenças com os amigos de infância e companheiros de banda. “[Foi pelo fato de] eu estar estudando música mesmo, música, na faculdade. E chegou o momento em que não dava pra conciliar. Aquilo me exigia muito e eu estava muito fascinado também pela música clássica e tal. Então eu achei que era o momento de me dedicar a isso, e valeu muito a pena, apesar da separação do VIPER, de serem meus grandes amigos, até hoje, mas tudo acontece por um motivo e isso acabou me impulsionando pra frente também”.[48]

No entanto, em entrevista específica concedida em 1994, bem no começo do ANGRA, Andre dá a entender que alguns conflitos com os companheiros de VIPER podem ter contribuído para sua decisão de sair da banda: “Senti que a gravação do *Theatre* fora conflituosa, no sentido de encaixar meu estilo ao deles. Comecei a me desencantar. Além de estar fazendo a faculdade e querer mais tempo para dedicar a ela. Acho que no VIPER não me desenvolveria como músico, achei. Eles começaram a sentir a cobrança do público e a coisa reverteu-se contra mim. Adotaram uma postura negativa, falavam mal de mim, me acusaram de coisas mentirosas. Pura defesa deles. A situação está melhor hoje. A poeira baixou. Nem mesmo eles querem brigar mais. Estão cuidando de suas carreiras. Fiquei chateado numa determinada época porque éramos todos amigos. Sei que fui individualista saindo”.[49]

Em entrevista para a revista *Metal Head*, também em 1994, Andre traz mais detalhes sobre os conflitos que aconteceram na gravação de *Theatre of Fate*: “Já era para eu ter saído há muito tempo. Eles pediram para eu ficar mais um tempo para divulgar o *Theatre*. Na própria gravação do *Theatre* eu tive problemas com o pessoal da banda. Eu queria fazer arranjos diferentes, colocar clássicos, dar uma enriquecida. E o pessoal da banda começou a ficar meio mordido com isso. Não sei se porque eles não gostam desse estilo ou até uma falta de compreensão. Mas o fato é que deu uns quebra paus, tipo ‘mexeram na minha música... está muito rococó, viadagem’. Eles queriam fazer algo mais pesado, mas não era

minha praia. Então, tudo bem... Eles querem fazer o que eles gostam e eu vou fazer o que eu gosto”.[50]

Os conflitos, então, tiveram origem na divergência que os integrantes nutriam em relação a como o Viper deveria soar. Se por um lado Andre estava cada vez mais absorto no universo da música clássica e erudita, por sua vez, seus amigos de Viper estavam interessados em prosseguir rumo a vertentes mais pesadas, cruas e diretas do heavy metal.

Em novembro de 1998, em entrevista à revista americana *Hard Roxx*, Andre conta: “Gravei dois álbuns com o Viper, que eram num estilo meio ‘Iron Maiden encontra com o Helloween’. E então, do nada, os outros caras quiseram seguir uma pegada meio hardcore. Não me leve a mal. Estou totalmente de acordo com isso. Só que não é um estilo que se adequa ao meu estilo de compor ou cantar. Em determinado momento decidimos que seria melhor que eu saísse da banda, para que ambas as partes pudessem ficar livres para seguir sozinhas”.[51]

Esse aspecto da divergência musical foi ressaltado pelo próprio Viper. Um antigo *release*, publicado no site da banda e preservado por um blog de fãs, trazia os seguintes dizeres: “No início dos anos 90 foi a vez de Andre Matos sair por discordar do repertório do disco seguinte”.[52]

Na já mencionada entrevista à *Top Rock*, Andre respondeu que a divergência musical foi fator preponderante para sua decisão de não continuar no Viper, ressaltando que, apesar das discordâncias, não houve briga: “[Saí por] divergências musicais. Nada pessoal. Não houve briga, quebra-pau. Eu estava começando a viajar na música clássica e eles escutando Anthrax [risos]. Não é pejorativo. Eles naturalmente tomariam um outro rumo. As músicas novas que pensavam em fazer já eram diferentes”.[53] Pit, em entrevista exclusiva para este livro, ressalta que, embora tenham acontecido discussões, elas foram dentro da normalidade e não houve briga entre os membros: “Não teve nenhuma briga ou rixa entre a gente. Acho que ele queria encontrar o espaço dele como compositor, e só”.

E, de fato, uma coisa que salta aos olhos no álbum que o Viper lançou em 1992, *Evolution*, o primeiro após a saída de Andre, é a

pegada mais crua, despida de todo o classicismo e erudição que vemos em *Theatre of Fate*. Cantando por Pit, escolhido para assumir o posto de vocalista após a saída de Andre, o álbum não é ruim – muito pelo contrário, é ótimo! –, mas envereda por caminhos diferentes daqueles que Andre vislumbrava.

Além da atenção aos estudos da faculdade e da participação no coral que se apresentava em igrejas, Andre aproveitou esse período sem banda para aperfeiçoar suas técnicas vocais estudando com um dos melhores professores do Brasil, Chico Campos: “Ele me deu aula de canto durante seis anos. Eu comecei as aulas com ele na época da faculdade também, por volta de 1990, por aí. Foi um cara que me ajudou muito. Ele era professor também do Edson Cordeiro, entre outros cantores. Ele ensina canto lírico, ópera, mas tem uma cabeça muito aberta. Então foi muito importante para mim conhecer o Chico e ter a orientação dele”.[54]

A entediante e solitária rotina de estudos em música erudita, no entanto, pouco depois fez o vocalista sentir falta de fazer música no palco, colaborativamente com outras pessoas. Em uma entrevista da época, Andre comenta sobre como surgiu o sentimento de estar novamente em uma banda: “Depois que saí do VIPER, passei um ano inteiro sem qualquer banda. Eu queria apenas estudar música. Mas depois de um tempo eu comecei a sentir falta dos shows, do palco e, além disso, aquela rotina massacrante de estudos – de oito a dez horas por dia – já não era mais uma coisa que eu queria naquele momento da minha vida. Foi quando decidi que era hora de ter uma banda novamente. Não achei que voltar para o VIPER seria o melhor, porque eles estavam fazendo um tipo diferente de som e já estavam também fazendo shows fora do Brasil. Realmente pensei sobre começar algo novo”.

O jovem vocalista começou a sentir falta da energia e da adrenalina de estar no palco. “Quem provou do outro lado não consegue esquecer. O cara passa a vida tocando piano e acostuma-se, não sabe o que é pisar no palco nem o que é vibração da plateia, porque tudo é muito formal. Ele entra, senta, toca, todos em silêncio; no final aplaudem”.[55]

Outro fator que pode ter contribuído para essa vontade de voltar aos palcos é o fato de o Vɪᴘᴇʀ ter estourado do outro lado do mundo, no Japão, abrindo um leque de oportunidades internacionais para o jovem vocalista. “O *Theatre of Fate* chegou através de uma fã lá no Japão. E ela tinha contatos com um empresário alemão chamado Limb Shnor. Essa fã enviou o disco para o Limb, ele achou muito bom. E ele era o cara que vendia as bandas alemãs para o Japão. Esse cara então entrou em contato com o Toninho [Pirani, empresário da banda] e com a gente, dizendo que havia gostado muito do disco, perguntando se podia negociar com uma gravadora japonesa os direitos do disco. Nós fizemos o contrato e a JVC lançou o disco por lá”, lembra Felipe Machado.

“Como o disco fez bastante sucesso lá, eles quiseram negociar com a gente para um disco novo nosso. Só que queriam o Vɪᴘᴇʀ *com o Andre* e o Pit já havia sido anunciado como novo vocalista. O Limb então perguntou se a gente não chamaria o Andre de volta. O Toninho conversou com o Andre, que chegou a pedir para voltar. Ele tinha topado para gravar o disco novo na Alemanha. Só que aí a gente não aceitou, porque achávamos uma injustiça com Pit, que já tinha sido anunciado como novo vocalista. Poxa, o cara tinha acabado de sair e queria voltar agora só porque a gente ia gravar na Alemanha? Não parecia ser a coisa certa a fazer. Eu até fui meio culpado nisso. O Yves e o Pit não foram contra a volta do Andre, mas eu era meio idiota. Me arrependo muito dessa decisão”.

O Vɪᴘᴇʀ seguiu sua carreira sem Andre, com Pit nos vocais. Colhendo os frutos do sucesso que fizeram no Japão, a banda chegou, em 1992, a gravar um show ao vivo no país, lançado no ano seguinte como *Maniacs in Japan*. Foi a primeira vez que uma banda brasileira de metal gravou um show em outro país. Mas é inegável que a banda teve uma queda considerável com a saída de Andre, como acontece em qualquer banda que perde um bom vocalista.

“Sentimos muito a saída dele, sim”, lembra Yves. “A gente tinha lançado o *Theatre*, fizemos uma turnê na Europa sem ele. Depois gravamos o *Evolution* com o Pit cantando. Havíamos decidido seguir um som mais pesado. Cada um seguiu o seu destino e foi numa

boa. No fim, você tem que estar feliz com o som que está fazendo. A gente nunca deixou de fazer rock".

Logo após sair do VIPER e antes de o ANGRA ser montado, Andre gravou algumas músicas para uma demo de seu amigo, Silvio Vartan. Com uma pegada mais rock 'n' roll, essa demo ficou perdida até novembro de 2019, quando foi postada pelo próprio Silvio, em seu canal no YouTube. Convidamos Silvio a falar um pouco sobre essa demo e sobre como foi a gravação:

"Eu tinha trabalhado em algumas músicas e mostrei primeiro para o Marcos Kleine. Ele gostou do que ouviu e então pintou a oportunidade de mandar para um irmão de um amigo do Kleine, que trabalhava com o YES na França. Se eu ia gravar uma demo importante, que os caras do YES iam ver, eu tinha que chamar meus amigos que eram os melhores. Mostrei para o Marcos, para o Nando, Cássio e Andre. Eles acharam muito boas as músicas. O Andre tinha acabado de sair do VIPER e eu achava que ele não fosse querer gravar porque tinha acabado de sair de uma banda grande para se dedicar à música clássica. Mas ele topou!".

"A gente ia gravar na minha casa, o Kleine ia produzir", conta Vartan. "Tínhamos um equipamento com 4 canais. Naquela época era muito puxado um estúdio bom. Era uma demo em fita cassete. Eu juntei eles, montamos a bateria em casa, dei uma fita para cada um com eu mesmo cantando para eles pegarem as músicas. A gravação foi engraçada: a gente pegou a sala lá de casa e a área técnica era no banheiro! Bem precário o negócio! O Andre pediu pra eu imprimir as letras, pusemos um porta-partitura com as letras e ele foi inacreditável: fez tudo de primeira! Ele fez uma performance tão incrível que tem até um pedaço de uma música que ele errou o final. Era 'Won't you speak your mind' e ele falou 'Don't you speak your mind'. Era o sentido contrário, mas eu não estava nem aí! Ele cantou de maneira fantástica e eu falei para deixar. Ficou do caralho, ele matou tudo de primeira, muito profissional. Todo mundo fala da qualidade da demo, é o microfone Shure direto na mesa, não é nem microfone profissional, é gogó mesmo".

O tempo sem obrigações com bandas permitiu que Andre viajasse e curtisse com os amigos alguns momentos. O irmão, Daniel, nos

conta de uma viagem a Paraty que aconteceu nessa época, quando foram perseguidos por um porco:

“A gente não andava com as mesmas galeras, pois tinha uma diferença de idade. Mas nunca deixamos de ser muito próximos. Tínhamos uma relação muito próxima. A gente ligava um para o outro pra trocar ideia. Rolou algumas baladas e algumas viagens. Lembro de uma viagem que fizemos uma vez pra Paraty. Meu pai era fotógrafo e ele fazia folhetos dos hotéis. Parte do que ele cobraria em dinheiro ele deixava em diária, então às vezes a gente ia pra certos lugares legais como Visconde de Mauá. Se a gente fosse fora de temporada, podíamos ficar no hotel. Numa dessas, fomos pra Paraty e resolvemos subir em uma cachoeira que tem um escorrega lá em cima. Uma coisa que o Andre gostava talvez mais do que o mar era a cachoeira”.

“Nós curtimos lá até que começou a chover e a galera começou a ir embora. Estavam dizendo que podia vir uma tromba d’água. Aí eu falei pra gente descer e esperar o ônibus. Ele falou: ‘Cara, não vamos esperar não, vamos descer a pé’. Eu falei: ‘A gente está aqui em cima! Você quer descer até Paraty?’. Ele falou pra gente ir de boa, curtindo o passeio. Então fomos descendo e, em um determinado momento, nos deparamos com um porco! Um porco enorme! Era um monstro! A gente achou aquilo muito doido, pensamos que ele tinha escapado de algum lugar. Depois, descobrimos que era um porco de guarda de um cara, e que a gente estava atravessando no território do cara. Era uma propriedade privada”.

E continua: “Quando a gente percebeu, o porco saiu correndo atrás da gente, a gente saiu correndo dele, num puta desespero! Chegou uma hora que o porco cansou, pois ele era enorme, uma hora ia cansar. Aí o porco voltou e saímos correndo para a estrada. A gente tinha sido perseguido por um porco! Ele correu atrás da gente por um tempo. Estávamos exaustos... No que a gente se sentou para descansar, de repente para um carro. Aí saiu do carro uma mulher lindíssima, uma loirona de biquíni. Ela virou para a gente e perguntou se a gente queria uma carona!

Lembro que o Andre virou para mim e falou: ‘Cara, será? Está parecendo sacanagem isso aí!’. Depois de sermos perseguidos por um porco aparecer uma loira daquela? Mas estávamos tão cansados que aceitamos a carona. No final ele ficou amigo da garota. Ela era muito gente boa. Para terminar a noite... Eu não sei como, porque eu não bebia, mas eu estava bêbado, mas ele ficou pior que eu. Eu voltei carregando ele pelas ruas de Paraty! Essa viagem me marcou. Foi na adolescência, pouco depois de ele sair do V$_{IPER}$”.

Os caminhos de V$_{IPER}$ e Andre se cruzariam novamente no futuro, em algumas oportunidades, mas isso será contado em capítulos posteriores. Por ora, em 1991, Andre se via bastante ansioso para ter uma nova banda, em que pudesse não apenas matar a saudade da adrenalina dos palcos, mas colocar em prática tudo o que havia aprendido nos últimos meses de estudos. E seria na própria faculdade que os caminhos se abririam para a criação mais bem-sucedida de sua carreira.

Capítulo 6

REACHING HORIZONS

Andre já estava fora do V_{IPER} há mais ou menos um ano quando recebeu a notícia de que *Theatre of Fate* havia sido lançado no Japão e explodido em sucesso. E mais incrível ainda, para ele, foi que sua única composição no disco, a música “Moonlight”, havia sido a grande responsável por esse feito, já que foi a primeira a estourar nas rádios do país. Pouco tempo depois, Andre recebeu a sondagem, por parte do empresário do V_{IPER}, Toninho Pirani, se estaria interessado em voltar para a banda.

Infelizmente não podemos entrevistar Andre para confirmar alguns detalhes obscuros e pouco esclarecidos acerca dessas movimentações em 1991, nesse período em que ele estava sem bandas, mas pensando em voltar a ter uma. E infelizmente Toninho Pirani não se sentiu confortável em nos conceder uma entrevista para apresentar seu ponto de vista em relação a esses pormenores. Mas fato inconteste é que, em vez de voltar para o V_{IPER}, uma nova banda foi formada com Andre, com os próprios empresários que cuidavam da carreira do V_{IPER}, Toninho Pirani, no Brasil, e Limb Schnoor, na Europa, agora cuidando também dessa nova banda: e estamos falando do A_{NGRA}.

Felipe Machado, do V_{IPER,} dá sua versão de como as coisas se desenrolaram: “Limb e o Toninho pensaram: já que o V_{IPER}

não quer colocar o Andre de volta, vamos montar uma banda para o Andre lançar no mesmo estilo do VIPER no Japão. Daí foi montado o ANGRA. Foi montado justamente porque o Toninho e o Limb queriam uma banda no estilo do *Theatre of Fate* para lançar no Japão. Isso deu uma certa briga entre a gente. De repente o Andre monta o ANGRA com o nosso próprio empresário. Eles montaram meio que nas nossas costas. A gente não sabia. Usaram a mesma gravadora. Iam disputar o mercado com a gente. Criou uma situação chata".

Embora tenha começado efetivamente em outubro de 1991, as conversas sobre o ANGRA começaram alguns meses antes entre os guitarristas Rafael Bittencourt e André Bastos (carinhosamente apelidado de "Biloide"), nos corredores da Faculdade Santa Marcelina. Andre Matos e Rafael já se conheciam de outros carnavais. Lembre-se que Rafael participou da gravação da demo de *Theatre of Fate*, fazendo alguns coros. Na gravação do *Theatre* como tal, Rafael emprestou uma de suas guitarras para os rapazes fazerem alguns registros. Além disso, Andre e Rafael haviam gravado juntos os backing vocals da demo de 1992 da banda SKYSCRAPER, *Captain Frog*. Andre Matos e Rafael Bittencourt estudavam na mesma faculdade e, embora fizessem cursos diferentes e Andre tenha começado a graduação um ano antes de Rafael, ambos cursaram algumas disciplinas juntas, como Coral.

Com amigos em comum, os dois inevitavelmente foram se aproximando aos poucos ao longo do segundo semestre de 1990 e primeiro semestre de 1991, descobrindo afinidades e gostos parecidos. Uma dessas afinidades era o QUEENSRŸCHE, que assistiram juntos ao vivo no Rock in Rio 1991. "Fui com uma

galera e o Andre também estava lá, com a galera dele. Acabamos assistindo ao show do QUEENSRŸCHE juntos. Éramos muito fãs deles, os dois. E aí começamos a nos aproximar mais", lembra Rafael.

Rafael estava com planos de montar uma banda que misturasse o progressivo do QUEENSRŸCHE, música erudita e ritmos brasileiros. "A gente falava sobre misturar um monte de música com metal. Queríamos ser um 'Peter Gabriel metal'. Essa era nossa maior referência", conta Marco Antunes, o primeiro baterista do grupo.[56] Algumas músicas já estavam prontas antes de Andre se juntar a essa nova banda, como "Reaching Horizons" e "Queen of the Night", que originalmente tinha uma letra em português e se chamava "Rainha".

Nem nos seus maiores sonhos, Rafael imaginava que Andre – o cara mais famoso da faculdade que, para se dedicar aos estudos de música clássica, havia deixado para trás uma banda consolidada que estava bombando no Japão – poderia ser uma pessoa interessada em entrar para sua nova banda. "Quando eu conheci o Andre ele já tinha saído do VIPER. Ele tinha decidido se tornar pianista, um concertista clássico".

Então, claro, ele ficou bastante empolgado quando Andre o abordou, interessado em participar dessa nova banda que estava sendo montada. Rafael conta: "A conversa aconteceu no corredor da faculdade, no segundo andar, se não me engano. Não foi no térreo. A faculdade tinha três andares e uma espécie de marquise, um vão no meio. A gente ficava apoiado naquela marquise olhando o vão, vendo as meninas passando e conversando. Nesse dia eu estava conversando com um dos meus amigos, o André Bastos, e o Andre se

aproximou. Ele já fazia parte da turma e disse: ‘Fiquei sabendo que vocês estão montando uma banda. Estão precisando de um tecladista?’. Eu respondi que se ele fosse entrar, ele ia ser o vocalista. A princípio eu ia ser o vocalista da banda, mas se o Andre fosse mesmo entrar, não tinha como eu concorrer com aquela voz”.

A outra pessoa que estava com Rafael na marquise, André Bastos, comenta também como foi a abordagem de Andre Matos: “Foi em setembro de 1991. O Andre viu a gente conversando, se aproximou e começamos a conversar. O Rafael explicou que a gente estava montando uma banda nova com a proposta de misturar Raul Seixas, Oswaldo Montenegro e HELLOWEEN. Daí ele disse que estava querendo voltar a tocar e pediu para tocar teclado com a gente, já que a ideia inicial era que o Rafael cantasse. Aí a gente riu! Andre Matos pedindo para tocar com a gente? Teclado? A gente falou: ‘Você pode até entrar, mas vai ser para cantar!’. E aí começou um relacionamento maior entre a gente. Antes éramos apenas colegas de faculdade que nos víamos de longe”.

Em entrevista concedida em 1998, Andre comenta sobre o começo do ANGRA: “Nós meio que nos conhecemos na cena musical em São Paulo. E foi uma grande emoção porque logo descobrimos que todos compartilhávamos o mesmo tipo de paixão pela música. Não apenas música pesada, mas por todos os tipos. Todos estavam interessados em aprender a se tornar melhores músicos, melhores compositores, e foi ótimo para mim porque finalmente tive a chance de trabalhar com pessoas na mesma sintonia”.[57]

Além do prestígio e da experiência de ter lançado dois álbuns oficiais (um deles sucesso no Japão), Andre trazia

àquela nova banda uma coisa inestimável, sem a qual o ANGRA não seria o que se tornou: contatos. Por trás daquela banda estavam o dono da principal publicação de heavy metal do Brasil, Toninho Pirani, e o empresário alemão Limb Schnoor, que tinha em suas mãos um OK da gravadora japonesa, JVC, para qualquer projeto que envolvesse Andre Matos e fosse na linha do *Theatre of Fate*.

André "Biloide" conta: "O Andre disse que o empresário do VIPER, que era dono da Rock Brigade, o Toninho, já tinha viabilizado o contrato com uma empresa alemã e também lançado o *Theatre of Fate* no Japão. Esse pessoal estaria interessado caso o Andre montasse uma banda nova, pois eles iriam empresariar. Então o Andre trouxe essa estrutura de contratos, e a gente, eu e o Rafael, conhecíamos pessoas para preencher a banda. Chamamos primeiro o Marco Antunes, para a bateria, e ele [Marco] nos indicou o Luis Mariutti para o baixo".

"O ANGRA foi uma colisão de projetos", lembra Rafael. "Eu tinha um projeto de uma banda de rock progressivo com música erudita e brasileira, e o Andre recebeu uma proposta da gravadora para voltar ao heavy metal. Meu projeto inicial com alguns amigos foi completamente mudado com a entrada do Andre e passou a ser uma coisa séria, com expectativa de lançamento, gente investindo, público-alvo, marketing, produtor, etc.".

Assim, juntando a fome com a vontade de comer, deu-se início, em outubro de 1991, a banda ANGRA. O nome, sugerido por Rafael, significa "deusa do fogo" na mitologia tupi-guarani. Os jovens gostaram também da semelhança do nome com "*angry*", vocábulo em inglês para "raivoso", "irado". A primeira formação contava com Andre Matos (voz),

Rafael Bittencourt e André Bastos (guitarras), Marco Antunes (bateria) e Luis Mariutti (baixo). O objetivo era claro: aproveitar a onda do power metal que estava bastante popular na Europa, no Japão e no Brasil, graças a nomes como Helloween e Gamma Ray, fazendo um som que mesclasse o metal progressivo, que vinha no Queensrÿche, com música clássica e elementos de música popular brasileira.

As reuniões iniciais aconteceram na casa de Rafael, após a faculdade. “O Rafael tinha um piano na casa dele. A gente levava os violões, o Luis o baixo, e a gente ia jogando ideias e colando pedaços”, lembra André Bastos. “Quando fomos entrar no estúdio pra valer, com a banda inteira, já tinha muita coisa adiantada. Os fãs adorariam poder ter acesso a isso. O Andre sentava no piano e falava: ‘Tive uma ideia. E se a gente abrisse o disco com a sinfonia inacabada de Schubert?’. E aí tocava a parte orquestral no piano e cantava a melodia”.

O estúdio era na casa do baterista Marco Antunes, que ficava no começo da Avenida dos Imigrantes, em São Paulo. “O Marco tinha uma sala de ensaio com uma bateria montada, equipamento de som”, lembra Rafael. “Então conseguimos um patrocínio da Meteoro para que nos fornecessem amplificadores. Começamos a ensaiar com horário todos os dias. Saíamos da faculdade e íamos para a sala de ensaio. Nas férias da faculdade, íamos ensaiar todos os dias, o dia inteiro”.

André Bastos lembra da rotina insana dos ensaios: “A gente ensaiava absolutamente todos os dias. Inclusive fim de semana. Tinha negociação se pelo menos um dia do final de semana teríamos livre pra gente. O Andre estava presente em todos os ensaios, berrando as notas lá em cima.

Marcávamos de começar às seis da manhã e íamos até as duas ou três da tarde. Às vezes íamos até as cinco. Era como um emprego. Todos os dias".

Nesses ensaios, algumas músicas já existentes foram refinadas, enquanto outras foram compostas, como "Time", "Evil Warning", "Carry On" e "Angels Cry". André Bastos recentemente liberou gravações bem primitivas de algumas dessas músicas feitas no final de 1991 com um *walkman*. Trata-se do registro de áudio mais primitivo do ANGRA, da época em que as músicas nem letras tinham e Andre cantava improvisações sem sentido em inglês.[58]

"A gente almoçava na casa do Marco", lembra Rafael. "O ANGRA deve muito à família do Marco, que nos acolheu tão bem. Era uma lua de mel. Estávamos fazendo o que mais gostávamos. Era um privilégio aquilo que estava acontecendo comigo, de ter encontrado um parceiro, um amigo, um cara com conexões profissionais pelo mundo. Nosso projeto ia andar. Não era apenas um sonho: era um sonho se realizando. O clima era de pura euforia".

Sendo a mente mais erudita dentre os cinco, Andre contribuiu bastante para aprimorar as ideias que já existiam antes de sua entrada, e ajudou em novas composições. "Andre sempre primou pela excelência e perfeccionismo. Ele tinha um ouvido perfeito. Qualquer nota que eu tocasse, ele sabia qual era e a qual era a relação dessa nota com a anterior, a posterior, e analisava se aquilo estava certo ou não. Se a gente fazia um riff, ele ficava conversando passo a passo sobre cada uma das notinhas que a gente estava colocando", recorda André Bastos que, depois dos primeiros ensaios, sentiu que não estava à altura daquele nível de perfeccionismo que o ANGRA exigia, e optou por deixar a

banda: “Eu já tinha decidido sair da faculdade de música quando o ANGRA começou. Eu era bom em muitas outras coisas, mas não em música. Quando começaram os ensaios do ANGRA, ficou claro que não dava pra continuar”.

Sem crise alguma, e de maneira amigável, Biloide deixou a banda. Ele inclusive esteve presente no primeiro ensaio do ANGRA com o novo guitarrista: André Hernandes, o Zaza. “Não conhecia ele até então. E assim que ele entrou, me chamaram para ver o ensaio com ele. O cara era um monstro e eu acabei virando aluno dele! Somos muito amigos até hoje”, lembra o guitarrista xará de Andre.

André Bastos nunca chegou a se apresentar com o ANGRA, mas pode se orgulhar de ter dividido o palco com Matos e Bittencourt uma vez, em um festival da faculdade no final de 1991. “No meu último dia na faculdade de música, fizemos um festival onde tocávamos coisas diferentes. Foi muito engraçado ver colegas da faculdade de música erudita tocando até Menudo! Bom... Nesse dia juntamos Rafael, Andre e eu, e tocamos uma música que tinha acabado de ser lançada e estava muito na moda: ‘More Than Words’, da banda EXTREME. Bom, era pra ser engraçado, porém ficou tão legal na voz desses dois grandes cantores (eu estava só tocando o violão) que o pessoal aplaudiu de pé no final. E assim foi a minha única experiência dividindo o palco com Andre Matos e Rafael Bittencourt”, lembra Biloide.

Conforme mencionado anteriormente, para o lugar de André Bastos, veio outro André, o Zaza. A passagem dele na banda foi bem curta, resumida a alguns poucos ensaios para afiar as músicas que estavam sendo preparadas para a primeira demo da banda. A ideia com essa demo era obter

um contrato de gravação com os japoneses, para então lançar um álbum pra valer, com a melhor estrutura possível.

“Realmente tive uma breve passagem nos primórdios do Angra”, conta Zaza em entrevista de 2013. “Na época esse nome nem estava oficializado! Eu já era amigo do Luis Mariutti e foi ele quem me convidou. Então eu conheci o Rafael, o Marco, que era o baterista nesta época, e o próprio Andre Matos, no primeiro ensaio. Na época trabalhamos em cinco músicas, quatro delas entraram no *Angels Cry*. Foi um período legal, tínhamos grandes expectativas, pois havia a perspectiva de oportunidades com relação a lançamento de CD, *tours*, etc. Então trabalhamos muito, os ensaios eram diários e acho que estávamos desenvolvendo um trabalho de qualidade. Mas aí as oportunidades não aconteceram exatamente como esperávamos. Somado a isso, existia o fato de que eu não estava muito empolgado em tocar heavy metal. Não naquela época. O motivo era que eu vinha estudando e desenvolvendo com muita empolgação a música instrumental. E como ainda não éramos grandes amigos, afinal estávamos nos conhecendo, foi difícil para eu dar sequência aos trabalhos com a mesma determinação que eles. Determinação essa que o trabalho exigia. Então acabei não me firmando como um membro da banda, não sabia se eu queria ser um membro da banda. Então inevitavelmente a coisa toda caminhou para uma separação. O legal é que não houve brigas, ninguém saiu prejudicado”.[59]

Depois dos dois Andrés, o terceiro guitarrista a ser testado ocuparia o posto definitivamente: Kiko Loureiro, que já havia tocado com Marco Antunes (baterista do Angra) na *boy band* Dominó. “Eu era amigo do Rafael porque já tínhamos tocado em uma banda anteriormente”, lembra Kiko. “O batera do

ANGRA era o Marco Antunes e nós tocávamos no DOMINÓ nessa época. Então eu era amigo do Marco Antunes e tinha tocado com o Rafael nessa banda anterior, eu tinha uns 17 anos. A banda não rolou, eu fui fazer o DOMINÓ com o Marco Antunes e ele me falou sobre o ANGRA, que tinha o Rafael. Quando o Rafa me chamou e eu fui à casa do Marco Antunes, aí eu assisti o ensaio do ANGRA com o André Hernandes tocando, e foi naquele dia que conheci o Andre Matos".

Kiko continua: "Depois que eu entrei para a banda, lembro bem do Andre Matos e o Rafa indo na minha casa em Perdizes. A gente no meu quarto, sentadinho na cama, e eles me mostrando a 'Carry On' e outras músicas que eles tinham criado. Algumas músicas do ANGRA eu já conhecia porque a gente já tocava naquela banda anterior. 'Reaching Horizons' e 'Queen of the Night' já existiam. A 'Carry On' o Andre mostrou, a gente anotou em uma folha. A gente teve algumas ideias na hora sobre a divisão rítmica, me lembro bem desse momento. Foi um contato com o Andre mais de trocar ideia, conversar. Depois, tiveram encontros na casa do Rafael Bittencourt no Morumbi sobre gravarmos uma demo".

Para ganhar experiência de palco e desenferrujar, a banda fez alguns shows ao longo do segundo semestre de 1992 como "Iron Maiden Cover" – sem, contudo, tocar as músicas novas. Rafael nos dá mais detalhes: "Para não ficarmos só enfiados no estúdio, começamos um 'Iron Maiden Cover'. Íamos tirar uma graninha, ganhar experiência de palco e entrosamento. Nós não queríamos lançar a banda sem ter experiência, nem entrosamento algum. Não foram muitos shows, mas foi divertido, muito marcante. Nos sentíamos na estrada em turnê! Algumas pessoas já sabiam que aquele

time era o ANGRA, a ‘nova banda do Andre Matos que ia ser lançada’, que estava armando um disco para ser lançado no Japão. As pessoas iam assistir a gente com essa curiosidade”.

“Tirando o Andre, com o VIPER, a gente tinha pouca experiência, era só barzinho. Então tivemos essa ideia de fazer o Iron Maiden Cover pra pegar experiência”, lembra Kiko Loureiro. “Não lembro quem teve a ideia, mas foi um consenso. A gente queria guardar segredo que íamos gravar o CD, não queríamos ficar mostrando as músicas. Era uma outra época. Era uma época que quanto mais segredo você guardasse, melhor, pois você mostrava depois o negócio pronto. Hoje em dia você fica no *stories* do Instagram mostrando o processo todo, o dia a dia. Na época, a mentalidade era outra. A gente nem queria falar que a banda existia. Reclamávamos com o Marco Antunes porque ele ficava falando sobre a banda nos barzinhos. Queríamos fazer algo em segredo e aparecer já com tudo montado”.

Rafael recorda de uma situação divertida que aconteceu em um desses shows do ANGRA como “Iron Maiden Cover”: “Teve um perrengue que foi lendário! Havia um festival na cidade de Socorro que se chamava ‘Rock in Help’... Ao invés de ‘Rock in Rio’ era ‘Rock em Socorro’! O cara fez um festival gigantesco, chamou um monte de banda, mas não deu público. Não foi ninguém! O número de barracas de cachorro-quente era maior que o número de pagantes! Foi um fracasso. Chegamos lá, tocamos, foi divertido! Era o clima rock ‘n’ roll, todo mundo jovem. Só que o responsável pelo evento, que havia tomado um belo de um prejuízo, sumiu e não pagou o transporte. O cara da van foi embora e nós ficamos lá, jogados, sem ninguém que nos levasse de

volta pra São Paulo! O Ultraje a Rigor também tinha tocado e tinham o próprio ônibus. Nós imploramos muito e eles deram uma carona pra gente voltar, mas não tinha espaço. O ônibus deles estava cheio de equipamento. Um ou outro de nós conseguiu se acomodar nos banquinhos. Eu e alguns outros fomos deitados no corredor do ônibus! Isso foi antes de lançar a demo, porque depois que lançamos passamos a fazer show como Angra mesmo".

Em julho de 1992, o Angra gravou sua primeira demo, *Reaching Horizons*, no estúdio Guidon – o mesmo onde o Viper, cinco anos antes, havia gravado seu primeiro disco, *Soldiers of Sunrise*. "Fizemos a demo aqui no Brasil com um produtor chamado Fernando Costa", lembra Rafael. "Foi muito legal. Uma experiência muito boa. O resultado ficou muito bonito e até hoje as pessoas ouvem e gostam. O nosso começo está bem registrado ali na demo. Tudo o que nós trabalhamos em todos aqueles meses de preparação".

Reaching Horizons trazia seis músicas: "Evil Warning", "Time", "Reaching Horizons", "Carry On", "Queen of The Night" e "Angels Cry". Além de enviar algumas cópias para o escritório do Limb para tentar descolar um contrato de gravação, a banda produziu quinhentas cópias para tentar vender e recuperar a grana investida na gravação da demo. Uma segunda demo com duas músicas foi gravada em janeiro de 1993, dessa vez no estúdio Anonimato: "Don't Despair", jamais gravada oficialmente pelo Angra, mas reaproveitada por Andre Matos dezesseis anos depois em seu CD solo *Mentalize*, e "Wuthering Heights", um cover de Kate Bush, em uma versão mais metal do que a que vemos em *Angels Cry*.

Reaching Horizons ganhou uma nova edição em cassete em 1997, pelo selo LMP Records, do empresário da banda na Europa. Posteriormente, cópias piratas em CD foram prensadas trazendo as seis músicas originais da demo, uma versão de “Carry On” com vocais adicionais, e as músicas “Don’t Despair” e “Wuthering Heights”.

O ANGRA chegou a gravar outra demo, a pedido da gravadora japonesa, mas essa não vazou e ninguém fora do círculo da banda viu. “A gravadora do Japão pediu uma outra demo para que a gente provasse que tínhamos todas as músicas para o álbum. Aí nessa outra demo veio ‘Never Understand’, ‘Lasting Child’ e ‘Streets of Tomorrow’. Tudo isso estava nesta outra demo, que não teve uma produção muito boa. Era mais para mandar para a gravadora mesmo”, conta Kiko.

Fazendo agora uma breve pausa para falar da vida particular do cantor... Setembro de 1992 trouxe um presente magnífico para Andre, o que, por pouco, não acabou sendo um presente de aniversário. Em 15 de setembro de 1992, dia seguinte ao seu aniversário de 21 anos, ele ganhou uma irmã, Helena, filha do segundo casamento do pai, Pedro Henrique. “Cresci ouvindo a história de que no dia 14 de setembro meus pais estavam celebrando o aniversário do Andre na expectativa que a bolsa rompesse”, conta Helena. “A bolsa não rompeu e o relato é que o Andre ficou triste, porque queria que eu nascesse no dia do aniversário dele. A bolsa rompeu só às 7h da manhã do dia 15, eu nasci um dia depois do Andre”.

Conciliando as pesadas agendas da nova banda e da faculdade, pouco tempo sobrava para Andre paparicar a irmãzinha, mas ele fazia o máximo para estar presente.

“Meus pais contavam que, quando eu era pequena, a única pessoa que me pegava no colo e conseguia acalmar meu choro era o Andre. Ele tinha essa capacidade de gerenciar o choro... Não sei se era intuitivo, mas sempre me contaram que o colo do Andre era meu colo preferido!”, conta a irmã.

Voltando ao ANGRA... Com *Reaching Horizons* e as outras demos, a banda conseguiu o tão almejado contrato com a gravadora japonesa JVC para um álbum de estreia. Além desse, a nova banda conseguiu um contrato com a gravadora alemã “Rising Sun”, garantindo que esse primeiro disco saísse também no exigente mercado europeu. O ANGRA viajaria em junho de 1993 para a Alemanha, para gravar nos estúdios de Kai Hansen, do GAMMA RAY, ex- HELLOWEEN.

Antes dessa viagem – da maravilhosa história de uma banda de garotos brasileiros de vinte e poucos anos gravando um CD de heavy metal na Alemanha, que contaremos detalhadamente no próximo capítulo –, a banda tinha um teste de fogo a fazer: o primeiro show do ANGRA, como ANGRA. Depois de mais ou menos um ano e meio de ensaios, troca de integrantes, mudanças de conceitos, shows como banda cover e uma demo gravada, chegava a hora de Andre Matos e companhia encararem a plateia de uma casa de shows.

O show aconteceu no bar Black Jack, no dia 17 de abril de 1993. A casa, com capacidade para 500 pessoas, ficou abarrotada de curiosos querendo conferir a nova banda do ex-VIPER, que havia conseguido um contrato com uma gravadora japonesa. De acordo com informações da revista *Rock Brigade*, na edição publicada no mês seguinte ao show, 570 pessoas pagaram ingresso para entrar e cerca de 120 ficaram de fora, sem conseguirem ingresso.[60] A abertura ficou por conta do WARDEATH, primeira banda de Hugo Mariutti,

que viria a ser o fiel escudeiro de Andre Matos em todos os seus projetos posteriores ao ano 2001.

Sobre o show no Black Jack, Rafael comenta: “Era um bar tradicional aqui de São Paulo. Eu já havia tocado lá muitas vezes. Era um point, um dos poucos lugares que tinha show de banda autoral. Era comum você ir lá assistir as bandas autorais, uma cena underground. Era bem legal! Pequenininho, mas era meu clubinho! O ANGRA estreou lá e foi uma grande emoção. Alugamos um som para bombar o Black Jack e, para nossa surpresa, a fila dobrou a esquina. A essas alturas existia muita expectativa sobre o ANGRA. Um monte de gente não conseguiu entrar, pois o bar era pequeno. Muitos ficaram do lado de fora. Foi um frenesi, todos queriam saber do ANGRA. A demo começou a rolar, era uma fita K7, todo mundo copiava e essa demo começou a circular”.

Uma resenha da revista *Rock Brigade* do mês seguinte, escrita pelo saudoso Eduardo de Souza Bonadia, traz alguns detalhes sobre essa apresentação: “‘Excelente’ e ‘maravilhoso’ são alguns adjetivos que tenho para descrever o ANGRA, seus integrantes como músicos, suas excelentes composições e performance. Afora alguns pequenos desencontros (esse foi o primeiro show deles, e talvez por isso estivessem um pouco nervosos), o grupo foi soberbo; sua música soa melódica, complexa e ‘clássica’, mas sem perder sua energia e vitalidade. Andre Matos cantou como eu nunca havia ouvido antes, deu um show de interpretação e melodias! A banda, então, nem se fala, todos são excelentes músicos e uma total revelação ao vivo. Destaques? O duo dos ‘guitarmen’ Kiko/Rafael, que são ‘diabólicos’ em seus solos; o baixista Luís é um dos

melhores que já ouvi; e o ‘demolidor’ de bumbos Marco deu uma verdadeira aula. Surpresa mais que especial da noite foi a participação do mago Fabio Ribeiro nos teclados, que deu uma pequena aula do que ele sabe (quer uma aula desse grande músico? Ouça o seu LP solo, você vai babar) e em um dos mais mágicos momentos do show, uma versão mais pesada de ‘Moonlight’ (única do VIPER – ex-banda de Andre – em seu set). Fabio e Andre fizeram o trabalho de teclados juntos – maravilhoso! O set mesclou músicas da primeira demo (a excelente *Reaching Horizons*, da qual infelizmente somente a própria não foi tocada), algumas novas da ainda inédita demo, tão grandiosas como da primeira; além de uma excelente versão para ‘Wuthering Heights’, de Kate Bush. Você é daqueles que torce o nariz para essa última? Pois se essa música já era excelente no original, com o ANGRA ficou melódica, mas totalmente metal! Sem puxasaquismo; essa banda é muito boa para ficar confinada a um sucesso local, eles merecem muito, mas muito mais”.

O próximo passo seria grandioso e inédito para o ANGRA. A banda ficaria três meses na Alemanha para produzir e gravar um álbum de estúdio... O que você verá a seguir.

Capítulo 7

ANGELS CRY

Andre e seus amigos de ANGRA estavam bastante esperançosos com o futuro. Era junho de 1993 e estavam de malas prontas para a Alemanha. Partiriam para produzir e gravar um disco oficial nos estúdios de ninguém menos que Kai Hansen, do GAMMA RAY.

O caminho entre a demo de *Reaching Horizons* e a viagem para a gravação de *Angels Cry* foi longo: onze meses, para sermos mais precisos. Nesse período, além dos shows com o Iron Maiden Cover e de duas apresentações no Black Jack, a banda refinou as composições, seguindo orientações que vinham tanto do produtor alemão quanto da gravadora.

Para Andre, a viagem teria um ingrediente extra, pois estava há mais de um ano estudando alemão no Instituto Goethe, em São Paulo. Na música erudita, há muita literatura acadêmica em alemão, especialmente óperas. Então, concomitantemente aos estudos da faculdade, Andre – perfeccionista que era – estudava também a língua germânica. A viagem seria uma ótima oportunidade de imersão naquele difícil idioma.

“Ele aprendia idiomas com muita facilidade”, conta a mãe, Sônia. “O inglês ele aprendeu sozinho, quando viu que era necessário para a banda. Alemão era o mais difícil. Era uma língua muito difícil, mas era muito completa. O Andre falava que quem sabia alemão conseguia falar qualquer outra língua. O alemão ajudou ele a falar sueco, ele arranhava o dinamarquês (que era meio parecido), o holandês... Ele conseguia, nesses países todos, falar a língua das pessoas. Eu tinha muito orgulho, talvez mais do que da música, do fato de ele falar sete línguas, pois isso é uma coisa muito rara”.

Gravação na Alemanha

A banda viajou de classe executiva, tudo pago pela gravadora. Mas o luxo terminou por aí. Lá no velho continente, os cinco aventureiros brasileiros comeriam o pão que o diabo amassou enquanto produziam e gravavam *Angels Cry*, por três longos meses. “Gravamos em Hamburgo, num bairro triste e vazio, bem isolado. E o estúdio ficava dentro de um bunker, um abrigo de guerra todo pichado pelos punks”, lembra Rafael.

Em entrevista, Andre comenta sobre a atmosfera pesada do ambiente onde estavam enquanto trabalhavam em *Angels Cry*: “Costumo dizer que a gravação de *Angels Cry* foi que nem um exílio. Ficamos lá durante meses até o álbum tomar uma forma final. E foi meio assustador, também... Estávamos gravando o álbum no estúdio do Kai Hansen, em Hamburgo, no estúdio do GAMMA RAY. E o estúdio ficava dentro de um bunker da Segunda Guerra Mundial. Não havia janelas, não havia ar, não havia luz. Então era uma atmosfera muito estranha para este primeiro álbum”.[61]

No estúdio, o produtor não deu moleza alguma para os novatos. Rafael nos dá alguns detalhes: “O produtor foi muito exigente, foi um trauma para a banda. O clima era de tensão o tempo todo. Era minha primeira gravação profissional, direto no estúdio do Kai Hansen, com produtor gringo e o cara pronto para pegar no pé de todos. Eu procurava gravar as coisas, saía do tempo e ele falava: ‘Você não estudou isso com metrônomo?’, e eu respondia ‘Não, sou muito burro!’. Eu flutuava no tempo... Era um desastre”.

E quem acabou rodando com o exigente produtor, Charlie Bauerfeind, foi o baterista, Marco Antunes. “Ele reprovou o baterista. Mandou ele de volta pra casa”, conta Rafael. Andre deu mais detalhes em uma entrevista para *Metal Meltdown*: “O produtor veio até a gente e disse: ‘Olha, para o que eu quero neste álbum, o seu baterista infelizmente não vai dar conta. Então vocês têm duas opções: usamos uma bateria eletrônica ou contratamos alguém que conheço que possa fazer o serviço em uma semana’. Foi uma decisão difícil, porque nosso baterista era um bom amigo e um dos cofundadores da banda. Uma vez que estávamos lá e não havia como voltar atrás, tivemos que optar por uma dessas alternativas, e

Charlie disse: ‘Se não for assim, não colocarei meu nome nesta produção’. E esta foi nossa única alternativa. Foi difícil. Acho que para todos nós. Mas se não me engano, o amigo mais próximo do baterista na época era o guitarrista, Rafael, e coube mais a ele fazer a parte difícil. Fizemos tudo que estava a nosso alcance. Sabíamos que havia problemas mesmo antes de pegarmos o avião para a Alemanha, mas dissemos ao baterista: ‘Vamos lhe dar a chance. Faça o seu melhor e ficaremos do seu lado’. Mas quando houve o problema com o produtor, e era um produtor profissional, um dos melhores que havia na época, não havia o que fazer. E todos nós sofremos bastante com isso. Foi umas das primeiras lições feias e tristes que tivemos de aprender logo no começo”.[62]

Fora do estúdio, a banda também não tinha vida fácil. A vizinhança onde estavam hospedados não tinha opções de entretenimento para jovens no início de seus vinte anos; a grana era curta e, quando não estavam no estúdio, tinham que aguentar a chatice da dona da pensão onde estavam hospedados. Rafael conta: “Ficamos todos na pensão de uma senhora chamada Izacoviski. Ela era muito brava, e dava muita bronca. O Andre estava estudando alemão, então se metia a discutir com a Dona Izacoviski e ela não entendia direito! Ela reclamava que o chuveiro do banheiro ficava com muito cabelo no ralo. Um monte de cabeludo tomando banho... É claro que ia encher de cabelo e ela queria que a gente limpasse! Mas éramos uns moleques, ninguém limpava o ralo! Você chegava e o ralo já estava cheio de cabelo, eu não ia limpar o meu cabelo. Ia pegar o cabelo dos outros! Todo dia ela ficava berrando, o Andre estava ensaiando o teclado ou a voz, nem fazíamos muito barulho, mas ela não queria nenhum pio. Ela ficava dizendo: ‘Não tão alto, por favor!’. Era difícil, mas as horas mais engraçadas eram nessa pensão”.

Na mesma entrevista, Andre lembrou algumas histórias que aconteciam na pensão da Dona Izacoviski: “Eles nos colocaram em uma pensão velha e imunda, e era muito engraçado porque todo o mobiliário era dos anos 60 ou 70, ou algo assim. E a dona da pensão era uma velha senhora que havia sobrevivido à Segunda Guerra Mundial. Ela e o marido moravam lá também porque ele era ferido de guerra. E o engraçado é que a janela do quarto onde eu dormia dava para o quintal da casa, e era um lugar pequeno, um

quintal pequeno. Mas eles tinham algumas gaiolas e estavam criando alguns pombos, enormes, quase do tamanho de um gato. E então um dia (eu já sabia falar um pouco de alemão) eu cheguei ao marido dela, esse soldado ferido da Segunda Guerra Mundial, e perguntei: 'Mas por que vocês criam esses pombos aqui? Nunca vi pombos grandes como esses'. E ele respondeu: 'Gosto deles, e bem... De vez em quando a gente come um deles'. Quero dizer... Teve esse tipo de histórias e curiosidades em toda a produção".[63]

Em seu canal do YouTube, Kiko Loureiro contou que Andre passava dificuldades extras com a Dona Izacoviski, especialmente por seu hábito notívago, de trabalhar madrugada adentro e acordar tarde: "A gente chamava ela de 'alemoa', porque ela era gigante. Tinha um metro e noventa de altura, grande, com aqueles vestidos de flores, meio camponesa, forte pra caramba... E a tia Izacoviski não via que horas a gente voltava do estúdio, porque a gente chegava tarde da gravação, lá pelas 3h da manhã. O Andre sempre chegava muito tarde, e acordava tarde. Ficava até 3h, 4h da manhã e ia levantar lá pelas 11h. E a mulher ficava brava com ele, porque queria arrumar o quarto. Então ela entrava lá às 7h30 da manhã, dizendo que estava arrumando a casa dela e a gente tinha que levantar da cama. Como o Andre não acordava de jeito nenhum, ela jogava água na cara dele! Você acredita nisso? Isso é bullying! O dono do estabelecimento tratando o cliente dessa forma!".[64]

A comida também era regrada e sem muitas opções. "O café da manhã era sempre um ovinho! A gente foi pra lá e foi cara a gravação, passagem, pensão, estúdio, produtor, o Sascha, a comida... Na época era marco o dinheiro, mas era uma moeda forte em relação à nossa. Então o café era um ovinho com uma torrada e um vidrinho de manteiga com um café. Eu ficava com fome, ia passar o dia inteiro no estúdio com um ovinho e uma torrada e não tínhamos grana pra sair comendo fora. Era caro. Isso era desagradável", lembra Rafael.

"Não foi fácil fazer esse álbum", lembrou Andre. "Foi como um parto difícil, porque éramos muito inexperientes e muito jovens. E de repente estamos sendo levados de avião para a Alemanha, que naquela época era o centro dessa cena power metal, onde tudo

acontecia. Nos vimos trabalhando com alguns dos melhores produtores do mercado. Então, foi um tempo pesado para nós. Se teve algo que eu aprendi com isso, foi como ser profissional e como ser paciente, e como superar todas as dificuldades que passamos ao longo dos meses em que *Angels Cry* foi produzido”.[65]

Durante a produção do disco, Andre conheceu Sascha Paeth, que veio a ser um dos seus maiores parceiros de trabalho e amigo próximo ao longo dos anos. “*Angels Cry* não foi só o primeiro trabalho com ele”, conta Sascha. “Mas minha primeira grande produção de verdade, fora da minha própria banda. Foi meu início na cena. O Charlie me perguntou se eu não queria trabalhar com ele, produzindo o álbum de uma banda brasileira. Me encontrei com Andre pela primeira vez em Hamburgo, no estúdio do Kai Hansen. Então lá estavam esses caras do Brasil. Eu não sei, acho que foi algo mágico, desde o primeiro momento”.

“Me lembro do dia que o conheci no escritório de nosso empresário”, lembra Andre, na mesma entrevista. “Vieram Sascha e Charlie Bauerfeind, que era o principal produtor da época. Sascha era seu assistente, embora tenha feito bastante coisa no álbum, como sempre. E foi muito estranho, porque quando nos vimos já nos sentíamos como amigos desde sempre. Nossas carreiras e nossas vidas sempre combinavam de alguma forma, e fizemos muita coisa juntos. Então [*Angels Cry*] foi apenas a primeira vez, e eu me identifiquei completamente com esse cara... Ele foi meu melhor amigo durante a gravação de *Angels Cry* e todo o processo”.[66]

“Passei muito tempo com Andre trabalhando nos vocais tarde da noite”, lembra Sascha. “Eu geralmente trabalho muito a parte vocal, e essa foi a parte que mais me demandou trabalho no *Angels Cry*. Também trabalhei com ele nas linhas de teclado, o que foi grande parte do meu trabalho. Compus as partes orquestrais do disco com ele. Eu trabalhei muito nas gravações de voz, alguma coisa de guitarra, bateria. Mas o foco do meu trabalho era o vocal e o teclado. O Charlie fazia umas coisas, eu fazia outras. Ficávamos a noite toda gravando e essa era a maneira como dividíamos o trabalho. O Charlie trabalhava mais durante o dia e eu durante a noite. O Andre era um coruja, então passávamos noites no estúdio e

depois do trabalho nos sentávamos para conversar, umas 7h da manhã. Falávamos bastante dos nossos sonhos".

Andre assina a composição integral de três músicas em *Angels Cry*: "Streets of Tomorrow", "Lasting Child" e "Carry On", música mais celebrada e pedida pelos fãs durante toda a sua carreira. Em suas bandas futuras, após sua saída do Angra, não houve show em que Andre Matos não tenha sido intimado a cantar "Carry On" – e uma maneira de deixar a plateia insatisfeita com o show era não tocá-la. "Toca Carry On" se tornou o "Toca Raul" no heavy metal brasileiro. Havia até uma comunidade no Orkut com esse nome. No entanto, a favorita de Andre no disco era a incomum e repleta de influências brasileiras "Never Understand", composição dele em parceria com Rafael Bittencourt.

"Gravada pelo alemão Alex Holzwarth, do grupo Sieges Even, o Angra teve algum trabalho para explicar nosso ritmo nordestino ao gringo. Andre confessa que a banda teve até que dançar um baião no estúdio para que Alex 'pegasse o molejo'. O vocalista só se recusa a confessar qual dos músicos botou as mãos na cintura e bateu o pé no chão em pleno solo alemão", diz uma reportagem da *Rock Brigade* em 1994.[67]

"Lembro deles dançando no estúdio pra mostrar como era a dança brasileira... Eu esqueci o nome agora, mas começava com a letra B. Eu lembro deles balançando os quadris, tenho essas memórias na minha mente", conta Sascha Paeth. Calcada no baião e com uma citação/adaptação da introdução de "Asa Branca", de Luiz Gonzaga, "Never Understand" (1993) é uma pedra no sapato daqueles que atribuem ao Sepultura o pioneirismo de se fazer metal com influência de estilos populares e regionais brasileiros em *Roots* (1996). Longe de desmerecer a importância e pioneirismo de *Roots*, a verdade é que o Angra já havia começado isso três anos antes.

A faixa-título do álbum foi outra composta pela dupla Andre/Rafael. "Sempre tive um interesse por teologia e angelologia, a hierarquia dos anjos e temas religiosos", comenta Rafael Bittencourt. "Quando comecei a banda, eu já tinha umas ideias de trabalhar com a questão dos anjos. Mas eu não queria que o Angra fosse uma banda como as europeias, que falavam coisas muito fantasiosas. Apesar

de ‘anjos’ ser um tema aparentemente fantasioso, eu queria falar da realidade. Uma banda vinda do Brasil recém-saído da ditadura, várias crises econômicas, dificuldades... Eu achava que os temas muito fantásticos não cabiam. Tínhamos que falar de coisas mais reais. Então eu propus esse tema dos anjos como uma metáfora da realidade das crianças: o pranto das crianças de rua brasileiras”. Em entrevista de 1994, Andre comentou algo mais ou menos na mesma linha: “Preferimos deixar a interpretação de cada letra por conta do ouvinte. Mas esse tema, em especial, fala da nossa realidade. O choro dos anjos pode muito bem ser o choro de uma criança que passa fome no Brasil. Eu poderia dizer que é a única letra do ANGRA que tem um certo engajamento”.[68]

Embora a dupla Andre/Rafael tenha composto tantas músicas junto, os dois pouco conversavam entre si. Quem conta é Kiko Loureiro: “Acho que muita gente não sabe, mas o Andre e o Rafael não se falavam, já naquela época das gravações de *Angels Cry*. Era um negócio estranho, mas a gente até se acostumou com aquilo. Apesar de terem feito muitas músicas juntos, havia uma barreira muito grande entre os dois”.

Além das citadas acima, outras duas faixas do disco são de autoria da dupla Andre/Rafael: “Time” e “Evil Warning”, o que torna Andre Matos o principal compositor em *Angels Cry*. Das dez faixas do álbum, Andre participa da composição de sete. Oito, se considerarmos a faixa de introdução, de Schubert, sugerida por Andre como prelúdio para “Carry On”.

E por falar em música clássica, *Angels Cry* é um tributo vibrante a grandes compositores eruditos do passado. Além da já citada sinfonia inacabada de Schubert, que abre o disco como “Unfinished Allegro”, aparecem, em breves citações musicais em algumas faixas do álbum: Vivaldi (com “Inverno”), Paganini (com “Caprice nº 24”), Félix Mendelssohn (com “Variations sérieuses, op. 54”) e Mozart (com um trecho da “Rondo Alla Turca”).

Iron Maiden?

Concluídas as gravações na Alemanha, e enquanto aguardavam para receber a master finalizada com o resultado final, foi hora de o IRON MAIDEN tomar um pouco da atenção de Andre. No final de agosto

de 1993, Bruce Dickinson fez seu último show com o Maiden e saiu da banda, que anunciou a intenção de fazer uma seleção de músicos de todo o mundo para o posto. Reza a lenda que Andre foi um dos nomes cogitados pela Sanctuary, que nunca fez nenhum comunicado público sobre os nomes que estavam sendo considerados. Dentre os nomes mais cotados pela imprensa especializada da época, principalmente na Europa, estavam Michael Kiske (Helloween), Joey Belladonna (Anthrax), Steve Grimmett (ex-Grim Reaper) e John Deverill (Tygers of Pan Tang).

Andre comentou o assunto em algumas oportunidades, destacando que ele próprio não conversou com ninguém do Iron Maiden a respeito disso na época. As conversas aconteceram entre gravadoras e escritórios de empresariamento artístico.

“O pessoal da Sanctuary procurou a EMI no Brasil e a EMI procurou a Rock Brigade na época para obter algum material meu e foi mandado alguma coisa. O Angra inclusive não tinha nem o primeiro disco ainda. A gente mandou os discos do Viper e a demo do Angra. E pelo que eu saiba eles ouviram, escolheram a dedo os caras e tal e a resposta que eu obtive foi que fiquei em quarto lugar. Bem, se eu tivesse sido aprovado eu ficaria apavorado, seria muito difícil recusar uma oportunidade dessas. Eu nem saberia o que fazer pois eu estava começando com o Angra e seria um grande dilema, mas eu ia tentar, seria uma coisa irrecusável, mas eu ficaria apavorado”.[69]

Devemos ser realistas de que as chances de um vocalista brasileiro em começo de carreira, ainda sem muita coisa para mostrar, ser escolhido para substituir Bruce Dickinson no Iron Maiden eram muito pequenas. Em recente entrevista concedida ao baterista Aquiles Priester, Nicko McBrain disse que a banda tinha uma predisposição por um vocalista britânico, e que, mesmo um vocalista já experiente e de língua inglesa, como Geoff Tate (Queensrÿche), foi descartado precisamente por não ser britânico.[70]

O próprio Andre disse reiteradas vezes em várias entrevistas que nunca levou essa possibilidade muito a sério. Teria aceitado, claro, mas sua mente, alma e foco estavam no Angra e no disco que haviam acabado de gravar na Alemanha. Talvez o mais legal de toda essa história de “concurso para o novo vocalista do Iron Maiden” tenha sido o

gentil reconhecimento, por parte de Blaze Bayley (o escolhido para substituir Bruce), de que Andre teria feito um trabalho melhor que o dele.[71]

E no mesmo mês em que Blaze Bayley era anunciado como novo vocalista do Iron Maiden, o Angra lançava seu primeiro disco oficial: *Angels Cry*.

Sucesso de vendas

A capa do disco ficou a cargo novamente de Alberto Torquato, que havia pintado os trabalhos anteriores de Andre no Viper. “A gente tinha uma série de possíveis títulos para o álbum, mas a ‘Angels Cry’ era o que mais representava”, lembra Rafael. “Propus que o conceito do disco fosse uma estátua de um anjo, para chocar. Ao invés de botar um demônio e raios como o *The Number of The Beast*, que era um disco que eu amava, queríamos fazer algo diferente, chamar atenção. Então, ao invés de ser um monstro em movimento, tivemos um anjo em uma estátua – o oposto do que era tradicional nas capas de metal da época. Era estático e angelical para fazer um som que era o metal. Essa era a ideia. Com essa ideia, o Andre foi no cemitério e começou a ver que anjo poderia ser. Ele tirou a foto do anjo lá no cemitério para referência”.

“O anjo foi o primeiro elemento da composição”, comenta Alberto Torquato. “O Andre trouxe algumas fotos de anjos em p&b que ele havia feito num cemitério de São Paulo e falou pra eu usar como ideia pra compor a ilustração. Conversamos um pouco sobre o tema ‘Angels Cry’, escolhemos uma foto, fiz alguns rascunhos sugerindo o campo de trigo como segundo plano, uma grande perspectiva, montanhas ao fundo e um céu avermelhado bem carregado. Apresentamos para os demais integrantes, fiz os ajustes conforme eles haviam sugerido, daí fui para a ilustração final. O Andre não queria um conceito cadavérico como é comum nas capas de metal, então, conversamos sobre a letra da música que me inspirou na composição da arte. O anjo estático (morte, miséria, descaso) simbolizando os desencarnados, o ramo de rosas vivo simbolizando a esperança dos que semeiam. O campo de trigo significando a produção de alimentos. O céu avermelhado do sangue dos que morrem de fome”.

Enquanto se preparava para lançar o álbum, o ANGRA tratou também de conseguir um novo baterista, já que Marco Antunes havia sido desligado da banda de maneira um tanto indigesta, no meio das gravações do disco. O escolhido foi Ricardo Confessori, que, mesmo tendo passado por uma banda grande como o KORZUS, teve dificuldade para dominar o repertório: mais precisamente, a banda precisou de cinco meses de intensos ensaios para afiar todas as composições com o novo baterista.[72]

“Conheci o Andre na reunião que definiram minha entrada na banda”, lembra Confessori. “O ANGRA já existia, estavam finalizando o *Angels Cry* na Alemanha e eu estava em contato já com o Kiko e o Luis. Já nos conhecíamos porque tocávamos com o Supla juntos antes. Eu conheci o Andre na casa do Toninho, o empresário da época. O Andre tinha acabado de chegar da Alemanha. Chegou de manhã e a reunião era de tarde. Era urgente, eles estavam acabando o CD e precisavam de um baterista para colocar na capa. Lembro que o Andre estava com uma roupa meio ridícula. Ele sempre se vestia meio mal quando estava fora dos holofotes. Ele estava com uma calça de flanela grunge larga, uma sandália franciscana alemã com meias e uma camisa ridícula! Fora os óculos fundo de garrafa! Eu só o conhecia das fotos dos shows do VIPER, não conhecia pessoalmente. Aí, quando eu o encontrei, pensei: ‘Então esse que é o Andre Matos? Cacete! HAHAHA!’. Quando ele entra no palco, é uma transformação mesmo”.

Angels Cry foi lançado em 03 de novembro de 1993 e o sucesso foi absoluto. No Japão, a banda ficou em 3º lugar na semana de lançamento e desbancou nomes gigantes da cena musical mundial, ficando atrás apenas de Mariah Carey e Boyz II Men. Ao todo, *Angels Cry* recebeu dois certificados de ouro no país do sol nascente, atingindo a marca de 200 mil cópias vendidas. Na Europa, o álbum foi lançado pela Polydor/Dream Circle Records (Alemanha), pela CNR Music (França) e pela Lucretia Records (Itália), também com boa vendagem e ótima aceitação.

Uma das pessoas que compraram *Angels Cry* durante o lançamento foi o adolescente Tobias Sammet, futuro parceiro de Andre em alguns projetos: “Devo ter sido uma das primeiras pessoas na

Europa que compraram o álbum *Angels Cry* em 1993. Poucas bandas tocavam metal no estilo HELLOWEEN tradicional com elementos neoclássicos. E eu lembro que fiquei impressionado com a qualidade excepcional do vocalista e daquela música. Como cantor, amei aqueles vocais ao mesmo tempo tão poderosos, emocionantes e tecnicamente exigentes. Músicas como 'Carry On' ou 'Lasting Child' simplesmente me surpreenderam e foi uma grande honra quando, seis anos depois, minha banda EDGUY foi convidada para abrir para o ANGRA na França, onde eles haviam se tornado uma banda realmente grande".

Aqui no Brasil, as 3 mil cópias da primeira tiragem de *Angels Cry* (lançado pela gravadora Eldorado) se esgotaram em apenas uma semana. A quarta edição do *Angra News* – um zine impresso que era distribuído aos integrantes do fã-clube do ANGRA – noticiou que, até setembro de 1995, mais de 40 mil cópias de *Angels Cry* haviam sido vendidas no Brasil, tornando-se o best-seller da gravadora Eldorado.

Caindo na estrada

Para divulgar o disco, o ANGRA caiu na estrada e fez tantos shows quanto pôde. Foram várias apresentações em São Paulo (capital e interior), algumas no Rio de Janeiro e Curitiba, uma em Fortaleza e um par de shows em Pouso Alegre, interior de Minas Gerais. A apresentação da banda na casa de shows Aeroanta, em São Paulo, em junho, teve a surpreendente lotação de 1.400 pessoas.

"Foi muito perrengue nessa turnê, as condições e lugares não eram muito bons", lembra Confessori. "Não existia equipe técnica, eram uns caras conhecidos que vinham ajudar, trabalhar de roadie... O único profissional mesmo era o engenheiro de som. O cara da luz fazia um monte de coisa além da luz. A gente quebrou muitas barreiras, mas foi muito engraçado. Era sempre muita zoeira, o clima era de euforia. De vez em quando até falávamos entre a gente: 'Precisamos ser profissionais, não vamos beber antes de tocar'. Estava começando essa mentalidade ainda. Nós éramos mais zoeiros mesmo, apesar de ensaiarmos bastante. Não tínhamos condições técnicas de fazer as coisas direito no palco. Era tudo caixa estourada, monitor não funcionava, o PA parava".

“Os primeiros shows do Angra aconteceram em lugares muito inusitados”, lembra Cláudio Vicentin, roadie da banda naqueles dias. “Naquela época a gente ia fazer shows em danceterias. Era muito engraçado montar um show de metal em um lugar cheio de luz girando e comendo solto ‘Carry On’. Nós íamos pra Jacareí, por exemplo, e era o evento do mês para o pessoal da cidade. A montagem de palco era muito precária, amplificadores explodiam, a parte elétrica era totalmente inadequada, sempre existia um problema. A maneira como o Ricardo montava a bateria era difícil, os pratos voavam. Mas no final sempre dava certo e os shows acabavam acontecendo. O Andre era sempre a maior estrela do esquema, muito solicitado pelos fãs”.

O Angra também fez algumas aparições na TV, incluindo a espetacular, inesquecível e totalmente atrapalhada apresentação no programa *Boa Tarde*, da Rede Mulher, com Kiko Loureiro no baixo, Luis Mariutti na guitarra, Rafael Bittencourt no violão, e a banda dublando músicas sem baterista – exceto pelo momento em que Andre se senta no chão e começa a dublar a bateria da música, com direito a pedal duplo e baquetas imaginárias![73]

A apresentação mais importante do ano de 1994, no entanto, foi a abertura do festival Monsters of Rock, que contou com quatro grandes bandas internacionais (Kiss, Slayer, Black Sabbath, Suicidal Tendencies) e quatro bandas nacionais (Dr. Sin, Raimundos, Viper e o Angra, que abriu o festival). O evento aconteceu em 27 de agosto e proporcionou ao Angra uma excelente exposição e visibilidade nos jornais de grande circulação em São Paulo naquela semana.

“Esse foi um momento muito marcante pra ele e pra nós que estávamos trabalhando com a banda”, rememora Cláudio Vicentin. “Você imagina poder estar no backstage de um evento daquele e acabar encontrando aqueles músicos que você nunca sonhou ver de perto! Isso era engraçado... Não era só para a gente, para a banda também era muito importante. Era um sonho tocar nesse primeiro grande evento do Angra. Ao mesmo tempo, muita tensão de tudo acontecer certo. Lembro da gente no camarim, e eles estavam tensos sobre qual seria a recepção, como iriam encarar esse estilo do Angra. O Andre sempre muito no canto dele, se concentrando,

todo mundo preocupado em dar o melhor. Quando acabou foi aquela festa no camarim. ‘Vamos tentar achar o Tom Araya!’”.

O primo de Andre, Eco Moliterno, lembra de uma história curiosa que aconteceu nesse dia: “Tem um prédio em frente ao prédio do meu avô, eu jogava bola lá com os amigos do colégio. Estava jogando com um amigo e o Andre desceu com umas caixas. A gente estava sem camisa... Ele assobiou e falou: ‘Primo, ajuda aqui’. Eu fui lá pra carregar as caixas e perguntei aonde ele estava indo. Ele disse que ia fazer a passagem de som do Monsters of Rock, no Pacaembu. Ele estava com a banda, acho que o Luis estava no carro. A gente, com a bola na mão, ajudou a carregar. Ele olhou pra gente e perguntou: ‘Querem continuar essa pelada no Pacaembu?’. A gente falou: ‘Como assim?’. O Pacaembu ficava a cinco minutos da nossa casa. Ele colocou a gente no porta-malas, entramos esse meu amigo e eu com a bola. Depois de um tempo, ele abriu o porta-malas e falou: ‘Só não faz merda!’. E a gente foi lá jogar bola no Pacaembu, que já estava sem as traves por causa do festival”.

“O Andre falou: ‘Qualquer coisa, eu não conheço vocês, hein!’. Deu cinco minutos e veio um segurança inglês falando que a gente não podia jogar bola lá! A gente estava jogando bola, fingindo que fazia gol, comemorando... O cara abriu a porta e tirou a gente, voltamos pra casa a pé, felizes da vida!”.

Quase sem tempo disponível para a passagem de som, o ANGRA fez um show com condições bastante precárias no dia, tirando leite de pedra para conseguir entregar um show decente. A apresentação, de apenas 25 minutos, teve o seguinte setlist: “Carry On”, “Streets of Tomorrow”, “Time”, “Angels Cry”, “Evil Warning” e um solo de bateria de Ricardo Confessori, enquanto o pessoal desmontava o palco.

“Foi uma catástrofe, mas o pessoal gostou!”, lembra Rafael Bittencourt. “Até hoje eu pergunto para pessoas que estiveram lá que falaram que o show foi bom e o som estava ótimo. Na minha cabeça foi uma catástrofe: minha guitarra parou de funcionar no meio do show, eu tive que ficar de quatro consertando os pedais no meio do palco. Eu não ouvia nada, era uma confusão, barulho... Mas sobrevivemos e demos o recado. Foi um grande momento, era a chegada de uma marca de festival gringo ao Brasil”.

“Foi tenso pra gente... Primeiro show grande do Angra. A gente mal tinha experiência de palco. Na hora que soltou a intro, a gente entrou no palco... Hoje em dia, assistindo pela internet, dá pra ver o quanto a banda era inexperiente. Mas foi tudo bem”, conta Luis Mariutti.[74]

Menos de dois meses depois, em uma entrevista de outubro de 1994, Andre Matos comentou suas impressões sobre a experiência de ter tocado naquele festival: “Começando pelo lado ruim. Num evento assim, claro, as bandas nacionais saem prejudicadas, principalmente a que abre – a cobaia. Não culpo ninguém. Estávamos preparados. Levamos nosso técnico para operar a mesa de som, mas ele não estava sozinho ali. A permissão para usar o equipamento que não nos pertence, mesa de som e periféricos, onde a coisa realmente acontece, é concessão que bandas de fora fazem às nacionais. Normalmente é assim. Valeu ter participado. Também não passamos o som direito. Faltou tempo. A galera agitou, apesar do que falaram os grandes jornais. Cantavam junto, batiam palmas. Nunca tinha tocado num festival. É uma emoção. Tinha muita gente. O mesmo palco dos monstros”.[75]

Evil Warning

O ano de 1994 traria ainda ao Angra o lançamento do EP *Evil Warning*. “Assim que lançamos o *Angels Cry*, a gravadora pediu que a gente entregasse materiais para outro disco, um EP”, lembra Rafael Bittencourt. “Era comum na época as bandas lançarem um EP com ‘sobras’ de músicas não utilizadas nos álbuns. Só que tínhamos investido todas as ideias no *Angels Cry*. Então o *Evil Warning* veio por isso: o *Angels Cry* fez tanto sucesso que as pessoas queriam saber mais da banda. Mas a banda só tinha um disco, então eles pegaram versões de mixagens diferentes e deram um tapa. Não tinha tanta novidade. Não teve uma gravação específica nova para esse EP. Tinha um final alternativo da ‘Carry On’... Os fãs malucos querem ter todas as versões, a gravadora entendeu essa psicologia e lançou para poder vender, basicamente. Esse foi o primeiro trabalho do Confessori na banda. A fotinha do olho, na verdade, é o olho dele”.

Evil Warning foi lançado no mercado japonês em setembro de 1994, com uma tiragem de 13 mil exemplares. Uma camiseta exclusiva e um adesivo faziam parte do lançamento, que trazia nada mais que quatro faixas do *Angels Cry* com pequenas edições em relação ao disco oficial. Todos os exemplares de *Evil Warning* foram vendidos e a gravadora lançou uma nova tiragem, em dezembro. O EP foi relançado na Itália no ano 2000, trazendo uma faixa bônus. Mas o mercado japonês queria mais. O Angra era um fenômeno e um segundo disco foi prontamente encomendado pela gravadora JVC.

O ano de 1994 terminou de maneira apoteótica para o Angra, que fez dois shows esgotados na casa de shows Aeroanta, em São Paulo, nos dias 09 e 10 de dezembro. Essas apresentações aconteceram juntamente com o anúncio pela imprensa do falecimento de Tom Jobim. Em homenagem, a banda tocou “Chega de Saudade”, em versão voz e violão, para 1.400 fãs em cada noite. Os shows contaram com a presença ilustre de representantes da gravadora alemã do grupo, que pegaram algumas boas horas de voo para conferir a tal banda brasileira que estava esgotando duas noites seguidas em uma casa de shows relativamente grande em sua cidade natal. O último show da banda em 1994 foi em Curitiba, no final de semana seguinte.

Angels Cry rendeu vários títulos importantes para o Angra. Na revista *Bizz*, a banda ganhou o prêmio de “Banda Revelação de 1994”, e Andre Matos o segundo lugar como “Melhor Vocalista”. Na *Rock Brigade*, por votação popular, faturaram os prêmios de “Melhor Disco”, “Melhor Vocalista”, “Melhor Capa”, “Melhor Tecladista”, e “Melhor Música”, com “Carry On”. Pelo *Jornal Fatos*, levaram o título de “Banda do Ano”. Fora do Brasil, *Angels Cry* recebeu excelentes notas nas revistas *Flash*, *Rock Hard*, *Metal Hammer* e *Metal Star*.

Andre terminava o ano sabendo que a nova banda havia vingado. Depois das trocas de guitarristas e bateristas, o Angra era uma realidade, com uma formação sólida, uma boa base de fãs, um álbum de estreia bastante elogiado e contratos para um segundo disco já assinados. Para 1995, o objetivo era superar o que haviam feito com *Angels Cry* e expandir os horizontes da banda fora do Brasil. A seguir, saberemos como se deu tudo isso.

Capítulo 8

HOLY LAND

“Ano novo, vida nova”, diz o ditado. E, em 1995, o Angra levou isso ao pé da letra. Passado o Réveillon, Andre Matos e companheiros de banda zarparam para um período de três meses de isolamento total do mundo, em um sítio na cidade de Tapiraí, interior de São Paulo. Imagina passar três meses isolado num sítio que não tinha TV, telefone, rádio, nada... Pois foi essa a estratégia do Angra para compor as músicas do segundo álbum: se isolarem em um sítio e trabalharem colaborativamente nas músicas, sem nenhuma distração.

Reclusão no sítio

“Ali era uma comunidade, quase que uma república, digamos”, comentou Andre em entrevista. “Escolhemos o sítio do Rafael porque a construção da casa permitia que colocássemos a bateria bem no meio dela e conseguisse montar uma espécie de um palco. Era bem interessante, pois as portas ficavam abertas e a gente tocava virado para a montanha”.[76]

“Não tínhamos música nenhuma composta quando entramos lá”, conta Rafael Bittencourt. “Não tinha televisão, telefone, fax. Ficamos realmente isolados de tudo, sem contato com o mundo externo, sem acesso às notícias. Foi uma época de amadurecimento. Eu já estava no quarto ano de faculdade. O Andre estava no pico de sua maturidade musical. Já tinha três álbuns de estúdio nas costas, estava estudando regência e composição. Ele estava pronto para voar. O Angra também. Éramos cinco caras que tocavam bem e tinham ideias boas. O Confessori estava cheio de ideias. O Luis era o John Myung brasileiro. O Kiko nem se fala! Sempre fora da curva,

um extraterrestre. E eu compunha bem. Tinha muitas ideias para letras, conceitos".

Kiko conta um pouco sobre como era a rotina de trabalhos no sítio em entrevista da época: "Lá cada um tinha oportunidade de tocar sozinho em seu quarto ou com um companheiro. Às vezes ficava o Rafael e eu nos violões. Às vezes ficava um guitarrista com o Ricardo na bateria, fazendo uns riffs, às vezes ficava o Andre em seu quarto, sozinho com o teclado. Tínhamos muitas opções lá. Depois juntávamos tudo e tentávamos encaixar na música. Todos traziam ideias para tentar formar ou juntar uma música".[77]

Andre, em entrevista ao jornalista Carlos Eduardo Oliveira, comentou: "Raramente vínhamos a São Paulo. Nos impusemos um ritmo de trabalho de várias horas por dia. Assim, pudemos organizar todas as ideias que tínhamos antes e somá-las às ideias que tivemos lá, com a participação de todos, o que deu à música uma maior personalidade a nível de banda".

"Fomos pra lá só nós cinco. E implantamos uma lei meio militar, tipo, visita de namorada e amigo só no fim de semana. Senão ia virar bagunça, colônia de férias", conta Kiko Loureiro.[78]

Para distrair e descansar a cabeça das longas horas de ensaio, os caras jogavam bola com os meninos do sítio ao final da tarde. "O Luis jogava bem e o Andre sempre foi o cara do gol", conta Kiko. "Lembro dele catando no gol lá no colégio Rio Branco também. Depois ele fez o Rock Gol e foi como goleiro também. Interessante isso, porque ele ia de goleiro sem óculos, e ele não enxergava nada. E era bom goleiro! Se jogava na bola. Não tinha medo!".

À noite, iam à cidade. "Tinha um clube muito bacana lá, o Clube Cachoeira, onde fizemos um show acústico", contou o Andre em entrevista à *Rock Brigade* na época. "E fomos vaiados", interrompeu Kiko. "As quinze pessoas que estavam lá não gostaram. Tinha um cara que berrava: 'Vocês não veem que vocês são muito ruins? Não tem ninguém dançando!".[79]

"A banda inteira participou, ou da composição ou dos arranjos", conta Andre em outra entrevista. "O CD tem mais a cara da banda por causa disso. Nos juntamos e fazíamos as músicas do nada. Eu diria que é um disco mais homogêneo".[80]

Kiko nos conta um pouco sobre como era a dinâmica de composição no sítio, especialmente em relação a Andre: “Não era muito colaborativo do jeito que as pessoas podem pensar, do tipo, sentar junto e compor junto. Com o Andre, eu fazia sozinho as ideias e mostrava para ele. Ele levava embora as ideias e voltava com outras. Ele era mais isolado. A ‘Silence And Distance’ foi assim. Ele viu o Ricardo e eu tocando o riff. Aí ele não falava nada, saía para o quarto e depois voltava dizendo que tinha uma música para o riff que a gente estava fazendo. No caso da ‘Streets of Tomorrow’ foi assim também”.

Holy Land

Durante as composições, a banda decidiu ousar. As influências de música brasileira, timidamente presentes em *Angels Cry* na faixa “Never Understand”, foram amplificadas a ponto de permearem praticamente todas as composições que a banda criou para o novo álbum. “A gente não tinha essa ideia quando começamos a compor”, contou Kiko em entrevista. “Não partimos de um conceito para então fazer as músicas. A gente simplesmente começou a compor e esse lado brasileiro foi surgindo naturalmente. Aí o Andre fez a música ‘Holy Land’ e a gente começou a trabalhar em torno dela”.[81]

“O conceito [do álbum] nasceu a partir da música ‘Holy Land’”, conta Andre em entrevista da época. “Eu compus essa música sozinho e a apresentei para a banda. Estávamos todos no mesmo clima, falando sobre coisas do Brasil, mistura de cultura, raça e religião, etc. Dessa música nasceu todo o conceito. O álbum é sobre o Brasil, sobre nossa pátria, não sobre o país em si, mas sobre a cultura e a mistura de raças na cultura”.[82]

“Ele fez essa música [Holy Land] em homenagem à cidade de Piedade”, conta Rafael Bittencourt. “O sítio em que estávamos era da minha família e ficava bem perto de Piedade, onde a família do Andre tem um sítio e para onde eles iam bastante quando o Andre era criança. É uma grande coincidência, na verdade. Se você for pensar, do tanto de regiões no interior de São Paulo, os sítios serem assim tão próximos. Ele compôs a música falando do Brasil, mas

aproveitando o gancho para falar da paixão dele por aquele lugar onde estávamos, lá perto de Piedade".

"O Andre gostava muito desse sítio", lembra a mãe, Sônia. "E não tem nada lá. É uma casa bem simples caindo aos pedaços, tudo muito rústico, mas o Andre adorava! Eles brincavam muito, plantavam. Tinha apenas uma casa de tijolinho, um lugar que ele gostava muito de visitar".

"Lembro-me do momento específico em que veio a melodia da música 'Holy Land' na minha cabeça: foi realmente no meio da floresta. Apareceu do nada e eu voltei rápido pro quarto pra colocar aquilo em fita. Lembro que o Rafael e eu começamos a desenvolver o que seria o conceito desse disco e chegamos à conclusão de que queríamos fazer uma coisa relativa à transição da natureza original para a nossa civilização", conta Andre.[83]

Ricardo Confessori nos conta alguns detalhes a mais sobre a dinâmica de composição de *Holy Land*: "O Rafa e o Andre não eram muito de sair tocando. Eles não eram de sair compondo no estúdio. O Andre era muito acadêmico: 'Vou pegar essa ideia, levar pro meu quarto, trabalhar nela e depois eu trago de volta'. Ele queria chegar com tudo pronto, bem maestro. O Rafael queria ser igual. Eu não sei quem queria ser igual a quem, pra falar a verdade. Ele também falava que ia pegar o material, trabalhar sozinho e voltar com ela mais pronta. Kiko, Luis e eu ficávamos fazendo riffs, ideias, a parte mais metal. Eles dois faziam mais as partes sinfônicas e refinadas".

O amplo conceito de uma música que misturasse o power metal europeu com estilos folclóricos brasileiros foi refinado na ideia do descobrimento do Brasil. "Para os japoneses e os europeus era difícil justificar como o brasileiro, da terra do samba, carnaval, Amazônia, jacaré, poderia fazer música erudita e power metal", conta Rafael. "Eles achavam uma aberração. Uma coisa artificial. No *Holy Land* explicamos que quem colonizou o Brasil foram os europeus. Então a música erudita também faz parte da nossa cultura. Ela se misturou com a cultura indígena, as diferentes crenças e sincretismos também, os afro-brasileiros".

"Terra Santa é meio que o conceito que tivemos para o novo álbum", disse Andre em entrevista. "Nesse novo álbum temos muitas

músicas orientadas para esse tipo de conceito. O álbum trata do descobrimento da América e o que aconteceu daquele tempo em diante, até os dias de hoje. Tem muito a ver com o som que a banda está trazendo dessa vez. É por isso que adicionamos bastante influências folclóricas desse tipo de música latina".[84]

Créditos de composição

Embora a composição do disco tenha sido muito mais colaborativa, e todos recebam créditos em ao menos uma música, Andre e Rafael novamente são os grandes compositores do disco. Andre assina sozinho a composição de quatro: "Silence and Distance", "Holy Land", "The Shaman" e "Deep Blue". Além disso, aparece como coautor das músicas "Nothing to Say", "Carolina IV", "Make Believe" e "Z.I.T.O.".

A questão da definição de quem levará os créditos de composição de uma música é extremamente importante quando uma banda está compondo um disco, pois definirá quem receberá os cheques de direitos autorais no futuro, quando as músicas forem executadas nas rádios, TVs ou em shows ao vivo. E o início de um desgaste da relação da banda se deu por discussões a respeito de distribuição de créditos e *royalties*, embora, na época, essas discussões não parecessem ter minado o espírito colaborativo entre os integrantes.

"O Andre era muito perfeccionista e até ríspido às vezes nessa questão de composição. Ele batia de frente quando já tinha uma ideia montada e alguém dava um pitaco diferente", conta Leck Filho, tecladista do Angra durante as turnês do *Angels Cry* e *Holy Land*. Rafael Bittencourt também fala um pouco desse lado protetor de Andre em relação às composições: "Nessa questão de distribuição de *royalties* e créditos ele era um cara muito duro e difícil de conversar. Teve músicas dele, creditadas a ele como compositor único, que dei bastante contribuição e não recebi os créditos. Mas quando ele participava de uma música minha, podia ser um peido... Ele brigava para ser creditado".

A questão de quem ia levar o crédito em composições escritas sempre foi um problema do Angra, já desde *Angels Cry*, e possivelmente era o motivo de Andre e Rafael pouco se falarem. "O Rafael participou da maioria das músicas do *Angels Cry* e o Andre

acabou aparecendo como compositor principal ou integral porque era o cara mais conhecido", conta Kiko. "O Japão estava interessado naquela nova banda do Andre Matos, porque a música 'Moonlight' do VIPER tinha estourado lá. Então as coisas eram puxadas mais para o lado do Andre. Eu compus o riff de 'Streets of Tomorrow' e algumas outras partes, por exemplo, mas a música foi creditada como composição integral do Andre. Eu não me incomodava porque sabia que aquilo era parte do jogo. Mas para o Rafael, que havia composto muito mais coisas, era uma situação meio chata".

"Não é que eles, Andre e Rafael, eram brigados", continua Kiko. "Eles simplesmente não se falavam. Não era treta, nem nada. Só não acontecia bate-papo. Os dois eram muito fechados um para o outro. Então o Andre falava comigo, e eu passava o recado pro Rafa. Ou o Rafa falava comigo, e eu falava com o Andre. Sempre tinha uma ponte. Mas teve uma vez no sítio... Tinha uns cavalos lá. Lembro de um dia em que os dois saíram andando a cavalo, só os dois. Eu pensei: 'Caramba! Estão passeando juntos e sozinhos! Eles vão ter que conversar!'".

O período de isolamento foi de quase três meses, do início de janeiro a meados de março, e rendeu bastante coisa. Além das dez faixas que entraram para o álbum, muita coisa acabou não sendo utilizada. De fato, algumas músicas foram, mas só muito tempo depois. As músicas "Live and Learn" e "Eyes of Christ", presentes na demo do disco *Holy Land*, foram ser gravadas e lançadas pelo ANGRA apenas em 2002, no EP *Hunters and Prey*, após a saída de Andre. As músicas "Santa Tereza" e "Nacib Veio", compostas por Rafael Bittencourt durante os meses no sítio, foram ser gravadas e lançadas de maneira oficial no CD solo do guitarrista em 2008. A faixa "Spell", presente na demo de *Holy Land*, jamais foi gravada oficialmente, e até hoje é desconhecida por grande parte dos fãs.

Partindo para a Europa

Terminado o período de composição, a banda fez duas apresentações em São Paulo, nos dias 24 e 25 de março de 1995, outro show em 13 de maio, em Santos, e partiu para a Europa, dois dias depois, no dia 15. Além da produção e gravação do disco,

novamente com a dupla Charlie Bauerfeind e Sascha Paeth, o Angra faria sua primeira turnê no velho continente. Assim, entre os dias 18 e 26 de maio, a banda fez uma série de shows passando por Alemanha, Holanda, França e Itália.

“Foram muito legais esses shows”, conta o tecladista da turnê, Leck Filho. “Realização de um sonho, esse sonho de banda. Um busão de dois andares, com cama, era fantástico! A turnê foi legal. Na Alemanha o público era mais frio. Foram uns pubs menores. Nada de megashows. Foram shows pequenos, mas honestos, com muito gás, com a galera cantando as músicas”.

Um desses shows acústicos, em uma loja FNAC, foi gravado e rendeu o lançamento futuro de um EP, *Live Acoustic at FNAC*. A gravação apareceu muitas vezes como CD bônus em alguns lançamentos, mas no Japão, especificamente, foi lançado exclusivamente como EP. Hoje em dia, trata-se de um item bastante apreciado entre os colecionadores do grupo.

A estratégia de aproveitar a viagem para fazer uma turnê, que parecia fazer sentido em termos de economia, deu errado. Andre perdeu a voz, gerando grande atraso e novos custos na produção e gravação de *Holy Land*. “Era verão na Europa e com muito pólen no ar, na Alemanha. Isso deu uma alergia feia no Andre, que teve um inchaço nas cordas vocais e não conseguia cantar. Isso atrasou tudo, porque tivemos que esperar ele se recuperar. Eu voltei para o Brasil, ele ficou por lá e algumas coisas a gente foi acertando pelo telefone”, conta Rafael Bittencourt.

Num workshop em 2013 na cidade de Campo Grande, Andre deu detalhes sobre o que aconteceu: “Eu não conseguia... Minha voz simplesmente não saía. Eu achei muito estranho aquilo, porque eu estava acostumado a que funcionasse. É como um atleta. De repente você está acostumado a chutar a bola e aí uma hora que você vai chutar e a perna não vai. E é exatamente o que aconteceu comigo. Eu tive uma fadiga nas cordas vocais de tanto forçar, de não ter o conhecimento necessário da anatomia, que poderia ter se tornado uma coisa muito pior se eu não tivesse tratado na época. Lembro que eu fui a médicos lá na Alemanha, não conseguimos resolver. Resumindo: resolvi voltar para o Brasil e aqui eles

resolveram meu problema. Constatou-se que eu estava com um hiato nas cordas vocais, que é quando o músculo afrouxa um pouco e você não consegue ter a tensão necessária para emitir o som ou para controlar o som, pelo menos; e aí eu tive que passar uns dois meses fazendo exercícios de fonoaudiologia".[85]

Rafael, em entrevista para a revista *Cover Guitarra* em 1996, comentou sobre o estresse logístico da gravação de *Holy Land*: "Quando eu fui gravar as guitarras, eu já estava lá há dois meses. Andre, quando foi gravar as vozes, já estava lá há três meses. Ele já estava pirado. Não dava mais pra conversar com ele. Ele queria ir embora. Tinha ficado lá três meses sozinho... Então o negócio foi mal planejado".

A logística foi tão complicada que a área de créditos do CD, que geralmente traz informações detalhadas sobre os meses e ano em que determinado disco foi gravado, traz apenas a informação "1995" ao apontar o período de gravação de *Holy Land*. Foram necessárias três viagens para a Alemanha até que o disco ficasse pronto. A última dessas viagens foi em janeiro de 1996, para a mixagem final do álbum.

Apesar dos contratempos logísticos, as gravações aconteceram com maior fluidez em relação a *Angels Cry*. "Houve uma evolução muito grande dos músicos", comenta Charlie Bauerfeind em entrevista à *Rock Brigade*. "Eu ainda não havia trabalhado com o Ricardo Confessori, mas as coisas funcionaram muito bem com ele. Quanto aos outros, foi a segunda vez que trabalhamos juntos e nosso relacionamento foi muito fácil. Eles estão mais maduros".[86]

"*Angels Cry* foi um sofrimento total. Dava vontade de largar tudo e ir embora", lembra Kiko. "Em *Holy Land* a gente já tinha um pouco mais de amizade com os caras, mas foi a mesma coisa. Tinha que fazer tudo direito. O Ricardo, superbatera, também apanhou pra ficar à altura da exigência do Charlie".[87] "Teve música que tive que tocar por mais de dois dias para o negócio dar certo", lembra Ricardo Confessori.[88]

Formatura

Antes que *Holy Land* fosse lançado, Andre concluiu sua graduação como bacharel em Regência Orquestral e Composição Musical, pela Faculdade de Artes Alcântara Machado. O trabalho de conclusão de curso foi reger uma orquestra. A mãe lembra desse momento, com bastante orgulho: “Ele regeu uma orquestra e foi muito legal! Ele estava vestindo uma casaca... Foi na escola Santa Marcelina e todos da família fomos assistir. Foi uma coisa muito bonita ele com aquela roupa de maestro. Lembro que foi muito gratificante ver aquilo. Não lembro qual foi a peça que ele regeu, mas foi muito especial ver aquilo, uma sensação plena de realização. Fomos a mãe do Eco, meus pais, o Daniel e eu. A família toda foi lá para assisti-lo”.

Lançamento do segundo álbum

Holy Land foi lançado em 26 de março de 1996 em múltiplos países: pela CNR/LPM na França, pela Lucretia Records na Itália, pela Rising Sun na Alemanha, pela JVC no Japão, pela NEMS na Argentina, pela Form Records em Singapura, pela Seoul Records na Coreia do Sul, pela Спюрк na Rússia, pela Century Media nos Estados Unidos e pela Eldorado no Brasil. Repleto de influências folclóricas brasileiras, algo totalmente sem precedentes na história do heavy metal, o álbum causou impacto e torceu o nariz de muita gente. Muitos fãs não digeriram o som e o álbum foi taxado por alguns de maneira jocosa de “Axé Metal”.

“Por se propor a mesclar ritmos, culturas e influências, *Holy Land* foi execrado pela imprensa e muitos fãs do Brasil”, lembra Andre. “Sofremos críticas violentas por termos arriscado fazer um disco daquele tipo. Mas aguentamos firme”.[89]

“O Sepultura colocava essas percussões, mas o som deles era muito pesado e visceral, então tirava um pouco aquilo que poderia dar margem para preconceito. Já no Angra, não. A banda já colocava corinho, textinho em português, guitarrinha meio agudinha, baiana... Aí teve muita gente que achou que aquilo não tinha nada a ver”, continua.[90]

O estranhamento, no entanto, foi breve e passageiro, e *Holy Land* se tornou possivelmente o álbum mais cultuado pelos fãs em toda a carreira de Andre Matos. O álbum não foi tão bem no Japão quanto

seu antecessor, mas vendeu o suficiente para obter disco de ouro naquele país (100 mil cópias). As vendas na Europa e especialmente no Brasil foram muito boas, aumentando a demanda e o interesse pelo ANGRA no velho continente.

O álbum abre com a introdução “Crossing”, um trecho de uma missa de Giovanni Pierluigi da Palestrina (1525-1594). Na demo de *Holy Land*, esse trecho aparecia originalmente no meio da música “Deep Blue”. No disco, o coral que cantou essa intro foi conduzido pela maestrina Naomi Munakata[91],professora de Andre e regente do Coral Jovem Paulistano, no qual Andre também cantava.

“Nothing to Say” apresenta ao ouvinte uma roupagem bastante abrasileirada do álbum, com batidas que ressoam com o baião em meio a riffs e solos matadores da dupla de guitarristas, Kiko e Rafael. “Silence and Distance” apresenta uma bela melodia progressiva, com uma letra que aborda a solidão de quem navega em águas desconhecidas.

“Carolina IV” apresenta batidas de dar orgulho ao Olodum, com uma magnífica citação de Hermeto Pascoal no meio da música. Essa música tem uma história curiosa e vale nos determos um pouco a ela para contar aos que não conhecem. Seu nome original era “River to the Sky” [Rio para o céu, em tradução livre]. A ideia do título, originalmente, era de uma pessoa que se afogava e afundava, e, enquanto isso acontecia, olhava para todo o azul acima de si, como um “rio para o céu”. “Carolina IV” era o nome de um ônibus que transportou a banda em uma tentativa fracassada de tirarem fotos promocionais no pico de uma montanha, no interior de São Paulo. A viagem poderia ter acabado em tragédia, por terem insistido em subir com aquele ônibus, já que os jipes não estavam disponíveis no dia. “Então eu escrevi a história, imaginando como se aquele ônibus fosse um barco, um navio... Pensando no seguinte: imagina os navios que saíram para descobrir as Américas e nunca voltaram”, contou Rafael, em um vídeo bastante legal com histórias dos bastidores de *Holy Land*.[92] “No começo os caras deram muita risada de ‘Carolina IV’”, comenta Ricardo. “Passado o preconceito, ficou uma coisa genial. Mas não foi assim, logo de cara. Muitos fãs estranharam”.[93]

“Holy Land” e “The Shaman” trazem ritmos e elementos indígenas, prestando tributo a esse importante aspecto da miscigenação de nossa nação. “The Shaman” faz citações de gravações originais de um pajé narrando nomes de plantas medicinais, de um álbum do historiador Marcus Pereira. “Ele fez uma coleção de gravações de sons típicos do Brasil inteiro, porque ele sentia que isso poderia morrer em breve. E ele acertou, porque hoje em dia é quase impossível recolher esse material que ele conseguiu. Infelizmente ele fez um mau negócio e acabou perdendo os direitos sobre esse trabalho. A frustração foi tão grande que ele acabou se suicidando. Ele é muito respeitado junto ao pessoal de música erudita”, conta Rafael.[94] Uma curiosidade a mais sobre “The Shaman” é que, durante os ensaios, ela tinha o esquisito nome de “Caetano”.

“Make Believe” apresenta uma belíssima contribuição entre Rafael e Andre, e se tornou a música de trabalho do álbum, ganhando um videoclipe propositalmente confuso e sem sentido algum, embora muito bonito e bem-produzido para a época. “Foi muito legal gravar esse clipe”, lembra Rafael. “A produtora de efeitos especiais, Vetor Zero, era ótima na época. Tinha os melhores equipamentos e computadores. Tem umas bailarinas que dançam. Elas estavam com uns leques de pena e os seios de fora, e elas dançavam sem mostrar. Daí a gente estava lá, e elas pediram que a gente saísse, porque é óbvio que a gente ia ficar olhando pros peitos delas. Mas elas não deixaram. Foi frustrante”.

A misteriosa “Z.I.T.O.” vem a seguir. Misteriosa, pois por muitos anos os integrantes da banda guardaram segredo sobre seu significado. Era curioso ver que, mesmo brigados, como realmente ficaram após o racha na banda, membros e ex-membros continuaram com a brincadeira de manter o segredo sobre que diabos significava essa música, sempre respondendo às dezenas de teorias mirabolantes sugeridas pelos fãs sobre seu significado com um sorrisinho no rosto. Só recentemente, em 2018, é que Rafael Bittencourt, principal compositor da música, revelou o segredo por trás do nome. O vídeo é bem longo e não vale a pena transcrever tudo aqui. Mas “Z.I.T.O.” se trata basicamente de um amigo “punheteiro” do Confessori, apelidado de Zito. A história foi contada durante um dos ensaios dessa música e virou uma piada interna dos caras. A frase “Like a teenager discovery/ What’s more delightful than this?” [Como uma descoberta adolescente/ O que pode ser mais prazeroso que isso?] na música não é por acaso.

“Deep Blue” e “Lullaby for Lucifer” encerram o disco de maneira calma e melancólica.

A capa e o encarte de *Holy Land* são uma obra de arte à parte. Novamente ficou a cargo de Alberto Torquato – que havia pintado os trabalhos anteriores de Andre no VIPER e o próprio *Angels Cry* do ANGRA – pintar o conceito elaborado por Rafael Bittencourt e Andre Matos. O encarte se abre como um antigo mapa, semelhante às antigas cartas náuticas da Idade Média. No mapa, podemos notar alguns peixes e criaturas marítimas estranhas em águas distantes, perto da Antártica, por exemplo. Nota-se no mapa a ausência da Oceania, que ainda não havia sido descoberta. "*Terra Australis Incognita*", como aparece no mapa, é o nome que se dava a um continente fictício que aparecia com frequência em mapas europeus entre os séculos XV e XVIII, antes que a Austrália fosse descoberta. Sobre a costa brasileira, uma rosa dos ventos, um dos principais instrumentos de geolocalização da época das navegações. Nos quatro cantos do mapa, os quatro titãs mitológicos que sopram os ventos sobre a terra: Bóreas, Noto, Euro e Zéfiro.

Na parte interna do encarte, um novo tributo à cultura portuguesa com o trecho de um poema de Fernando Pessoa: "Deus ao mar o perigo e o abismo deu, mas nele é que espelhou o céu".

Essa mistura de elementos mitológicos, históricos, folclóricos e religiosos fascinava Andre. "Ele não era muito religioso", comenta o irmão, Daniel. "Ele mesclava ceticismo com algumas crenças, energias e forças. Ele tinha um respeito pelas coisas ligadas ao espiritismo. Ele nunca foi praticante fervoroso de nenhuma religião, gostava do que cercava tudo isso. Ele entrava em uma igreja da mesma forma que entrava em um terreiro de umbanda, candomblé. Ele gostava do fascínio que tudo aquilo representava e estudava todas essas coisas. Essas coisas fascinavam ele, essas histórias sobre religião. Ele curtia coisas específicas de todas as religiões, mas nunca chegou a ser praticante de nenhuma. O catolicismo apostólico romano, que é nossa herança, não era das que mais o atraíam, mas outras vertentes, talvez o catolicismo menos conservador. Ele tinha respeito por todas. Ele nunca deixava de entrar numa igreja, sentir a energia do lugar. Fora o fascínio por acústica, cantar em uma igreja. Também era fascinado pelo ritmo do candomblé e umbanda".

Viagens promocionais e imprensa

Para divulgar o álbum, a banda organizou algumas viagens promocionais. Em março de 1996, Andre foi à Argentina visitar o escritório da NEMS, gravadora local, participar de entrevistas e aparecer em lojas para ações de divulgação. Em abril, Andre e Kiko fizeram viagens com o mesmo objetivo pela Europa e Japão. A sexta edição do *Angra News*, informativo periódico que era distribuído para os fãs da banda, traz um resumo dessas viagens:

"No começo de abril, Andre e Kiko embarcaram para a Europa. A primeira parada foi na Itália, onde deram várias entrevistas e foram contatados pelos representantes das principais publicações italianas. Também fizeram um acústico para uma rádio de Milão. O fato mais relevante foi um minishow acústico em 06/04, no The Factory, mesmo local onde o ANGRA havia se apresentado em maio de 95. No final rolou uma inesquecível *jam* com o pessoal do TIME MACHINE, quando tocaram 'I Hold the Key' e 'Wuthering Heights'. Logo depois, os rapazes aterrizavam pela primeira vez na terra do sol nascente. A agenda foi apertada, incluindo visitas a seis cidades. Mais entrevistas, incluindo rádios e TVs, muitas sessões de fotos e um disputado workshop do Kiko, patrocinado pela revista *Young Guitar*. Segundo Andre e Kiko, a organização dos japoneses é impressionante. Nos encontros com fãs nas cidades incluídas no roteiro, todas as perguntas que seriam feitas já haviam sido previamente selecionadas pelos organizadores. Os dois tiveram que usar nomes falsos nos hotéis, para evitar o assédio, mas ainda assim chegaram a ser seguidos por alguns mais obstinados. E, para terminar, estiveram na França, onde já são de casa... Vale mencionar os miniacústicos feitos nas lojas Fnac espalhadas pelo país. E, como amantes do futebol, foi obrigatório um encontro com o craque Raí num treino do Paris Saint Germain".[95]

Kiko traz alguns detalhes a mais sobre essas viagens: "Ficávamos em quartos separados do hotel, mas a gente descia, tomava café junto, aí pegava o trem para outra cidade. Era sempre ele e eu o tempo inteiro: no carro, dando autógrafo, ensaiando para um acústico na rádio, etc. Não tinha como fugir. E a gente se dava bem, eu era tranquilo. Comecei a falar mais em entrevista depois, mas

nessa época o Andre que falava bem e falava a maior parte do tempo. Eu dava minhas opiniões, ele dava espaço. Tenho uma imagem de que era bem tranquilo. Eu tinha meu espaço, tocava umas músicas brasileiras que ele curtia e eu sabia tocar. A gente se divertia fazendo arranjos de violão e 'porrinhola', a escaleta. A gente tocava Tom Jobim, era muito legal. Mas não éramos puta brothers íntimos... Ele e eu somos fechados".

A banda também apareceu em dezenas de programas de TV, rádio, jornais e revistas de ampla circulação: *Metrópolis*, *Gás Total*, *MTV no Ar*, *Vídeo Show*, *Jô Soares Onze e Meia*, *Fúria MTV*, *Oitenta e Noise*, *Backstage Brasil 2000*, *Rock Press*, *Veja*, *Veja São Paulo*, *Estadão*, *Folha de S.Paulo*, *Rock Brigade* (capa), *Revista Amiga*, *Showbizz*, *Metal Head* e muitas outras inserções, para não falar das centenas de reportagens e entrevistas que saíram em revistas e rádios especializadas fora do Brasil. Na França, por exemplo, *Holy Land* foi o "disco do mês" em nada menos que seis publicações especializadas. No Japão, *Holy Land* estreou em segundo lugar nas paradas da revista *Burn!*, a mais importante do país, e ficou nesse posto por alguns meses.

E, claro, o ANGRA caiu na estrada para fazer uma série importante de shows para divulgar o novo álbum. Com o tanto de ações promocionais feitas, a demanda estava muito maior. Em São Paulo, a banda marcou uma apresentação no Palace, casa de shows para 5 mil pessoas – muito maior que o Aeroanta, onde fizeram seus shows durante a turnê *Angels Cry*. Falaremos mais sobre esse grande show daqui a pouco, pois a banda espertamente agendou algumas apresentações menores antes, para testar tudo e pegar ritmo de palco com as novas músicas. Esses shows aconteceram nas cidades de Americana (29/06, com muitos problemas técnicos, incluindo o sistema de P.A. do lugar pifar e causar um longo atraso), Santos e Ponta Grossa (06/07 e 12/07, para públicos pequenos), e Curitiba (13/07, com casa de shows lotada, em uma apresentação que deu tudo certo).

Em São Paulo, capital, a demanda pelo show no Palace foi tão grande para o dia 17/07 (quarta-feira) que a banda marcou uma data extra, na sexta-feira, dia 19/07. Números impressionantes para

uma banda brasileira de um estilo bastante marginalizado pela grande mídia na época.

Outras cidades brasileiras que receberam shows dessa turnê foram Porto Alegre (08/08), Sorocaba (15/08), Rio de Janeiro (20/08), Mogi das Cruzes (23/08), Recife (30/08), Manaus (31/08), Fortaleza (01/09), Indaiatuba (07/09), Santo André (21/09) e Vinhedo (29/09). Entre as apresentações de Santo Andre e Vinhedo, o ANGRA fez sua estreia na Argentina, com dois shows esgotados na Club X, nos dias 26 e 27 (quase 3 mil pessoas em cada noite) e uma apresentação acústica extra no dia 28, num pequeno pub chamado Dr. Jeckyll. Além disso, os integrantes fizeram uma série de viagens promocionais para tardes de autógrafos, *workshops*, entrevistas e sessões acústicas. Essa série de apresentações no Brasil em 1996 foi concluída no estádio do Pacaembu, no dia 12 de outubro, abrindo para a potência australiana AC/DC. O ANGRA fez um set curto, de banda de abertura, mas valeu a pena pela apresentação diante de mais de 40 mil pessoas.

Holy Land é possivelmente o álbum mais importante da carreira de Andre Matos. “É o álbum do qual eu mais gosto, pois foi o que eu mais me envolvi, o que tem mais a ver comigo e mais me identifico”, disse o vocalista. “Foi o que eu mais batalhei para sair do jeito que eu queria e o resultado chegou muito próximo. Talvez 60% do disco teve a minha mão – então foi um álbum que me senti realizado quando saiu. Senti muito orgulho quando vi todo aquele conceito formatado”.[96]

Os trabalhos foram intensos nesse fase e, para este capítulo não ficar longo demais – ainda temos muita coisa a falar –, vamos continuar a história sobre esse icônico álbum no próximo capítulo!

Capítulo 9

FREEDOM CALL / HOLY LIVE

Após o show de abertura para o AC/DC, no Pacaembu, em outubro de 1996, o Angra partiu para a Europa para um longa turnê de vinte e três apresentações. A primeira turnê pra valer do Angra fora do Brasil, já que aquela série de shows em 1995 para promover o disco *Angels Cry* foi mais no sentido de aproveitar a viagem que fariam para gravar o novo álbum. De fato, metade daqueles shows foram acústicos promocionais ou do tipo *showcase* (fechados a convidados especiais: empresários e imprensa).

Holy Tour

Com *Holy Land* e todas as ações promocionais da banda na divulgação do álbum, a demanda pelo Angra havia crescido bastante. E, entre os meses de outubro e novembro de 1996, a banda fez vinte e três shows no velho continente, passando por seis países ao todo. Um monte de shows na Alemanha, depois Holanda, Espanha, Portugal, uma pancada de shows na França e uma última apresentação na Itália – este, o maior show da turnê: ao lado de bandas como Time Machine e Vanden Plas, o Angra se apresentou em Milão para aproximadamente 2 mil pessoas. “Foram as melhores épocas da banda no quesito performance, até aquele momento”, comenta Ricardo Confessori. “A turnê foi bem extensa, mas não teve problemas. A voz do Andre estava maravilhosa”.

A primeira metade da turnê, dos shows na Alemanha, aconteceu ao lado de outras duas bandas, que dividiam o ônibus de turnê e viajavam junto com o Angra: Superior, que abria os shows, e Virgin Steele, que fechava a noite. O Angra tocava no meio. Tal arranjo fez com que, em muitas das cidades nas quais o Angra era mais conhecido que o

Virgin Steele, as pessoas deixassem a casa de shows antes de a última banda tocar.

O técnico de som do Angra nessa turnê, Guilherme Canaes, acabou se tornando amigo de Andre por longos anos. O início da amizade coincide com o início dessa turnê europeia. Ele conta, em entrevista exclusiva para este livro: “A preparação dessa turnê seria em Hamburgo. Nessa preparação, íamos ficar sem fazer nada por lá por alguns dias. Chegando em Hamburgo, muito frio, a gente em um hotel simples, quase uma estalagem de uma alemã que a gente ficava tirando sarro, porque ela era meio invocada. Um belo dia, estávamos sentados na calçada, um olhando para a cara do outro, sem nada pra fazer. Eu louco para agitar, fazer alguma coisa. Estávamos na Alemanha! Aí eu falei: ‘Alguém sabe onde tem uma farmácia?’, e o Andre pulou do chão: ‘Eu sei! Você quer ir lá? Vamos lá!’. Deste momento para frente nós viramos amigos inseparáveis por dez anos! Ele pulou do nada, querendo ir à farmácia. Disse que lá era chamado *apotek*, dizia que os alemães tinham os melhores fármacos do mundo, tinha a Bayer e tal. O cara manjava tudo disso! Isso é uma característica dele. Era inseparável a vida dos remédios dele. Ele sempre viveu em torno disso. Nessa época a gente começou a ficar amigo para valer”.

Começando a turnê, o clima entre os dezoito marmanjos viajando juntos no mesmo ônibus era de amizade e descontração. E numa brincadeira besta com os caras da banda de abertura, Andre acabou ganhando um “trabalho” extra.

“No primeiro dia de turnê, o tecladista do Superior quebrou o braço”, lembra Ricardo Confessori. “A gente levou uma bola de futebol e passamos para eles jogarem. Falamos para eles tentarem fazer uma embaixadinha. O cara foi chutar, escorregou, caiu e quebrou o braço. Aí eles chamaram um tecladista alemão, que chegou em dois dias, montou o teclado com todas as partituras escritas. Era uma banda prog, não era moleza. Ele tocou a música toda com o tempo errado, foi mandado embora e a banda perguntou se o Andre não podia fazer o teclado ao vivo para eles nessa parte da turnê que eles estavam junto com a gente. Eram uns sete ou oito shows. O Andre topou! Disse que já tinha visto uns quatro shows e já tinha

memorizado as músicas. O Andre era bem esperto, e pegava rápido as coisas. Então ele ficou de tecladista, fazendo a abertura dos nossos shows com o SUPERIOR. O tecladista original ficava com o braço engessado do lado dele e no palco falando: 'Isso mesmo, está certo'. Eles conversavam depois do show, ficavam a noite inteira discutindo o que podia melhorar. Nos últimos shows o Andre já estava acertando 100%. Ele era muito melhor que o alemão que eles tinham chamado antes. Eram uns compassos difíceis de tocar e o Andre conseguiu".

A amizade de Andre com os caras do SUPERIOR se manteve após a turnê e, em 1998, Andre gravou uma participação em uma música deles chamada "Detect Myself", do disco *Younique*. Pela quantidade de acessos no YouTube, pode-se dizer que é muito pouco conhecida do público. Vale bastante a pena conhecer, pela sonoridade bastante peculiar da banda, que mistura prog metal com elementos jazz e latinos, e pela interpretação maravilhosa que Andre dá à peça. Seus vocais também aparecem com destaque em "Why?", faixa da versão japonesa do álbum, além de ter feito as vozes de apoio em outras faixas do trabalho. O TIME MACHINE foi outra banda de abertura para o ANGRA nessa turnê, para a qual Andre gravou uma participação especial, também em 1998, na balada "I Believe Again", do disco *Eternity Ends*.

Meses depois, quando voltou para o Brasil, Andre Matos participou na música "Another Night Gets Longer", no futuro álbum *Suddenly*, de Rodrigo Alves. Outros vocalistas que participaram da música foram Cristopher Clark e Edu Falaschi, que futuramente ocuparia o posto de Andre como vocalista do ANGRA.

Voltando à turnê europeia, Andre e Guilherme Canaes aproveitaram uma folga de três dias na Alemanha para fazerem corridas de kart. "Pegamos um quarto no hotel e ficamos dando rolê pela cidade. Então vimos um kart indoor com um monte de alemão. Fizemos duas corridas e eu ganhei as duas! Uma delas o Andre estava quase ganhando, quase me ultrapassando, aí ele rodou e ficou pra trás. Ele ficou puto dizendo que eu tinha fechado ele! Nós saímos dando muita risada nesse dia. E os alemães rindo com a gente. Eles ficaram impressionados. Era na época que o Ayrton Senna tinha

deixado a gente, mas os brasileiros ainda impressionavam os alemães".

Com o término da primeira parte da turnê, mudou também a banda de abertura. Durante algumas datas, o POVERTY'S NO CRIME fez a abertura dos eventos. Uma banda que não ganhou a simpatia do ANGRA, e vice-versa. Enquanto ANGRA e VIRGIN STEELE passavam o som, os caras do POVERTY'S NO CRIME ficavam tirando onda, batendo cabeça de maneira irônica, com deboche. O troco veio no momento em que o ANGRA se despediu daquele ônibus de turnê, o mesmo que o POVERTY'S NO CRIME usaria para seguir viagem para outros rumos, ocupando exatamente as mesmas camas onde Andre, Kiko, Rafael, Luis e Ricardo estavam dormindo. "Deixamos umas surpresinhas pra eles nas camas", contou Luis Mariutti dando risadas, em uma entrevista na época.

O show mais importante dessa turnê aconteceu no dia 15 de novembro, no Théâtre Le Palace, França, onde o ANGRA fez uma tentativa de gravar um CD ao vivo. "Foi muito legal esse show", lembra Rafael Bittencourt. "Gravamos em Paris e o lugar estava lotado. Era uma puta estrutura de gravação de áudio. O produtor, Charlie, foi pra lá para fazer a captação de áudio. Acho que não teve gravação de vídeo desse show. Era uma expectativa, porque aquilo ia ficar documentado. A gente tinha que tocar direito e tudo tinha que ficar perfeito. Foi uma mistura de alegria e felicidade de estar fazendo um disco ao vivo, além da tensão e a atenção de saber que estava sendo gravado. Nesse show eu peguei o Andre nas minhas costas, tem até uma foto desse momento!".

Algumas coisas não deram muito certo, e o que era para ser um CD ao vivo acabou saindo apenas com quatro músicas: um EP ao vivo. Mas falaremos mais sobre isso depois, ao abordarmos o lançamento de *Holy Live.*

Olivier Garnier, responsável pelo ANGRA na França, conta uma história inusitada da turnê francesa da banda: "Estávamos em turnê na França, em um *day-off* em Marselha, no sul do país. Os músicos e a equipe decidiram ir beber em algum bar até que um dos caras da equipe do nada falou: 'Quero procurar uma prostituta'. Então fomos para uma rua que tinha várias. Ele viu uma que o agradou e foi

perguntar o preço pra ela. Aí do nada ela olhou para o Andre e falou: 'Hey! Eu te conheço! Você é o vocalista daquela banda!'. Aí ela entrou pro quarto dela e voltou logo depois com uma revista que mostrava o Andre na capa! Todo mundo riu muito!".

Freedom Call

Enquanto a "Holy Tour" acontecia a pleno vapor na Europa, aqui no Brasil era lançado o *Freedom Call*, um EP de oito faixas que veio a se tornar bastante apreciado pelos fãs do Angra e da carreira de Andre Matos. A banda havia aprendido a lição em *Evil Warning* (lançado sem conteúdo algum, simplesmente por não terem guardado nenhuma música para isso) e, agora, havia reservado uma música boa, dentre as várias que haviam sido compostas no sítio no início do ano, para ser o carro chefe de um futuro EP, programado para sair após o disco oficial. Essa música é a faixa-título, "Freedom Call". Também presentes no EP estão "Queen of the Night" e "Reaching Horizons", duas músicas compostas por Rafael Bittencourt antes mesmo de o Angra existir com esse nome, e que haviam aparecido na demo *Reaching Horizons*. "Stand Away" e "Deep Blue" também aparecem, em versões editadas, diferentes das que haviam saído nos álbuns oficiais. Completam o registro "Painkiller", um cover do Judas Priest que o Angra havia gravado para uma compilação europeia, e duas faixas de um acústico que a banda havia feito em uma loja francesa Fnac durante a turnê *Angels Cry*: "Angels Cry" e "Never Understand". Algumas versões do EP também contam com a faixa "Chega de Saudade", cover de Tom Jobim, do mesmo acústico da Fnac.

"*Freedom Call* foi um EP com várias coisas legais", conta Rafael Bittencourt. "Fizemos rearranjos, arranjos orquestrais de músicas que já existiam. É um EP mesmo, com coisas diferentes, experimentações. Na versão francesa ele saiu com aquele miniacústico na Fnac".

Voltando da Europa para o Brasil, o Angra fez dois shows no fim de 1996: 30/11 na Concha Acústica, em Salvador, onde se apresentaram para mais de 1.500 pessoas, e fecharam o ano com mais uma apresentação em São Paulo, no Palace, em 11/12. Para

grande azar da banda, choveu horrores nesse dia, e a banda tocou para uma casa meia-boca.

O extremamente atarefado ano de 1996 acabava e, praticamente sem descanso nenhum, 1997 começou com a tão aguardada primeira turnê do Angra no Japão. Os quatro shows (dois em Tóquio, um em Nagoya e um em Osaka) tiveram ingressos esgotados antes mesmo de a banda embarcar para a terra do sol nascente. O empresário responsável pela turnê foi o icônico Mr. Udo, grande manda-chuva dos shows internacionais no Japão. Sua agência havia sido responsável por levar ao país nomes gigantescos da música internacional como Beatles, Deep Purple e Michael Jackson, entre muitos outros. O tamanho gigantesco do Angra no Japão se mostra no fato de o Mr. Udo ter chamado o Angra para um jantar, fato que causou espanto na própria imprensa local japonesa.

Holy Live

De volta ao Brasil, a banda cuidou de lançar e divulgar seu EP ao vivo *Holy Live*, em 25 de abril de 1997. Este trazia seis faixas ao vivo gravadas naquele show em Paris, durante a turnê que haviam feito há apenas alguns meses. Na verdade, se considerarmos que duas dessas seis faixas são intros (“Crossing” e “Unfinished Allegro”), o que temos mesmo nesse lançamento é um EP ao vivo com apenas quatro músicas. Como já foi dito – na ponta que deixamos propositalmente solta parágrafos acima para retomá-la aqui –, o planejamento inicial era que um álbum completo ao vivo fosse lançado, mas problemas técnicos durante o show impediram que isso acontecesse. Aparentemente algumas faixas saíram com qualidade aquém do aceitável. *Holy Live* saiu no Brasil pela Paradoxx, nova gravadora do Angra no país e, apesar da pouca quantidade de músicas, recebeu boas críticas. *Holy Live* funcionou mais como uma justificativa das gravadoras europeias para que uma nova turnê fosse agendada no velho continente, menos de um semestre após a visita que haviam feito no final de 1996.

“Foi uma decisão do nosso empresário e da nossa gravadora”, comentou Andre em entrevista sobre o *Holy Live* ter saído apenas como um EP. “Não gostei nem um pouco dessa decisão. Eu queria mesmo era o álbum duplo ao vivo. Mas esses caras nos disseram

que seria impossível lançar um álbum ao vivo completo [com aquele material]".[97] Assim, após uma pequena turnê de três datas na Argentina, em abril, a banda viajou para mais um longo giro pelo continente europeu. Os destaques dessa terceira turnê europeia, por assim dizer, foram os shows de estreia da banda na Grécia, bastante lotados. Um presente para a banda que comemorava sua centésima apresentação ao vivo, na cidade de Atenas. O último show dessa turnê, em Milão, também foi bastante interessante, em um festival para mais de 10 mil pessoas, ao lado das bandas Moonspell, Rage, Grave Digger e Manowar, o grande *headliner* do festival. Fernando Ribeiro, vocalista do Moonspell, conta algumas memórias desse festival em entrevista para o livro: "O Manowar limitou todas as bandas e tentou sabotar os shows que aconteceriam antes do seu, e nós e os caras do Angra ficamos zangados com essa falta de *fair play*. Ainda mais vindo de uma banda que idolatrávamos! Conversamos muito sobre isso nos bastidores, o que nos deu força para tocar ainda melhor e extrair energia do pessoal. Foi uma tarde incrível e o show do Angra foi magnifico".

As datas do "meio", na França e na Alemanha, foram mais ou menos fracas de público. Não que as casas estivessem vazias, mas em muitas delas o público foi menor que na visita anterior da banda, na turnê que haviam feito poucos meses antes. Talvez tenham voltado cedo demais. Mas, mesmo tendo shows aquém do esperado, não deixaram de ter seus destaques. Em Paris, o Angra fez o show mais longo de sua carreira até aquele momento, com duas horas e quinze minutos de duração. O show em Ris-Orangis, no subúrbio de Paris, também foi especial. A banda fez um set totalmente acústico na casa de shows Le Plan, mesmo local onde Rory Gallagher fez sua última apresentação antes de morrer, em 1995.

"Estávamos no auge em termos de shows", lembra Ricardo Confessori. "E a galera ficava impressionada com o Andre. Quando tocávamos na França, ele falava em francês com a plateia. Quando tocávamos na Alemanha, ele falava alemão. Quando tocávamos na Espanha, falava espanhol. No Japão, ele arranhou um japonês! Com o *Holy Land* fomos para a Itália, Grécia, França e a banda fez mais sucesso que o esperado".

Perturbações e preocupações

Tudo parecia perfeito. Até mesmo quando as coisas davam errado, elas aparentemente davam certo (com *Holy Live*, por exemplo). Mas isso era só aparência. Por trás das cortinas, o nível de tensão e estresse era altíssimo na vida de Andre, tanto no aspecto profissional quanto no familiar. No familiar, o pai de Andre, Pedro Henrique, havia sido diagnosticado com um tumor no cérebro. Entre os anos de 1997 e 1998, Pedro passou por longas sessões de quimioterapia até ser operado no Hospital Samaritano de São Paulo, onde receberia a boa notícia de que o tumor havia sido retirado integralmente. Além da situação do pai, Andre ficou bastante preocupado com a irmã, que tinha apenas 5 anos na época.

“O Andre foi um irmão muito atencioso e carinhoso comigo”, conta Helena. “Ele viajava o mundo inteiro e trazia presentes de todos os lugares pra mim. Ele sempre trazia coisas muito aleatórias. Certa vez ele trouxe um bicho de pelúcia imenso, era maior do que eu, uma coelha. Meu sobrenome é Rocha Matos, por conta da minha mãe. O do Andre era Coelho Matos. Ele falava que ele tinha trazido aquela coelha pra eu ter um pouco também do outro sobrenome dele. Ele tinha essa delicadeza e esse cuidado comigo, por eu ser menina, a irmã mais nova”.

No ANGRA, as coisas também andavam um pouco complicadas em 1997. No plano das relações interpessoais, a notícia de que Andre estava gravando um disco solo com o Sascha (que posteriormente veio a ser o projeto VIRGO), não caiu bem para o grupo. “Ele era muito amigo do Sascha, que produziu muita coisa do ANGRA”, conta Kiko Loureiro. “Aí eles começaram esse projeto, VIRGO, e nossa gravadora da Alemanha cresceu o olho naquilo. O ANGRA estava crescendo depois do *Holy Land*, o Sascha crescendo como produtor. Quando a agente ficou sabendo, ficou um clima chato no resto da banda. O cara vai fazer carreira solo?”.

Andre também tinha seus grilos em relação aos outros caras. A relação não ia bem. Thiago Bianchi, dono do estúdio onde o ANGRA ensaiava, conta de um episódio que ilustra bem a falta de paciência entre eles: “Eles estavam preparando o que viria a ser o *Fireworks*. O clima não era dos melhores. Quando entrava o assunto business,

ficava tenso o ambiente. A avó e a mãe do Andre conheciam minha mãe. Eram fãs do trabalho dela como cantora. O Andre ia muito lá no estúdio até quando eu não estava, pra conversar com minha mãe. Ele inclusive a chamava de ‘mãezinha’, de um jeito carinhoso. Muitas vezes eu chegava no estúdio, não tinha ensaio do Angra e ele estava lá tomando uma cerveja com ela. Ele me tratava muito bem e uma vez aconteceu uma coisa muito chata. Eu nunca tinha contado isso pra ninguém... Tenho receio de falar coisas e as pessoas me apedrejarem por achar que eu estou querendo me aproveitar, mas o Anderson Bellini disse que pegaram um depoimento do Andre sobre isso que eu vou falar. Só vou contar porque eles têm o próprio Andre de testemunha. Uma vez ele estava demorando pra chegar no ensaio, e eu estava passando o som do Angra no estúdio... ‘teste, um, dois, som’. O Kiko ou o Rafael deram sinal pra eu cantar junto. Eles estavam tocando ‘Nothing To Say’. Eu jamais vou esquecer isso. Eu peguei o microfone e fui cantando, porque sabia a música de cabeça. Claro que o cosmo não ia deixar isso passar barato. Bem no meio da música abre a porta e o Andre Matos aparece. Ele me pegou com as calças arriadas! Foi aquele choque, todo mundo parou a música. Foi tipo o marido chegando pegando o ricardão da cama com a esposa. Ele olhou com aquela carinha, ajeitou os óculos e saiu, batendo a porta. Todo mundo fez aquela cara de ‘Ih, fudeu’”.

Outro fator que começou a pesar nesse período foi a falta de transparência nos negócios da banda. “O Toninho era muito confuso na prestação de contas”, lembra Rafael Bittencourt. “A comunicação com ele até hoje é confusa. E isso causou um estresse danado na época”.

Mas houve mais coisas. Uma das pessoas presentes naquele festival na Itália era Rod Smallwood, icônico empresário do Iron Maiden. Impressionando com a força que aquela banda brasileira tinha na Europa, tocando um tipo de som bastante peculiar, com ritmos brasileiros incorporados ao power metal europeu, Rod convidou o Angra para que integrasse o cast de sua empresa, Sanctuary.

“Era para termos ido bem longe”, conta Andre em entrevista. “Aquele era o momento de a banda ter sido alçada à condição de

um Helloween, por exemplo. Fomos convidados para fazer parte do cast da Sanctuary. Então seria Iron Maiden, Helloween e Angra. O Rod nos procurou, dizendo que estava a fim de empresariar a banda mundialmente".[98]

"A banda começou a chamar atenção do mundo todo", lembra Rafael Bittencourt. "Havia agências de fora procurando a gente, mas o Toninho Pirani era muito protecionista e começou a cercar o Angra desses assédios, com medo de perder a banda. Não queria soltar. E o Andre queria voar... Não queria ficar preso".

"Foi complicado isso", lembra Ricardo Confessori. "A Sanctuary queria pegar o Angra pra arrebentar no mundo todo. A nossa ideia não era tirar o Toninho fora. Ele continuaria na banda, como um sexto integrante, um interlocutor. Um empresário pessoal para cuidar dos nossos interesses, dos contatos e tal. A banda toda queria, mas ele não permitiu que isso acontecesse".

O que deveria ser um segundo semestre com muitos shows no Brasil (afinal, *Holy Land* trata-se de um álbum sobre a história do Brasil), com apresentações em capitais estratégicas no país, não aconteceu. Não tocaram sequer em São Paulo, maior mercado da banda. O Angra teve apenas um pequeno punhado de datas no Brasil no segundo semestre de 1997, e mesmo assim em cidades periféricas. O informativo *Angra News* ficou muito tempo sem ser entregue aos membros do fã-clube e, com a internet ainda engatinhando, longe do que viria a ser, fãs começaram a conjecturar se não havia alguma coisa errada acontecendo.

E tinha mesmo: ao final da "Holy Tour", em 1997, Andre manifestou a vontade de não continuar no Angra.

A notícia de que Andre de fato chegou a deixar o Angra em 1997 só veio a conhecimento do público há poucos anos. A banda não comunicou sobre esses problemas na época.

Três fontes trouxeram essa informação da saída do Andre já em 1997. Em entrevista a Gastão Moreira, em 2016, Edu Falaschi revelou que chegou a fazer um ensaio com o Angra em 1997, antes da gravação do *Fireworks*: "O Angra me chamou para entrar antes do *Rebirth*. Fui chamado para gravar o *Fireworks*. O Andre já ia sair depois do *Holy Land*. Aí eles me chamaram, não teve teste nem

nada. Inclusive era com o Luis (no baixo), o Ricardo (na bateria)... Só o Andre que iria sair. Fiz um ensaio com eles lá no [Conservatório] Souza Lima e os caras gostaram".[99]

A segunda fonte é o próprio Andre. Em entrevista em 2016, ele comenta que os problemas que o levaram a sair da banda em 1999 já haviam começado em 1996: "Antes de [o *Fireworks*] acontecer, eu praticamente ensaiei uma saída, pois não aguentava mais o clima. Mas me foi pedida uma segunda chance e eu aceitei".[100]

A terceira é Kiko Loureiro, que trouxe mais detalhes sobre essa saída de Andre e sobre como todo esse problema foi contornado na época: "Teve um momento em que o Andre saiu da banda, logo após a turnê do *Holy Land*. Ele não queria mais: queria fazer o Virgo, que era um trabalho solo dele, e não iria fazer o *Fireworks*, que foi o terceiro álbum. Por algum motivo, o cara da França, o cara da gravadora, que era muito ativo para a banda por sermos grandes na França, veio ao Brasil. Teria um show do Whitesnake com Megadeth e ele era fã da banda. Ele veio para esse show e também para resolver o problema que estava na banda. Inclusive o Edu Falaschi ensaiou com a gente nesse período. Já chegamos a falar sobre isso abertamente. O Andre não queria fazer parte do Angra. Esse cara da França, engenhosamente. Fomos em um restaurante, na Av. Paulista, e estávamos nós três na mesa, porque ele armou isso. Em uma hora, ele ficou de canto e lembro daquela lavação de roupa suja, eu e ele conversando abertamente e essa conversa fez com que o Andre voltasse para a banda, para os ensaios".[101]

Esse "cara da França" é Olivier Garnier, responsável por tornar o Angra uma potência na França. Ele nos cedeu uma entrevista para contar o que rolou nessa conversa que convenceu Andre a continuar no Angra: "Eu avisei ao Andre que eu ia para o Brasil e que queria conversar, passar um tempo junto... Minha conversa com o Andre não foi especificamente sobre as razões de ele querer sair do Angra, mas sobre o que ele poderia alcançar no mercado musical e do quanto ele perderia se saísse da banda, já que naquele momento o Angra tocava na França para 3 mil pessoas".

O festival que Olivier veio conferir no Brasil aconteceu em São Paulo no dia 6 de dezembro de 1997, com Whitesnake, Megadeth e

Queensrÿche. Olivier conta como Andre o fez perder o show do Queensrÿche: "Eu voei da França para Brasil. Eu amo o Queensrÿche e queria muito ver o show. O Adrian Vandenberg, do Whitesnake, tinha deixado um envelope com ingressos na recepção do hotel e eu fui lá com o Andre pegá-los. Só que o Andre conhecia algumas pessoas no hotel e começou a conversar com o pessoal lá. E ele não parava de falar! Falei que a gente precisava ir ao show e ele falou: 'Relaxa... Nós estamos no Brasil. As pessoas estão sempre atrasadas, não se preocupe'. Quando chegamos no estádio, o Queensrÿche tinha acabado de tocar! Eu fiquei puto com o Andre! [risos] Eu tinha viajado da França para o Brasil para ver a banda e eu perdi o show! Ele se desculpou e aí a gente resolveu ir ver o show no Rio, que seria alguns dias depois. Fomos dirigindo de São Paulo para o Rio no carro dele e conversamos muito durante essa viagem. No Rio, visitamos Copacabana e o Pão de Açúcar. Também almoçamos com o Adrian Vandenberg, que deu muitas dicas para o Andre. Ao final dessa minha viagem para o Brasil, fomos almoçar com o Kiko e eu fiz com que eles conversassem e continuassem juntos".

O Angra estava escalado para tocar no festival Skol Rock em São Paulo, no dia 15 de novembro, ao lado de Scorpions, Bruce Dickinson e Dio, mas cancelou sua participação cerca de vinte dias antes do evento. A justificativa oficial apresentada pelo empresário Toninho Pirani foi de que Andre estava na Alemanha procurando um produtor para o próximo álbum – o que (à luz dos fatos acima) não faz sentido nenhum. Naquele momento, simplesmente não haveria "próximo álbum" para o Angra no ano seguinte. E, mesmo se houvesse, que tipo de pesquisa por produtor é tão urgente a ponto de fazer com que a banda cancelasse participação num festival daquele porte?

A verdade é que, naquele momento, por volta do final de outubro de 1997, Andre já não estava mais no Angra. "O Andre já tinha desistido. Então a gente foi se reunindo e compondo as músicas, sem o Andre. Se você olhar as composições do *Fireworks*, vai ver que, com exceção das músicas que são do Andre, as outras são músicas minhas com o Rafael, ou com Confessori e Luis", conta Kiko.

Em entrevista concedida poucos dias antes de este livro ir para a gráfica, Rafael Bittencourt contou que chegou a implorar para que

Andre mudasse de ideia quanto a sair do ANGRA: “No final da turnê do *Holy Land*, o Andre decidiu que sairia da banda. Antes do *Fireworks*. E aí, eu juro por Deus... Eu me humilhei. Fui na casa dele e chorei: ‘Cara, olha tudo que a gente construiu e o quanto a gente ainda pode construir’. A verdade é que ele era bastante desapegado. Ele tinha muita confiança porque sabia que era preparado e diferenciado”.[102]

A última atividade oficial do ANGRA em 1997 foi um show na cidade de Pouso Alegre, no dia 4 de outubro. Considerando tudo o que foi exposto e as datas, podemos concluir que, em algum momento entre os dias 5 e 20 de outubro de 1997, aproximadamente, Andre Matos comunicou aos seus colegas de banda e empresário a decisão de que não faria mais parte do ANGRA. “Isso deixou a gente em estado de pânico. A coisa estava muito montada ao redor dele e ele saindo da banda ia ficar tudo muito difícil”, conta Rafael Bittencourt. Kiko complementa: “Ele estava em outra. Ele não aguentava mais ficar com a gente. Não tinha paciência. Não é que houve uma grande briga, com gritaria e tudo. Ele não brigava. Ele simplesmente ficava na dele e deixava pra lá”.

Diante da incerteza dessa situação, a banda optou por não tocar no festival e, enquanto tentavam convencer Andre a continuar, os demais músicos chegaram a fazer alguns ensaios sozinhos e ao menos um desses com um plano B: Edu Falaschi, em algum momento em novembro de 1997. No início de dezembro, Olivier Garnier veio ao Brasil, convenceu Andre a continuar na banda e isso deu uma sobrevida às atividades do ANGRA com seu vocalista original. Essa provavelmente é a cronologia dos fatos, embora também seja provável que Andre tenha demonstrado suas insatisfações antes, ao longo de 1997. Dificilmente uma notícia dessa é tomada e anunciada de uma hora para outra.

O ano de 1997 terminava de maneira bastante amarga para Andre, mas terminava com o cantor dando uma nova chance à sua banda. Possivelmente a contragosto, cético, sem muita esperança de que as coisas fossem melhorar, mas ele havia decidido dar essa chance. E 1998 começou com o ANGRA ensaiando para gravar o que viria a ser o último álbum de Andre com a banda, *Fireworks*.

Capítulo 10

FIREWORKS

Convencido pelo empresário da gravadora francesa a continuar no Angra, Andre e seus companheiros de banda começaram a composição do terceiro álbum de estúdio. A atmosfera, que tinha sido de euforia e entusiasmo quando se juntaram para compor o disco *Holy Land*, três anos antes, agora era totalmente fria e seca, com um clima bastante chato entre os músicos, e entre eles e o empresário.

Novo produtor

Musicalmente, a banda havia resolvido mudar. *Holy Land* foi um marco, um álbum inovador e histórico, mas algumas das críticas que recebeu era de que o som tinha teclados e firulas demais para pouco peso. A banda sentia que deveria seguir uma linha mais pesada e, com isso, decidiram trocar de produtor.

“Não, o Charlie Bauerfeind não vai participar mais da produção e o CD não vai ser gravado na Alemanha”, contou Andre em entrevista na época, antes da gravação do CD. “A parte dos arranjos de teclados vai continuar sendo feita pelo Sascha Paeth, junto comigo, pois acredito que o trabalho dele seja indispensável. Mas o produtor agora será o Chris Tsangarides e provavelmente vamos gravar na Inglaterra”.[103]

A banda não estava para brincadeira ao escolher Chris Tsangarides para produzir e gravar o novo disco. Chris foi o produtor do aclamado álbum *Painkiller*, do Judas Priest, do primeiro disco solo de Bruce Dickinson, *Tattooed Millionaire*, e já havia trabalhado com importantes nomes do heavy metal como Black Sabbath, Ozzy, Helloween, Y&T, King Diamond, Ian Gillan e muitos outros.

“Esperamos ter um salto qualitativo, definitivamente”, comentou Andre, pouco antes de o processo de composição começar. Vamos aprender muita coisa, entrar em contato com uma realidade diferente, ver como é trabalhar num país diferente, que não seja a Alemanha”.[104]

A banda também mudou o processo de reunião para composição das músicas e, diferente do que haviam feito em *Holy Land*, não se enclausuraram em um sítio para composição. “O benefício que [aquele isolamento] trouxe foi a oportunidade que a banda teve de se conhecer muito melhor musicalmente naquele período, há três anos. Nós, que temos estilos e influências diferentes, conseguimos misturar muito e aprender a lidar um com o outro, no ponto de vista musical. Foi muito importante esse ‘colégio interno’ que a gente fez. Agora a gente resolveu fazer diferente, porque esse isolamento também tem o seu lado negativo. Você fica muito longe de influências externas e pode ter a tendência de se repetir e falar de um tema só, como foi o caso de *Holy Land*. Esse próximo disco tem uma concepção e uma cara completamente diferentes, por isso não tivemos essa preocupação”, concluiu o vocalista.[105]

Em janeiro de 1998, então, Chris Tsangarides veio da Inglaterra para o Brasil acompanhar os ensaios da banda. “A impressão [que tive deles] foi excelente”, comentou Tsangarides em entrevista na época. Gostei do estilo deles e senti no som influências de alguns dos meus guitarristas preferidos. Como também sou guitarrista, esse aspecto foi o que mais chamou minha atenção. Eles têm um ótimo som de violão, mas o que me chamou mais atenção foram as guitarras, bem característica da ‘maneira brasileira’ de tocar”.[106]

Ensaios e composições

Os ensaios da banda com o produtor aconteceram pela manhã, de segunda a sexta, no Conservatório Souza Lima, até meados de fevereiro. Durante as tardes, os caras compunham em suas casas, sozinhos ou eventualmente em duplas. “Foi um processo com menos clima que o *Holy Land*. Não tínhamos ido para um lugar sossegado, a gente pegava trânsito pra chegar lá e íamos ensaiar”, conta Ricardo Confessori.

“Ele começou a se distanciar bastante do resto do grupo”, lembra Rafael Bittencourt. “Ele tinha um processo de composição que era ele sozinho e o resto da banda compondo separado dele. O Andre era um cara muito inteligente e talentoso, um grande gênio, mas era difícil a comunicação. Ele não era um cara que se comunicava bem, era difícil saber o que ele estava pensando. Se isolava, ignorava, dava gelo às vezes. Então ele estava se distanciando em termos de interesse. O *Fireworks* surgiu no meio disso tudo”.

“Muito do trabalho foi feito em casa”, lembra Confessori. “A gente se reunia, pegava o material e analisávamos as ideias que já chegavam meio prontas. A ‘Gentle Change’ eu fiz com o Rafael. O Andre fez algumas coisas dessa música com o Rafael. A mesma coisa com a ‘Fireworks’. Essas ideias começaram comigo e com o Rafael, aí o Andre em algum momento entrou com um complemento. Quem trabalhava na música de alguma forma era creditado como autor”.

O processo de composição menos colaborativo acabou gerando muitas músicas de composição única, sem parceiros, ou em blocos separados de autores. Andre assina a composição de três músicas sozinho, “Wings of Reality”, “Lisbon” e “Speed”, enquanto Rafael assina integralmente a composição de “Petrified Eyes”. Andre ainda apresentou aos colegas e ao produtor “Fairy Tale”, uma quarta composição integral, mas que acabou sendo rejeitada para uso em *Fireworks.* Algumas composições foram feitas colaborativamente, mas sem a participação de Andre, como “Metal Icarus”, “Gentle Change” e as partes musicais de “Paradise” e “Extreme Dream” (nessas duas, embora Andre não participe na música, assina integralmente a composição das letras).

Gravações

Com as músicas já compostas, a banda partiu para o estúdio inglês Creative Sound em meados de março, para refinar as composições e partir para as gravações, que aconteceram entre os meses de abril e junho, em outro estúdio, o famoso Metropolis.

“A gente chegou no estúdio com uma demo pronta, com as músicas já definidas”, contou Andre em entrevista da época. “Nós praticamente não mudamos nada no estúdio. Depois, gravamos

num puta de um estúdio... O melhor de Londres, chamado Metropolis, onde gravaram artistas como Queen e Sting. E praticamente só usamos instrumentos vintage, com no mínimo uns vinte anos de idade, como alguns microfones Neumann de 1956”.[107]

Uma curiosidade sobre essa demo de *Fireworks* é que ela é uma das pouquíssimas da carreira do Angra e de Andre que não teve nenhum vazamento. A demo do *Angels Cry* foi comercializada pela banda em cassete como *Reaching Horizons*, e depois foi pirateada em forma de CDs por fãs; a demo do *Holy Land* vazou e foi comercializada clandestinamente como *Eyes of Christ*. Versões demo de músicas dos álbuns do Angra lançados após a saída de Andre também circularam: “Acid Rain”, do *Rebirth*, diversas músicas demo do *Temple of Shadows*, e uma versão pré-mix do álbum *Aurora Consurgens*. Versões demo do disco *Ritual* (Shaman) e do *Time to be Free* (Andre Matos solo) também circularam. A exceção foi *Fireworks*. Seria legal ouvir a versão primitiva de “Fairy Tale” com o Angra algum dia, se ela estiver guardada em algum lugar.

Voltando às gravações do novo álbum, o cuidado da banda com *Fireworks* a fez contratar uma orquestra inteira para gravar as partes orquestradas. “Era algo que a gente tentava há muito tempo. Agora que foi possível, não deixamos por menos”, conta Andre em entrevista da época. “Gravamos com uma orquestra de trinta músicos do melhor nível, gente que tocou nas principais orquestras de Londres. Eu preparei os arranjos antes com o Sascha, e mandei para Londres para um cara que transcreveu isso para os músicos da orquestra e que acabou sendo o regente da gravação, o Graham de Wilde”.

E a captação do som da orquestra não aconteceu em qualquer lugar. Graham conseguiu a sala de estúdio número dois do Abbey Road, mesmo estúdio em que os Beatles gravaram a maioria dos seus discos.

“Eu e o regente ficamos em volta e eles começaram a tocar”, lembra Andre, sobre o dia da gravação da orquestra. No começo, deu um certo problema porque eles não entenderam muito bem uma transcrição da partitura. Então eu tive que tocar no piano e eles começaram a entrar no clima. Era a terceira sessão no dia que eles

estavam fazendo e eles estavam meio de saco cheio porque era tudo música pop. Como pra eles era algo completamente novo gravar com uma banda heavy, começaram a gostar do negócio. E de repente eu vi que os velhinhos da primeira fila começaram a mexer a cabeça no ritmo da música, o sujeito do violoncelo virava pra mim e fazia um chifrinho com a mão... Eles curtiram pra caramba".[108]

Fireworks

Num recado enviado aos sócios do fã-clube do ANGRA, através do informativo *Angra News*, Andre comentou a sensação de ouvir *Fireworks* pela primeira vez após a mixagem final: "Eu não podia acreditar em meus ouvidos e no poder que saía daqueles alto-falantes. Estou muito satisfeito por ter trabalhado com o sr. Tsangarides e sua equipe. Mais que um trabalho, acho que foi uma oportunidade de crescermos e nos divertimos... E eu tenho certeza que vocês vão reconhecer isso logo que a primeira nota do álbum alcançar seus ouvidos. Vejo vocês em breve!".[109]

O nome *Fireworks* [fogos de artifício] foi proposto pelo baterista, Ricardo Confessori, e possui significados diversos. "Esse nome vem a calhar com o momento atual da banda", comentou Andre Matos na época do lançamento. "Ele representa muito do que a gente está tentando fazer na nossa música. A gente poderia analisar esse nome como algo potente, perigoso, agressivo, mas que ao mesmo tempo exerce um fascínio sobre as pessoas, porque é uma coisa delicada e bonita".[110]

"Eu sempre fui ligado em coisas de geometria sagrada, simetria e elementos. E entendia que o *Angels Cry* representava o ar. O *Holy Land* tinha a questão da água e da terra, a terra sagrada. Quem propôs o título foi o Confessori: ele achava que seria um título interessante. Eu achei legal na hora, porque completava o ciclo dos quatro elementos, com o fogo", comenta Rafael, que completa: "Todo mundo estava dando OK pra tudo naquela hora. Ninguém estava entrando em debate porque já estávamos bastante desgastados. Quando tem um clima bom você acaba debatendo mais, pois não leva para o pessoal. Você fala sua opinião, o outro ouve, a gente vai crescendo junto. Quando o clima não é bom tem

um ponto que você se esgota e você meio que deixa. ‘Tá bom, vamos fazer assim’, e com isso você perde qualidade e baixa o padrão”.

“Apesar de a gente não estar no mesmo clima, foram muito legais as ideias que tivemos. É um disco que eu acho bem legal. Não é um álbum tão reconhecido como o anterior, mas a banda deu uma evoluída, principalmente nas partes de bateria. A meu ver, a parte rítmica estava um passo à frente”, comenta Confessori.

Para representar um álbum com sonoridade diferenciada, produzido por outra pessoa, em outro país, utilizando outros processos tecnológicos, a banda escolheu um artista diferente do que havia registrado os álbuns até então. Isabel de Amorim elaborou a capa que, embora traga chamas de fogo em praticamente quarenta por cento da arte, não contém fogos de artifício de maneira explícita. Antes, temos a imagem de alguém cuspindo fogo. Em fóruns de discussão de fãs, especialmente na época do Orkut, algumas teorias eram discutidas sobre significados ocultos na capa de *Fireworks*. Alguns identificaram, no meio das chamas e em outros pontos da capa, rostos de pessoas, talvez dos próprios membros do Angra. A teoria nunca foi confirmada por ninguém da banda, mas vale o registro.

Isabel de Amorim passaria a ser bastante requisitada em trabalhos futuros do Angra após a saída do cantor, e estaria presente também em atividades posteriores do próprio Andre.

Lisbon

Como antecipação ao lançamento de *Fireworks*, o Angra lançou o single *Lisbon*, em CD, que saiu em diferentes versões e mercados. A primeira edição saiu no Japão, no dia 23 de julho de 1998, pela JVC, trazendo três faixas: “Lisbon”, uma versão acústica de “Make Believe” e uma versão demo de “Angels Cry”.

Composta integralmente por Andre, “Lisbon” apresenta (dentro do que seus 5 minutos de duração permitem) uma brilhante antítese entre os poderosos sentimentos humanos de desespero e esperança. O eu-lírico da canção, uma pedinte que Andre viu nas ruas de Lisboa, canta uma oração a Deus, lamentando a

desesperança da vida, clamando para ter o que comer. Na segunda metade da música, o eu-lírico evoca uma estranha e súbita imagem de beleza e divindade no mundo, como se tudo fizesse sentido mesmo sob caos. A inspiração para “Lisbon” se deu durante a viagem que a banda fez a Lisboa durante a turnê anterior. “Tocamos em Lisboa, mas ficamos muito pouco tempo na cidade. Apenas um pedaço do dia. E a gente queria ver um pouco do lugar. Então, depois do show, fomos dar uma volta. Como era madrugada, estava tudo meio deserto e na porta de uma catedral tinha uma moradora de rua, uma dessas mulheres portuguesas que se vestem de preto, cantando uma música. O que ela cantava nessa música é o que está na letra de ‘Lisbon’”, contou Andre em entrevista da época.

Vocalista da maior banda portuguesa de heavy metal, o Moonspell, Fernando Ribeiro, em entrevista para este livro, comenta do orgulho que os portugueses sentiram com “Lisbon”: “A galera aqui em Portugal ficou muito orgulhosa e honrada de ver uma canção tão bela e melódica sendo feita sobre a capital do nosso país, uma espécie de homenagem sutil a uma das mais antigas cidades do mundo. Eu fui um desses que sentiram muito orgulho. Acho ‘Lisbon’ uma das melhores canções do Angra e fico orgulhoso por se chamar Lisboa”. Em 2008, Fernando subiria ao palco com Andre para cantar “Lisbon” em um evento acústico na Europa.

No dia 04 de setembro, *Fireworks* foi lançado mundialmente. No Japão o lançamento aconteceu duas semanas antes, com o álbum saindo em 21 de agosto, trazendo a faixa “Rainy Nights” como bônus. O trabalho foi bastante aclamado pela imprensa europeia, que citou o Angra em diversas publicações especializadas da época, como *Hard Force*, *Hard ‘n’ Heavy*, *Hard Rock*, *Metal Invader*, *Guitar and Bass* e *Rock Hard*. No Japão, a banda foi novamente destaque nas tradicionais *Young Guitar* e *Burrn!*. No Brasil, a banda foi entrevistada em importantes revistas especializadas como *Rock Brigade*, *Cover Guitarra*, *Cover Batera*, *Showbizz*, e apareceu em jornais como *Jornal da Tarde*, *Metrópole*, *Estadão*, além dos tradicionais programas de rádio e da MTV.

Algumas viagens promocionais foram feitas para divulgar o novo disco no mês anterior ao do lançamento. Andre e Kiko visitaram

Paris e cidades do Japão; e Andre foi sozinho à Itália, enquanto Confessori fazia ações promocionais pela Grécia. Depois, Confessori e Andre foram juntos à Alemanha. Por fim, toda a banda se encontrou no dia 04 de setembro (data do lançamento do disco) na França, para um minishow acústico na loja de CDs Virgin. Também estava programada para esse dia uma tarde de autógrafos, que acabou sendo cancelada por ter ido gente demais. A loja esperava 300 pessoas, mas mais de 1.000 apareceram e, com o tumulto, o evento teve de ser cancelado.

Após o lançamento de *Fireworks* e as várias viagens promocionais, a banda voltou ao Brasil para ensaiar e se preparar para a longa turnê que foi agendada em apoio ao disco. A turnê começou no dia 03 de outubro em São Paulo, no festival comemorativo ao "Dia Municipal do Rock", para um público de aproximadamente 50.000 pessoas. Depois disso, passou pelas seguintes cidades: Ponta Grossa (09/10), Curitiba (11/10), Manaus (16/10), Belém (17/10), dois shows em Buenos Aires (24 e 25/10), Salvador (07/11), Recife (08/11), São Paulo (16/11 – este, com abertura do Henceforth, levou 3.000 pessoas ao Olympia, em plena segunda-feira), Porto Alegre (24/11) e, encerrando essa primeira leva de shows no Brasil, Rio de Janeiro (25/11).

Depois disso, o Angra voou para o Japão, onde fizeram novamente quatro shows: dois em Tóquio (04 e 05/11), um em Nagoya (07/11) e um em Osaka (08/11). Mais uma vez, apresentações que aconteceram em importantes casas de shows do país, com todos os ingressos esgotados antecipadamente. "A produção no Japão foi impecável", contou Kiko. "Os caras contratados pela produtora para organizar os eventos já trabalharam com a Madonna, Michael Jackson, Helloween, Iron Maiden, e eles tratam todos da mesma maneira. Depois da gente, o próximo cliente dessa produção seria a Celine Dion, que tocaria nos mesmos lugares que a gente, ficaria no mesmo hotel, etc.".[111]

De terra do Jaspion, Andre e seus companheiros de Angra voaram para Buenos Aires, para participar da edição argentina do Monsters of Rock, ao lado de Iron Maiden, Slayer, Soulfly e Helloween, no dia 12/12, e, enfim, para o Chile, onde se apresentaram pela primeira vez na

capital do país, Santiago, em 15/12. A banda terminou o pesado ano de 1998 com duas apresentações no Brasil: Belo Horizonte (20/11) e Maringá (19/12).

A virada de 1998 para 1999 foi apenas simbólica. A banda teve poucos dias para descansar antes de pegar estrada novamente. Num período de pouco mais de quarenta dias (entre 9 de janeiro e 20 de fevereiro de 1999), o ANGRA fez impressionantes trinta e quatro apresentações em solo europeu, passando por: Grécia, França, Bélgica, Espanha, Portugal, Suíça, Áustria, Alemanha, Holanda e Itália. Metade dos shows dessa turnê aconteceram ao lado da banda finlandesa STRATOVARIUS. Em Portugal, Andre aproveitou a oportunidade e dedicou a música "Lisbon" aos seus antepassados portugueses. Os mais de 1.000 presentes na casa de shows cantaram a música a plenos pulmões.

"Essa foi a melhor turnê que a gente fez. Só tocamos em lugares legais", comenta Ricardo Confessori. "Foi outro nível. Na Europa a gente só tocou em locais grandes, praticamente. No Brasil, só viajamos para capitais. Era só show gigante e às vezes repetíamos a mesma cidade depois de seis meses, sempre cheio. Nessa época, já estava todo mundo mais à vontade. A gente ensaiava pouco, cada um na sua casa. Não que estivesse mal ensaiado, mas cada um fazia seu trabalho sozinho de boas".

Bruce Dickinson

O destaque dessa turnê europeia foi a apresentação de 16 de janeiro, em Paris, na importante Le Zénith, uma imponente casa de shows para 7.000 pessoas. "Eu tenho família lá na França e quando eu falei para os meus primos que tocaríamos lá no Zénith, eles falaram: 'O quê? No Zénith? É mesmo? É a melhor casa de espetáculos da França!'. Falaram que a gente tinha virado mega popstars por lá, mas ninguém estava ganhando muita grana, não!", lembra Leck Filho.

Para esse show, o ANGRA contou com a participação especial de Bruce Dickinson, que cantou ao lado de Andre as músicas "Run to the Hills" e "Flight of Icarus", do IRON MAIDEN. "A gente estava fazendo uma turnê e esse show na França era muito importante", comenta Kiko Loureiro. "Eu lembro das conversas com o Olivier Garnier

[responsável pela gravadora francesa do Angra]. Tinha gente importante vendo alguns shows nossos para analisar a banda. A Sanctuary estava vendo de talvez assinar com a gente. Aí falaram para o Bruce ir. Eu não sei o que ele foi fazer lá, até hoje eu não entendi quem fez a ponte, se foi o pessoal da França. A gente estava crescendo bastante e seria legal para o Bruce fazer esse show. Acho que o pessoal do Rod Smallwood falou com ele também. Lembro do camarim, todo mundo ali conversando. O produtor do *Fireworks*, o Chris Tsangarides, que era inglês, estava com a gente nesse dia. Então ficamos todos conversando em uma rodinha, ouvindo as histórias do Bruce Dickinson".

Quem organizou tudo para que Bruce fizesse essa aparição no show do Angra foi Olivier Garnier, que conta: "Nessa época, eu estava trabalhando para a Sanctuary na França. Eu fiz alguns trabalhos com o Bruce em Paris e o Steve McTaggart era o empresário do Bruce e também do DragonForce. Éramos amigos próximos e ele ficava me perguntando sempre sobre o Angra. Ele sabia que a banda era muito grande na França. Nós tivemos uma conversa longa e eu tive a ideia de perguntar: 'Você acha que o Bruce aceitaria vir à França e tocar com o Angra?'. Ele disse que ia perguntar ao Bruce. Então, o Bruce aceitou, pegou o avião e voou até Paris para fazer o show. Logo depois, ele voou de volta para a Inglaterra. Foi minha ideia e o Steve ajudou nesse processo. Nós temos esse dia filmado. Não me lembro de detalhes dessa noite porque eu estava superocupado correndo de um lado para o outro".

"Naquele momento eu me desliguei completamente", contou Andre, em entrevista meses depois do show. "Só acreditei depois que me mostraram as fotos e fiquei abobado. Tanto que depois falei pra ele que, pra mim, aquilo era um negócio muito louco, pois eu tinha ido assistir ao Iron Maiden no Rock in Rio quando eu tinha 13 anos e agora, com 27, eu estava em Paris com o Bruce ao meu lado tocando Iron Maiden com o Angra. Perguntei quantos anos ele tinha na época e ele disse que deveria ser uns 27 também. Eu acho que essas coisas não acontecem à toa, é um ciclo meio louco, pode falar que é meio esotérico, mas eu achei meio louca essa situação".[112]

Os dois meses seguintes, entre o final de fevereiro até abril, foram de relativa tranquilidade para o ANGRA. Um período de merecidas férias. Andre não voltou ao Brasil, no entanto. Concluídas as apresentações da turnê europeia, foi à Alemanha fazer ensaios e gravações de seu projeto solo com Sascha Paeth, posteriormente chamado de VIRGO.

De atividades oficiais nesse período, além de um show isolado no Chile (18/04) – show que marcou a despedida do tecladista Leck Filho da banda –, a banda teve na Europa o lançamento do single *Rainy Nights* em CD, através de suas gravadoras na França e na Itália. O single trouxe três versões da música "Rainy Nights". A versão original, que havia aparecido como faixa bônus na edição japonesa de *Fireworks*, com um pequeno detalhe diferente;[113] uma versão menor, editada para rádios; e a mesma música em versão instrumental.

Em maio, depois de um show isolado no Brasil, em Brasília (16/05), a banda partiu novamente para o continente europeu. Dessa vez para uma turnê mais curta, de três semanas, para cobrir alguns festivais importantes como Dynamo (21/05, Holanda), Eurometal (22/05, Espanha), Hard Rock (29/05, França), Rock in Allhau (04/06, Áustria) e Gods of Metal (06/06, Itália). Para aproveitar a viagem e cobrir as datas vazias, o ANGRA fez um pequeno giro pela França, em uma turnê patrocinada pela gravadora, ao lado das bandas EDGUY e FREEDOM CALL.

"Foi uma grande honra quando minha banda EDGUY foi convidada para abrir para o ANGRA na França, onde eles haviam se tornado uma banda realmente grande", conta o vocalista, Tobias Sammet. "A primeira vez que falei com ele foi na França naquela turnê, numa tarde, acho que em Toulouse. A primeira conversa que tivemos me mostrou que tínhamos uma ótima química juntos. Eu era aquele garoto jovem e inquieto e ele já era um pouco mais maduro. Mais tarde, descobri que ele seria capaz de 'desligar' esse lado de uma maneira agradável em um segundo. Conversamos sobre natureza, música, vida, e sobre ele nunca ter visto um ouriço. Acabei comprando pra ele um livro de figuras sobre ouriços depois da turnê como presente. Tenho o dom de sentir logo de cara se eu gosto da

verdadeira natureza das pessoas ou não, e qual é o caráter delas. E eu sabia que ele era do bem, imediatamente, e acho que esse bom sentimento foi mútuo".

Tá pegando fogo, bicho! (Parte 2)

As atividades da banda entre os meses de junho e novembro foram bastante intensas, especialmente com viagens longas entre uma apresentação e outra. Depois desses shows na Europa, a banda voltou ao Brasil, onde fez alguns poucos shows. Daqui, voltaram à Europa no início de julho para participar de dois festivais, na França e na Bélgica. De lá, voltaram ao Brasil para dois shows lotados no Palace, em São Paulo, nos dias 16 e 17 de julho. Na primeira dessas apresentações em São Paulo, no dia 16, o desastre do Colégio Rio Branco quase se repetiu. A banda havia contratado malabaristas para fazer números com fogo durante o solo de bateria, em que a banda saía do palco. Mas já na primeira noite algumas tochas caíram no chão, o que poderia ter sido uma tragédia, já que a casa estava lotada. A banda não quis correr o mesmo risco no dia seguinte e demitiu os malabaristas. Julho terminou com um show nos Estados Unidos, em um festival em Milwaukee.

Dos EUA, o Angra voltou mais uma vez à Europa, para mais festivais: Biebob (06/08, Bélgica) e o poderoso Wacken (07/08, Alemanha). De lá, a banda voou para um *showcase* promocional no México (08/08), em Guadalajara. Da terra do Chapolin, o Angra retornou ao Brasil, para um show isolado em Natal (14/08), terminando as atividades de agosto.

Em setembro, voltaram ao México, dessa vez para apresentações em Guadalajara (15 e 16/09) e uma na Cidade do México (18/09). Alguns eventos específicos ocorridos naquele país foram preponderantes para a saída definitiva de Andre do Angra, juntamente com Luis Mariutti e Ricardo Confessori, mas falaremos sobre esses detalhes específicos no próximo capítulo. Por ora, basta dizer que a pesada sequência de chá de aeroportos em 1999 contribuiu para piorar ainda mais o clima da banda, que já não estava essas coisas fazia tempo.

Os derradeiros shows da turnê em apoio ao disco *Fireworks* e as últimas apresentações de Andre com o ANGRA, como tal, aconteceram no Brasil. As cidades e as respectivas datas foram: Pouso Alegre (25/09), Curitiba (15/10), São Paulo (23/10), Santos (26/10), Bauru (30/10) e Natal (09/11). Ninguém sabia que o último show de Andre, Luis e Ricardo na banda aconteceria naquele 09 de novembro de 1999 em Natal. Um longo período de tempo se sucedeu entre esse show e o anúncio da ruptura do ANGRA, em agosto de 2000. A seguir, daremos mais detalhes sobre o que aconteceu.

Capítulo 11

SAÍDA DO ANGRA

A história complexa da saída de Andre Matos do Angra teve seu desfecho no ano 2000, com mais dois membros deixando a banda além dele. Mas os primeiros capítulos tiveram início anos antes. Anteriormente, falamos do fato de Andre e Rafael, os pilares do Angra, por assim dizer, não se falarem, já desde a época de *Angels Cry*. Kiko também era uma pessoa fechada. Vimos também que, já em 1997, Andre havia ensaiado uma saída do grupo, embora tenha voltado atrás, prosseguindo com a gravação e a turnê do *Fireworks*.

Em 1999, os boatos sobre a insatisfação de Andre no Angra estavam crescendo, especialmente com o advento da internet e as possibilidades proporcionadas por fóruns de discussão e programas de trocas de mensagens, como o ICQ. Os rumores cresceram a ponto de a edição nº 13 do informativo *Angra News*, entregue aos membros do fã-clube da banda, trazer, em março daquele ano, a seguinte nota:

> Mais uma vez a banda foi alvo de boatos infundados, divulgados principalmente pela internet. Dessa vez, algumas pessoas começaram a divulgar que o vocalista Andre Matos estava saindo do Angra, e que ninguém menos que Ronnie James Dio estava prestes a assumir o posto supostamente deixado por Andre. Para completar esse boato ABSURDO, muitos ainda divulgaram que Kiko Loureiro também estava deixando a banda para integrar-se ao Helloween! Os boateiros de plantão capricharam na criatividade!
>
> Então, vamos esclarecer alguns fatos: após a turnê europeia [janeiro-fevereiro de 1999], a banda esteve em férias durante o mês de março. E o vocalista Andre Matos, como de costume, passou as mesmas na Alemanha. E, para aproveitar esse tempo livre, o Andre realizou alguns ensaios e gravações juntamente com seu grande amigo Sascha Paeth (Heaven's Gate), que já coproduziu dois álbuns do Angra. Mas isso não significa que Andre esteja saindo da banda, sendo que esse material não tem sequer previsão de lançamento.
>
> O Fan Club ainda recebeu algumas cartas de fãs perguntando sobre prováveis intrigas pessoais entre os membros do Angra, e isso novamente é um boato. Não

> existe nenhuma intriga, pessoal ou profissional, entre os integrantes da banda.
> E para dar um fim definitivo a esses boatos, o fato é que a banda está voltando a ativa agora em abril [de 1999], para dar continuidade à turnê que vai se prolongar até setembro! E no último trimestre deste ano, estará em estúdio gravando e mixando seu quarto álbum, a ser lançado mundialmente em março de 2000. E tome outra *tour* mundial daqui a um ano!

Bem, essa nota (publicada em outros veículos com algumas variações diferentes) estava cheia de mentiras. Havia, sim, muitas intrigas na banda e Andre estava com um pé fora do Angra. Kiko Loureiro não saiu para o Helloween, mas outros dois integrantes do Angra acabaram saindo. E Ronnie James Dio não fez teste algum para entrar para a banda brasileira. A existência desse comunicado, no entanto, mostra que os rumores de uma ruptura no Angra estava prestes a acontecer, e (sem nenhum trocadilho com o nome do último álbum da banda com Andre) geralmente há fogo quando se vê fumaça.

Todos aqueles motivos que haviam levado Andre a desistir do Angra já em 1997, não apenas não foram resolvidos, mas amplificados. Vamos listá-los e desenvolver melhor cada um deles ao longo deste capítulo: o controle excessivo que o empresário, Toninho Pirani, tinha sobre as atividades do grupo; prestações de conta confusas e suspeitas de corrupção (caixa dois, pirataria); e uma deterioração completa das relações interpessoais entre os integrantes da banda.

Antes de começar a falar sobre esses problemas, precisamos deixar claro que convidamos Toninho a conceder uma entrevista para este livro e explicar seu lado da história, seu ponto de vista. Alegando motivos particulares, Toninho se negou a participar. Na verdade, de todas as pessoas convidadas a participar, ele foi o único que deixou claro não querer ter qualquer envolvimento com este livro nem apresentar qualquer versão para as histórias aqui narradas.

No primeiro dos motivos listados, a majestosa turnê do disco *Fireworks* fez crescer ainda mais o interesse de grandes produtoras e empresários europeus não apenas pelo Angra, mas também pela figura de Andre. “A gente foi no stand da gravadora em uma feira lá na Europa e havia uma foto gigante do Andre”, comenta Kiko Loureiro. “Depois a gente ouviu que a grana que a gravadora ofereceu para os dois [Andre e Sascha] pelo Virgo, que eles já estavam gravando já há algum tempo, era maior do que a que o

Angra recebia para gravar seus discos. E era só eles dois. O Andre estava namorando uma alemã nessa época, e estava basicamente morando no país, e ele aproveitava pra gravar algumas coisas desse projeto".

Diante da notícia de que Andre estava trabalhando em um projeto solo junto com Sascha, a reação de Toninho Pirani foi de que, se Andre ou qualquer integrante do Angra fosse ter algum projeto solo ou paralelo, ele, Toninho, deveria ser o empresário. "Ele argumentou que estava com o Andre desde o começo, desde o Viper, e queria participar desse novo projeto, e o Andre não queria, queria outro empresário", conta Kiko.

Essa exigência de Toninho colidia frontalmente com um desejo de Andre, que queria se desvencilhar de Pirani de qualquer jeito. Na opinião de Andre, o empresário havia prejudicado bastante o Angra por seu protecionismo desmedido. "Poderíamos ter sido a terceira banda importante da Sanctuary Records, atrás apenas do Iron Maiden e do Helloween. Mas o empresário ferrou com tudo", contou Andre em entrevista de 2004.[114]

"A gente estava de saco cheio do empresário. Queríamos sair fora, não queríamos mais trabalhar com o Pirani", conta Ricardo Confessori. "Só que ele amarrou o contrato de um jeito que não dava pra gente se desvencilhar. Ele era tão louco que, na cabeça dele, ele achava que ia obrigar a gente a ficar na banda, ser obrigado a trabalhar na banda. Não dava pra sair do contrato. A gente começou a dar risada daquela situação ridícula. Não existe isso".

"Sim, o Toninho queria gerenciar a carreira pessoal do Andre e ele não gostou nem um pouco daquela ideia", conta Rafael Bittencourt. "Ele era muito protecionista e começou a cercar. O Andre queria voar, não queria ficar preso. A banda ficou presa nisso. O Andre tinha uma briga com o Toninho por conta de ele querer ser empresário solo dele e também por ele ser muito protecionista".

"A gente não tinha como continuar trabalhando com ele", comenta Confessori. "O Andre começou a fazer o trabalho com o Virgo e o Pirani disse que, por contrato, ele não poderia fazer. Só podia fazer o projeto solo se ele, Toninho, participasse. O Andre disse que isso

não tinha nada a ver, que era a carreira dele, que não tinha nada a ver com o ANGRA. O contrato dizia que ninguém nunca poderia fazer nada fora daquele grupo. Éramos obrigados a trabalhar só para a banda. Só poderíamos fazer *workshops*, no máximo. O Andre então começou a levantar essa lebre de sair fora. A gente estava de saco cheio do empresário. O Andre que tinha feito os contatos com o Sascha, todas as gravações haviam sido pagas por eles, e o Toninho queria obrigar o cara a trabalhar com ele? Ele era maluco!".

Outro problema que foi ampliado a um ponto sem volta foi a suposta corrupção na condução empresarial com o ANGRA. "Nosso empresário não quis dar nenhum dado, abrir os contratos, os livros contábeis, informações sobre onde se vendia disco, etc. Isso foi uma das coisas", disse Andre em entrevista, anos depois. "Começamos a perceber também que estava rolando muita pirataria em cima dos nossos discos. Eram discos perfeitos, sem numeração. Sinal de que alguém de algum país onde o disco foi licenciado botou a mão na matriz. O nosso escritório praticamente não deu bola pra isso, não se preocupou em ir atrás e processar, coisa que eu acho que é a função de um escritório. Foi nessa hora que a confiança entre nós começou a não rolar mais".[115]

Thiago Bianchi, dono do estúdio onde o ANGRA ensaiava, consegue nos apontar o dia em que as desconfianças sobre pirataria na banda começaram: "Estávamos almoçando no shopping El Dorado e discutindo sobre a popularidade do ANGRA. Eu falei que eles eram muito conhecidos e que tinha CD do ANGRA vendendo em todos os lugares. O Andre falou: 'Eu duvido que tenha CD do ANGRA naquela loja ali'. Era uma lojinha pequena, na porta só tinha Elton John, Michael Jackson. Então eu levantei e falei 'Quer ver? Eu aposto que tem'. Na primeira prateleira estava lá o *Fireworks*. Eu peguei e mostrei o disco pra eles. Eles entraram na loja e foram lá conferir. Nós ficamos vendo os discos da loja e de repente eles começaram a discutir entre eles muito fortemente falando: 'Não é possível, temos que falar com ele', começaram a gesticular. Eles tinham descoberto que, na verdade, o disco era uma versão mexicana do CD e que não tinha por que estar ali. Não vou me envolver, mas era uma cópia não autorizada do disco e estava sendo vendida aqui em São

Paulo. Sem querer tropecei em um vespeiro gigantesco que mexeu na estrutura da banda".

Nesse ponto da desconfiança em relação aos aspectos administrativos da banda, os eventos que aconteceram no México, em 1999, foram de bastante relevância para a eventual saída de Andre, Luis e Ricardo do grupo, no ano seguinte.

Quem cuidou das ações de divulgação do Angra no México foi o empresário Paulo Baron, que conta: "O Andre estaria no México por alguns dias. Eu que cuidava das divulgações por lá. Fomos jantar, ficamos amigos, eu levei o Angra pra fazer TV, rádio, coletivas de imprensa. Aí se criou um relacionamento, e foi a primeira vez que ouvi que o Andre estava com problemas com o Angra. Eu estava descobrindo a banda e já vi que estavam rolando problemas. Com o passar dos dias, ele foi se abrindo. Passou quatro dias lá, mas foi muito intenso, ele gostava muito de antropologia e Peter Gabriel, temas que eu gostava também. Ele me contou então que queria sair do Angra, que estava insatisfeito com problemas financeiros, problemas com o empresário. Perguntou se eu não podia ajudar ele a pesquisar, já que eu fazia parte desse mundo dos álbuns e distribuição. Ele estava desconfiado de pirataria. Eu conhecia muita gente e combinamos que eu faria uma pesquisa, se descobria alguma coisa lá no México. O Andre me passou como eram os códigos de barra. Então eu fui com um policial amigo meu num mercado na Cidade do México chamado El Chopo, que vendia pirataria, e lá achamos vários CDs piratas do Angra, com números de série de CDs brasileiros e argentinos".

Algum tempo depois da viagem acima, o Angra viajou para o México, para efetivamente tocar no país. "O empresário do Angra entrou em contato comigo e perguntou se eu não tinha interesse em fazer alguns shows da banda no México. Confesso que achei estranho", conta Paulo Baron. "O Andre estava chorando as pitangas comigo sobre a situação com a banda. Aí de repente o empresário me liga e diz que quer fazer uma turnê no México? Eu não estava entendendo, mas fizemos esses shows por lá. Quando eu falei com o Andre da minha descoberta sobre a pirataria, ele me perguntou se eu não falaria aquilo para os outros caras da banda. Quando

terminamos a turnê, fizemos uma viagem para as pirâmides. Então fizemos uma reunião, a pedido do Andre, e eu contei o que eu tinha visto. Eu não sabia quem tinha feito a pirataria, mas eu disse que existiam sim os CDs, foram descobertos pelo meu amigo policial".

"O Paulo teve uma conversa com a banda e disse que o Toninho fabricava na Rússia os CDs piratas do ANGRA, e distribuía em toda América Latina", conta Rafael Bittencourt. "Na hora que eu ouvi isso eu achei uma história muito escabrosa. Mas a banda entrou numa histeria. O Andre, o Luis e o Ricardo na hora tomaram aquilo como verdade e se revoltaram".

"A única coisa que eu posso de fato afirmar é que houve muita pirataria, principalmente a clonagem de discos oficiais, como *Angels Cry*, *Holy Land* e *Fireworks*", contou Andre em entrevista pouco tempo depois de deixar a banda. "Muitos piratas chegavam principalmente da Argentina e isso não aconteceu só no Brasil. Mas como estamos lidando com um tipo de máfia, é muito difícil provar alguma coisa".[116]

"Eu falei para, primeiro, a gente averiguar essa história", conta Rafael. "O Kiko pensou isso também. O Toninho era muito confuso nas prestações de conta. Acho que ele é um cara confuso e não da máfia dos piratas. Ele fazia pirataria de VHS pornô, mas da própria banda que ele empresariava? Eu achava isso muito improvável, de verdade. Não que eu estivesse conivente com nada, mas queria provar primeiro".

Diante de todas as desconfianças, a banda teve ideia de fazer uma auditoria, para passar um pente fino nas finanças do ANGRA. "Aquela informação que o Paulo deu, de que o Toninho fazia pirataria, dividiu a banda", continua Rafael. "Fizemos uma auditoria e eu também contribuí para pagar. Eu fui o primeiro a levantar a questão do Toninho, na verdade. Disse que não estava confiando nele, porque ele não demonstrava as coisas. As demonstrações de prestação de conta e a comunicação eram confusas. Fuçamos todas as contas. Os auditores não conseguiram entender. Eles falaram que, ou o Toninho era tão mafioso que conseguia esconder muito bem o que fazia, ou ele era muito confuso e incompetente como gestor. Nos dois casos, ele era muito ruim".

“O resultado da auditoria foi apenas a gota d’água que detonou não apenas a minha saída, mas também a do Luis e Ricardo”, contou Andre, em entrevista após sua saída da banda.[117]

No plano pessoal, as relações que já não eram boas ficaram completamente abaladas com uma série de desconfianças, por parte de Andre, Luis e Ricardo, em relação aos outros dois integrantes do ANGRA, Rafael e Kiko. “Durante todos esses anos nós vínhamos sempre alertando os dois sobre os problemas na banda e queríamos que eles colaborassem e ajudassem a descobrir os erros, os cinco juntos”, disse Andre, na mesma entrevista. “Eles simplesmente se ausentaram e, além disso, delataram as nossas intenções para o empresário e as gravadoras. E todos sabiam que, se as coisas não mudassem radicalmente, a estrutura da banda iria naufragar. Faltou espírito coletivo de ‘saber estar em um grupo’”.[118]

“A razão da saída dele do ANGRA é o Toninho, a princípio”, conta o primo de Andre, Eco. “O Andre resolveu fazer um motim, disse que não precisavam daquele cara. Mas nem todo mundo foi. Alguns ficaram do lado do empresário. A gente nunca foi materialista, por isso é legal contar a história toda. O Andre nunca quis ser milionário. Não é isso que move a gente, ter coisas físicas, dinheiro. Nossa motivação, que vem lá do nosso avô, é outra. Meu avô abriu mão de muitas coisas: ele podia ser usineiro. Teve grandes convites, mas não quis. Não ia motivar ele emocional e espiritualmente. Esse papo de dinheiro com o Andre não era o que o motivava, mas era o que aparentemente motivava os outros. Eles romperam por causa disso”.

Citado como parte do imbróglio, Rafael foi convidado a apresentar o lado dele em entrevista exclusiva para este livro: “A banda já estava fragilizada. O Andre não falava comigo. Nós já estávamos desmotivados. A questão da pirataria foi a gota d’água e dividiu a banda de vez. Eu falei pra continuarmos, mas eles não queriam olhar pra minha cara nem pra do Kiko. Eu não teria escolhido continuar com o Toninho! Teria escolhido continuar com meus três colegas de banda, mas eles não queriam falar comigo, entenderam que eu era conivente com um grande esquema. Esquema que, aliás, não estava provado. Eram desconfianças, suspeitas. Então,

espera lá! Eu também não ia apedrejar o Judas sem ter provas. Chamei pra nos organizarmos, mas o Andre não queria. Ele não falava comigo. Ele não queria continuar a banda comigo e sem o Toninho. Ele queria se livrar do Toninho e de mim. E também do Kiko, ele não tolerava o Kiko. Este livro está sendo uma oportunidade para eu clarear as coisas e desabafar. Eu preciso contar minha versão dos fatos, o meu lado da história. O Andre morreu, virou uma lenda, beleza, mas ele era um cara muito difícil às vezes. O fato é que ele abraçou, como verdade inquestionável, que o Kiko e eu endossávamos a marginalidade do Toninho, mas isso não aconteceu. Isso é uma distorção! Por mim eu teria continuado, mas não era nada agradável, o clima não estava legal. Muito antes desses problemas, a relação já estava toda cagada. A gente já não conversava".

Kiko também comentou um pouco sobre seu lado nessa dolorosa ruptura do ANGRA: "Na época, eu defendi o Toninho. O Andre saiu do ANGRA e não quis mais. Já tinha feito isso antes do *Fireworks*. Ele estava em outra. Aconteceu a mesma coisa no VIPER. Ele não aguentava ficar com a galera, não tinha paciência. Ele não era de brigar. Ficava na dele e depois desistia. Ele não brigava, não fazia barraco, ele ficava na dele e não queria. Teve a história do caixa dois também, que o Andre disse que poderia estar acontecendo. Mas o Andre já estava tretado com esse negócio do VIRGO. Eu tentava entender onde que estava a questão mesmo".

"A gente [Andre, Luis e Ricardo] sabia que estava na mesma posição, vamos dizer assim, de querer se separar, de não aceitar certas coisas que estavam rolando", disse Andre em entrevista após a ruptura. "Nós três sempre acabamos combinando muito bem mentalmente. Vamos dizer assim: a gente viu a coisa com uma olhar mais emocional, um pouco menos racional. Sabe, não era aquilo que a gente estava percebendo que rolava legal, nós não estávamos nos sentindo bem ali, então nós decidimos mais ou menos juntos, já que não dava para levar todo mundo junto e nos separar do empresário. Então resolvemos nos separar da banda também. Foi triste, foi chato, mas foi melhor do que seguir numa situação forçada".[119]

“[A separação] foi aos poucos, principalmente pela diferença de atitude das pessoas em relação às coisas que iam acontecendo. Não foi apenas um motivo principal. Nós três fomos formando uma mentalidade que não era compartilhada pelo restante”, disse Luis Mariutti, em entrevista da época.[120]

“Desde o começo, os únicos que se uniram para tentar corrigir algo e brigar pela banda fomos nós”, disse Andre, referindo-se também a Luis e Ricardo. “Os outros dois reclamam que foram abandonados, mas a história não é bem essa. Eles se ausentaram dos problemas durante dois anos e, quando perceberam que o barco havia afundado, disseram que queriam um lugar no bote. Só que esse bote nós estávamos construindo há dois anos. Tenho certeza de que, se os cinco estivessem juntos, da maneira que chamamos eles inúmeras vezes para tentar resolver os problemas, a banda não teria acabado. Eles nos acusavam de estarmos sendo paranoicos, que deveríamos ficar quietos e apenas continuar trabalhando, estando ou não errado. Eles sempre ficavam argumentando para esse lado financeiro, que deveríamos pensar na parte do negócio. Podem nos chamar de bobos, mas nós nos preocupávamos mais com o lado musical”.[121]

Em outra entrevista, que contou com perguntas elaboradas por fãs, Andre respondeu de maneira bem enfática: “São duas coisas separadas, o problema empresarial e o problema pessoal dentro da banda (que acabava por refletir no musical). O fato é que, quando nós mais precisamos dos nossos colegas, foram eles que nos deram as costas. E o fato de terem permanecido com o empresário comprova isso. Não é realmente muito estranho que três saiam da banda de uma vez? Deve haver mais que um motivo para isso!”.[122]

Andre, Luis e Ricardo não viram outra alternativa senão comunicar ao Angra seu desligamento da banda. No dia 6 de agosto de 2000, Andre soltou o seguinte comunicado à imprensa:

> Caros amigos,
>
> Neste momento difícil, tenho pensado em algumas palavras para tranquilizar a todos e explicar o porquê de tudo isso. Existe um único motivo: a fidelidade a um ideal.
>
> O Angra nasceu em cima de uma amizade sincera e muitos sonhos. Muitos deles se concretizaram graças à ajuda e dedicação de todos que nos apoiaram no mundo inteiro: fãs, jornalistas, profissionais… Alcançamos um nível que jamais poderíamos imaginar e ainda teríamos muito mais a conquistar. Então começaram os problemas.

Frequentemente rolavam sérios atritos com o nosso empresário no Brasil. Tivemos até mesmo um período, pouco antes do *Fireworks*, quando a confiança mútua já parecia estar perdida – e isso quase causou a separação na época. Porém, com as promessas de que tudo seria esclarecido e consertado, resolvemos nos dar uma segunda chance. Infelizmente, foi em vão. Apesar de conseguir finalizar o álbum e a turnê, o que se viu então foram novos desentendimentos e muita falsidade, com a banda sendo forçada a encarar o trabalho apenas como mais um "negócio". Era o início de uma grande desarmonia entre nós, músicos. E que, obviamente, também refletiria no lado musical.

Para mim, o nome ANGRA – que hoje pertence ao empresário – sempre foi sinônimo de profissionalismo e qualidade. Um tipo de magia que não se pode explicar… E eu não podia assistir isso morrer. Simplesmente não me sujeitaria a dizer que fico na banda e fazer "mais um disco" apenas por dinheiro. Se sempre deixamos claro à imprensa que deveríamos parar no dia em que nossa criatividade acabasse, essa é a hora. Penso que um músico de verdade nunca deve trair seus instintos, e por isso tomei essa atitude.

É claro que me preocupo com todos os fãs que se sentem perdidos, mas fiquem tranquilos: não estou morto e me sinto ainda mais forte! E não vou deixá-los sozinhos, como nunca deixei no passado.

Agora, os planos apontam para o VIRGO (que na verdade nada tem a ver com a separação do ANGRA...) – mas há também uma porta aberta para o futuro junto a meus amigos Luis Mariutti e Ricardo Confessori, que deixaram a banda pelos mesmos motivos. Nós três pensamos que não podemos deixar este anjo cair e, apesar de não ficarmos com o nome ANGRA, com certeza ficamos com todo o resto!

Agradeço a todos pela compreensão e amizade e mal posso esperar para reencontrá-los em breve!!

Um abraço,
Andre Matos

Kiko e Rafael soltaram a seguinte nota, alguns dias depois.

Caros amigos,

Este tem sido um momento difícil. Sentimos pelo que vem acontecendo e o envolvimento de tantas pessoas, embora acreditemos que tudo será resolvido. Não cabe a nós julgar a atitude de nossos ex-companheiros, podemos apenas relatar os fatos sob a nossa própria perspectiva.

Recebemos recentemente a notícia sobre a decisão deles de "abandonarem o barco". Problemas? Estaríamos mentindo se negássemos a existência deles, problemas administrativos, mas que já estão sendo resolvidos. Os integrantes da banda tiveram pontos de vista diferentes na forma de encará-los. Alguns pensaram em soluções que pudessem trazer resultados melhores para o grupo; outros desistiram e saíram.

Após nove anos, realmente cremos ser natural aparecerem dificuldades de toda natureza. Estranho seria não tê-las! No entanto, nos magoa não termos criado, depois de tanto tempo, união suficiente para enfrentá-las todos juntos, como adultos.

Nós acreditávamos não haver contratempo capaz de comprometer o importante trabalho construído juntos, e por isso fomos excluídos de todas as decisões da banda, desde o final do ano passado. Simplesmente, recusaram-se a considerar o que nós tínhamos a dizer. Acreditamos no diálogo. Sempre existem boas chances de se chegar a uma conclusão, pois ao dialogar mostramos respeito pela opinião alheia.

Não houve respeito ou diálogo e sentimos pelos fãs e por todos os que, de algum modo, estão ligados a nós.

Por que obrigar os fãs a dividirem seus sentimentos entre os membros da banda? Por que não aceitar que as pessoas às vezes possuam opiniões diferentes? É a conversa que nos leva às conclusões boas e à evolução. Não tivemos coragem de cuspir no nome Angra, jogando-o fora como um brinquedo velho. Nós estamos encarando tudo isso de frente. Para nós, trata-se de princípios morais, profissionais e respeito aos fãs. Estamos prontos para o nosso futuro e continuar dando aos fãs uma parte de nossos corações e almas.

Todos nesta banda, sem exceção, cometeram erros de igual proporção. Afinal de contas, somos seres humanos e a perfeição jamais será um dom humano. Mas todos deveriam estar dispostos a aceitar e assumir os seus, assim partiríamos a uma nova etapa. Renovados, fortalecidos e reestruturados.

Ninguém ficará com todo o resto pois a essência do Angra estava na química que possuíamos os cinco e não nas mãos de um, dois ou três. Mas o carinho dos fãs é a semente, continuaremos plantando-a nos férteis terrenos da boa música e regando com a nossa paixão pela profissão.

Desejamos tudo de bom aos nossos amigos. Espero que um dia este momento de loucura possa ser relevado por todos os momentos especiais que vivemos juntos. Muito obrigado pelo apoio que todos vocês têm nos dado.

Cordialmente,

Rafael Bittencourt e Kiko Loureiro

Nos meses e nos anos seguintes, Andre e Angra fizeram críticas ácidas uns aos outros, em uma novela que rendeu bastante e, para alguns fãs mais radicais, rende até hoje. Algumas tentativas e convites de reunião foram feitos ao longo dos anos, à medida que o calor da briga foi se esfriando, mas as desavenças jamais foram superadas, por nenhum dos lados.

O Angra seguiria sua vida, com novos membros e mantendo Toninho Pirani como empresário, o que foi visto por Andre, Luis e Ricardo como um sinal de que Rafael e Kiko eram coniventes com o empresário. “Qual era minha alternativa na época?”, questiona Rafael, em entrevista para este livro. “A banda já estava separada do Kiko e do Rafael. Eles três iam fazer uma nova banda. Eu poderia fazer um projeto sozinho ou com o Kiko. Ou voltar para o Toninho que era o dono do nome ‘Angra’. Eu não ia brigar com o Toninho pelo nome sem ter o resto da banda. Eu falei para continuarmos com o nome, remontar o negócio depois de pensar muito. Continuamos com o Toninho por alguns anos ainda e remontamos a banda. Eu precisava salvar minha reputação. Era sobrevivência. Se eu fosse esperar reconstruir do nada, com uma nova galera e sem o nome ‘Angra’... O Andre Matos e o Angra eram

conhecidos, eu era o cara do ANGRA. Sem o Andre e sem o nome ANGRA eu não era nada. Eu ia fazer o quê? Não tive escolha. Assegurei o nome, por mais que não fosse a saída perfeita. Mas o Toninho não era o empresário que eu queria".

Com a nova configuração, o ANGRA lançou três discos de estúdio, um álbum ao vivo e um EP. Anos depois, os mesmos problemas de caixa dois e corrupção com o empresariamento do grupo apareceram novamente. Em 2009, a banda finalmente rompeu com Toninho Pirani. Em um processo igualmente estressante e que se arrastou por anos até ser concluído.

Já Andre se via, nos início dos anos 2000, sem banda, desgastado, decepcionado, mas totalmente livre. Para o novo milênio, Andre tinha em mente finalizar o projeto que estava gravando com Sascha e começar uma nova banda, do zero, com seus companheiros Luis Mariutti e Ricardo Confessori. Ninguém iria ditar a ele o que fazer e como fazer.

Essa história começamos a acompanhar a partir do próximo capítulo.

Capítulo 12

VIRGO E PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

Fora do ANGRA, Andre rapidamente se reuniu com seus companheiros rebeldes, Luis e Ricardo, para começar uma nova banda, o SHAMAN. Considerando que a nota à imprensa sobre a ruptura do ANGRA foi publicada no dia 6 de agosto de 2000, e que o SHAMAN (com uma logo improvisada, mas já com esse nome) foi capa da *Roadie Crew* de setembro, mês seguinte à saída do ANGRA, podemos concluir que as conversas em torno do novo grupo foram bem rápidas, ou até mesmo que já estavam acontecendo antes da oficialização da ruptura da banda.

No período de formação do SHAMAN, por assim dizer, entre 2000 e 2002, Andre participou de diversos projetos paralelos, no Brasil e no exterior. Optamos então por dedicar este capítulo a todos esses projetos, nos quais Andre se envolveu entre 2000 e 2002, e falar sobre o SHAMAN a partir do próximo, para não ficar confuso.

Looking-Glass-Self

O primeiro desses projetos sobre os quais vamos falar é o LOOKING-GLASS-SELF, um esquema europeu no qual Andre participou a convite dos irmãos Alex e Oliver Holzwarth.[123] Andre gravou demos com essa pretensa banda no Weltraum Studios, em Munique, Alemanha, no segundo semestre de 2000. Chamada de *Equinox*, a demo teve quatro músicas: “Equinox”, “Stigmata”, “The Valparaiso Dreaming” (com solo de teclado de Jens Johansson, do STRATOVARIUS) e “Footprints Of Angels”, e apostava em uma sonoridade mais moderada,

acústica, que flertava com o jazz e com o progressivo, além de flamenco e música espanhola.

As gravações foram concluídas em outubro de 2000 e, apesar de algumas notícias que saíram na época de que Andre seria o vocalista daquela nova superbanda, a demo jamais chegou a ser lançada oficialmente e acabou tendo apenas fins promocionais. O álbum completo, que nunca viu a luz do dia, previa outras canções, com títulos como “Monumental Me”, “The Lonely Views of Condors” e “Mementum”, cujas gravações originais permanecem inéditas. O projeto/banda, formada por integrantes do Sieges Even, acabou nunca saindo do papel, apesar das notas oficiais divulgadas na época, de que seria o projeto principal de todos os seus integrantes.

Em julho de 2001, em seu website oficial, o Looking-Glass-Self se manifestou sobre o andamento dos trabalhos: “Estamos cientes do fato de que algumas pessoas consideram o Looking-Glass-Self como uma banda/projeto. Isso, claro, não é verdade. Mesmo que haja muitas atividades paralelas, por exemplo, Alex tocando com o Rhapsody, Oliver gravando com o Blind Guardian, Andre e Markus continuando seus trabalhos solo, o Looking-Glass-Self é e será o centro de nossa criatividade musical e lírica. Esperamos que essa discussão chegue ao fim assim que assinarmos o contrato de gravação”.[124] O contrato nunca surgiu, Andre se afastou do projeto e tudo acabou sendo arquivado.

Posteriormente, diversos materiais do Looking-Glass-Self foram reutilizados por Markus em sua banda principal, o Sieges Even. No disco de 2005, *The Art of Navigating by the Stars*, a música “Stigmata” apareceu em uma versão repaginada, mais acessível e com outros arranjos. O título “The Lonely Views of Condors” foi utilizado integralmente em outra canção do mesmo álbum.

Muito antes dessa nota do Looking-Glass-Self, de que banda era a principal atividade e prioridade de todos os integrantes, Andre já tinha deixado esse projeto de lado. Era para ser apenas uma demo, e foi mesmo apenas uma demo.

Virgo

No segundo semestre de 2000, Andre estava completamente focado em duas frentes de trabalho: o VIRGO, que estava gravando há alguns anos com o produtor alemão e amigo Sascha Paeth, e o SHAMAN, sobre o qual falaremos no capítulo seguinte.

A entrevista concedida por Andre e pelo SHAMAN para a edição número 23 da *Roadie Crew*, de setembro de 2000, é um importante registro histórico acerca dos planos de Andre na época em relação a esses projetos: "O VIRGO está mais bem adiantado. Está tudo acertado e já fechamos o contrato com a gravadora SPV, da Alemanha. É algo que eu quero finalizar rápido e colocar logo esse álbum no mercado. Se for ver em termos de prioridade, o SHAMAN precisa até muito mais de mim... A gente tem muito mais para fazer aqui e, no caso do VIRGO, não. Ainda estamos compondo as músicas do SHAMAN, vendo como estão ficando. Ainda temos que gravar tudo e a partir daí veremos que tipo de contrato iremos fazer e qual gravadora iremos tentar".

Feito ao lado de seu amigo e produtor Sascha Paeth, o VIRGO lançou apenas um único CD, com o complemento *Matos/Paeth* junto ao título homônimo. As onze músicas vasculham territórios distantes, para além do que Andre estava acostumado a fazer com suas bandas principais. Até mesmo as aceleradas "Blowing Away" e "Baby Doll" tinham uma abordagem mais acessível, radiofônica. Pode-se classificar o trabalho como um álbum de pop rock. A influência do QUEEN é bastante notória.

Anteriormente, em entrevista ao jornalista Clovis Roman, em fevereiro de 2001, Andre havia comentado sobre as expectativas em relação à aceitação do público: "O VIRGO é um projeto paralelo, que existe desde a época do ANGRA e é uma coisa que eu levo sempre a parte. É um tipo de música que não vai tanto pelo estilo do heavy metal, ele é mais voltado para o rock tradicional, mais para o estilo do tipo QUEEN, mais melódico, mais tradicional. Mas eu tenho certeza de que todo o público que estava acostumado com o meu trabalho dentro do heavy metal vai gostar do trabalho do VIRGO de qualquer maneira. É um trabalho que está pronto, eu estou superorgulhoso, está saindo agora e em breve também será possível tocar com o VIRGO aqui no Brasil também".

A turnê nunca aconteceu, mas o VIRGO chegou a fazer um único show, justamente na apresentação do álbum à imprensa, em 16 de agosto daquele ano, em um clube na Red Light District, em Colônia,

Alemanha. Houve participação de orquestra e coro, e a presença de uma quantidade restrita de pessoas: apenas imprensa e convidados. Sascha relembra: “Só fizemos um show e foi um grande show. Não era pra muita gente. Falando sobre o VIRGO... Você tem que entender que tudo foi feito de maneira grandiosa. Recebemos um bom adiantamento da gravadora para fazer uma produção grande e eles tinham esperança na gente. Fomos convidados então para a PopCom, uma espécie de feira/evento feito por gravadoras. Ia ser uma convenção, para trocar experiências e tudo mais. Chegamos e falamos: ‘Que diabos é isso?’. Tinha fotos nossas tiradas da arte da capa do VIRGO, umas fotos de cinco metros espalhadas, ficamos até com vergonha de sentar lá perto. Eles queriam algo grandioso, foi engraçado. Esse lugar era o maior prostíbulo da Europa, eles não tinham permissão para esse tipo de negócio, então você podia alugar lá para eventos, era um porão meio oriental”.

“Foi engraçado”, continua Sascha. “Cabia umas quinhentas pessoas lá nesse evento. Foi maravilhoso, tocamos com um grupo de pessoas tocando cordas, um coral gospel... Teve bastante potência sonora, como havíamos feito no álbum. Nós não nos importamos com dinheiro. Foi uma ótima experiência! Infelizmente não foi filmado. Estupidez nossa, nem fotos temos”.

Após essa estreia, a dupla tinha de fato planos para uma turnê, mas diversos fatores impediram que isso acontecesse: “Infelizmente, o VIRGO nunca chegou a colocar o pé na estrada”, comenta Sascha. “O Andre e eu fomos para Tóquio por uns dias fazer eventos promocionais e entrevistas. Então ele voltou para o Brasil e não pôde me acompanhar na viagem promocional para a Europa, porque tinha outros compromissos. No dia 10 de setembro eu fui para a Itália com um cara da gravadora. Era 2001. Se você fizer a matemática, saberá o que aconteceu no dia seguinte: foi o 11 de setembro. Eu estava num programa de rádio, era a primeira entrevista que eu fazia para o VIRGO nessa viagem promocional. Eu estava lá... E vi um computador, era de tarde. Então eu vi o avião batendo na torre, as pessoas começaram a se juntar perto desse monitor para entender o que estava acontecendo. Eu pensei,

‘Devem estar assistindo a um filme’, e todo mundo dentro do estúdio ficou perturbado”.

Sascha viu ali o fim precoce da caminhada com o VIRGO: “Toda a experiência do VIRGO acabou naquele momento. No dia seguinte, tínhamos que ir para a Espanha e não havia quase ninguém no avião. Ninguém estava mais interessado em bandas, todos achavam que o mundo acabaria, que uma guerra mundial ia estourar. Tudo com o VIRGO foi cancelado”. Com a mudança repentina no cenário mundial, tanto a turnê quanto a promoção do álbum foram comprometidas: “Íamos assinar um contrato de publicidade e não deu certo. O álbum saiu e o mundo estava estranho. Em outubro ainda estava ruim, não tinha nenhum marketing ou novos contratos acontecendo. Então o álbum não decolou... Demorou muito até tudo voltar ao normal e a gravadora não ficou feliz com o resultado. Não quero colocar a culpa toda no 11 de setembro, mas esse evento contribuiu negativamente, sim”.

Além desse show promocional na Europa, houve uma outra oportunidade em que algo do VIRGO foi apresentado ao público, e foi no Brasil: “A outra vez que tocamos VIRGO foi com o SHAMAN, e tocamos duas músicas. Foi na gravação do DVD *RituAlive*. As músicas não entraram no DVD por causa dos direitos autorais, mas as gravações devem existir aí em algum lugar”, acrescenta Sascha. Em carreira solo, Andre chegou a interpretar esporadicamente as canções “No Need to Have an Answer”, “Discovery”, “Crazy Me?” e “Take me Home” em alguns shows.

Quanto à criação das músicas, Sascha explica que o método não era rígido: “O processo de composição do VIRGO variava de música para música. Algumas nós fizemos juntos na mesma sala, escrevendo coisas. Outras nós fizemos separados, cada um em um lugar, mas depois nos encontramos para produzir e juntar tudo. Nós queríamos um impacto emocional nas músicas que, para conseguirmos, precisávamos estar juntos”.

Andre gostaria de ter feito um segundo álbum com o VIRGO, e chegou a expressar publicamente esse anseio em entrevista para a revista *Comando Rock*, em 2005: “Tenho planos de lançar um segundo disco com o VIRGO, meu projeto com o Sascha Paeth. Mas temos que

marcar uma data. Acho que nós dois teremos que tirar umas férias para lançar este trabalho”.[125]

Luca Turilli

Durante as gravações na Alemanha do que viria a ser o álbum do Virgo, em 2001, o guitarrista italiano Luca Turilli, do Rhapsody, cruzou o caminho do vocalista. Eles já haviam se visto algumas vezes ao longo da vida, mas o primeiro contato em que conversaram de fato foi no Gate Studio, de Sascha Paeth: “Eu também estava lá, terminando a produção do meu segundo álbum solo, *Prophet Of The Last Eclipse*”, contextualiza Luca, que conta como se concretizou a participação de Andre Matos no referido álbum, cantando a música “Demonheart”: “Eu estava no mesmo estúdio que um dos cantores mais importantes da cena do metal sinfônico, seria uma verdadeira honra ter o Andre como convidado. A propósito, eu tinha acabado de ouvi-lo cantando ‘Painkiller’, do Judas Priest, e fiquei realmente impressionado. Não hesitei e perguntei se ele não toparia participar do meu álbum. Ele ouviu e gostou muito dos acordes do verso e da atmosfera moderna da música em questão”. A versão com Andre saiu como faixa bônus; há também no CD a versão original, com o vocalista Olaf Hayer, que cantou no álbum. Apesar da vitoriosa parceria, ela nunca se repetiu: “Infelizmente, essa foi a única oportunidade em que eu o encontrei”, lamenta Luca, em entrevista exclusiva para este livro.

Karma

Voltando ao ano 2000, temos a participação de Andre Matos na música “The Speech”, do álbum de estreia da banda Karma, *Inside the Eyes*. Na formação do Karma estavam o baixista Felipe Andreoli, que pouco tempo depois deixaria a banda para integrar o Angra, substituindo Luis Mariutti, e Thiago Bianchi, que futuramente ocuparia o posto de Andre numa versão remendada do Shaman, que existiu por alguns anos. “Ele ainda estava no Angra quando perguntei se ele não queria me ajudar a produzir uma música do Karma”, conta Bianchi. “Ele disse que produção não era a dele, que o Rafael era mais interessado nisso, mas que aceitaria cantar uma faixa. Ele que se ofereceu. Eu não o convidei, porque achava que ele não

fosse topar. Ele me ensinava muito. Como tinha muito carinho pela minha mãe, ele me via como um irmão mais novo. No dia da gravação, ele falou pra eu soltar o REC – e era pra eu pegar meu microfone e colocar pra gravar também. A gente passou a música no estúdio e ele disse que queria captar esse momento juntos. Falou que era assim que os grandes gravavam, sem emendas, com menos emendas possível. 'The Speech' é uma música quase sem emenda. Na época não tinha nem o Pro Tools. Isso me marcou muito, a faixa é muito bonita e ele arrebentou".

Sagrado Coração da Terra

Também do ano 2000 é uma das raras aparições de Andre cantando em português – o único registro de que se tem notícia, na verdade. No disco *A Leste Do Sol, Oeste Da Lua*, da banda mineira de rock progressivo Sagrado Coração da Terra, liderada pelo compositor e violinista Marcus Viana e, como o próprio nome indica, de temática bastante espiritualista. Embora tenha sido lançado em 2000, o álbum foi gravado ao longo de cinco anos e traz a participação de Andre na música "Bem-Aventurados", baseada na passagem bíblica do evangelho segundo Mateus (capítulo 5, versos 5 a 12).

Andre também participa da última faixa do álbum, "Terra", uma releitura da canção de Caetano Veloso, em uma interpretação sublime. Aqui, ele não atua como voz principal – que ficou a cargo de Marcus Viana –, mas ainda assim rouba a cena com sua performance na parte final da longa canção.

Avantasia

Retrocedendo ao ano de 2001, temos uma das participações mais famosas da carreira de Andre Matos, com o Avantasia, parceria que durou alguns discos e turnês. De fato, foi ao lado do Avantasia que Andre cantaria a última música de sua vida: "Reach Out for the Light", mas isso é assunto para os últimos capítulos. A composição, vinda do álbum de estreia *The Metal Opera* (2001), teve seu vocal originalmente gravado por Michael Kiske, na época recluso e ex-vocalista do Helloween. Após terem se conhecido em uma turnê em 1999, Tobias Sammet tomou coragem e convidou Andre para participar do primeiro disco de sua ópera metal: "Eu disse a ele que

estava planejando esse projeto e que admirava a voz dele, e que talvez eu tenha sido a primeira pessoa na Europa a se apaixonar pelo Angra. Disse também que ia tentar conseguir Michael Kiske... Acho que ele também era um ídolo do Andre, e o Kai Hansen, guitarrista do Helloween e Gamma Ray, também havia tocado no *Angels Cry*. Tudo foi muito incestuoso", explica descontraidamente Tobias. "Ele imediatamente disse que estava interessado. Trocamos números de telefone e mantivemos contato. Nossos caminhos se cruzaram constantemente depois dessa turnê, seja para atividades promocionais, festivais ou para coisas do Avantasia. O engraçado é que foi o Andre que me apresentou ao Sascha Paeth".

Interpretando Elderane, o elfo, Andre aparece em três faixas do álbum de estreia do projeto Avantasia: "Inside", "The Tower" e "Sign of the Cross". O sucesso e a amizade com Tobias renderam um repeteco em *The Metal Opera Pt. II*, lançado no ano seguinte, 2002. Dessa vez, o vocalista aparece em três composições: a dupla de abertura "The Seven Angels" e "No Return", além de "Chalice of Agony". Andre ainda faria mais participações no Avantasia, mas isso também é assunto para outros capítulos.

Dr. Sin

Outra participação especial interessante de Andre, nesse período anterior ao álbum de estreia do Shaman, foi nos shows que resultaram no DVD e CD duplo *Dez Anos ao Vivo*, do Dr. Sin.

Andre e os irmãos Ivan Busic e Andria Busic eram amigos de longa data. O primeiro show da história do Viper, aquele lá no Lira Paulistana em 1985, foi abrindo para o Platina, banda de Ivan na época. O baterista conta como se concretizou a parceria de sua banda com Andre, eternizada em disco: "Nós estávamos com o show montado já, e o Andria teve a ideia de convidar o Andre. Ele disse que ele seria perfeito e que estava com muita saudade do Andre, que isso seria ótimo para a gente se encontrar. Eu liguei, o Andre topou na hora e sugeriu a música 'Fire', de que gostava bastante. Foi algo espetacular, não por ser minha música, mas foi um dos maiores vocais que ele fez na vida. Que interpretação, que voz!".

No DVD, é possível ver um Andre à vontade, a ponto de descer do palco e terminar o show abraçado com o público: “Teve um detalhe que no meio da música ele chamou a galera, colocou umas coisas improvisadas do jeito dele. Ele cantou: ‘Fireee, Fireeee’, lá em cima! Foi impressionante. Olhei para o Andria e dei até risada! Olha a nota que ele atingiu! Aquela perfeição, potência e drive que ele botou. Ele colocou muita alma e coração. Ali foi um carimbo da nossa amizade e união”, rememora Ivan.

Hamlet

Em 2001, Andre também participou do *William Shakespeare’s Hamlet*, um projeto bastante ousado da Die Hard Records, que contava com uma cacetada de bandas brasileiras, cada uma interpretando um poema: Delpht, Santarem, Hammer Of The Gods, Krusader, Nervochaos, Symbols, Hangar, Torture Squad, Fates Prophecy, Tuatha de Danann, Eterna, Vers'Over, Imago Mortis e Sagga. Andre Matos canta na música “To be”, que fecha o disco.

Em entrevista para este livro, Fausto Mucin e André Mesquita, idealizadores do projeto, comentam: “Nossa intenção quando criamos a ideia do projeto *William Shakespeare’s Hamlet* era provar que, ao contrário do que a mídia venal alardeava, as pessoas que curtiam nosso estilo musical não eram limitadas, ignorantes, preconceituosas e alienadas, e também que não éramos desunidos. O conceito reunia literatura, teatro e poesia e, obviamente, música. É um projeto porque não é uma coletânea e nem uma ópera rock, os artistas selecionados eram, todos, os perfeitos para suas posições, e a participação espetacular (esta é a palavra) de Andre Matos foi a aura de qualidade do que estávamos fazendo, profundo conhecedor e amante de música, do estilo e do mercado, seu carimbo para nós, iniciantes, foi fundamental. A imagem que ele deixou pra nós foi de *generosidade*”.

Alexandre Callari, que se tornou bastante conhecido no universo da cultura pop brasileira por seu espetacular trabalho à frente do canal e editora Pipoca e Nanquim, foi o produtor do projeto e coube a ele transformar os poemas escritos por Adriano Villa em músicas, em inglês. Em entrevista da época, Alexandre comenta: “Procuramos entregar tudo o mais ‘mastigado’ possível para as bandas. Durante todo o processo de composição, eu fiquei à disposição dos músicos

para auxiliar nas letras que, bem o sei, são difíceis de serem cantadas. Troquei palavras ao longo do processo, mudei frases de lugar, adequei métricas aparentemente impossíveis, fiz e desfiz rimas; tudo para garantir um melhor resultado nas partes cantadas. No final, creio que funcionou".[126]

William Shakespeare's Hamlet foi mixado por Sascha Paeth e ganhou bastante destaque na imprensa da época, com matérias em sites como *Omelete*. Na revista *Roadie Crew*, o projeto ganhou a capa de uma edição com a foto dos principais integrantes e o título de "O projeto mais ousado do metal brasileiro". O disco vendeu cerca de seis mil cópias apenas no Brasil (sucesso absoluto para uma época em que compartilhamentos de arquivos estavam começando a se popularizar), e chegou a ser licenciado para outros países, como Argentina.

Holy Sagga

Outra interessante participação de Andre em 2001 foi com a banda brasileira HOLY SAGGA, que havia participado do *William Shakespeare's Hamlet* sob o nome SAGGA. Tiveram que mudar de nome por exigência do mercado japonês, por causa da banda de rock progressivo dos anos 70 de mesmo nome. Andre gravou as vozes de "Fight for Survival", do álbum *Planetude*, bastante elogiado na época e lançado também no Japão. *Planetude* foi mixado no Gate Studio, na Alemanha, mais uma vez por Paeth.

"Ficamos todos muito felizes com o resultado, inclusive o Andre", lembra Anderson Calo, do HOLY SAGGA, em entrevista para este livro. "Já estávamos todos sentados na sala técnica e fomos ouvir a música toda uma última vez, só para curtir mesmo. Tudo estava perfeito, mas faltava uma coisa que o Maurício e eu havíamos conversado muitas vezes antes dessa gravação. Algo que a gente considera a assinatura vocal do Andre, algo que só ele faz. Ele usa essa "assinatura" na palavra "burns", na segunda e terceira vez que ele canta a frase: "And I'll be here when fire burns", na música "Time", do ANGRA. Desde quando a gente soube que ele ia gravar com a banda, o Maurício e eu ficávamos conversando onde ele poderia usar essa assinatura na nossa música, e comentamos isso com o Richard também. Quando terminou a gravação, ele não tinha usado

em lugar nenhum. Fiquei me corroendo, sem saber se falava ou não com o Andre sobre isso, mas o Richard se antecipou e falou: ‘Andre, tem uma coisa que a gente gosta muito, que é uma assinatura sua e que seria legal se você usasse nessa música. Será que rola?’. Ele perguntou o que era, sem entender do que se tratava. O Richard, que adorava imitar o Andre cantando, cantou a parte da ‘Time’ para o Andre. Todos rimos muito e o Andre disse: ‘Claro, vamos fazer!’, e acabou rolando!”.

Andre participou de muitos projetos entre os anos 2000 e 2001, mas, à medida que o tempo ia passando, era o SHAMAN que tomava cada vez mais atenção do cantor. É sobre o SHAMAN que falaremos a seguir.

Capítulo 13

RITUAL

Fora do ANGRA, Andre participou de muitos projetos, mas o principal deles era mesmo a banda com seus companheiros dissidentes de ANGRA, Ricardo Confessori e Luis Mariutti – além do irmão de Luis, Hugo Mariutti.

“Eu não tocava esse tipo de música nessa época”, lembra Hugo. “Mas me veio uma inspiração num dia que eu compus a ‘Time Will Come’. Mostrei para o Luis e falei que se eles fossem continuar juntos, se eles quisessem, poderiam gravá-la. Eles gostaram e me chamaram pra gravar as guitarras dessa música. Nesse meio tempo, já estavam com outras ideias, principalmente o Luis e o Ricardo, aí eu comecei a gravar. O Andre estava no meio do processo de gravação do VIRGO na época. Quando ele voltou pra cá, ele ouviu e gostou pra caramba. Gravou a voz em cima. E eu fui ficando, foi meio natural. Eu gravei uma e eles gostaram, aí comecei a gravar as outras também”.

O baterista Ricardo Confessori explica quando as coisas começaram a tomar forma nessa nova banda: “Logo que saímos do ANGRA, comecei a preparar material, escrever músicas. Mostrei para o Luis o que tinha e ele achou legal. Começamos então a montar o time e trabalhar em mais músicas. Pensamos em perguntar ao Andre se ele gravaria uma demo, pra conseguir um contrato legal com uma gravadora boa que financiasse o disco. Vai que ele topava, né? Sem nenhum contrato, não dava pra fazer nada. Nós chamamos o Hugo pra fazer as guitarras da demo, dar uma força, e chamamos o Andre. Um dia ele veio na minha casa e tocou piano, mostrou ideias, e cantou melodias em cima das músicas”.

O jornalista Claudio Vicentin, da *Roadie Crew*, lembra da reunião da então nova banda, em fase embrionária, em que o nome SHAMAN foi forjado: “Estávamos no sítio do Ricardo, ele ia fazer um churrasco, ficava em uma cidade próxima de São Paulo. Estávamos eu, Ricado Batalha, Luis, Hugo, Ricardo, Andre e o Vitão Bonesso, do *Programa Backstage*. Foi oficializado que ali existia uma banda. Aí veio a dúvida: qual vai ser o nome da banda? Pipocaram várias sugestões de nomes, alguns com palavras clichês como ‘Twilight’ ou ‘Dragon alguma coisa’, até que o Ricardo Batalha, que sempre gostou da música ‘The Shaman’, do *Holy Land*, sugeriu esse. O Andre na hora falou: ‘Nossa, é isso!’. Todos acharam perfeito”.

“Minha sugestão foi SHAMAN por causa da música ‘The Shaman’, uma das que eu mais gostava no ANGRA”, lembra Ricardo Batalha. “Fico contente que pude ajudar a convencer Andre Matos, Ricardo Confessori e Hugo Mariutti a aceitarem uma sugestão de Luis Mariutti para batizarem a banda como SHAMAN. Naquele dia, falei pro Andre que, além de impactante, aquilo tinha conceito. Todos acharam ideia legal e então o Andre começou a estudar sobre xamanismo”.

Para o guitarrista Hugo Mariutti, o nome se encaixava na proposta temática do grupo que estava tomando forma: “Quando a gente resolveu botar o nome de SHAMAN, já pensávamos em explorar esses temas de xamanismo. O Andre, que sempre ficou com essa responsabilidade das letras e assuntos, trazia sempre pra gente ver o que achávamos. Mas ele é quem escrevia as letras na época do SHAMAN. Além da parte musical, que ele ajudava bastante. Mas as letras a gente deixava pra ele”.

Andre sempre exaltou a presença de Hugo na formação, desde o começo. Para o cantor, a presença de um guitarrista único, em vez de dois, como estava acostumado, deixava o som mais pesado, mais sóbrio, com bom gosto e técnica na medida. Para o vocalista, como quarteto a banda deixava mais espaço para todo mundo: “Ao vivo você sente muito isto, e acaba ficando até mais pesado. E não é apenas o fato de ser um a menos, mas o fato de ser o Hugo na guitarra, por ter outras características. Não é aquele cara que chega com a guitarra, e tem esse som e acabou. Ele escolhe o timbre, bom

gosto acima de tudo. Eu digo que ele vale por quatro justamente por ele ser tão versátil... Que tem hora que está tocando uma base thrash metal, tipo MEGADETH", disse Andre em coletiva de imprensa para exibição do videoclipe de "Fairy Tale". O depoimento foi impresso na revista *DVD World*.[127]

A primeira entrevista do SHAMAN foi exatamente para a revista *Roadie Crew*, editada por Batalha e Vicentin, ainda no ano de 2000, no mês de setembro – apenas um mês após o anúncio do rompimento oficial com o ANGRA. O SHAMAN não tinha logo nem foto promocional, e estampou a capa da revista, contando detalhes sobre a ruptura do ANGRA e indicando os planos para a nova banda. Entre os ousados planos do grupo na época, estava a ideia de tentar fazer um show já em dezembro de 2000.

Um dos cuidados que a banda teve logo no começo, na tentativa de evitar os problemas que aconteceram com o ANGRA, foi tratar de abrir uma empresa. "Quando a gente foi fazer o SHAMAN, a gente se baseou nos erros do ANGRA para fazer certo. Então a primeira coisa que criamos foi uma empresa", disse Andre em entrevista ao *Heavy Talk*.[128] "A gente se orgulha bastante do que a gente fez. O VIPER teve a mão do Toninho e do Limb, o empresário alemão. O ANGRA também teve a mão deles dois, que fizeram tudo. O SHAMAN não. A gente tomou a frente da banda como músicos e empresários, e abrimos uma empresa chamada 'Shaman Produções'", lembra Ricardo Confessori.

Com a formação estruturada e nome definido, veio a gravação de uma demo: "Ela foi gravada num estúdio chamado Contato, do Tiago Bianchi", lembra Hugo Mariutti. "Foram quatro músicas. Nessa época, o Ricardo tinha um sítio no interior de São Paulo, a gente ia pra lá compor, continuar fazendo os arranjos. A gente voltou pra São Paulo para fazer essa demo nesse estúdio. Depois os nomes das músicas mudaram e a gente foi aprimorando. Realmente as versões eram bem diferentes do que a gente fez no disco".

"Os teclados já estavam gravados, eu os programei", conta Confessori. "Com a demo que gravamos, conseguimos um contrato legal com a JVC e a NTS, uma gravadora da França. A gente obteve uns adiantamentos de *royalties* com essa demo, mas o

pessoal perguntava qual era o nome da banda e se o Andre estava envolvido".

Para quem não sabe, o "NTS" da gravadora francesa é uma abreviatura de "Nothing to Say", icônica música do ANGRA. O selo era de propriedade de Olivier Garnier, que havia trabalhado com o ANGRA na França desde *Angels Cry*.

Já no segundo semestre de 2000, o guitarrista Hugo Mariutti comentou, em entrevista concedida a Clovis Roman,[129] que a banda já tinha material suficiente para um álbum completo: isso mais de um ano e meio antes do lançamento de *Ritual*: "De números eu realmente não me lembro exatamente... Porém posso garantir que temos material suficiente para um CD". O guitarrista ainda afirmou qual era a ideia da banda e suas diferenças em relação ao passado do ANGRA: "A proposta da banda é ser pesada, mais direta, porém sem perder em arranjos e melodias".

"O pessoal ia lá pra casa duas ou três vezes por semana, chegavam meio-dia e ficavam até as 23h. Ficávamos escrevendo material. As ideias iam aparecendo, a gente ia selecionando, gravando. Ficamos nessa um bom tempo", lembra Confessori.

Hugo lembra do perfeccionismo de Andre já durante a fase de composição das músicas para a demo: "Ele sempre foi ultraperfeccionista. Isso fazia a diferença. Além do talento natural, ele tinha isso da perfeição. Ele sempre acompanhava as gravações, dava ideias, 'faz isso desse jeito', 'faz aquilo de outro jeito'. Ele com certeza me ajudou muito, porque era um estilo bem novo pra mim, eu nunca tinha tocado esse tipo de música. Botei minhas características, mas sempre é preciso se adaptar um pouco. Os três me ajudaram muito. O Andre se cobrava bastante e cobrava dos outros de uma maneira legal, para que saísse um trabalho de qualidade. Eu lembro que a gente sempre lanchava num cachorro-quente nessa época, mas ele não comia a salsicha porque era vegetariano, então comia o pão com batata palha, ketchup e vinagrete!".

O primeiro contato do público com o trabalho do SHAMAN foi no programa de rádio *Backstage*, com a faixa demo "Time Has Come", no finalzinho do ano 2000. Com a virada no milênio, o grupo

concluiu sua demo, que trazia quatro faixas. Além da agora “Time Will Come”, estavam as novas “For Tomorrow” (antes “Here We Go”), “Blind Shell” (que saiu no *Ritual* como “Blind Spell”) e “Be Free”. Esta última ficou nos arquivos da banda por anos, até ser reciclada como “Freedom”, do álbum *Immortal* (2007), já com Thiago Bianchi – que foi engenheiro de som de *Ritual* – nos vocais.

Ainda sem logotipo definitivo, o SHAMAN pegou a estrada logo no começo de 2001, para se apresentar ao ávido público do chamado “metal melódico”, órfão do ANGRA, que só lançaria seu novo disco, *Rebirth*, em outubro. Era 10 de fevereiro quando aconteceu a estreia ao vivo da nova banda, no Dokas, em Recife. Hugo conta uma história inusitada desse primeiro show: “Algum fã foi tirar foto com a gente no hotel. Estávamos esperando a van chegar lá pra pegar a gente para a passagem de som. E aí alguém roubou a mala do Andre enquanto a gente estava tirando foto com os fãs! Tinha remédio dele... Lembro que ele ficou desesperado porque levaram um protetor de ouvido que ele usava pra cantar. Não tinha isso no Brasil: chama Ohropax e é tipo uma cera. Ele é bom porque não abafa, só atenua o som e ele sempre tocava com aquilo. Só cantava com aquele protetor. Inclusive na mala estava a nossa demo que a gente tinha acabado de gravar! Imagina se o ladrão gostasse da banda e espalhasse aquilo!”.

No final de semana seguinte (16/02), o grupo, já com Fabio Ribeiro nos teclados, pousou em Curitiba, onde tocou as quatro faixas inéditas do SHAMAN, diversas músicas do ANGRA (inclusive a que inspirou o nome da banda, “The Shaman”), e ainda uma homenagem ao IRON MAIDEN, “Flight of Icarus”. O show aconteceu no Studio 1250, palco que havia testemunhado uma das últimas performances ao vivo de Luis, Ricardo e Andre com o ANGRA, no final da turnê do *Fireworks*, dezesseis meses antes.

No final de março de 2001, a banda figurou no topo do festival NTS, que também contou com o RHAPSODY. Outras apresentações fora do Brasil na época aconteceram no Chile (17/05) e Argentina (19 e 20/05), além de uma performance na Cidade do México (24/07), mais uma vez ao lado do grupo italiano RHAPSODY.

Mas a mais importante dessas apresentações pré-*Ritual*, por assim dizer, foi a que aconteceu em São Paulo, em 21 de abril de 2001. O show aconteceu na imponente casa de shows Via Funchal e foi organizado pela revista *Roadie Crew* e pelo empresário Eric de Haas – aquele holandês que havia ajudado o Viper a conseguir o inglês Roy Rowland para produção do disco *Theatre of Fate*. "Foi muito bom aquele show!", lembra Eric. "A banda estava muito unida, eram todos amigos. Eles se conheciam já há muito tempo e o clima era muito bom. Acho que o Andre ficou um pouco nervoso porque foi na Via Funchal, uma casa de shows muito grande. Ele tinha saído do Angra e não sabia como seria a repercussão. Mas foi um trabalho legal, estava lotado lá e foi muito gratificante".

Nesse show, dando ainda seus primeiros passos, com poucas músicas próprias, o Shaman tocou muitas músicas do Angra, além de "Living for the Night", do Viper, com participação especial de Yves Passarell, e alguns covers do Judas Priest e do Metallica. Da banda mesmo foram quatro músicas da recente demo que haviam gravado: "Time Will Come", "Blind Shell", "Be Free" e "For Tomorrow".

Para divulgar o show, o Shaman participou do programa *Musikaos*, da TV Cultura, apresentando algumas músicas da demo. É bastante interessante ver músicas como "For Tomorrow" em versões embrionárias, com partes bastante diferentes da versão final.

Com essas apresentações, a banda começou a trabalhar o conceito visual e temático que passaria ao público. "Lançamos a banda, antes mesmo do *Ritual*, como a nova banda dos ex-caras do Angra. Trabalhamos em cima desse marketing. Depois pensamos sobre qual seria o tema. Se a banda ia se chamar Shaman, teria que ter um clima xamânico. Começamos a bolar a atmosfera das músicas. Viemos com o nome do estilo musical *mystic metal*, e o nome do álbum virou *Ritual*", explica o baterista, Ricardo Confessori. Hugo Mariutti completa: "A gente discutiu os temas, sobre o que íamos falar. Eu não lembro de quem foi a ideia do nome *Ritual*. Faz muito tempo! Mas esse lance das letras estarem relacionadas a gente conversava muito sobre isso".

Em entrevista concedida a Clovis Roman, logo após o já mencionado show em Curitiba, o guitarrista Hugo Mariutti comentou como era a dinâmica da banda em relação às partes burocráticas: “Nós mesmos somos os empresários”. E, em depoimento exclusivo para este livro, Hugo confirma que a banda não tinha empresário nos momentos iniciais que precederam o *Ritual*: “A gente fez esses primeiros shows juntos e continuamos trabalhando nas músicas. O último show foi lá pra setembro de 2001. Aí paramos uns meses e focamos só no disco, fazendo a pré-produção no Brasil. A gente não tinha empresário na época. Desde organização de dinheiro para as diárias de alimentação, essas coisas que uma banda não costuma fazer, nós estávamos fazendo sozinhos na época. Foi uma opção não ter empresário, por tudo que eles tinham passado com o Angra”.

Embora tenha recebido convites para gravar muitas participações em bandas e projetos durante 2001, o Shaman foi prioridade total de Andre durante aquele ano. E, junto com seus companheiros Luis, Hugo e Ricardo, compôs e refinou todas as músicas para o que veio a ser o álbum de estreia da banda, *Ritual*, que só foi sair em agosto de 2002. O motivo da demora, de acordo com o baterista Ricardo Confessori, foi a agenda apertada de Sascha Paeth no período: “Nós fechamos com o Sascha, mas tínhamos que esperar vaga na agenda dele. Tivemos que esperar uns oito meses para o Sascha poder gravar a gente. O álbum poderia ter saído bem antes”.

Ritual foi gravado no Gate Studio, em Wolfsburg, na Alemanha, sob os cuidados de Sascha Paeth, durante os meses de janeiro e fevereiro de 2002. A capa, novamente a cargo de Isabel de Amorim, apresenta a imagem de um pajé ancião, que se forma a partir das chamas de um ritual, já dando uma amostra aos fãs de que o conteúdo será bastante calcado em aspectos místicos e religiosos. Não à toa, a banda passou a se definir como “mystic metal” nas diversas entrevistas que concedeu na época. Em uma delas, para a revista *Roadie Crew*, Andre comentou: “É um álbum muito atmosférico e tem todo esse conceito de xamanismo. Fala de magia, religiões, é uma viagem. Desde a introdução você já mergulha dentro dessa viagem, que vai até a última música. É algo bem místico mesmo, e chamar o Shaman de *mystic metal* é uma ligação certa”.[130]

Embora não seja exatamente um álbum conceitual, as letras têm uma linha condutora como tema, linha esta que exigiu certa pesquisa pelos membros para ser desenvolvida. Em entrevista para a revista *Valhalla* na época, Andre comentou algumas das fontes que o grupo pesquisou: “Nós estudamos muito sobre o assunto e pesquisamos bastante. Inclusive, eu gostaria de agradecer a influência da mãe do Ricardo, a Dona Antonieta, que nos cedeu vários livros. Ela é bastante mística e inteirada do assunto. Aliás, acabamos por deixar um livro dela no estúdio na Alemanha [risos]. Além de ler, tocamos no México antes de gravar, e lá há muito da cultura xamã. Então aproveitamos para fazer algumas pesquisas e visitar lugares diferentes. Na verdade, esse interesse pelo xamanismo não vem de hoje. Desde o disco *Holy Land*, do ANGRA, onde compus ‘The Shaman’, já falamos deste tema”.[131]

Algumas das músicas de *Ritual* foram tocadas em shows esporádicos que a banda fez antes do lançamento do álbum, principalmente no Brasil, em diversas capitais, mas também na Europa. Um deles foi em 27 de abril de 2002, no Viña Rock, na Espanha, e que foram apresentadas algumas canções inéditas até então, como “Here I Am”, “Distant Thunder” e “Pride”. As três canções da demo que entraram em *Ritual* também estiveram presentes, assim como três faixas da época de ANGRA: “Carry On”, “Lisbon” e “Wings of Reality”. Em entrevista para a *Roadie Crew* na época, Andre comentou: “Foi realmente uma prova de fogo. Tocamos muitas músicas novas e fomos aceitos de imediato. Acho que abrimos um caminho legal na Espanha”.[132]

Ritual conta com dez composições e, trazendo todas as músicas com qualidade acima da média e diversas participações especiais, é um álbum sem “lado b”. Para evitar tretas sobre quem deveria ser creditado em quais músicas, a banda repartiu os créditos das composições proporcionalmente à contribuição de cada um. Desse modo, Andre assina sozinho a composição de “Ancient Winds”, “Here I Am”, “Fairy Tale”, “Ritual” e “Pride”. Hugo assina sozinho a composição de “Distant Thunder” e “Time Will Come”. Confessori aparece como compositor único de “For Tomorrow” e “Blind Spell”. E Luis assina a composição de “Over Your Head”.

“Isso foi um acerto interno nosso, mas não quer dizer muita coisa. A gente deixou as músicas creditadas apenas para um autor, para não termos dificuldades no futuro com liberação de direitos. Eles tinham saído do ANGRA com muitos problemas nessa parte, e depois a gente mudou até essa política. Mas no começo eles estavam meio inseguros com tudo isso. Então a gente tentou fazer da forma mais preto no branco possível, pra não dar problema”, comenta Hugo Mariutti.

A mais importante e icônica dessas composições de Andre, claro, é “Fairy Tale” – faixa que ele apresentou ao ANGRA na época das composições de *Fireworks*, mas que foi rejeitada pelo produtor Chris Tsangarides. “O produtor lá não gostou da música, não queria do jeito que estava”, conta Hugo Mariutti. “No fim, não a trabalharam. O Andre já tinha comentado sobre essa música. Ela estava meio pronta e a gente deu um toque nosso nela. A primeira vez que tocamos ela inteira, eu lembro que ficamos arrepiados no estúdio. Foi uma coisa meio forte, não é à toa que a música estourou”. A canção entrou no disco com um coral, excerto da obra “Jesu, Salvator Mundi”, do obscuro compositor clássico do século XIX, Menegali.

Um dos grandes impulsos que *Ritual* teve, levando-o ao mainstream, foi a inclusão de “Fairy Tale” na trilha sonora da novela global *O Beijo do Vampiro*, como tema do vampiro Bóris, interpretado por Tarcísio Meira. Hugo explica como aconteceu: “O diretor artístico da Universal ouviu a música e adorou. Foi a primeira banda de metal lançada por um selo assim. O cara ficou maluco, achou muito bom! Ele falou que ia entrar uma novela no ar que falava sobre vampiro e essa música teria tudo a ver. Ele queria contatar o diretor da Globo. Mostrou para o cara e a música entrou na novela! Para a gente foi um susto. A gente ficou pensando se os fãs não iriam reclamar. Depois pensamos: ‘Isso vai dar maior visibilidade para o estilo e para a banda’. Foi algo muito legal para a gente”.

A canção, uma balada apoteótica de belíssima melodia, emplacou não só com o grande público, mas também junto aos fãs, sendo uma das favoritas ao vivo. Seu videoclipe teve alta rotatividade, e foi

gravado em um dia, como recorda Hugo: “A gravação foi em um colégio, a gente ficou o dia inteiro lá”. Além da banda, o clipe teve a presença da modelo Pietra Ferrari. Sobre isto, para a revista *Valhalla*, André comentou: “Estávamos meio apreensivos a princípio, pois não a conhecíamos... Não sabíamos direito como ia rolar. Mas ela interpretou muito bem os seus personagens, tanto a fada quanto a bruxa (...) Ela fez realmente um grande trabalho”.[133]

Uma situação inusitada das gravações do clipe de “Fairy Tale” foi que Andre tomou uma multa de trânsito no fim do dia. Hugo recorda: “Ele saiu da gravação e a gente estava perdido. O centro de São Paulo é assim, pra andar de carro é uma merda. Se você erra uma rua, não tem como voltar. Ele pegou uma contramão em uma ruazinha de vinte metros, pra poder sair em outra rua, e tinha um carro de polícia passando, de madrugada! Pararam ele, deram uma geral, a gente vestido daquele jeito, demorou um tempão pra explicar que estávamos gravando um clipe”.

Outra faixa de *Ritual* (e também composição de Andre Matos) que também apareceu em um produto global foi a música de abertura do álbum, “Ancient Winds”. A faixa abre o longa-metragem infantojuvenil *Acquária*, estrelado pela dupla Sandy & Junior.

A música assinada por Luis Mariutti, “Over Your Head”, teve letra inspirada nos atentados de 11 de setembro, nos Estados Unidos, uma data emblemática para o Shaman. “Nossa primeira reunião para consolidar e fazermos a empresa foi no dia 11 de setembro de 2001: o dia do atentado das torres gêmeas. A gente nunca vai esquecer. Chegamos na casa do Andre e ele estava vidrado na TV, falando o que tinha acontecido. O primeiro avião tinha acabado de bater, depois nós vimos o segundo. Nossa reunião nem aconteceu. E ‘Over Your Head’ fala um pouco sobre essa coisa, mas sob a perspectiva dos palestinos, foi uma ideia que ele teve. Foi muito marcante”, conta Hugo Mariutti. Em entrevista à *Roadie Crew*, na época, Andre comentou: “Essa foi uma das últimas que completamos para o álbum e acho que acabou fechando em si o estilo novo que estamos tentando construir e executando agora”.[134]

A música mais pesada de *Ritual* é a saideira, “Pride”, bastante veloz e com refrão apoteótico. A faixa veio de maneira tão rápida quanto

as palhetadas de Hugo Mariutti, após a banda brincar no estúdio tocando “Iron Fist”, do Motörhead: “A música foi composta em dez minutos. Tanto que a tocamos inteira apenas uma vez e perguntamos se o Sascha havia gravado. Ele disse que sim. Caso contrário, não iríamos conseguir tocá-la de novo”, contou André em entrevista ao jornalista Claudio Vicentin, da *Roadie Crew*.[135] A versão definitiva no CD contém a participação de Tobias Sammet, como que devolvendo a participação de Andre no seu projeto Avantasia. A ideia inicial era de que ele fizesse os vocais de apoio, mas no dia da gravação, por sugestão de Andre, eles gravaram as vozes intercaladas, e funcionou. Na época, Andre frisou que Tobias não cobrou cachê para essa gravação.

Com o passar do tempo, e o lançamento de *Ritual*, a figura de um empresário se materializou na figura de Paulo Baron, da Top Link Music, que havia chegado ao Brasil poucos anos antes. Paulo, para quem não se lembra, foi um dos pivôs da ruptura do Angra meses antes, com a descoberta dos CDs da banda que estavam sendo pirateados no México. De acordo com os créditos do DVD *RituAlive*, ele atuava como um dos *tour managers* do grupo.

Com o álbum de inquestionável qualidade, a banda caiu na estrada e o empresário afirma que as coisas custaram a engrenar: “Quando fizemos os primeiros shows, em Porto Alegre, Balneário Camboriú e Curitiba, a banda ficou assustada. Em Porto Alegre, o Angra costumava lotar o Opinião, que cabe 1.800, mas com o Shaman tinha 300. Em Balneário tinha 100 pessoas, Curitiba não tinha mais de 400 e eles lotavam antes. Eu lembro do Ricardo falar que isso não ia dar certo. Ele é muito bruto no jeito de falar. Falei que estávamos começando ainda, que tínhamos um puta álbum”. Em seu ponto de vista, uma estratégia de marketing em específico ajudou a alavancar a carreira do grupo: “Uma das estratégias que eu considero importante foi o slogan ‘mystic metal’. Os metaleiros gostam de se segmentar. Esse termo ajudou as pessoas a se identificarem e a banda se definiu. O Shaman assinou com a Universal também, na época as gravadoras investiam dinheiro. E o fato de ter a música ‘Fairy Tale’ na novela *O Beijo do Vampiro* ajudou bastante a colocar a banda no mainstream”.

A novela alavancou o SHAMAN, que de uma semana para outra passou a tocar em grandes casas de shows, com casas lotadas. “Atrasou a chegada do CD *Ritual* nas lojas... Esses três primeiros shows estavam bem vazios”, lembra Hugo Mariutti. “A gente ficou com medo. Será que ferrou? Os outros que tínhamos feito, antes do disco, estavam todos cheios. Mas como o disco não tinha chegado, não tinha tido divulgação nenhuma, isso atrapalhou. Os shows seguintes já estavam cheios, com a galera cantando as músicas. Depois dessas primeiras apresentações, entrou a música na novela e tudo foi ficando muito grande e com muita rapidez”.

A aparição na famosa novela das sete e as constantes inserções na programação da MTV impulsionaram bastante o SHAMAN dentro do Brasil, que tocou repetidas vezes em grandes casas de shows no país. Desde seu lançamento, em agosto de 2002, *Ritual* já vendeu mais de meio milhão de cópias, sendo o álbum mais vendido de toda a carreira de Andre Matos. O show mais importante da turnê, no entanto, aconteceu em 2003, no dia 5 de abril, em São Paulo, com gravação de DVD.

Sobre esse show e a continuação da turnê de *Ritual*, falaremos no próximo capítulo.

Capítulo 14

RITUALIVE

Um dos grandes momentos da caminhada do SHAMAN em sua formação clássica aconteceu com a gravação do DVD *RituAlive*, aclamado por fãs e pela crítica na época e até hoje considerado um dos grandes lançamentos do formato no Brasil.

O baterista Ricardo Confessori explica como a ideia nasceu: “Esse DVD foi decidido muito pouco tempo antes do show. Marcamos um show normal e começamos a divulgar alguns meses antes. Foi vendendo ingresso bem. Na época, o empresário que marcava os eventos era o Paulo Baron, e ele disse que a gente tinha que gravar um DVD. A gente pensou: como fazer um DVD se só tínhamos um disco? Ele disse que poderíamos gravar nossas músicas e colocar outras, além de chamar convidados. Isso aconteceu faltando um mês para o show. O Tobias Sammet já viria de toda forma, já estava decidido antes”.

“A ideia do DVD foi minha”, conta Paulo. “Estávamos vindo de Belo Horizonte de ônibus e falei que tinha uma ideia. As pessoas precisavam saber quem era o cara que fez ‘Carry On’. Comecei a viajar em fazer um DVD ‘tipo gringo’. Eu tinha visto um show do MÖTLEY CRÜE em que o baterista saia voando com a bateria e queria a mesma coisa. Colocar um palco gigante, com vários convidados. A equipe que tínhamos na época era incrível, tinha o Huguinho, iluminador que trabalhou com PARALAMAS e TITÃS; ele trouxe várias ideias. Nesse ônibus, durante a viagem, se criou a ideia, com todos os profissionais falando sobre como poderia ser. Estava o Guilherme Canaes, que disse como ficaria o som. O Ricardo disse que eu estava louco, mas fazia muito sentido. Gravar o DVD no Credicard Hall, estando em número 1 na rádio, trazendo aqueles convidados

todos, videoclipe tocando na MTV, música na novela... Nesse momento a banda foi para o mainstream no Brasil. Virou uma sensação. O Shaman passou a ser uma banda de moda, sem ser moda".

Com a divulgação de que aquele show em São Paulo seria a gravação de um DVD, os ingressos restantes logo se esgotaram, resultando em casa cheia. Para incrementar o material, outros convidados foram entrando na lista, como o violinista Marcus Viana, além dos membros do Helloween Andi Deris e Michael Weikath. "Demos sorte que eles estavam na mesma época no Brasil divulgando o disco deles", lembra o baterista, Ricardo Confessori. "Ficou uma qualidade absurda! Ninguém esperava. Achávamos que poderia ficar legal, mas a performance da banda foi surpreendente. Toda a magia deles foi capturada nos *takes* e transformou aquilo em algo histórico. O *RituAlive* virou referência tanto de som, menu, extras, fotos, participações. Foi completo em todos os quesitos".

A gravação aconteceu no Credicard Hall, em São Paulo, no dia 05 de abril de 2003, e o lançamento se deu posteriormente naquele mesmo ano. Claudio Vicentin, próximo do grupo desde sua fundação até 2004, acompanhou de perto a performance: "Acho que ali foi talvez o grande auge da carreira do Andre como vocalista de heavy metal", afirma o jornalista. "O *RituAlive* foi o pico na carreira do Andre, o momento dele, de receber o reconhecimento pelo artista que ele era. Ele arregaçou".

"Se depois Stratovarius, Edguy, Avantasia e toda essa leva de metal melódico receberam essa atenção no Brasil e viraram bandas gigantescas aqui, tudo isso foi por causa do Andre. Pelo estilo, voz e as composições dele", explica o jornalista, que complementa: "O Tobias Sammet, que hoje é um artista renomado, que cresceu muito com o Avantasia, deve tudo ao Andre. A carreira dele foi influenciada pelo Andre. O Tobias lá fazendo o *RituAlive*, eu lembro que era muita emoção pra ele".

"Passamos dias excelentes no Brasil", comenta Tobias. "Sascha e eu voamos para lá e passamos alguns dias com o Andre e o Shaman. Era um sentimento muito mais 'família' no Shaman do que eu tinha visto no Angra, quando os conheci em 1999. O Shaman era uma unidade pra

valer. Jogamos futebol na praia, fizemos passeios turísticos e ficamos bêbados juntos muitas vezes, mas de uma maneira muito juvenil e inocente. Acho que o Andre estava muito feliz naquela época e não vou esquecer essa hora. Fomos em um ônibus de turismo de São Paulo para o Rio de Janeiro, e eu estava apaixonado pela banda e pelo país. Foi incrível! Não parecia um trabalho, foi meio que férias com os amigos".

O concerto teve duração de 140 minutos, embora o DVD tenha chegado às lojas com cerca de 90. Músicas do Angra, como "Silence and Distance", "Carolina IV", "Time" e "Wings Of Reality", apresentadas em *medley*, além de "Crazy Me?", do Virgo, e "Inside", do Avantasia, ficaram de fora do produto final. Das 21 músicas tocadas naquela noite, 13 de fato constam no DVD, e 11 no CD.

O Avantasia, que era para ser apenas um projeto de estúdio de Tobias, paralelo ao Edguy – e que depois se tornou uma banda do primeiro patamar do metal europeu –, teve nesse DVD um primeiro registro ao vivo, com uma apresentação bastante digna e emocionante para a música "Sign of the Cross", que Andre e Tobias cantam juntos no álbum de estreia do projeto.

Embora tenha sido tudo pensado para o formato em vídeo, uma versão em CD simples de *RituAlive* também acabou saindo, como comentou Andre a Antonio Rodrigues Junior, em entrevista para a revista *Comando Rock*: "O DVD ficou muito bom, quase perfeito. A gravadora sugeriu então que também lançássemos uma versão em CD, para os fãs que ainda não têm aparelho de DVD. Sem falar na pirataria, que logo iria fazer uma versão em disco. A ideia deu muito certo".[136]

O show foi um sucesso e rendeu um material de valor inestimável aos fãs. Mas algumas trapalhadas aconteceram, como relembra Sascha: "Tem uma música que não foi para o DVD: 'Breaking the Law', do Judas Priest. Eu toquei na passagem de som com um amplificador, tudo estava ótimo. Mas os convidados do Helloween chegaram e o meu amplificador acabou sendo usado pelo Michael Weikath. Tinha um amplificador sobrando lá e eu acabei usando, mas nós não tínhamos testado ele. Eu não ouvia nada que eu estava tocando. Tudo estava OK até a hora do meu solo, eu fiquei

tipo ‘Que merda está acontecendo?’. Como guitarrista, você sabe fazer coisas mesmo que não esteja se ouvindo... Eu comecei com um *bend*, mas estava super fora da escala, esse eu consegui ouvir, apesar de ter três guitarristas no palco. O que aconteceu foi que ninguém me contou que depois que o HELLOWEEN entrasse ia mudar a afinação de todo mundo. Então eu toquei a música toda com outra afinação! Um amigo meu de São Paulo disse: ‘Esse não pode ser o Sascha... Isso tá uma merda!’. Toquei tudo errado”.

Para o técnico Guilherme Canaes, que trabalhou com Andre no ANGRA e no SHAMAN – inclusive na turnê de retorno da banda –, o trabalho é notável: “Para mim, o *RituAlive* teve uma energia incrível! Foi o melhor DVD de uma performance de banda brasileira em qualquer gênero. Ele é incrível, nunca vi nada igual. Passa exatamente o que era o SHAMAN naquele momento. Era algo muito engrenado, tudo coeso, tudo funcionando perfeitamente, todos dando o melhor de si e com vontade”.

Canaes lembra da preocupação e cuidado de Andre para que tudo saísse perfeitamente: “A gente chegou no Credicard Hall bem cedo, ninguém saiu depois. Ele estava concentrado, mas muito feliz, alegre de ter aquela estrutura toda. Foi uma época muito boa, legal para caramba, e está impressa naquele DVD”.

Aproveitando os convidados reunidos, o SHAMAN agendou um show no Rio de Janeiro, no dia seguinte à apresentação em São Paulo. A casa carioca ATL Hall os recebeu com um público de cerca de 4.000 pessoas. Apenas o vocalista Andi Deris e o guitarrista Michael Weikath, do HELLOWEEN, não estiveram presentes. Isso fez com que Tobias Sammet fosse colocado para cantar “Eagle Fly Free”, da banda, ao lado de Andre.

Além da apresentação principal, o DVD conta com cenas de bastidores – um bônus de aproximadamente 15 minutos. As imagens mostram banda e equipe passando por diversas cidades brasileiras, como Curitiba, Joaçaba, Fortaleza e Cascavel, além de momentos mais descontraídos, como quando os músicos empurram um ônibus quebrado ou fazem um passeio pelo Rio de Janeiro ao lado de Sascha e Tobias. Completam o produto o videoclipe de

“Fairy Tale”, em sua “gregorian version”, e de “For Tomorrow”, com uma montagem com cenas do show principal.

O guitarrista Michael Weikath, do HELLOWEEN, conta sobre seu contato com o trabalho de Andre e sobre como as coisas aconteceram na gravação do DVD: “Eu o conhecia e estava sempre atento ao seu trabalho. De toda forma, sabíamos sobre o trabalho dele por meio do Charlie Bauerfeind, que produziu VIPER e ANGRA, e trabalhou conosco também”, explica. Sobre a escolha da música e ensaios, Weikath relembra: “Andre e Andi escolheram duas músicas, mas ‘Eagle Fly Free’ foi escolha do Andre. Nós não ensaiamos. Apenas tocamos um pouco no quarto de hotel, decidindo quem cantaria qual parte na música. Tudo veio de forma natural”. Além da parte musical, houve um contato mais pessoal entre os músicos: “Saímos pra jantar e conversamos a noite toda. O Andre era muito educado, e era um intelectual. Foi um grande prazer conversar com ele”.

A relação entre Andre Matos e o HELLOWEEN naquele ano foi intensa. Além do show que resultou em *RituAlive*, o maestro os entrevistou – e em alemão! – para um especial na MTV, experiência da qual Weikath não tem boas lembranças: “Sendo bastante honesto, eu achei aquilo desfavorável. O Andre e nós do HELLOWEEN estávamos conversando sobre o METALLICA e tivemos que elogiá-los”. Outro momento, este mais agradável, foi quando Andre cantou ao lado dos alemães no show que fizeram em São Paulo, em setembro de 2003: “Foi um dia maravilhoso, até onde me recordo. Lembro que estava muito quente aí no Brasil e bebemos bastante”

Montanha-russa de sentimentos

A euforia com o sucesso do lançamento de *RituAlive*, em 14 de dezembro de 2003, foi balanceada com algumas questões pessoais e marcantes para Andre. Em 19 de dezembro de 2003, Andre subiu ao palco do Manifesto Bar para um show com seus amigos de adolescência do VIPER, cantando músicas de seus icônicos álbuns *Soldiers of Sunrise* e *Theatre of Fate*. Poucos dias depois, em 30 de dezembro, Pedro Henrique, pai de Andre, faleceu. Quem nos conta mais sobre o que houve é Helena Matos, irmã de Andre: “Ele teve uma recidiva violenta do tumor no cérebro que tinha tido em 1997. Essa volta do tumor foi diagnosticada em julho de 2003. O Andre

estava no auge do SHAMAN, pra ele foi muito difícil. Meu pai faleceu no dia 30 de dezembro e foi enterrado no dia 31, no Réveillon. Foi bem complicado, mas o Andre conseguiu ir. O Daniel [irmão de Andre] não conseguiu vir para o enterro", relembra.

Mesmo trabalhando a todo vapor com o SHAMAN, Andre se esforçava para estar perto do pai e da pequena irmã: "No período que meu pai adoeceu, o Andre fazia o maior esforço pra conseguir vê-lo. Eu lembro de a gente ir almoçar em um restaurante que meu pai adorava, que se chama Fiorentina, no Leme, um bairro no Rio. O Andre fazia um esforço danado pra estar junto. Era difícil pra ele. Aquele era um momento profissional decisivo para sua carreira. O momento posterior à partida do meu pai, na minha relação com o Andre, foi um momento de adaptação pra todo mundo. Meu pai era uma pessoa muito especial, um artista, e o falecimento foi muito violento. Ele tinha 58 anos quando partiu... Muito novo. Foi um cara que, para o Andre e para o Daniel, foi muito determinante no sentido artístico".

Pouco mais de duas semanas após o enterro do pai de Andre, o SHAMAN voltou aos palcos, no início de 2004, para uma apresentação de abertura no show do IRON MAIDEN no Pacaembu, em São Paulo. Parte da apresentação foi transmitida no programa *Comando Metal* da 89FM Radio Rock, e a recepção do público foi não apenas respeitosa, mas bastante calorosa. De maneira reverencial à grande atração da noite, Andre, antes de anunciar a canção "For Tomorrow", se dirigiu ao público: "A gente quer compartilhar esta noite com vocês. Sabemos que o show não é nosso, mas estamos aqui pra aquecer vocês todos para o grande espetáculo que vai rolar neste palco".

O guitarrista Hugo Mariutti comenta sobre essa noite especial: "Nesse show, todo mundo estava nervoso. Eu não costumava ver o meu irmão nervoso, nem o Andre, mas nesse dia... Óbvio que muita gente estava lá pra assistir às duas bandas, pois o SHAMAN estava em alta. Mas o público maior obviamente era do IRON MAIDEN. Você entra com a pressão de fazer uma coisa boa para o público aceitar. Começou a primeira música, estávamos meio nervosos. Quando o Andre começou a falar com o público, vimos que eles estavam do

nosso lado, e ficamos aliviados. Ele sempre teve um estilo próprio, a voz de ninguém lembra a dele. O carisma era impressionante, essa comunicação com o público. Ele tirava tudo de letra. Era um cara extremamente inteligente. Essa parte era impecável. Dificilmente vamos ver outro artista assim aqui no Brasil". O show durou exatos 44 minutos, com cinco faixas de *Ritual* ("Here I Am", "Distant Thunder", "Time Will Come", "For Tomorrow" e uma versão reduzida de "Fairy Tale"), "Carry On", do Angra, e "No More Tears", de Ozzy Osbourne.

Janeiro de 2004 terminou para Andre com a celebração do casamento de seu amigo de infância, Yves Passarell. O casamento entre Yves e Lea aconteceu em Belo Horizonte, no dia 24. "Foi um dia muito feliz, uma noite maravilhosa com vários amigos da vida, da música, entre eles o querido Andre, que foi um dos padrinhos", recorda Yves.

Interessante observar as ironias da vida. Lá pelos idos de 1984, Andre pedia ao pai que o levasse à galeria do rock para comprar adereços que o fizessem ficar o mais parecido com Bruce Dickinson. Através desse visual rebelde e da amizade com Yves, Andre começou a cantar no Viper, sua primeira banda profissional. Vinte anos depois, num espaço de pouco mais de um mês, Andre via o lançamento do DVD mais espetacular que uma banda brasileira de metal já havia produzido, subia num palco novamente com o Viper, enterrava o pai, abria o show do Iron Maiden e celebrava o casamento do amigo Yves, como padrinho. Uma verdadeira montanha-russa de tristezas e alegrias, nervosismo e alívio, ansiedade e realização, na vida profissional e na pessoal.

No mês seguinte, em fevereiro de 2004, Andre foi notícia nas mais variadas publicações especializadas em rock e heavy metal do Brasil por desfilar na bateria da escola de samba Vai-Vai, do grupo especial de São Paulo, tocando ganzá e mostrando mais uma vez ser um artista completo, totalmente alheio às convenções e preconceitos do estilo musical que tocava. Em entrevista para o site oficial do Shaman, na época, Andre comentou sobre a experiência: "Aqui sou tratado apenas como mais um. A maioria do pessoal nem sabe quem eu sou. E isso é o legal da história. A bateria tem uma

energia maior do que a sentida por mim nos shows. Nunca vi algo tão potente".

Meses mais tarde, chegava às lojas o álbum *Ties of Blood*, quarto registro de estúdio do grupo de thrash metal Korzus. Amigo de longa data desses músicos, Andre foi convidado a cantar uma faixa, "Evil Sight", algo que a princípio causou certo espanto nos fãs, afinal, são estilos relativamente distintos. Andre mesclou vozes limpas e arriscou passagens mais rasgadas. O resultado foi satisfatório, ao menos para o vocalista: "Conheço os caras há mais de 20 anos. Essa já era uma ideia antiga, sempre falavam: 'Um dia vamos chamá-lo para participar de um disco nosso'. Finalmente aconteceu. Foi bom para conhecer um outro lado meu. Foi uma conquista, fiquei muito satisfeito com o resultado", declarou na época.[137] Em outubro de 2004, a parceria chegou aos palcos, com Andre e Korzus executando a música no Blackmore Rock Bar, lendário pub de São Paulo.

Com o DVD nas prateleiras, restou ao grupo cumprir mais uma insana agenda de shows, como relembra o tecladista Fabio Ribeiro: "Fazíamos eventos com Os Paralamas, O Rappa, com o mesmo destaque. Eu acredito que isso contribuiu com o lance de o Shaman não ter se destacado tanto fora do Brasil. A turnê no Brasil foi tão intensa e gigante que passou de duzentos shows, fácil. A gente fez uma grande parte no Brasil, estava fácil vender os shows. A banda começou a aparecer em programas de TV, festivais até então inacessíveis para o estilo. Fizemos o Ceará Music, por exemplo, um puta festival em Fortaleza, duas vezes consecutivas sempre em posição de destaque".

Foram poucas apresentações fora do Brasil. Algumas na Europa em 2003, incluindo uma data no Rotonde, festival que trazia o Saxon como *headliner*; e uma na Espanha, ao lado do Avalanch. Em 20 de novembro de 2004, o Shaman tocou na Eslováquia – país que receberia Andre diversas vezes em sua fase solo –, em um festival ao lado de DragonForce e Kotipelto. O show, de acordo com relatos da imprensa, foi curto e um tanto bagunçado, devido a problemas técnicos e com o pedestal de Andre. E mesmo em um país com língua tão peculiar, Andre fez aquilo que costumava fazer em

diversos países que visitava: falou com a plateia em sua língua local, o que, obviamente, se reverteu em uma recepção calorosa do público.

Um mês e meio antes, Kotipelto e Shaman haviam estado juntos em outro palco, no Espaço das Américas, casa de shows de grande porte em São Paulo. O festival Rock the Planet teve também o Viper, abrindo a noite, e o Edguy, como *headliner*. O grupo de Tobias Sammet gravou o show para um posterior DVD, mas problemas técnicos os fizeram desistir da missão. A apresentação finalmente viu a luz do dia apenas 15 anos mais tarde, quando a gravação apareceu no DVD bônus da coletânea *Monuments*. No vídeo, é possível conferir um dueto de Andre Matos com Tobias em "Chalice of Agony", do Avantasia, gravada originalmente no álbum *The Metal Opera Pt. 2*, em 2002.

Da mais extensa série de shows na Europa, Hugo tem boas recordações: "Foram uns cento e sessenta shows nessa turnê. Teve uma vez que a gente acabou uma turnê na Europa e estávamos mortos. Foi daquelas de tocar trinta shows em quarenta dias. A gente tinha feito a Espanha inteira, depois fomos para a França, para um monte de lugares, de *tour bus*. Quando acabou o último show, a gente estava em uma cidadezinha na França e eu falei: 'Hoje vou encher a cara!'. Comecei a beber e depois eu já estava abrindo o teto solar do ônibus e dando berros pela cidade. Eu lembro do Andre rindo pra caralho e o *tour manager* francês puto, pedindo pra gente parar de gritar. O Andre sempre lembrava dessa história".

De outra perspectiva, Paulo Baron enxergou os momentos tensos: "Uma parte foi de ônibus, na França, e acho que Alemanha. Eu nunca tinha viajado de ônibus assim, por tantos dias. Eu via esses caras todo dia. Aí eu briguei com o Ricardo Confessori, ele estava bem complicado emocionalmente. Eu disse que queria sair, era o Ricardo ou eu. Quando cheguei a São Paulo, a gente se separou. Parecia uma briga de caras que estavam cansados, muito tempo junto. Mas o meu problema era só com o Ricardo", recorda.

Fazer vários shows em sequência e passar tanto tempo juntos é uma rotina que desgasta qualquer relação. É como um casamento, só que pior. Quem conhece a história do Iron Maiden sabe que as

insanas turnês nos anos 80 destruíram os relacionamentos interpessoais do grupo, a ponto de Bruce e Adrian pedirem o boné e pularem fora. E não foi diferente no SHAMAN: os mais de cento e cinquenta shows da Ritual World Tour corroeram a relação entre os membros. Apesar disso, a banda seguiu em frente, já tendo em vista seu próximo capítulo discográfico à medida que o final de 2004 se aproximava.

O ano de 2005 começava com o grande desafio de compor um álbum que fizesse frente a *Ritual*, que foi um retumbante sucesso. Contaremos a história do segundo álbum de estúdio do SHAMAN a seguir.

Capítulo 15

REASON

O ano de 2005 não trouxe apenas o novo álbum de estúdio do SHAMAN, *Reason*, mas marcou uma série de mudanças na banda. De início, uma mudança de gravadora. A Universal, que tanto havia investido em *Ritual*, saiu para dar lugar à Deck Disc: “Nada contra a Universal, que fez um grande trabalho conosco, mas [a mudança] foi mais para estar numa gravadora que tivesse a nossa linguagem. A Universal é gigante, e na Deck nós somos a prioridade. Temos mais contato, mais acesso pra trabalhar com eles. Nós chegamos na Deck através de nossos empresários de shows, que já conheciam algumas pessoas de lá”, comentou Luis Mariutti em entrevista da época a Júlio César Bocáter, da *Rock Underground*.[138]

Outra foi a mudança no próprio nome do grupo, que adicionou uma letra “A” a mais na grafia, não alterando, entretanto, a pronúncia. A banda passou a ser SHAAMAN: “Nós consultamos até um xamã para saber se poderíamos, pois havia várias empresas com o mesmo nome. E esta letra a mais não prejudica na pronúncia. O logotipo é quase o mesmo, só aumentamos um ‘A’ no layout. Quando a gente lê o nome pela primeira vez, parece que a gente está gaguejando, mas depois passa [risos]”, declarou Luis, na mesma entrevista.

Em entrevista para André Dellamanha, na *Roadie Crew*,[139] André Matos comentou a alteração: “Estávamos tentando nos precaver, pois sabemos que, cada vez que a banda fica maior, mais vai ter gente querendo tirar proveito. Há várias empresas com o nome ‘Shaman’, e pode ser complicado, porque nossa empresa também estava registrada com o nome de ‘Shaman’. Resolvemos alterar para evitar problemas futuros. Não tem nada a ver com outras bandas”, declarou. Curiosamente, quando o SHAMAN brasileiro

começou suas atividades, havia outra banda com o mesmo nome na Finlândia, que chegou a lançar um par de demos, até mudar, em 2003, para o nome pelo qual são conhecidos até hoje em dia: KORPIKLAANI, que já fez várias turnês no Brasil desde então.

Místico e bastante preocupado com o aspecto conceitual (e, por que não, espiritual) da coisa, Andre confirmou que fez a consultas a entidades xamânicas sobre a mudança: “Vale dizer que consultamos pessoas do meio do xamanismo, que nos disseram que esta forma de escrever não muda em nada o significado da banda”.[140]

O guitarrista Hugo Mariutti explica que a concepção das músicas de *Reason* começou na estrada, enquanto o agora SHAAMAN fazia mais uma tonelada de shows para divulgar o DVD *RituAlive*: “A gente continuou a turnê depois do DVD. Eram muitos pedidos de shows. Depois que lançamos, teríamos que fazer shows de lançamento do DVD, senão não faria sentido botar o DVD no mercado. Começamos a fazer shows e, paralelamente, a trabalhar no disco novo”.

A pesada rotina de trabalho, sobre a qual começamos a falar no capítulo anterior, começou a minar a relação entre os integrantes: “Foi uma época bem cansativa. Eu acho que, hoje em dia, se a gente parasse para pensar, talvez não fizéssemos a mesma coisa. Eu acho que isso acabou enfraquecendo a relação de todo mundo. É aquele convívio por muito tempo, e isso desgasta um pouco. Às vezes, é preciso parar uns três meses”.

No programa *Pulso MTV*, quando do lançamento do álbum, Andre explicou essa loucura: “A gente não parou completamente a turnê do disco anterior. Durante os fins de semana a gente tocava, e nos dias de semana a gente gravava no estúdio”.

A máquina continuou funcionando sem descanso, então, entre shows e compromissos, começaram os trabalhos do que viria a ser o álbum *Reason*: “Dessa vez, começamos fazendo a pré-produção no estúdio do Fabio Ribeiro. Ficamos uns meses assim. Depois, iríamos trazer o produtor da Alemanha pra cá. Queríamos gravar algumas partes aqui e fazer algumas partes lá fora. Trouxemos o Sascha e alugamos um estúdio grande pra podermos ficar. Deixaríamos tudo montado. Mas o estúdio do Fabio tinha clientes lá.

A gente não queria fechar o estúdio dele, fomos para outro então. O Sascha veio e continuamos fazendo as músicas", conta Hugo.

O tecladista Fabio Ribeiro contextualiza o final da turnê de *Ritual* e a criação de novas músicas: "Essa turnê foi superextensa. Alguns sons começaram a ser testados ainda durante a turnê do *Ritual*. A 'Turn Away' a gente já havia tocado uma primeira versão nessa época, em uns dois shows em São Paulo. O processo se entrelaçou: o final do *RituAlive* e o começo do *Reason*".

Apesar de terem feito muitas composições na estrada, o repertório do disco não estava 100% pronto quando entraram para o estúdio: "Engraçado que estava chegando a hora de começarmos a gravar e a gente não tinha todas as músicas ainda. O Andre então começou a levar algumas coisas a mais que ele tinha. Uma dessas foi 'Innocence', uma das que fizeram mais sucesso do disco", conta Hugo. "Ele levou essa meio pronta, e a gente botou uma coisa ou outra. É a mais emblemática e forte do CD. Ele levou outras: uma foi a 'Trail of Tears'. Acho que foram essas duas, aos 45 do segundo tempo. Por termos alternado com shows, acabou faltando uma coisa no final. Foi bem em cima, e não estávamos com material sobrando".

No que tange às composições, o baixista Luis Mariutti observa: "Esse foi o CD composto mais em conjunto de toda a nossa carreira. Só o Andre ficava mais sobrecarregado, agora trabalhamos em conjunto mesmo. Todos deram ideias, até nos vocais do Andre nós opinamos mais".[141]

"Innocence", composição integral de Andre, acabou sendo um dos destaques do disco, saindo como CD single e ganhando um videoclipe: "Eu não lembro do significado dela, mas foi uma gravação de clipe muito engraçada. Fizemos um esquema de fechar uma via aqui em São Paulo, o Minhocão, para filmar. Fomos em uns lugares muito bizarros. Fomos até em casa de show pornô, uma coisa meio pesada. A gente ficou a madrugada inteira gravando aquele clipe", conta Hugo.

A faixa-título acabou surgindo sem querer. Quem conta é Hugo Mariutti: "Na minha casa, eu fiz o que seria a 'Reason', em um programa chamado 'Reason'. Na linha de voz, só para dar uma ideia

para o Andre, ainda sem letra nem nada, eu cantei ‘Reasooon’. Aí ele disse ‘Pô, eu vou usar isso!’. E acabou virando o nome do disco. Ele me falou que tinha um tema por trás, mas eu não lembro”.

O baterista Ricardo Confessori conta um pouco sobre as gravações de *Reason* e de como foi o trabalho de Sascha junto à banda: “Eu lembro que o Sascha veio para o Brasil e ficou uns dez dias aqui. Gravamos uma demo e foi bem rápido. Nessa época, eu tinha montado um estúdio em São Paulo. Ensaiamos e gravamos lá algumas demos e entregamos para o Sascha. Foi meio no tapa. Do jeito que as músicas estavam na demo, elas foram gravadas. O Sascha não mudou praticamente nada; uma coisa ou outra ele sugeriu colocar cordas, colocar um violão”.

E segue na ordem cronológica: “Depois gravamos a bateria e o baixo no Nosso Estúdio, um estúdio da MPB. O Sascha preparou a sala para a gravação da bateria, viu se o som estava bom e se mandou para a Alemanha. Ele deixou o Philip Colodetti gravando a gente, e ele virou o braço direito do Sascha. Foi ele praticamente que mixou o *RituAlive*. Ele é um brasileiro que foi morar na Alemanha. No *Ritual*, ele trabalhou com a gente também. O Sascha passava todo dia pra ver se estava tudo legal, mas quem botava a mão na massa mesmo era o Philip”.

Completando o processo, foram gravadas as guitarras e vozes: cada um em um lugar diferente: “Eles foram pra outro estúdio depois, do Philip, pra gravar as guitarras. O Andre quis fazer a voz na Alemanha, ele queria fazer junto com o Sascha. Ele gostava sempre de trabalhar com gente que ele já conhecia, então, não gravava com o Philip”, lembra o baterista.

Mais uma vez trabalhando com o S_{HAAMAN}, o produtor Sascha Paeth comenta que as coisas haviam mudado em relação ao registro anterior: “No segundo disco foi um pouco diferente. Eu fui até São Paulo, fiquei umas três semanas lá, ensaiamos juntos. Eu trabalhava nos arranjos pelas manhãs, na casa do Andre. De tarde íamos para o estúdio, sempre um pouco tarde porque o Andre estava sempre atrasado. Era quase ridículo!”.

Essa era uma característica de Andre desde sempre, como lembra o produtor alemão: “Eu sentava aqui no meu estúdio, e ele falava que

estava vindo, e demorava oito horas para aparecer, já de noite. Isso acontecia sempre. Outra vez, ele tinha que gravar às 18h, e começou às 2h da manhã. Ele era o mestre na arte de chegar atrasado. Ele dizia: 'Aqui é Brasil... não tem problema'. Eu falava pra gente se encontrar, no Brasil, e sair para comer. Se marcávamos às 21h, ele ia tomar banho às 21h. Ele dizia: 'Não se preocupe, isso é normal'. Mas eu acho que era normal só pra ele".

Já na Alemanha, enquanto gravava suas partes para *Reason*, Andre acabou aproveitando para fazer uma participação no coral para uma música do EPICA. O líder, Mark Jansen, conta como foi: "O Sascha estava gravando um disco com o Andre no mesmo período em que nós estávamos fazendo as sessões de coral para o nosso disco *Consign To Oblivion*. O Sascha então falou para o Coen, nosso tecladista que estava participando das gravações, que o Andre estava no mesmo estúdio que a gente e que ele gostaria de se juntar ao coral para gravar, porque ele disse que amava muito cantar. O Andre então apareceu um dia e se juntou aos músicos do coral. Ele estava supermotivado e foi muito amável. A voz dele se encaixou perfeitamente. Nós ficamos muito agradecidos e honrados por ele querer participar no nosso disco".

Voltando ao Brasil, a antiga amizade entre Andre Matos e Felipe Machado, que havia esfriado bastante desde que Andre havia saído do VIPER, no final dos anos 80, voltava com o passar do tempo. Como que para sacramentar esse virar de página, o guitarrista, também um renomado jornalista, colocou suas palavras no *release* do novo momento do SHAAMAN: "Quando ele saiu do ANGRA, a gente voltou a se falar mais. Já tinha passado um tempo. O VIPER estava em outra, e ele montou o SHAMAN. Nós voltamos a ser amigos, voltou tudo como antigamente. Começamos a nos encontrar, Yves, ele e eu aqui em casa. Ficávamos bebendo, lembrando as histórias de criança. Tanto que ele me chamou para escrever o *release* do segundo disco do SHAAMAN, o *Reason*. Eu escrevi".

Reason saiu em 23 de maio de 2005, com dez composições, com duração média menor que as de *Ritual*: no total, eram sete minutos a menos de música. Sobre a ilustração da capa, Andre Matos comentou na época, em entrevista para o AOL:[142] "A capa é mais

escura, a gente aboliu a cor, praticamente. É uma fotografia meio antiga, e a gente quis fugir cada vez mais de monstrinhos, diabinhos e dragões de capas de heavy metal, que isso já encheu o saco. Aquela figura andando no trilho de trem representa um lance meio reflexivo, solitário. O disco tem um pouco desse sentimento, uma coisa mais existencialista".

No dia 31 daquele mês, o videoclipe de "Innocence" estreou na programação da MTV. A canção já estava rolando nas rádios brasileiras desde março, com certa rotatividade, e chegou até mesmo a figurar entre as mais pedidas na rádio 89 FM de São Paulo, na semana de seu lançamento. Mas o videoclipe só foi sair, mesmo, em maio.

O segundo videoclipe de *Reason* foi "More", cover do The Sisters of Mercy, também exibido pela MTV. Em entrevista ao programa *Stay Heavy*, em 2005, Andre explicou: "É uma coisa muito mais superproduzida. Fizemos a gravação numa obra abandonada, e tem todo esse clima urbano, de cidade. E é um clipe cheio de efeitos especiais, de computação gráfica".[143]

No geral, no entanto, a recepção ao disco foi um tanto menos empolgada por parte dos fãs em relação ao que ocorrera com o eufórico *Ritual*. Muita gente atribui isso ao direcionamento musical, que se distanciava do tal "mystic metal" característico do primeiro álbum: "Muita gente torceu o nariz. Era uma época na música que tinha surgido o Evanescence, essas bandas mais dark", lembra Ricardo Confessori. "A gente meio que enveredou por essa tendência. Foi legal, por um lado, porque conseguimos tirar um som pesado no disco. Mas ficou a dúvida no ar: será que a voz do Andre ia combinar com tudo isso? A gente brincava com ele que ele teria que cantar que nem homem. A gente zoava muito ele nessa época. Para finalizar, pegamos ainda a música 'More', do The Sisters of Mercy. A gente brincava que ele teria que cantar igual o cara, aquela voz supergrave. Quando eu ouvi o disco, no começo estranhei. Achei que a voz do Andre não combinou muito com aquela música". O baterista garante, no entanto, que seu ponto de vista sobre o material mudou com o passar dos anos: "A gente resolveu ousar. Depois eu me acostumei, hoje em dia eu acho muito legal. Quanto

mais passa o tempo, mais acho que ficou legal essa mistura de peso com a voz dele".

O direcionamento mudou, como destacou Luis Mariutti em declaração oficial à imprensa na época: "Estamos voltando àquilo que sempre gostamos, que é o metal oitentista, como Ozzy e Queensrÿche, em que as músicas pareciam simples, mas eram cheias de detalhes". Em entrevista para a MTV, Andre explicou que o álbum tem algo de obscuro, porém remetendo às origens do rock: "Esse disco até tem um pouquinho de uma influência gótica, vamos dizer assim. Uma coisa mais melancólica, mas sem querer ser uma banda gótica, certamente. Ele é mais heavy metal mesmo, mais rock pesado".[144]

Hugo Mariutti também expõe seu ponto de vista sobre *Reason* e aquele momento do grupo: "É mais denso do que o primeiro, e mais maduro também. Para a época foi inovador, diferente de tudo que esperavam da gente. O Andre era conhecido por não ter medo de arriscar nada. A gente estava ouvindo muito Rammstein e Paradise Lost. Ele gostava bastante e muita coisa é influência dessas bandas".

O guitarrista também comenta que a banda estava ciente de que aquele passo poderia não ser o mais indicado comercialmente. Mas a necessidade dos músicos era, principalmente, se expressar artisticamente: "Se a gente parasse pra pensar, seria mais seguro, economicamente falando, lançar um *Ritual Parte 2* e continuar na turnê. Mas eu aprendi muito isso com o Andre: ele sempre fazia coisas que não eram uma continuação. Do *Angels Cry* para o *Holy Land* tem uma diferença grande. Depois para o *Fireworks* também. Eles não tinham medo de fazer essas coisas e isso é a coisa mais honesta: fazer o que está com vontade".

O som do trabalho, mais lento e obscuro, além de pesado, pode ter assustado os fãs, mas teve boas críticas na imprensa especializada. Em entrevista para o programa *Stay Heavy*, Andre comentou as diferenças primordiais de *Reason* e seu antecessor: "É como se tivéssemos dado uma enxugada nos excessos do *Ritual*. Já tínhamos isto na cabeça quando começamos a fazer o álbum novo". Sobre a identidade sonora, Andre complementou: "É no segundo

disco que as pessoas vão ver se a banda realmente tem identidade ou se ela é uma cópia de outra coisa”.[145]

O trabalho, com o passar dos anos, foi ganhando mais admiradores: “Hoje em dia, muitos fãs que na época não gostaram do disco vêm falar que, depois que entenderam a proposta do disco, que não era para ser uma continuação, passaram a gostar. A gente quis fazer dessa maneira. Eu acho que a gente fez a coisa certa”, adiciona Hugo.

Longe de ter agenda vazia, a turnê de *Reason*, entretanto, foi menor que a megalomaníaca Ritual World Tour, como destaca o guitarrista: “Fizemos muitos shows, ainda tinha bastante demanda. Houve alguns problemas na turnê. Tínhamos uma turnê na Europa, bem grande, já planejada. Estávamos em uma gravadora nova em que os caras estavam apostando muito no CD. Eles falavam que aquele tipo de som para a Europa seria foda. Mas, um mês antes do lançamento do disco, o dono da gravadora sofreu um acidente de automóvel e faleceu.[146] Virou a gravadora de cabeça pra baixo. Acabamos lançando o disco sem uma divulgação e acabou que fizemos poucos shows na Europa com esse disco. Era para ser um negócio maior e acabou deixando a gente na mão por essa tragédia”.

A turnê acabou tendo como foco principal o território brasileiro. Anos mais tarde, em 2018, Andre comentou sobre esse erro estratégico em entrevista: “Pecamos em um ponto: a banda se tornou tão intensa e forte no Brasil, em função de rádio, TV e tudo mais, que acabamos deixando nosso mercado exterior em segundo plano. Chegamos a recusar turnês inteiras na Ásia para poder tocar em grandes festivais aqui. Com isso, nosso alcance lá fora foi menor do que poderia ser. Ainda assim, tocamos muito no exterior – sem, no entanto, alcançar o mesmo *status* que tínhamos quando éramos do Angra”.[147]

Com a agenda sendo cumprida, Andre e colegas começaram a fazer os primeiros rascunhos de seus próximos passos. Esses planos foram abortados pelo racha que aconteceria pouco tempo depois: “A gente focou muito no Brasil, até que uma hora a gente resolveu parar uns meses, pra fazer um EP. A gente já sabia que no

Japão esse tipo de música que a gente fez no *Reason* não ia ter uma aceitação igual o *Ritual*. Então, resolvemos fazer um EP, talvez gravar uns covers. No Japão seria legal, eles iam ficar felizes. No meio da composição do EP, acabou rolando a separação da banda", relata Hugo, que complementa: "Inclusive, no meio dessas composições, a gente tinha shows pra fazer e o clima ficou muito ruim, desgastante. Mesmo depois de termos decidido acabar a banda, tivemos que cumprir esses shows por contrato".

Rockgol, *Covernation* e MTV

Mesmo em meio a esse clima ruim, o grupo encontrou tempo para participar das edições 2005 e 2006 do *Rockgol MTV*, um campeonato de futebol com times formados por músicos de diversas bandas. O Shaaman, que estava no time campeão em 2004, teve campanha discreta no ano seguinte, e, em 2006, chegou ao pódio, com um terceiro lugar, em uma equipe que também contava com Planta & Raiz, Rappin' Hood e Johnny MC, Gabriel O Pensador e Ultraje a Rigor. Se as habilidades com a bola não deixaram saudades, um apelido ganhado por Andre jamais foi esquecido: Musa Nissei-Sansei. Uma imagem nos extras do DVD *RituAlive* mostra o vocalista literalmente pisando na bola. Mesmo com hipermetropia, ele acabou parando na posição de goleiro.

Hugo, carinhosamente chamado pelos narradores de Jesus Jr. (irmão mais novo de Luis Mariutti, Jesus), conta: "Ele falou: 'Se quiser eu vou no gol, porque na linha eu não vou jogar muito bem. Eu não sou muito bom no gol, mas acho que ninguém vai querer ficar no gol'. Ele era um cara que se empenhava, então ele virava pra mim antes dos jogos, pegava uma bola e falava: 'Meu, vamo naquela grama ali. Fica chutando umas bolas aí pra eu treinar'. Ele queria fazer tudo certinho... Ele gostava de futebol pra caramba. Eu jogava com uns amigos durante a semana em um campo society e ele perguntou se podia ir lá treinar em um jogo de verdade. Eu disse que claro, e os caras adoraram ele ter ido. Todo mundo era fã dele. Se ele tomava frango ou não, os caras nem ligavam. Era o Andre! Não tinha problema nenhum".

O evento era como uma grande confraternização entre músicos de diversos estilos, momentos dos quais Hugo tem apenas boas

lembranças: “O nosso primeiro *Rock Gol* foi a edição na praia. Foi o início da carreira do Andre como goleiro. A gente chegava lá e tinha jogo o dia inteiro, o programa era gravado em uma semana. Tinha dias que você jogava até mais de um jogo. Bebida, comida, um puta *catering* legal. Todo mundo adorava essa semana. Você ficava tomando cerveja, comendo e jogando bola, era a semana dos sonhos! O Andre fez amizade com os caras do Acústicos & Valvulados, lá do Sul. Depois, ele ficou uma noite, depois do jantar, com eles. Todas as bandas desceram, era muito legal, uma confraternização. Na hora do jogo a gente até discutia, mas fora era um puta ambiente bacana”.

A relação da banda com a MTV era estreita e isto acabou levando o Shaaman a participar também do programa *Covernation*, apresentado por Marcos Mion, e um dos grandes destaques da grade do canal em 2005. A proposta era ter bandas se apresentando como cover de outro artista, e o Shaaman prestou tributo ao Judas Priest: “Era uma edição especial que eles fizeram com bandas famosas tocando algum artista de quem eram fãs. A MTV sugeriu o Iron Maiden, mas o Andre falou pra fazer o Judas Priest. Enquanto ensaiávamos para o *Covernation*, passamos em uma barraca de camelô com uns óculos muito feios. A gente comprou para o figurino, de sacanagem. O Andre caprichou, botou roupa de couro na praia! O Rob Halford entrava de moto nos shows do Judas... O Andre estava na praia, viu um senhor com uma bicicleta e falou: ‘Você alugaria essa bicicleta pra eu gravar um programa ali?’. O cara falou que podia levar. Aí, no começo do programa, ele entrou de bicicleta, com aqueles óculos de cinco reais e uma roupa de couro, no maior calor. Foi um dos dias que eu mais passei calor na vida”, se diverte Hugo Mariutti, ao contar a história.

A relação entre o Shaaman e a MTV era tão próxima que a emissora pregou uma pegadinha com a banda uma vez, mandando umas pizzas zuadas para o músicos.

Clima ruim

Os momentos descontraídos eram um oásis no clima entre os membros da banda, já bastante desgastado. Os poucos shows que fizeram para promover o álbum tinham um clima arisco.

Um desses shows, em Porto Alegre, reservou um impasse, no mínimo, curioso: “Os produtores fecharam um contrato com a casa e nos falaram, pouco antes do show, que o alvará era válido apenas até meia-noite. A abertura acabou 22h30, ou seja, não tínhamos condições de acabar nosso espetáculo antes. No meio da apresentação, nos comunicaram que o tempo havia acabado, pois a polícia iria chegar. O Andre nem pôde agradecer o público e contar o que aconteceu, pois desligaram o microfone. Isso já havia acontecido uma vez, em Guarulhos. Os responsáveis pela produção e pela casa têm que ser mais profissionais. Quem fica mal com o público somos nós”, relatou o baixista, na mesma entrevista.[148]

O Shaaman voltaria a Porto Alegre no mesmo ano, com outro show curto, porém, desta vez, com todos cientes. Eles integraram o cast do festival Live ‘N’ Louder, que teve duas datas no Brasil, sendo a outra em São Paulo. Em ambas as datas, tocaram, além do Shaaman, os *headliners* Scorpions e Nightwish, Destruction (que substituiu o previamente anunciado Testament), Rage e The 69 Eyes. Na capital paulista, houve duas bandas brasileiras adicionais: Tuatha de Danann e Dr. Sin. No Rio Grande do Sul, a abertura ficou por conta do Toccata Magna. No repertório regular da turnê, fazendo uma média das músicas apresentadas, a banda balanceou os álbuns *Ritual* e *Reason*, além de relembrar o Angra com a balada “Lisbon”.

Um ponto marcante foi o fato de não terem tocado “Carry On” nessa turnê, maior hit do Angra e canção até então obrigatória no setlist. Andre apenas executava um pequeno trecho da composição, no teclado, de maneira esporádica. O Shaaman mostrava que já era um grupo com sua própria história e que, portanto, não precisava mais se apoiar nos hits do passado. Exceto, claro, a já citada “Lisbon”, que, originária do álbum *Fireworks* (1998), aproximava-se mais da proposta musical do conjunto naquele momento. Porém, o desenrolar dessa caminhada acabou virando apenas um punhado de suposições, já que as coisas entre os integrantes não estavam bem, e o fim da formação clássica se aproximava a largos passos.

A última apresentação do Shaaman aconteceu em 21 de maio de 2006, no Bar Opinião, em Porto Alegre, mesmo local do ano anterior. No intervalo entre uma das canções, Andre, de frente para seu teclado,

se dirigiu à plateia com as seguintes palavras: “Vocês podem ficar tranquilos, pois quem tem a música no coração, e quem faz isso há muitos anos, não vai parar nunca”. O desabafo serviu de prenúncio para a separação dramática de mais uma banda.

Sobre a ruptura do SHAAMAN, falaremos no próximo capítulo.

Capítulo 16

SAÍDA DO SHAAMAN

A apertada agenda de shows, o lançamento de dois álbuns de estúdio e de um ao vivo em sequência, praticamente sem descanso, foi uma rotina que acabou deteriorando o alicerce do grupo, e as desavenças que surgiram daí culminaram na separação da banda em 2006. Os últimos shows realizados (29/04, no Playcenter, em São Paulo; e 21/05, no Bar Opinião, em Porto Alegre), aconteceram já com a certeza de que o SHAAMAN original acabaria.

“O Andre me procurou em dezembro de 2005, perguntando se eu não estaria a fim de voltar ao SHAAMAN, pois estavam com vários problemas pessoais e haviam perdido o rumo”, comenta Paulo Baron. “Eu falei para o Andre que eu já não me via dentro do SHAAMAN, uma vez que o relacionamento estava desgastado e já tinham se passado alguns anos desde a minha saída. E eu já estava trabalhando com os SCORPIONS na época também”.

A proposta de Paulo foi montar uma carreira solo para Andre: “Seria uma carreira solo, em que eu pudesse lidar apenas com ele e em que os demais músicos fossem contratados. Meu plano era o seguinte: trazer o Hugo, o Luis e o Fabio, com os quais ele não estava tendo nenhum tipo de problema no SHAAMAN. Também sugeri que na carreira solo ele precisaria voltar a tocar músicas do ANGRA e do VIPER, e que, para isso, era muito importante ele ter um segundo guitarrista. No princípio, a ideia era que o Andre e eu fôssemos sócios, e a dona Sônia, mãe dele, entraria de sócia com ele em sua parte. E sugeri que eles fossem ensaiando, sem que ninguém da mídia soubesse, e o lançamento da banda fosse no Live ‘N’ Louder, festival que eu estava organizando, em 2006”.

Ao longo daquele ano, diversas notícias, declarações e boatos sobre um eventual fim do Shaaman começaram a pipocar nos sites de rock. Em maio, uma nota no *Whiplash*[149] afirmava que o EP que a banda estava planejando teve sua produção interrompida a pedido da Deck Disc, gravadora do grupo, tendo como fonte da informação o guitarrista Hugo Mariutti. Ricardo havia declarado poucos dias antes que a banda entraria em férias, e o guitarrista não confirmou a informação. O guitarrista não escondeu, no entanto, que havia vários problemas acontecendo: “há muita coisa para se resolver na banda”.

Mas o que havia corroído as relações entre os músicos de uma banda que, aos olhos de todos, vinha se saindo tão bem? Na visão de Ricardo Confessori, foi a junção de vários fatores: “O problema é que o Shaaman tocou demais. A gente não parou. Começou o *Ritual*, aí fizemos o *RituAlive*, mudamos de empresariamento e fomos para uma agência grande de shows que tinha Ivete Sangalo, Ira!, Jorge Ben Jor, só artista grande. Começamos a fazer coisas que nunca tínhamos feito no Brasil, como festas de prefeitura. No Rio de Janeiro, a gente tocava na zona oeste, norte, não era mais um show só no Rio. Era outro mundo”.

A banda praticamente não teve folga entre o fim da imensa turnê do *Ritual* e o começo da seguinte, isso somado à composição e gravação de *Reason*: “Botaram a gente pra fazer muito show, no *Reason* também não paramos. Enquanto estávamos compondo o *Reason*, fazíamos shows do *Ritual*, veio a RituAlive Tour, enquanto estávamos compondo e gravando o álbum seguinte. Tivemos um mês, praticamente, entre a última data dos shows do *Ritual* e o começo da turnê do *Reason*. A banda cansou. Hoje eu sei que toda banda que toca muito tem que dar um tempo, senão estressa, a relação fica um negócio muito tenso, estar o tempo inteiro junto. Eu estava realmente esgotado. Falava com o pessoal pra darmos um tempo, mas tinha outras pessoas envolvidas, que dependiam exclusivamente da banda pra viver”, explica o baterista.

Quando as datas começaram a ficar escassas, houve o rompimento: “Fizemos algumas apresentações e começou a dar uma secada de datas. Não estava vendendo tanto show. Fizemos uma ou duas

turnês na Europa, não fomos para o Japão. Deu uma miada no mercado aqui e ficamos parados. Isso provocou uma crise, faltou trabalho, alguns estavam felizes porque estavam tendo um descanso: era o meu caso. Outros estavam preocupados. Então chegou uma hora em que a gente se desentendeu mesmo e não conseguimos mais, estavam todos de saco cheio um do outro e aí a banda se separou", complementa o baterista.

O guitarrista Hugo Mariutti lembra que tiveram que realizar seus últimos shows agendados a contragosto, com a decisão de encerrar a banda já tomada: "Foi um período muito difícil pra todo mundo. Foi a primeira vez que a gente viu todo mundo abalado. E depois, o Andre sempre me falava que os shows foram horríveis pra ele. A banda ia se separar, nós não sabíamos o que ia acontecer, questões legais e tudo mais. Foi um período que eu vi que ele ficou muito triste mesmo. Foi triste pra todo mundo e ele sentiu demais ter que fazer shows naquela situação. Se tivéssemos tido férias em um determinado momento, muitas coisas poderiam ter sido evitadas. Mas o processo todo de advogado, isso desgastou muito o Andre. Ele e o Luis já tinham passado por isso no ANGRA, então pra eles foi até pior, a mesma coisa acontecendo pela segunda vez. Foi um baque pra todo mundo".

A rixa no SHAAMAN tinha, de um lado, Ricardo Confessori e, de outro, todo o resto. Andre, Luis e Hugo já haviam decidido se separar de Ricardo e prosseguir sem ele, quando foram surpreendidos com a notícia de que a marca "Shaman" havia sido registrada pelo baterista como de propriedade dele. A "traição", como foi vista pelos demais integrantes da banda, rompeu de vez qualquer possibilidade de continuidade entre os quatro. E, por mais que uma longa batalha jurídica fosse travada por Andre, Hugo e Luis para recuperar a marca, naquele momento não havia outra coisa que os três pudessem fazer além de deixar o grupo.

"O nome do grupo deveria pertencer a todos os membros", comentou Andre em entrevista na Espanha. "Começamos a banda, desde o princípio, de uma forma muito democrática, tudo por igual. E nos causou muita surpresa quando vimos que alguém havia se apoderado do nome. Mas isso é uma questão de justiça. Já há um

processo correndo na justiça. Não queremos voltar a usar o nome. Só queremos os direitos".[150]

Assim, no dia 10 de outubro de 2006, por meio de um comunicado oficial divulgado na internet pelo fã-clube For Tomorrow, Ricardo Confessori soltou a seguinte nota:

> Olá, amigos.
> Não foi nada fácil escrever essas linhas, já que isso representa o ponto final de uma etapa que significou muito para todos nós, mas que infelizmente chegou ao fim.
> O Shaaman surgiu há mais de seis anos, dando continuidade a um grande trabalho que não podia parar e que graças a uma grande amizade, dedicação e empenho de todos, superou dificuldades e atingiu grande parte de seus objetivos. Tudo que passamos juntos nesses anos foi real, intenso e representou muito a todos nós e seguramente aos fãs que estiveram ao nosso lado.
> Desde o início do ano surgiram muitas especulações em torno do Shaaman, que deixaram nossos fãs apreensivos. Tenham todos a certeza de que tudo foi feito da melhor maneira para solucionarmos incompatibilidades e ao mesmo tempo poupar um desgaste desnecessário a todos, mas infelizmente nem sempre isso foi possível.
> A capacidade humana de se relacionar é ímpar, porém ao mesmo tempo em que une, separa caminhos. É difícil prever, mas o fato é que hoje Luis, Hugo e Andre não partilham mais os mesmos objetivos que outrora juntos dividimos. Isso torna o futuro incerto, mas não intransponível, e é com essa certeza que mais uma vez firmo meu compromisso como músico, com todos aqueles que acreditaram e me apoiaram, de seguir em frente!
> Deixo aqui meus agradecimentos a todos que estiveram juntos a mim e partilharam essa trajetória, com a certeza de nos reencontrarmos em breve!
> Abraço,
> Ricardo Confessori

Quatro dias após o comunicado do baterista, Andre Matos faria o show de estreia de sua banda solo no palco do festival Live 'N' Louder, edição 2006. "Eles foram ensaiando escondido ao longo do ano, e não queríamos que ninguém da mídia soubesse. O lançamento da banda seria no Live 'N' Louder como uma atração surpresa. Tanto que o Ricardo Confessori só ficou sabendo do fim do SHAAMAN quando viu a banda anunciada no Live 'N' Louder, poucos dias antes do evento. A ideia era de que a banda solo arrebentasse e mostrasse que a nova formação tinha vindo pra ficar. E de que não fosse julgada antes, que os rumores de separação não terminassem afetando a banda", conta Paulo Baron, empresário da banda solo e promotor do festival.

Nesse primeiro show da banda solo, ao lado de Andre estavam todos os demais ex-membros do SHAAMAN: Hugo Mariutti, Luis Mariutti e

o tecladista Fabio Ribeiro. Nas baquetas, Rafael Rosa, que já havia feito alguns ensaios com o trio Andre, Hugo e Luis, ainda como SHAAMAN, e um segundo guitarrista, André "Zaza" Hernandez, que estava presente nos primórdios do ANGRA. O show contou com o seguinte repertório: "Menuett", "Deep Inside" (versão primitiva da música "Letting Go"), "Distant Thunder", "Nothing to Say", "Living for the Night", "Fairy Tale", "Unfinished Allegro" e "Carry On".

Alguns dias após o festival, Andre, Luis e Hugo soltaram o seguinte comunicado aos fãs:

> Carta aos nossos fãs.
> Ao ler o comunicado recente sobre o Shaaman, sentimos muito por não termos podido realizar um comunicado em conjunto, como pretendíamos, compartilhando oficialmente o desfecho deste capítulo de nossa história.
> O Shaaman foi um grande sonho de todos nós, sonho este que, por diversos motivos, teve de ser interrompido, sem que, contudo, morresse dentro de cada um.
> Sabemos que cada um dos quatro integrantes nutre ainda muitos ideais e desejamos que, juntos ou separados, eles materializem-se para que possamos sempre proporcionar o nosso melhor a cada um de vocês.
> É por isso que, juntos, estamos concentrando os maiores esforços para alcançar uma conclusão adequada, da melhor maneira possível, sem atritos, mas com conversas, com ética, civilidade e respeito mútuo, porque entendemos que é assim que as coisas devem se resolver.
> Criamos o Shaaman e, ao dissolver-se o Shaaman, não se dissolve o sonho, porque este vai conosco para onde formos. A música está acima de qualquer discordância e a ela continuaremos servindo.
> Fazemos da música nossas vidas e sabemos o quanto já construímos ao longo de nossa trajetória. Vocês são a nossa maior prova. É por isso que esperamos ter contribuído com algo além da música para as vidas de todos vocês. O que fizemos, fizemos sempre com o coração.
> A perda de uma grande unidade é certamente lamentável para todos, mas a unidade que construímos e que perdurou por tantos anos deve ser motivo de alegria e sua lembrança será bem guardada para sempre, inspirando outras uniões. Entendemos que nosso destino é criar e construir, abrir novos caminhos e atingir o inatingível.
> Levamos conosco a essência do Shaaman e jamais deixaremos que ela se perca, pois representou muito nas nossas vidas: fé, dedicação, coragem e sonho.
> Não é o fim de uma era. É o início da renovação.
> Daqui para frente, temos mais uma grande página em branco a ser escrita na história. Com certeza, vocês nos acompanharão em mais este capítulo.
> Sinceramente,
> Luis Mariutti, Andre Matos, Hugo Mariutti

Analisando a ruptura em retrospectiva, anos depois, Andre comentou o que poderia ter acontecido caso a separação precoce tivesse sido evitada: "Sim, [o término foi] precoce... isso é inegável. Teríamos continuado, se nos entendêssemos novamente, com a

mesma formação. Se não, com algum substituto. Ainda acreditávamos muito no trabalho; *Reason* foi um álbum excepcional, e num próximo, talvez conseguíssemos chegar a uma identidade balanceada – uma vez que já era definitiva. Não sei até onde o SHAMAN teria chegado. Provavelmente tínhamos algo a aprender também com essa história. Com certeza, todos amadureceram, passaram por altos e baixos e se humanizaram bem mais".[151]

Fato é que, caso tivessem resolvido suas pendências internas e continuado, os rumos musicais do vocalista daquele ponto em diante teriam sido completamente diferentes: "Muito provavelmente não haveria a criação da banda Andre Matos solo naquele momento, ou mesmo depois. Além de simbolizar uma continuação para o que foi interrompido, a banda solo era a única possibilidade de não correr mais riscos de perder mais um nome. Naquela altura, não faria mais sentido voltar com um outro nome de banda. Era isso ou nada", finaliza Andre.[152]

Além do EP que estava sendo planejado, o SHAAMAN tinha outro projeto em mente que os fãs adorariam ter visto chegar às prateleiras das lojas: outro DVD. Em entrevista ao programa *Stay Heavy*, quando do lançamento de *Reason*, os integrantes comentaram que imagens já estavam sendo registradas e uma equipe existia para produzir tal produto: "O tiozinho tem pegado muitas cenas, o Patrick Korb, que foi quem fez o *making of* do *RituAlive*", disse Hugo. Andre Matos acrescentou: "É um DVD diferente. O *RituAlive* foi baseado num grande show que a gente fez no Credicard Hall, com os convidados e tudo mais. E tinha como bônus um *making of* até grandinho, uns 20 minutos. Agora, o novo DVD vai ser na verdade um grande *making of*. A gente começou a recolher cenas, já pensando nisso, tem mais de um ano. Quando começamos a compor material para o *Reason*, desde o começo a gente começou a filmar, estamos guardando fitas. Todo processo de composição, gravação, os primeiros shows da turnê e os grandes shows, as turnês no exterior e tudo mais vão estar no DVD. Vai ser um grande documentário, de duas horas de duração. E vai ter cenas de muitos shows".

Assim se encerrava mais um capítulo na carreira de Andre Matos. Pela terceira vez, ele saia de uma banda que estava na primeira

prateleira do heavy metal brasileiro, com potencial de crescimento iminente, para buscar novos caminhos.

Ricardo Confessori acabou por tentar levar o SHAMAN adiante, com novos integrantes, lançando álbuns e DVDs, mas com o gostinho amargo na boca de que aquilo que se apresentava sob o nome de "Shaman" era uma farsa. Os fãs nunca compraram a ideia de que aquela nova formação era a mesma banda de antes e, por mais que tenham lançado materiais de bastante qualidade musical, o público simplesmente não comprou a ideia. A banda encerrou as atividades oficialmente em meados de 2013.

O ano de 2006 também reservou uma grande realização pessoal para Andre de participar do musical *Tommy*, inspirado no álbum homônimo do THE WHO. Na função geral da peça, regência e direção, estava Mônica Giardini, que explica como fez para selecionar integrantes dentro de um orçamento apertado: "Em 2006, resolvi fazer a ópera *Tommy*, do Pete Townshend. Eu não tinha um cachê para pagar profissionais muito renomados. Quando você convida um profissional, é um cachê muito caro. Então, resolvi abrir um concurso". Ela explica que foi o vocalista que apareceu com um interesse bem específico: "O Andre veio para concorrer e falou: 'Eu me interesso se for para fazer o Tommy. Se for outro personagem, não me interessa'. Nós obviamente adoramos a ideia, ele venceu o concurso para fazer o Tommy e a gente estreou a peça em 16, 17 e 18 de junho de 2006. No futuro, tivemos a oportunidade de fazer outras vezes e foi muito interessante".

Trabalhar com um músico renomado e já experiente naquela época não foi nenhum problema para Mônica: "Ele era uma pessoa gostosa de trabalhar, uma pessoa humilde e ao mesmo tempo culta... com formação em regência, foi muito legal. Graças ao sucesso do *Tommy* e à nossa parceria e amizade, falei para ele que ia fazer a *Viagem Ao Centro Da Terra*, e ele começou a fazer com a gente. Ele era considerado grande, mas tinha humildade e se considerava um músico igual a todo mundo. Era uma pessoa muito legal".

A parceria entre ambos poderia ter rendido ainda mais. Mas o tempo passou e algumas ideias nunca se concretizaram: "No primeiro

projeto que eu fiz com o Andre e a Vera Kikuti, tentamos inscrição na Lei Rouanet e conseguimos. Uma mulher fez a toque de caixa o projeto, todo errado e pagamos caro pra caramba. Queríamos fazer uma turnê pelo Brasil com o *Viagem Ao Centro Da Terra* e o *Rei Arthur*, junto com a Banda Sinfônica Jovem. Conseguimos a aprovação, mas nunca captamos. Não sabíamos usar o recurso e perdemos. A gente chegou a fazer o *Viagem ao Centro Da Terra* em Jundiaí, no Teatro Polytheama, mas não fizemos a turnê, porque não tínhamos recursos".

Mônica conta de um projeto que Andre tinha, mas que não chegou a ver a luz do dia: "Ele falou: 'E se a gente fizesse um projeto só com as minhas músicas?'. Eu disse que topava e ia tentar o recurso para pagar os arranjos. Ele me enviou algumas obras pra gente escolher e ficou de tentar escrever, mas ficamos só no planejamento. Ele não escreveu e não consegui os recursos. Você já imaginou a obra dele com a Banda Sinfônica Jovem? Ia ser muito legal".

Ainda em 2006, Andre fez uma participação no álbum *Angus*, do projeto Krusader. O disco é uma leitura musical do livro homônimo do autor Orlando Paes Filho. Andre cantou o papel de um personagem na faixa "First Warrior".

E, falando em participações especiais, durante o período em que esteve com o Shaman, Andre fez várias. Além das já citadas com Epica e Korzus, durante a época em que teve o Shaman como banda principal, Andre gravou com os espanhóis do Avalanch, no que acabou se tornando um intercâmbio: o vocalista participou de duas faixas em *Los Poetas Han Muerto* (2003), em espanhol. Ambas apareceram, em versões em inglês, dois anos mais tarde em *Mother Earth*. O guitarrista do Avalanch, Alberto Rionda, retribuiria a gentileza, com uma participação no primeiro álbum solo de Andre, *Time To Be Free* (2007). Em 2003, Andre se envolveu em outra ópera metal, chamada Aina, no álbum *Days of Rising Doom*, que também tem nomes como Tobias Sammet (Edguy), Michael Kiske (Helloween), Glenn Hughes (ex-Deep Purple), Marco Hietala (Nightwish) e Simone Simons (Epica). A banda principal era formada Robert Hunecke-Rizzo e Michael "Miro" Rodenberg, que haviam tocado com Andre no Virgo, assim como a cantora Amanda Somerville. Em 2004, Andre gravou

uma versão bônus de “Follow The Way”, com o jovem grupo brasileiro THALION, que desapareceu logo depois.

Andre, Luis, Hugo e Ricardo voltariam com o SHAMAN no futuro, mas isso é assunto para mais tarde. Por ora, novamente passando por uma dramática ruptura, Andre não via outra solução senão começar uma carreira solo. E é sobre ela que falaremos a seguir.

Capítulo 17

TIME TO BE FREE

Fora do SHAMAN e “livre no mercado”, por assim dizer, convites não faltaram para que Andre assumisse os vocais de outras bandas. Uma delas era o AQUARIA, que estava despontando e conseguindo bastante êxito no Japão, seguindo a fórmula do ANGRA de mesclar power metal com ritmos folclóricos brasileiros. Quem conta é Bruno Agra: “O Andre sempre foi uma referência de extensão vocal, escolhas de melodias rebuscadas, resoluções inesperadas e uso único de notas suspensas, o que alinhava 100% com a proposta do AQUARIA, que tinha uma proposta de releitura contemporânea do ANGRA dos anos 90. Conversamos com ele e tivemos uma reunião em São Paulo para definir sua entrada para a banda. Foi em uma cafeteria na rua Batataes, e estávamos eu, Alberto Kury, Luis Aizcorbe, Juan Corral, Paulo Baron e o Andre, que mostrou muito interesse. Ele não faria uma reunião com uma banda se não estivesse interessado. A entrada dele para o AQUARIA não aconteceu exclusivamente por decisão do seu empresário na época”.

Houve também convites mais modestos, para participações especiais. Um deles foi com o HENCEFORTH, banda paralela dos irmãos Mariutti. Vale lembrar que Daniel Matos, irmão de Andre, havia cantado no grupo nos anos 90, na demo *The Last Day*, da qual Andre também havia participado, gravando vozes de apoio. Em 2005, Andre gravou com o HENCEFORTH as vozes principais da faixa “I.Q.U.”, do álbum de estreia do HENCEFORTH, autointitulado.

Já em 2006, participou da composição “Kamisama”, da banda paulista EYES OF SHIVA, em seu bastante elogiado álbum *Deep*.

Banda solo

Apesar dos muitos convites para assumir bandas existentes, o plano de Andre, junto com seu empresário e amigo Paulo Baron, era mesmo o de uma banda solo. Era a única forma de Andre ter controle da situação e evitar novas rupturas como havia acontecido com as anteriores: VIPER, ANGRA e SHAMAN. Embora fosse uma banda solo, a ideia era enfatizar mais o lado "banda" do que o lado "solo". Paulo explica: "Por mais que a banda se chamasse 'Andre Matos' e que os músicos fossem contratados, era importante que todos fossem vistos como uma *banda*, e isso incluía as composições, para as quais todos pudessem trazer ideias e serem creditados, e que aparecessem como banda nas fotos promocionais".

O projeto reunia integrantes que já tinham uma relação com o músico no passado. Oriundos do SHAMAN, o guitarrista e mais duradouro parceiro musical, Hugo Mariutti; o baixista Luis Mariutti; e o tecladista Fabio Ribeiro. A segunda guitarra acabou ocupada pelo experiente André Hernandes, o Zaza, que esteve nos primórdios do ANGRA, no lugar que posteriormente foi ocupado por Kiko Loureiro. Na bateria, um novo parceiro musical: Rafael Rosa, que teve seu primeiro contato com Andre Matos ainda nos anos 1990, por sua amizade com o baixista Luis Mariutti.

Rafael comenta como foi a estreia, no festival Live 'N' Louder: "Estávamos por meses tocando em estúdio e já tínhamos amadurecido as coisas. Pra mim foi sensacional, um evento gigantesco, com grande infraestrutura, muitos artistas grandes estrangeiros. Fizemos o setup de todo o equipamento, fomos para o estúdio um ou dois dias antes e fizemos um ensaio geral com o equipamento que levaríamos para o palco". Com a banda alinhada, a passagem de som no festival aconteceu um dia antes da apresentação, e o show sacramentou a nova fase na carreira de Andre Matos.

Integrado ao grupo e devidamente apresentado ao público, Rafael e os demais músicos começaram naquele que se tornaria *Time To Be Free*: "O processo foi muito intenso", lembra o baterista. "Ele não era como um chefe. A banda se comportava como uma banda. O Hugo e o Andre tinham ideias e a gente ia experimentando, mostrando um para o outro. Era intenso, praticamente todo dia durante meses. Foi

uma coisa que todo mundo queria fazer o melhor. Ele dava carta branca e acreditava na gente. Também teve a participação do Pit Passarell, fizemos umas *jams*... Ele era muito rápido, tinha muitas ideias cantando, solfejando coisas, foi uma época bem produtiva".

Além do trabalho extenuante no estúdio, Rafael tem uma lembrança mais amena, de quando os músicos saíram juntos: "Uma vez fomos a um bar chamado O Garimpo e estava o Roy Z junto, acho que o Fabio Ribeiro também. Chegamos a dar uma canja nós três, tocando JUDAS PRIEST ["Living After Midnight"] com a galera. Tem até vídeo na internet. O baixista da banda que estava tocando nos viu e chamou a gente para o palco. Isso foi na época da gravação, foi divertido, uma balada rock".

A primeira música apresentada pela banda ao público, no Live 'N' Louder, foi "Deep Inside", que fez parte de uma demo que trazia, além de outras músicas que aparecem no primeiro CD solo de Andre, três releituras de clássicos do ANGRA: "Carry On", que ganhou introdução de piano, riffs pesados, novas passagens instrumentais e versos; "Streets of Tomorrow", que teve sua abertura modernizada e doses extras de peso, mas sem ser descaracterizada, e "Make Believe", também com uma roupagem mais agressiva nas melodias. "Streets of Tomorrow" chegou a ser tocada nos primeiros shows do SHAMAN, quando o disco de estreia era apenas um sonho.

Essa primeira demo da banda solo também trazia uma nova versão de "Moonlight", do VIPER, que acabou entrando para o disco *Time To Be Free* com o nome de "A New Moonlight". Uma versão da versão, por assim dizer, já que a gravação do VIPER em *Theatre of Fate* é uma adaptação de "Moonlight Sonata", de Beethoven.

A pré-produção de *Time To Be Free* foi feita por Pit Passarell, compositor e ex-colega de Andre no VIPER, junto a Roy Z, que produziu o álbum ao lado de Sascha Paeth. "Sugeri que o álbum fosse produzido pelo Roy Z, que era meu amigo e daria um novo som para a banda", comenta o empresário, Paulo Baron.

A participação de Pit Passarell no álbum solo de Andre era mais um sinal de que as desavenças com seus amigos de adolescência do VIPER haviam ficado para trás. Yves havia subido para tocar com Andre em um show do SHAMAN, Felipe Machado havia escrito o *release*

promocional para o *Reason* e, na via contrária, Andre retribuiu todo companheirismo e amizade gravando uma música com o V_{IPER}, após quase duas décadas desde sua saída. No álbum *All My Life*, lançado em 2007, Andre apresenta uma interpretação visceral na música “Love Is All”.

Pit, além da orientação musical, coassina duas composições: a abertura “Letting Go”, canção que permaneceu nos repertórios ao vivo até o fim da banda, e “Remember Why”. Outro compositor externo é Alberto Rionda, guitarrista do A_{VALANCH}, creditado ao lado de Andre em “Face the End”. Dos tempos de S_{HAMAN}, Marcus Viana se faz presente numa série de instrumentos de cordas e sopro, a cantora Amanda Somerville cuida de vocais de apoio, enquanto o próprio produtor, Roy Z, assina (junto a Matos, Hugo e André Hernandes) e faz bases e solo em “How Long (Unleashed Away)”. Além de todos esses convidados, Sanders Gommans, do holandês A_{FTER} F_{OREVER}, faz os vocais urrados em “Rescue”.

Uma importante música de *Time To Be Free* é “Looking Back”. A irmã de Andre, Helena, conta que a canção pode ter sido direcionada ao pai, que havia falecido enquanto o irmão estava no auge com o S_{HAMAN}: “O Andre e meu pai eram pessoas geniais; eram artistas, criavam coisas. Quando você tem uma capacidade de criação muito diferente dos demais, você pode ficar pedante e se sentir uma pessoa melhor do que os outros. Mas o Andre e meu pai... Esse foi um dos maiores ensinamentos que tive. Se você se sentasse em uma mesa com ele, ele nunca te oprimia com o saber. O conhecimento não vinha para oprimir. Isso era um traço do Andre que veio do meu pai. Tem um relato que diz que o Andre contou para um fã que ele compôs ‘Looking Back’ depois que meu pai morreu. E quando eu li a letra, eu acho possível sim, a letra tem tudo a ver. O relato é que o Andre demorou muito tempo para digerir a partida do pai, porque estava em um momento muito agitado no S_{HAMAN}. Ele estava fazendo turnês pelo Brasil e uma das maiores referências da vida dele partiu. Ele só digeriu um tempo depois. ‘Looking Back’ fala: ‘Eu não achei que você fosse embora, eu demorei para acreditar que você realmente foi embora’”.

Outra importante é a já citada “A New Moonlight”. Andre conta, em entrevista na época: “Essa foi a música que levou o VIPER para fora do Brasil, porque foi ela que fez sucesso no Japão. Foi a primeira música nossa que fez sucesso por lá. Por outro lado, pra mim, foi muito simbólico e muito importante ter essa música nesse disco. Por se tratar do meu primeiro disco solo, eu queria ter a primeira música que compus no disco – e ‘Moonlight’ é a primeira música que eu compus sozinho e que foi lançada num disco, em 1989. Foi praticamente minha primeira composição. Isso é emblemático para mim: minha primeira música vai estar presente no meu primeiro disco, novamente. Não é a mesma música. Ela teve mudanças drásticas. É como se eu usasse aquela primeira versão de ‘Moonlight’ pra construir uma segunda, e é como se uma história tivesse sido contada muitos anos atrás e tenha se finalizado só agora”.[153]

Com o disco gravado, as coisas não iam bem para o baterista Rafael Rosa, que acabou sendo sacado da banda. “No final do processo da gravação do disco, eu estava muito estressado fisicamente e mentalmente. Esse processo de gravação e composição é muito exigente. O Andre notou isso e decidiu me tirar da banda. Para ele foi triste e para mim também, porque era algo que eu queria muito”, conta o músico.

Novo baterista

A primeira pessoa que Andre teve em mente para o posto de baterista foi Aquiles Priester, que na época tocava no... ANGRA. Quem conta essa história é o próprio baterista: “Essa história eu não contei pra ninguém. Muita gente me perguntou por que eu não fiz um vídeo falando sobre ele. Eu acho que muita gente se aproveitou da passagem dele pra se promover. Mas a história é a seguinte: ele sabia que o clima estava ruim no ANGRA. Lembro que fui encontrar o Andre em um café em Perdizes. Ele ficou com certo receio. ‘Tomara que ninguém veja a gente aqui senão amanhã vai estar em todos os sites’. Lembro que eu tinha recém-voltado da turnê do *Aurora Consurgens*, no Japão e na Europa, e as coisas sobre o meu relacionamento com ANGRA não estavam muito bem. Por algum motivo ele ficou sabendo daquilo e me convidou para entrar na banda solo

dele. Ele me convidou, mas eu achei que não era a hora de fazer isso. Ele me mandou e-mail falando que eu poderia trazer músicas, ajudar a compor e tal. Disse que eu teria um espaço para expressar minha música, porque ele sabia como as coisas eram lá no ANGRA. Como eu achei que não era a hora de fazer aquilo, eu indiquei o Eloy pra ele. O Eloy fez a audição e matou a pau, porque o Eloy sempre foi um gênio tocando batera".

Eloy Casagrande, então um jovem prodígio de 15 anos, lembra de quando conheceu Andre: "O meu primeiro contato com ele, pessoalmente, foi quando fui fazer o teste. Infelizmente, eu nunca tinha ido a um show do ANGRA ou do SHAMAN. Eu era muito novo na época". E a oportunidade para Eloy integrar a banda surgiu por meio de uma indicação: "Eles fizeram um show no Live 'N' Louder e um tempo depois fui chamado para um teste".

O jovem, levado por sua mãe, devido a sua faixa etária, se deparou com uma característica de Andre observada por muitos: "Ele chegou atrasado no dia do meu teste. Chegou no final. Quem conheceu ele sabe que ele tinha esse problema de atraso". E prossegue: "Eu fiz o teste com os outros integrantes, o Hugo, Luis, Zaza e Fabio. Foi lá na casa do Fabio. O Andre assistiu só a última música e nem foi de dentro do estúdio. Ele ficou na sala técnica. Ele era sempre muito preocupado com a audição, então não se aproximava de onde estava o barulho. Depois disso, tivemos uma conversa muito breve. Eu entrei na banda com 15 anos. Era muito novo e muito tímido, então era difícil falar alguma coisa ou perguntar. E naquela situação... em que eu estava fazendo um teste para um cara que eu amava e tudo mais. Foi um momento de uma pressão gigantesca".

O baterista pode não ter falado muito, mas se recorda de uma pergunta específica que, por ser ainda bastante novo, não se furtou em fazer: "Eu perguntei se ele realmente acreditava que eu seria bom o suficiente, se eu aguentaria a barra de assumir as baquetas da banda. Ele disse que confiava em mim e que ia dar tudo certo. Ele foi muito breve nos comentários. Ele escolhia muito bem o que ia falar".

Quando *Time To Be Free* foi lançado, Eloy Casagrande já era integrante efetivo da banda, e pegou a estrada para a subsequente

turnê de divulgação, precisando de algumas manobras para que isto acontecesse: “A primeira viagem internacional que fizemos foi para o Japão, para tocar no Loud Park, em 2007. Meus pais tiveram que me emancipar, e o Hugo ficou responsável por mim. Com o Andre... É até triste falar isso, mas no período que eu convivi com ele, tivemos pouquíssimas conversas. Eu era muito tímido e ele era muito reservado, então era o mudo e o calado. Eu nunca consegui decifrar ele, era muito enigmático”.

Apesar de não terem conversado tanto quanto Eloy gostaria, a proximidade de ambos rendeu momentos inspiradores: “Ele tinha uns fãs malucos, que arrancam cabelo. Não vemos isso muito no metal, não tem muito essa idolatria máxima, tipo Sandy & Júnior. Mas com o Andre tinha isso: os fãs se descabelavam, tinham ataques. Ele lidava muito bem, atendia a todos com uma simpatia e simplicidade muito grande, e administrava de uma forma que mantinha uma distância. Ninguém se sentia à vontade pra chegar e dar um tapa nas costas dele e dizer: ‘E aí brother, beleza?’. Aí ele citou o livro *O Príncipe*, de Maquiavel, que eu passei a gostar muito. Um livro filho da puta que diz umas verdades sobre manter uma certa distância, impor respeito. Não era em termos maquiavélicos, mas de manter o respeito de uma forma sincera, educada e bondosa. Eu nunca vi ele pensar alguma coisa ruim de alguém, falar mal de outras pessoas ou de fãs”.

Time To Be Free foi lançado em outubro de 2007 pela Universal Music, no Brasil, pela Avalon no Japão, pela SPV na Alemanha e pela Icarus na Argentina. O álbum também foi lançado por selos locais na Coreia do Sul, Taiwan e Rússia. No Japão, chegou a atingir a segunda posição dos mais vendidos da semana no Oricon International Albums Charts.

Luto na família

Bastante empolgado com o lançamento do primeiro álbum solo e com a turnê que viria a seguir, o ano de 2007 terminou de maneira triste para Andre e a família Coelho, com o falecimento da “Vadequinha”, a avó de Andre, e também de sua tia, Heloísa. Filha e mãe morreram muito próximas uma da outra. “Minha mãe não viu minha avó morrer e minha avó não viu minha mãe morrer. Foi uma

proteção de mãe e filha não se despedirem”, conta o primo de Andre, Eco. O falecimento de Osvaldina Coelho da Silva aconteceu no que deveria ter sido uma data de celebração para a família: 19 de dezembro, dia do aniversário do senhor Ary, avô de Andre.

“Minha avó era muito ativa, cozinhava para todo mundo”, conta Eco. “Um dia ela teve um desmaio, alguma coisa estranha. Levamos ela para o hospital e descobrimos que ela tinha um tumor no intestino do tamanho de um caroço de abacate. Ficamos da dúvida do que fazer, se tinha chance de salvá-la. Ela já tinha 96 anos. Era mais velha que meu avô”.

Como a mãe de Eco, tia de Andre, também estava doente na época, Andre tomou as rédeas da situação e acompanhou a avó nos seus últimos dias na UTI, além de passar os relatórios para a família. “Minha avó foi internada para operar, mas ela não conseguiu se recuperar”, conta Eco. “Ela foi para a UTI em coma, e minha mãe faleceu. Então minha avó faleceu logo depois. Eu fui uma vez só ver minha avó na UTI. Quem ia mais era meu avô e o Andre. Eles estavam na frente disso, e o Andre nos dava os relatórios. Ele era o cara mais velho, estava mais próximo, morava com meu avô e nos deu todo o suporte. Ele sabia essas coisas de hospital”.

“A tia do Andre faleceu no dia 15 de novembro e minha mãe no dia 19 de dezembro”, conta Sônia, mãe de Andre. “Ambas estavam com câncer. Foi um ano muito triste. O Andre sentiu muito porque ele era muito ligado na minha irmã. Com a minha mãe, não preciso nem falar. Ela praticamente o criou. Eu trabalhava o dia inteiro fora, então foi difícil para todo mundo e para ele foi muito duro. Ele ajudou muito minha irmã, acompanhava nas quimioterapias e também ajudou a gente sempre que estava no Brasil. Ele viajava bastante, mas no tempo em que esteve aqui ele foi muito presente para as duas. Foi uma barra né. O pai do Eco já tinha morrido em março daquele mesmo ano. Foi um ano catastrófico”.

Shows

A turnê de divulgação do disco percorreu algumas importantes cidades do Brasil ao longo dos primeiros meses de 2008, com boas apresentações tanto musicalmente quanto pela presença razoável de público. Antes dos shows nacionais, no entanto, os dois Andrés

da banda, o Matos e o Zaza, fizeram uma viagem pela Europa e Japão para um circuito promocional, onde apresentaram repertórios acústicos para a imprensa e convidados em geral. Um desses eventos contou com a participação especial de Fernando Ribeiro, vocalista do grupo português MOONSPELL, cantando "Lisbon", em dueto com Andre, que também tocou uma escaleta. "Nós estávamos juntos numa viagem promocional porque éramos editados no mesmo selo aqui na Europa, a Steamhammer Records", lembra Fernando Ribeiro. "Então o Andre me desafiou para cantar e participar em um evento que faríamos numa loja de discos, e eu aceitei, claro! Era uma grande honra para mim".

As atividades com a banda solo foram interrompidas por alguns meses em 2008 para que Andre participasse da primeira turnê do projeto AVANTASIA, de Tobias Sammet. O projeto era bastante pomposo e trazia uma dúzia de músicos entre instrumentistas e vocalistas que revezavam as músicas. Muitas figuras conhecidas e colegas de Andre fizeram parte dessa turnê, como o guitarrista Sascha Paeth (produtor de todos os álbuns de Andre desde *Angels Cry*), o tecladista Miro e a backing vocal Amanda Somerville (que haviam participado dos dois álbuns do SHAMAN), Kai Hansen e o próprio vocalista principal e líder do projeto, Tobias Sammet.

A turnê cruzou o mapa em vinte dias, colocando o AVANTASIA como banda principal dos maiores festivais do mundo naquele verão, como o Wacken, na Alemanha, o Masters of Rock, na República Tcheca, e o Sweden Rock Festival, na Suécia, além de shows lotados em casas gigantescas, como o Credicard Hall, em São Paulo. A turnê acabou virando um CD/DVD quádruplo, lançado em 2011 com o nome *Flying Opera*.

Além do show completo, o DVD bônus de *Flying Opera* trazia clipes do AVANTASIA e um documentário sobre a turnê com muitas cenas de bastidores. Nesse documentário, Tobias apresentou Andre para o mundo com as seguintes palavras: "Andre Matos é um amigo meu de longa data. Tem uma voz clara como cristal. Eu diria que ele tem a voz feminina que eu mais gosto no metal, embora ele seja um homem! [risos] Ele leva de boa esse comentário. É um vocalista muito, muito bom, tecnicamente. Consegue cantar todas as músicas

do Michael Kiske, tem um alcance muito amplo e canta muito agudo, claro como cristal".

Acidente de percurso

Essa turnê foi especial também na vida pessoal de Andre. No show do Avantasia realizado na Suécia, em 06 de junho, Andre conheceu Sara, que lembra como tudo aconteceu: "Nos conhecemos no Sweden Rock Festival. Ele era uma pessoa muito especial. Não nos conhecíamos quando nos encontramos pela primeira vez e ficamos apaixonados um pelo outro instantaneamente. Foi como um conto de fadas! Depois disso fui ao Wacken com ele, visitamos Paris. Foi muito legal essa época".

Após a turnê com o Avantasia, Andre voltou ao Brasil para alguns compromissos com a banda solo, mas voltou à Suécia em outubro para ficar algum tempo com Sara. "Foi nessa época que eu engravidei", conta Sara. "Foi um acidente. Não foi nada planejado. Ele ficou em choque quando ouviu a notícia, coitado. Ele estava no Brasil fazendo alguns shows e pegou um voo para a Suécia na primeira oportunidade que teve".

Metal Christmas

Esses shows no Brasil com a banda solo aconteceram ao lado do Hangar, em uma turnê que passou por várias capitais do país com o nome de "Metal Christmas". A turnê foi agenciada pelo antigo empresário de Angra e Viper, Toninho Pirani.

"O Andre estava com certa resistência de fazer essa turnê porque quem estava organizando era o Pirani", lembra Aquiles Priester. "Eu fui o intermediador. Fui oferecer essa turnê para o Andre e ele ficou com o pé atrás pra caralho. A gente fez uma reunião na casa do Marcel Castro, que estava junto com o Toninho nessa turnê. Foi no salão de festas, e estava o Andre, o Luis e o Toninho. Eu acho que foi a primeira vez que o Toninho estava reencontrando o Andre e o Luis".

Andre estava certo de ter ficado com o pé atrás, pois a turnê acabou sendo um grande show de horrores em termos de organização. "A gente teve que tirar o Toninho e o Marcel logo depois do primeiro show", lembra Aquiles. "A empresa de som não queria que a gente

começasse a montagem se a gente não pagasse uma parte do cachê. Isso já no primeiro show! As finanças eram responsabilidade do Antônio Pirani e do Marcel Castro, e os caras estavam impedindo a banda de passar som porque não tinham recebido. Começou aquele estresse. Eles resolveram, mas a gente se atrasou para caralho. Como tínhamos contratado um ônibus para fazer a turnê inteira, depois desse show tiramos o Marcel e o Antônio fora. Nós mesmos, as bandas, organizamos todo o resto, para salvar a turnê. Ali eu pude ter mais contato com o Andre na parte do business, da negociação, tomando decisões. A gente tinha que ter grana pra pagar o ônibus, que ia ser muito caro, e a equipe. Se sobrasse alguma grana, a gente dividiria entre as bandas. Foi basicamente isso. Fizemos essa turnê em dois finais de semana seguidos e conseguimos pelo menos zerar tudo".

A falta de organização comprometeu a divulgação da turnê. Em algumas cidades, anúncios de cancelamento chegaram a ser feitos e depois retificados. Com exceção dos shows no Rio e em São Paulo, com públicos razoáveis, os demais shows tiveram pouco público e deram prejuízo. "Foi uma pena as pessoas não terem apoiado aquela turnê", lembra Aquiles. "Por isso eu fico meio descontente com esse monte de gente que só valoriza as pessoas depois que elas se vão. Eu fico imaginando quanta gente que perdeu essa turnê, que não foi, e que hoje daria tudo pra poder assistir àqueles shows. O esforço que a gente fez para aquelas apresentações acontecerem foi surreal. Ficamos muitas vezes sem comida, não tinha nem água. A gente ia comprar água com dinheiro do próprio bolso!", desabafa o baterista.

Participações especiais

Em 2008, Andre ainda encontrou tempo para gravar uma participação com os pioneiros do heavy metal argentino, Tren Loco. "O pessoal da gravadora Icarus fez o convite a Andre Matos. Já o havíamos conhecido pessoalmente em Caracas, em 2003, quando tocamos juntos. Além disso, ele é um artista da Icarus e aceitou gentilmente compartilhar sua maravilhosa voz em duas canções, 'Venas de Acero' e 'Acorazado Belgrano' – esta a pedido do próprio Andre", disse a banda em entrevista na época.[154] Fanático por

história, não é difícil entender por que Andre pediu para cantar “Acorazado Belgrano”. A música é uma homenagem a jovens soldados argentinos que morreram durante a Guerra das Malvinas. “Acorazado Belgrano” é o nome do cruzeiro que sucumbiu ao enfrentar o submarino nuclear britânico El Conqueror.

Também em 2008, participou da gravação do DVD *Irmandade do Blues*, um projeto que existe desde 1992 em São Paulo. Andre Matos cantou em faixas que fogem bastante daquilo que estamos acostumados a ouvi-lo cantar: “Mercedes Benz”, de Janis Joplin, “Rock and Roll”, do Led Zeppelin, e “I Got The Blues” – esta, com as guitarras de Andreas Kisser, do Sepultura. “Foi muito legal o Andre ter participado de um projeto de blues, eu fiquei surpreso, era algo inusitado”, lembra Andreas. “Lembro que esse dia foi muito divertido. Sempre que eu encontrava o Andre ele era muito tranquilo, leve. Nunca tivemos essa coisa de ego; essa competição entre o Angra e o Sepultura nunca rolou. Sempre foi uma coisa tranquila, direta, olho no olho. Muito real. Eu sempre respeitei muito ele por isso”.

Mais shows

Virando o ano, 2009 começou com a banda solo de Andre viajando para o velho continente. A turnê, ao lado dos amigos do Edguy, contou com um repertório bastante enxuto: cerca de meia dúzia de músicas por noite, em média. A jornada foi um tanto frustrante, como Eloy conta: “Fizemos uma turnê com o Edguy na Europa. Foram uns 30 shows em que a gente dividiu o ônibus com uma banda sueca, as duas bandas que abriam para o Edguy. Nessa turnê, fomos em um esquema muito precário de grana. A gente não sabia quanto ia ganhar, talvez ninguém fosse ganhar nada. Como eu era muito novo e não tinha nada a perder, foda-se, estava valendo! Aprender como funcionar, viajar, conhecer os países aos quais nunca tinha ido. O Andre não ganhou quase nada de dinheiro naquela turnê, pelo que ele falou. Entre nós, cada um ganhou uns 150 ou 200 euros. Pra mim foi de boa, mas pro resto da banda foi muito ruim”.

Apesar dos percalços naturais da vida dentro de uma banda, Eloy carregou para si a lembrança do Andre profissional: “Ele sempre me tratou como tratava os outros músicos, de uma forma profissional,

cordial, falando no mesmo tom. Nunca me tratou como um moleque, uma criança que ele fosse ensinar. Sempre como uma pessoa adulta e formada. Isso me ajudou muito a amadurecer", finaliza o baterista, que desde 2010 está no SEPULTURA.

Findada a série de shows de divulgação ao *Time To Be Free*, Andre tinha muita coisa para preparar para o ano de 2009, que seria bastante intenso para o vocalista. Além das gravações de um novo álbum solo, programado para o segundo semestre daquele ano, sua namorada estava grávida lá na Escandinávia.

Capítulo 18

MENTALIZE / SYMFONIA

Concluídas as atividades relativas a *Time To Be Free*, o ano de 2009 começava com a necessidade de um novo álbum. O primeiro álbum solo de Andre Matos havia reafirmado a importância do vocalista no metal, rendendo diversos shows. As músicas desse primeiro trabalho foram criadas dentro de um intervalo considerável: algumas haviam sido compostas ainda durante os momentos finais do Shaman.

Mas o processo foi mais corrido com o segundo álbum, *Mentalize*, como conta o baterista Eloy Casagrande, que fez ali sua estreia em estúdio com a banda: “Foi uma confusão nesse álbum. Um dia, o Andre chegou no ensaio e disse que a gravadora tinha falado que teríamos que fazer um disco. Em três semanas tínhamos que estar em estúdio gravando, sendo que não tínhamos nenhum material”. Com a notícia repentina, os músicos se uniram para compor, cada um como pôde: “Eu ficava no estúdio do Fabio, com o Hugo e o Fabio, tentando compor, e o Andre na casa dele, compondo outras coisas. Dificilmente ele aparecia nesses momentos de composição”, explica o baterista.

“Nós tivemos um ultimato das gravadoras de fora do Brasil para que o CD fosse lançado numa data X”, lembra Andre em entrevista. “Foi um processo bem diferente do comum nesse CD. Tivemos um período de três meses para começar meio que do zero e entregar o produto pronto. Foi bacana trabalhar assim. Foi um grande desafio provar que a gente era capaz de, em três meses, juntar todas aquelas ideias que já estavam meio que elaboradas e guardadas, dar formas a elas, entrar em estúdio, produzir... E que aquilo nascesse dessa forma mais apressada, mais energética”.[155]

“O Andre deu uma pirada naquele momento”, lembra Eloy. “Resolveu ficar mais ainda no canto dele. A gente foi para o estúdio sem ter ideia do que aconteceria. O Corciolli, da gravadora Azul Music, estava coproduzindo o CD com o Andre. Os dois ficavam me dirigindo na gravação, mas ninguém tinha ideia do que ia se tornar o CD. Era: ‘Ah, faz assim, vamos testar assim agora’. Foi algo feito muito às pressas e isso talvez tenha prejudicado o resultado final do trabalho. Se a gente tivesse tido mais tempo pra executar as coisas, pensar e elaborar um tema para o CD, uma discussão em banda, teria sido muito mais proveitoso”.

Andre analisou a situação de outra perspectiva, em entrevista na época para a *Roadie Crew*: “O Corciolli foi importante para achar o conceito. O nome do CD, *Mentalize*, está muito ligado à filosofia new age. Você toca e escuta metal, mas em certos momentos precisa equilibrar, então escuta música clássica e new age”.[156] A produção final foi assinada por Sascha Paeth e Andre Matos, uma parceria de longa data, que teria em *Mentalize* seu último capítulo. E sobre não ter Roy Z também como produtor, como no disco anterior, o vocalista explicou em entrevista à revista *Rock Brigade*: “Não descarto trabalhar com o Roy Z novamente. Ele não produziu o *Mentalize* por uma questão de agenda”.[157]

Finalizadas as gravações, Andre voltou a atenção para a Suécia, onde sua namorada curtia a gestação do filho. “Fizemos uma viagem maravilhosa a Paris nessa época. Nós fomos ver um show do Rammstein lá. Foi bem no começo do nosso relacionamento. Mas a gente não visitou tantos lugares assim lá, eu estava grávida e tudo mais”, conta Sara, em entrevista para este livro.

Adrian Coelho Matos Lindskog nasceu em 24 de julho de 2009, data de aniversário de seu tio e padrinho, Daniel, irmão de Andre. Continua Sara: “Foi a vovó Sônia que escolheu o nome. Ela queria esse nome e eu amei logo de cara. O Andre estava muito estressado no dia que o Adrian nasceu. Ele estava lá no hospital comigo e ficava filmando todos os momentos... Eu falava pra ele parar um pouco de filmar, mas ele continuou filmando tudo. [risos] Ele era muito sentimental. É a pessoa mais doce que eu já conheci na minha vida. Ele era muito difícil às vezes, mas era muito doce”.

O nascimento do filho mexeu bastante com Andre, trazendo novos sentidos e perspectivas familiares que o vocalista, agora pai, ainda não tinha. “Te digo com tranquilidade de espírito que nada foi tão revolucionário para o Andre quanto o nascimento do Adrian”, comenta a irmã, Helena. “Isso mudou a forma como o Andre começou a se expressar. Quando o Adrian nasceu, o Andre ganhou uma capacidade de externalizar emoções absolutamente particular. Ele, assim como eu, somos introspectivos. Sempre trabalhamos nosso emocional internamente, de uma forma mais profunda. Ele mais artístico e eu mais racional. Ele era racional também, mas era muito sensível”.

O nascimento de Adrian também ajudou a estreitar o relacionamento de Andre com a irmã. “Sim, renovou nossos laços familiares. A gente conseguiu alinhar as relações e todos ficaram mais próximos depois do nascimento dos meninos, do Adrian e do Tom, o filho do Daniel”.

Em novembro de 2009, ano em que *Mentalize* foi lançado, Andre e Sara se casaram, formalizando uma família feliz que se tornou prioridade total para o cantor naquele momento. “Nos casamos em novembro e ficamos casados por sete anos. Até hoje tenho o sobrenome ‘Coelho Matos’. Tivemos uma pequena cerimônia, não chegamos a fazer nada em igreja. Fomos em uma vila aqui perto que tem um bonito moinho de vento. Ele amava aquele lugar, então nós fizemos uma cerimônia lá”, lembra Sara.

Mentalize foi lançado algumas semanas antes do casamento, em 26 de setembro de 2009. A capa do trabalho chamou atenção, exigindo uma boa dose de complexidade para ser explicada por Andre: “A capa apresenta um labirinto gótico, encontrado em várias construções medievais, incluindo castelos e catedrais, mesmo sendo um símbolo teoricamente profano. Se você prestar atenção na capa e começar a percorrer os caminhos que existem ali, irá passar por todos eles até chegar ao centro. O centro é o que as pessoas entendem por autoconhecimento. Olhe os furadinhos na capa, eles formam uma espiral que pressupõe movimento. Na simbologia oriental, a espiral também representa a galáxia. Ou seja, tem ainda a ver com o movimento das galáxias, que sempre tem um

núcleo, e com astronomia. Então, a ideia da espiral sobreposta ao labirinto é que pode haver atalhos para chegar ao centro".[158]

Musicalmente falando, *Mentalize* é uma sucessão natural de seu antecessor, apesar de ter uma abordagem mais direta e ter linhas vocais mais variadas. As músicas giram entre os 4 e 5 minutos de duração – bem mais objetivas que as de *Time To Be Free*, que ultrapassavam os 6 minutos. Além das faixas regulares do trabalho, Andre homenageou outra de suas grandes influências. Se no álbum anterior ele gravou "Separate Ways (Worlds Apart)", do Journey, para o mercado japonês, em *Mentalize* ele prestou seu tributo ao Queen, gravando "Teo Torriatte (Let Us Cling Together)", do clássico álbum *A Day at the Races*, de 1977, e entregou também a faixa "Forever Is Too Long". Além disso, o cantor celebrou seu próprio passado, como já havia feito no disco anterior. A releitura de "Don't Despair" trouxe uma roupagem atualizada para uma canção feita no começo do Angra, na demo *Reaching Horizons* (1992), mas que nunca chegou a ser devidamente registrada em disco.

Sobre a gravação de "Don't Despair", Andre explicou à *Rock Brigade*: "Ela era de uma demo gravada há uns quinze anos e por várias razões nunca entrou em nenhum disco. Essa demo acabou vazando para o público. Por ser mais conhecida no Brasil, surgiu a ideia de disponibilizá-la como bônus na edição nacional. É um tributo aos fãs brasileiros. 'Don't Despair' foi gravada com bastante pegada e peso... Acabou casando muito bem com o *Mentalize*".[159]

Das 12 músicas do álbum, uma das que mais se destacaram é "Violence", por sua abordagem diferenciada, compasso trocado e estrutura meio desconfortável: "É a música mais inusitada do CD, e eu tinha dúvidas se ia funcionar", revelou Andre à *Roadie Crew*. "Resolvemos arriscar de forma consciente, até porque ela nasceu de uma forma natural, numa *jam* no estúdio. O Fabio Ribeiro começou a tocar ela, de brincadeira... Escutei e disse para gravarmos aquilo. Então, tivemos a ideia de fazer aquela introdução junto com a banda, de forma pesada, e ficou bem diferente do que já criamos e de tudo que tem por aí. Não digo que ela é a carro-chefe, mas é a grande surpresa do CD".[160]

A balada “Back To You” criou cenário para Andre trabalhar suas habilidades mais eruditas: “Uma música lenta abre espaço para trabalhar arranjos sinfônicos. Você busca trabalhar bem as melodias e destacar orquestra e piano, detalhes que fazem parte do meu estilo desde os tempos do Viper. Para mim, é sempre um momento de diversão quando vou gravar uma balada e tenho que pensar como vou interpretar e quais os arranjos que serão colocados ali”, explica Andre, na mesma entrevista. Um dos grandes destaques, algo que funcionou bem ao vivo, foi “I Will Return”, um amálgama de sonoridades, com os elementos característicos da musicalidade de Andre, aliados a uma aura soturna contrastada com o refrão fácil, esperançoso e melódico: “Aí entra a coisa de misturar estilos, dentro de um limite. Gosto de gótico e curto muito Paradise Lost. Se falarmos em The Sisters of Mercy, estamos saindo do metal e indo para a raiz. Se você prestar atenção, são letras muito bem escritas e profundas. Mas não posso ficar só no gótico, por isso ela abrange muitos elementos. Muita gente não sabe se ela é gótica, hard rock ou metal melódico. Mas se eu baixar uma oitava na voz, vira banda gótica, mesmo [risos]”, declara Andre, ainda para a *Roadie Crew*.[161]

A similaridade entre as linhas vocais de “Mirror of Me” com o eterno clássico do Angra, “Carry On”, foi explicada por Andre Matos na época: “Pode ser que haja algo em comum, mas o principal de ambas é relativamente diferente, principalmente no refrão. Não foi nada planejado, mas de forma inconsciente. ‘Carry On’ é uma música que nunca deixei de lado... Tocamos até hoje e fico contente que tenha se tornado um hino no mundo todo”, declarou o vocalista em entrevista para a *Rock Brigade*.[162]

Ver *Mentalize* como uma sequência é uma impressão que o próprio Andre tinha sobre o trabalho, como comentou em entrevista para a *Comando Rock*: “Com o primeiro CD, conseguimos conquistar uma identidade para a banda, e com o segundo, reafirmamos isto. Talvez a principal diferença esteja no processo de produção. Enquanto *Time To Be Free* foi um álbum demorado e trabalhado a exaustão, *Mentalize* veio de maneira mais fluída e orgânica. Não desperdiçamos tanto tempo em estúdio gravando... Preferimos investir pesado nas composições, letras e arranjos. O que eu espero

do *Mentalize* é que seja um álbum que faça sentido como sucessor do *Time To Be Free*”.[163]

A história se repetiu em relação à troca de gravadoras, assim como o ANGRA havia saído da Eldorado para a Paradoxx e o SHAMAN da Universal para a Deck, agora com a banda solo Andre Matos saia da mesma Universal para a Azul Music. Na mesma entrevista para a *Comando Rock*, o vocalista deu uma explicação similar ao caso anterior: “Estávamos com a Universal Music, que é a maior gravadora do Brasil. A decisão da troca foi uma escolha pessoal. A Universal tem uma estrutura gigantesca e nos deram todo apoio. Não é sempre que uma *major* se interessa por uma banda de rock pesado. Entretanto, acontecia algumas vezes de terem outras prioridades inadiáveis. E na Azul Music somos a prioridade máxima. Isso acaba fazendo uma grande diferença para o grupo e para o público”.[164]

A banda fez poucos shows para a divulgação de *Mentalize*. Em parte, pelas constantes viagens e períodos que Andre passava com a família, na Suécia, e em parte também pela dificuldade do grupo em agendar shows durante os períodos que Andre estava no Brasil. A recepção do público em relação a *Mentalize* foi um tanto fria comparada ao álbum anterior. Muitos fãs comentam que redescobrem *Mentalize* hoje em dia e se apaixonam pelo disco, estranhando o fato de não terem entendido ou não recebido tão bem a proposta mais direta do álbum na época.

A baixa demanda de shows e a pouca perspectiva levaram Luis Mariutti a deixar a banda, em 2010. A saída foi amigável e ele chegou a fazer uma participação especial de despedida em um show da banda em São Paulo, em outubro daquele ano.

Quem começou a trabalhar com Andre nessa época foi a jornalista Vera Kikuti. “Comecei a trabalhar com ele por meio do Hugo Mariutti. Eu trabalhava para a *Guitar Player*, fiz algum contato com o Hugo, e ele me perguntou se eu queria falar com o Andre. Nós fizemos uma reunião no Frans Café, na Vila Madalena (São Paulo), e comecei a trabalhar como *booking agent* para ele, marcando shows”, recorda. Seu trabalho começou nos últimos momentos da formação clássica da banda solo do vocalista: “Eu ainda peguei uns shows com o Eloy

na bateria. Logo que cheguei, teve um show com o Sepultura[165] em São Paulo, acho que na HSBC Brasil. Foi o dia que o Luis Mariutti fez uma apresentação e depois saiu. Aí entrou oficialmente o Bruno Ladislau. Nessa época eu comecei a vender os shows da banda".

Eloy relembra os momentos que precederam sua saída do grupo: "A banda fazia poucos shows, pingados... Em um mês ia ter uns dois shows, no outro, não ia ter nenhum. Era muito espaçado e a gente sentia que ninguém estava muito preocupado com isso. O Andre tinha acabado de ter um filho na Suécia, então ele viajava muito".

Com uma agenda magra, a situação do baterista Eloy Casagrande demandava uma decisão complicada, porém necessária: "Ninguém podia ficar parado, eu já tinha escolhido a música como minha carreira e naquela época a banda não estava andando. Cada um começou a assumir diferentes projetos, tomar diferentes decisões e direções. Comecei a participar de outras bandas, entrei no Gloria, empresariados pelo Rick Bonadio, e fazíamos shows todo mês. Teve uma época que eu tinha sete projetos diferentes. Então comecei a mandar um substituto quando os shows coincidiam com o Gloria. Dei preferência pra eles, pois eram muito mais shows. O Andre entendeu isso perfeitamente. Ele disse que não podia oferecer o mesmo tanto de shows e entendeu a situação".

"O Rodrigo Silveira, que estava tocando com o Andre nos últimos anos, começou a me substituir, até que no final de 2011 rolou o lance do Sepultura. Eu liguei para o Andre e expliquei. Disse que havia feito um teste para o Sepultura, passei e aceitei. Ele entendeu perfeitamente e foi talvez a única pessoa, de todas as bandas que eu participei, que realmente entendeu e me desejou boa sorte: 'Cara, vai com tudo!', e agradeceu por tudo. Ficamos um tempão no telefone, ele deu uma puta força, e isso mostrou honestidade", completa o baterista.

O substituto de Eloy, Rodrigo Silveira, conta que pegou o bonde andando, com a banda no meio da divulgação do disco: "Eu entrei no meio da turnê do *Mentalize*. Até essa turnê, eu acho que tinha um pouco mais de facilidade pra vender shows. Peguei o final de uma época em que você conseguia trabalhar mais. Isso foi se agravando até a atualidade, mesmo o Andre tendo o nome que ele

tinha, e fazendo um trabalho de qualidade, era difícil", comenta o baterista.

Symfonia

Enquanto trabalhava com a divulgação do recém-lançado álbum *Mentalize*, lidando com a dificuldade de poucos convites para shows e uma vida nômade entre Brasil e Suécia, Andre acabou se envolvendo em outra banda, que surgiu com o anúncio de um supergrupo chamado Symfonia. "Eu tô morando na Suécia desde 2008, por aí, e acabou que eu encontrei o Timo Tolkki acidentalmente por lá", contou Andre, em entrevista. "Ele mora na Finlândia, ali do lado, e o Timo já desde muito tempo queria fazer algum projeto comigo. A gente se conhece há muito tempo, desde a época de Angra e Stratovarius, fizemos turnê juntos. Sempre rolou essa admiração mútua, um pelo outro, em termos musicais. Ele é um grande guitarrista, compositor e produtor, inclusive".[166]

Além de Andre, o grupo contava com o baixista Jari Kainulainen e o guitarrista Timo Tolkki (Stratovarius), o tecladista Mikko Härkin (Luca Turilli's Rhapsody, Kenziner, Cain's Offering, Sonata Arctica) e o baterista Uli Kusch (Helloween, Gamma Ray). Com um time de peso dentro do chamado metal melódico, o grupo prometia estourar.

Embora posteriormente tenha sido reconhecido como um erro pelos fãs e por boa parte da imprensa especializada, o projeto fazia bastante sentido para Andre, em vários sentidos. Comercialmente, era promissor e aparentava ter mais expectativas que sua banda solo, que havia perdido dois importantes integrantes e encarava dificuldades de se posicionar até mesmo no mercado brasileiro de heavy metal, no qual Andre estava acostumado a reinar. E, na vida pessoal, tocar com pessoas da Escandinávia eliminaria a necessidade de viajar constantemente para o Brasil e ficar longe do filho. Na internet, o anúncio dessa nova banda gerou entre os fãs alguns comentários hilários e um tanto maldosos, do tipo: "Andre Matos sai de todas as bandas dele. Saiu do Angra, do Shaman, e agora sai da própria banda Andre Matos".

Em novembro de 2010, portanto, começaram as gravações do projeto Symfonia, no Studio Mega, na Suécia. Com a virada do ano, foi a vez de Andre Matos gravar suas partes. Em um blog oficial do

projeto, o guitarrista Timo Tolkki relatou momentos ao lado de Andre em um estúdio bastante isolado: “Andre e eu estamos há uma semana no meio de uma floresta sueca gravando os vocais. Alugamos uma cabana que fica no topo de uma colina, com uma vista incrível, no meio do nada. Tive que colocar alguns cobertores nas paredes para tratar acusticamente o lugar. A cabana é um pouco mal-assombrada, o proprietário nos disse que um homem chamado Hans morreu aqui há 80 anos e pode às vezes ser visto por aí. Até agora não o vimos”.[167]

Timo revelou um hábito excêntrico de Andre ao gravar as vozes. “Andre tem cantado com uma obra de arte específica perto dele desde que saiu do ANGRA. É uma famosa pintura de Salvador Dalí chamada ‘Madonna de Port Lligat’. Nós tivemos que trazê-la de São Paulo via sistema postal, e ela demorou um pouco pra chegar. O Andre é um grande fã de Dalí e eu entendo isso perfeitamente. Ele também pediu dois cactos e duas outras plantas de qualquer tipo no chão, próximas a ele, onde está cantando”.

Em 23 de março de 2011, chegava ao mercado *In Paradisum*, trabalho que o guitarrista Timo Tolkki, após o fim do grupo, admitiu gostar bastante: “Ainda considero *In Paradisum* um bom álbum, que me custou mais de mil horas de trabalho entre programação, engenharia, mixagem, masterização e produção”, disse em entrevista ao website *Heavy Worlds*.[168] Na mesma matéria, em que criticou antigos colegas, o músico poupou Andre Matos de palavras negativas: “Tenho certeza que o Andre Matos terá lucros com sua carreira solo fora da SYMFONIA, apesar da situação do mercado não ajudar muito”.

O CD regular conta com 10 músicas, em cerca de 55 minutos de duração. Mesclam-se influências dos ex-grupos dos integrantes, sobretudo STRATOVARIUS. Isso fica bastante evidente, por exemplo, nas faixas “Fields of Avalon”, “Forevermore”, “Rhapsody in Black” e “I Walk In Neon”. A turnê não teve resultados tão animadores de público, e, no Brasil, teve audiências bastante reduzidas.

Nessa única turnê, além de composições próprias, a banda SYMFONIA executou um punhado de músicas do STRATOVARIUS para encher o set. Entretanto, não apostaram nos grandes hits e preferiram resgatar

sons mais obscuros, como a instrumental “Stratosphere” (*Episode*, 1996), e duas do álbum *Dreamspace* (1994): a faixa-título e “4th Reich”. Do *Revolution Renaissance*, outro trabalho de Tolkki, a dupla “Last Night On Earth” e “I Did It My Way” estava sempre presente, assim como uma canção do ANGRA, que Andre Matos em breve colocaria nos repertórios de seus shows solo: “Lasting Child”, do *Angels Cry* (1993), até então nunca cantada ao vivo por ele. Logo após a turnê sul-americana, o projeto teve seu fim decretado.

O jornalista Claudio Vicentin argumenta sobre os motivos que teriam levado o grupo a esse destino amargo: “O Andre tentou montar uma banda com o Timo Tolkki, o SYMFONIA, que acabou não dando em nada, até porque era uma supercópia de STRATOVARIUS. O Timo tem muitos problemas de depressão e o Andre não estava em seu melhor momento profissional. Ele estava muito perdido”.

“Todo mundo sabe da questão temperamental do Timo Tolkki”, conta Andre sobre o fim do projeto. “Pra mim foi uma honra fazer parte daquele time. Eu estava realmente contente e esperava que houvesse uma continuação. É uma pena. O Timo, por questões pessoais, em determinado momento meio que jogou tudo pra cima, teve problemas pessoais... Na época, ele chegou a cogitar abandonar a música de vez. Como a ideia inicial do projeto era do Timo, não faria sentido que continuássemos por nós mesmos. Pra mim foi triste abrir mão disso, daquilo que construímos durante um determinado tempo e que eu acho que estava dando certo. Talvez se fizéssemos um segundo ou terceiro disco a banda teria ido mais longe”.

Quase uma década mais tarde, Tolkki falou um pouco mais sobre aqueles dias em entrevista: “O Andre poderia ser uma pessoa muito difícil, se quisesse. Mas ele também poderia ser o cara mais amável do mundo. Quando soube que ele se mudou para a Suécia, peguei o seu telefone e o convidei para Helsinque. Eu tinha boas lembranças de quando fizemos uma turnê com o ANGRA, que foi quando eu realmente o conheci. Depois do *In Paradisum* e da terrível turnê que fizemos, perdi o contato com ele, infelizmente”.[169]

Participações especiais

Andre fez muitas participações especiais em projetos no período 2009-2011. Com o projeto HDK, de Amanda Somerville e Sander Gommans (After Forever), Andre gravou duas músicas no álbum *System Overload*: “Request” e “Fine Lines”. Com o Clairvoyants, da Itália, Andre gravou uma versão cover de “Hallowed Be Thy Name”, do Iron Maiden. O mesmo ano ainda reservou a participação na música “The First Warrior”, com os brasileiros do Krusader.

Também em 2009, Andre Matos participou do álbum *Lightwalk*, do músico brasileiro Corciolli, amigo de longa data, que coproduziu seu disco solo *Mentalize*. Com Corciolli, Andre cantou “Star” (composta pela dupla junto a Tony Levin, do gigante progressivo King Crimson). “Não me canso de dizer que o Andre era um músico completo e tinha um talento imenso”, comenta Corciolli. “Suas contribuições não eram menos que extraordinárias. ‘Star’ é uma prova disso. Ela não se tornaria uma grande canção sem ele. Foi a primeira música que mostrei em nosso reencontro, foi um grande momento. Andre sempre foi muito musical e um ser humano incomparável. Sempre gentil, generoso e bastante observador. Sua participação nunca se restringia à simples interpretação, mas também em contribuir ativamente com comentários precisos e melhorias. Foi um parceiro musical dos mais importantes em minha vida”.

A parceria entre os dois também foi eternizada em vídeo, em *Lightwalk Live*, que celebrou os 25 anos de carreira de Corciolli. Andre cantou em “Oratio”, “Dreams” e no encerramento com “Who Wants To Live Forever”, do Queen, banda que tanto amava e o inspirava. “Esse concerto foi muito especial, pois ocorreu na data de seu aniversário, lamentavelmente, o último que pudemos comemorar juntos”, completa Corciolli.

Em 2010, Andre participou mais uma vez do projeto Avantasia, sendo um dos vocalistas do álbum *The Wicked Symphony*. E, para finalizar as participações especiais no período, Andre gravou vozes para a novata banda portuguesa My Alley, em sua música “Closer”. A banda encerrou as atividades do álbum tempo depois.

Apesar do elevado número de participações especiais em projetos alheios, o período 2009-2011 passou a impressão de que muito pouco havia sido feito na carreira de Andre ou, pelo menos, de que

muito mais poderia ter sido feito. Se o vocalista havia feito poucos shows com a banda solo em 2009 e 2010 pela sua presença maior na Suécia e pela baixa demanda de shows no Brasil, em 2011 o cenário não foi diferente. A banda solo de Andre Matos fez um pequeno número de apresentações no país entre os meses de maio e junho daquele ano, e só. Diversas capitais brasileiras importantes não viram o show de *Mentalize* e nenhuma apresentação internacional foi realizada.

Algumas mudanças na estrutura administrativa fariam com que os anos seguintes fossem de agenda bastante intensa para Andre. Além de um novo álbum, turnês comemorativas revisitando seu passado nas bandas VIPER e ANGRA estariam na mesa.

Capítulo 19

THE TURN OF THE LIGHTS / VIPER REUNION

A entrada de Vera Kikuti no time da banda solo de Andre veio como uma tentativa de combater o problema da escassez de shows. E, pelo menos nesse aspecto, a entrada de Vera mudou o jogo e os anos seguintes foram bastante intensos para Andre em termos de agenda. “Eu vim com uma mentalidade comercial. Se não tem muito show, vamos fazer turnê do disco tal. Ele adorava o disco, então por que não? O lance do workshop, ele não fazia, eu falei pra ele fazer. Ele fez e começou a curtir muito, pois era tranquilo e divertido”, conta Vera.

Viper Reunion

Então, enquanto preparava e gravava o terceiro e último disco solo de sua carreira, *The Turn of The Lights*, Andre se reuniu com sua primeira banda, Viper, para uma turnê comemorativa.

O anúncio da turnê aconteceu em abril de 2012, com a informação de que tocariam os clássicos álbuns *Soldiers of Sunrise* e *Theatre of Fate* na íntegra. Para o lugar originalmente de Yves Passarell, ocupado com seus afazeres com a banda Capital Inicial, estava o grande parceiro musical de Andre, Hugo Mariutti. Além da dupla, a banda contava com Felipe Machado (guitarrista), Pit Passarell (baixo) e Guilherme Martin (bateria).

O jornalista Ricardo Batalha entrevistou a banda para a *Roadie Crew* em 2012, momento em que Andre comentou sobre o reencontro musical com seus antigos amigos: “Não foi uma volta por dinheiro. A ideia nasceu de uma forma espontânea, e, como somos

amigos de infância, sempre vinha aquela coisa de ‘Vamos tocar os dois discos inteiros?’. Só que agora a coisa foi ficando mais séria e analisamos nossos compromissos para ver se era possível. O fato é que estamos fazendo por prazer”, explicou. “Como não estou morando no Brasil e tinha compromissos com minha banda solo, organizamos as coisas para uma época que pudesse ser boa para todos. A banda solo vai entrar em estúdio no início de maio, com previsão de encerramento em junho. Então, eu teria até o fim de julho para me dedicar a este projeto”, complementou. Sobre o primeiro encontro no estúdio, o vocalista contou: “Comecei a cantar músicas que não cantava há vinte anos, e saiu tudo normal. Parecia que eu tinha cantado aquilo ontem”, exaltou.[170]

A primeira data anunciada foi um show em São Paulo, no Via Marquês, mas logo outras vieram, devido ao grande interesse do público e produtores, chegando a dezenas de apresentações durante o ano de 2012. Em 17 de novembro, a banda abriu duas noites para o KISS, e encerrou a turnê no final daquele ano, com outro show em São Paulo. Uma data isolada aconteceu na Argentina, em novembro de 2013, em uma dobradinha: o VIPER se apresentou no dia 09, com seu show especial com os dois álbuns clássicos na íntegra, e, na noite seguinte, a banda solo de Andre Matos subiu ao palco com o show especial da turnê *The Turn of The Lights* unida à celebração do disco *Angels Cry*. A foto de capa deste livro, gentilmente cedida por Ignacio Cángelo, foi tirada nessa apresentação de Andre com o VIPER na Argentina.

A grande procura por shows foi explicada por Andre em entrevista a Ricardo Batalha: “Acabou tendo uma demanda muito maior do que a gente imaginava. Iríamos fazer quinze shows em vinte dias, mas tivemos que dar um jeito de estender a turnê. Acabamos fazendo praticamente quarenta shows. Foi um sucesso”.[171]

A receptividade além da expectativa acabou impactando na turnê de divulgação de *The Turn of The Lights*, como contou Andre para a *Roadie Crew*: “O disco foi lançado entre setembro e outubro, mas a gente sacrificou um pouco esse início da turnê para terminar a do VIPER. As coisas acabaram coincidindo de um jeito correto, porque deu trabalho preparar essa nova turnê solo”.[172]

A primeira das apresentações do V_{IPER} em São Paulo, que aconteceu em 01 de julho, foi gravada em áudio e vídeo para futuro lançamento, o que tardou um pouco a acontecer. O CD ao vivo do V_{IPER}, *To Live Again – Live in São Paulo*, saiu em versão simples, contendo doze músicas, em abril de 2015. O DVD levou ainda mais tempo para sair, chegando ao mercado, com 17 músicas, apenas no final daquele ano.

Nesse ínterim, após uma apresentação solo em Curitiba, Andre falou com o jornalista Clovis Roman, do *Acesso Music*, sobre esse registro ao vivo do V_{IPER}, a respeito do qual Andre era só elogios: “O álbum ficou muito bom e fiquei muito feliz com o resultado. Foi uma coisa muito bem feita e é representativo tocar os dois primeiros álbuns na íntegra, de quando eu realmente iniciei minha carreira”.[173] Em conversa com a *Roadie Crew*, ele também comentou: “Realmente demorou. De início, houve um pouco de dificuldade técnica no sentido de encontrar tempo para finalizá-lo. Havia muitas cenas para escolher e tinha que tratar todo o áudio, até chegar a mixagem. Quando fomos ver, estava praticamente perfeito, foram poucas observações. Fiquei bastante impressionado. O DVD é muito orgânico e real. O V_{IPER} não é uma banda necessariamente técnica, não sei explicar direito, quando estou no palco é diferente de tudo, talvez pelas músicas, pelos músicos ou pela história”.[174]

O repertório desses shows do V_{IPER} era extenso, por contar com dois álbuns na íntegra, além de algumas canções no encore. A longa apresentação foi dividida em atos distintos: “O show é feito em duas partes, com um interlúdio no meio para tomar um pouco de fôlego, de ar, e então atacar. Então, o que eu achava que poderia ter um gosto amargo acabou tendo um gosto doce, vamos dizer assim, de dever cumprido. Eu consegui, sem falsa modéstia, cumprir ao que me dispus e foi feito o repertório inteiro. Pelo menos as críticas dos shows confirmam, não sou eu que estou dizendo”, explicou para a *Roadie Crew*.[175]

Em entrevista publicada pelo *Wikimetal*, Andre fez um balanço da turnê com o V_{IPER}: “O ponto alto da turnê foi perceber que, em cada lugar que passávamos, independente de, se nas capitais ou interior, o público estava lá, lotando todas as casas de show e cantando as

músicas do começo ao fim. Um público no qual pudemos reconhecer as caras mais antigas, dos tempos do VIPER original, e também as de uma nova geração, muitas vezes os filhos deste pessoal, que nunca tiveram a chance de ver a banda ao vivo antes. E era isso o que nós queríamos. E, finalmente, a melodia que nunca sai de nossas cabeças, entoada em coro em todos os shows, sem exceção: 'Olê, olê, olê, olê... VIPER, VIPER!'. Não vamos esquecer estes momentos e devemos agradecer a cada um dos que compareceram aos shows pelo verdadeiro presente que nos deram".[176]

Em 2015, Andre comentou sobre possibilidades futuras com o VIPER em entrevista ao *Acesso Music*: "No momento, não haverá um disco de estúdio. A gente tinha pensado em alguma coisa quando fizemos a turnê de reunião. Mas depois, acabamos seguindo cada um seu rumo, e essa ideia ficou meio no ar. Tudo é possível em relação ao VIPER, pois sempre que temos um tempo disponível e rola uma proposta para fazer algo, a gente acaba achando um tempo pra isso. E é sempre prazeroso relembrar aqueles momentos do início da carreira. O VIPER tem uma energia própria, um som próprio, uma potência. As pessoas vão ter noção disso agora saindo o álbum ao vivo e em breve o DVD".[177] Para a *Roadie Crew*, em 2016, ele confirmou: "Se um dia estivermos numa boa e começarmos a compor, curtindo o que estamos fazendo, vai fazer sentido, mas do ponto de vista comercial, não".[178]

The Turn of The Lights

O ano de 2012 foi o que marcou o último trabalho de Andre Matos com sua banda solo. O álbum, intitulado *The Turn of The Lights*, saiu em agosto e trouxe algumas mudanças na formação em relação ao predecessor, *Mentalize*. Fabio Ribeiro não estava mais na formação oficial, e havia também dois novos integrantes: o baterista Rodrigo Silveira e o baixista Bruno Ladislau. O trabalho veio com 11 faixas regulares, além de algumas regravações do passado. Novamente, músicas do VIPER e ANGRA foram revisitadas: "Wings of Reality", faixa de abertura de *Fireworks* (1998), do ANGRA; e "At Least a Chance", do VIPER. Versões de QUEENSRŸCHE, com o clássico "I Don't Believe in Love", e do RADIOHEAD, com a depressiva "Fake Plastic

Trees”, vieram como faixas bônus em variados mercados, além de uma faixa em japonês, “氷雨”.

O baterista comenta como foi o processo de criação e gravação de *The Turn of The Lights*: “Eles já tinham algumas coisas compostas, mas nada gravado com pré-produção. Quando foi a hora de gravar, eles trouxeram esse material. O Hugo que fez muito essa parte da composição, até mais do que o Andre, de estruturar as músicas para trabalharmos. O disco então foi feito muito dentro do estúdio. Não rolou aquilo de ensaiar pra caramba, arredondar as músicas e definir os arranjos, pra chegar no estúdio e só registrar. Eu imaginava que seria assim, porque no ANGRA, que eu acompanhei mais de perto, era assim. Antes de entrar para gravar o disco, eles amadureciam muito antes, faziam pré-gravação, ouviam e rearranjavam. Demorava muito tempo pra gravar pra valer. Com o Andre não foi assim, foi algo bem rápido. Todos os detalhes foram feitos na hora da gravação mesmo”, conta o músico.

A produção do terceiro disco solo não contou com estrangeiros, como nos trabalhos anteriores: “A produção foi feita pelos próprios engenheiros de gravação, o Brendan Duffey e o Adriano Daga; além do próprio Andre e do Hugo”, explica Rodrigo. E sobre a produção em si, ele comenta: “Ele me deu muita liberdade na hora de gravar, e sei que para os outros também. Eu até senti falta de alguém me orientando, dizendo se tinha ficado legal ou não, não rolou isso. Eu fui lá e teve pouquíssimas interferências. Do Andre, foram coisas muito pontuais, alguma coisa de arranjo, propor uma levada diferente. Foi muito mais livre do que eu achava que seria. Geralmente, em disco de heavy metal, os produtores ficam muito em cima, às vezes mandam você mudar tudo, um prato ou uma caixa, uma levada de bateria ou uma virada. É minuciosa essa parte de bateria de heavy metal. Com o Andre, foi algo mais relaxado, eu tive muita liberdade”.

Em entrevista conduzida por Claudio Vicentin, quando do lançamento do disco, Andre explicou: “Não foi de repente, pois vínhamos compondo as músicas desde o final de 2010. O silêncio se deu porque ainda não sabíamos quando e como o álbum seria produzido. Mas foi bom ter mais de um ano para maturar as ideias e

não fazer as pressas, como aconteceu com o *Mentalize*... Que considero um bom álbum, mas por questões práticas, teve de ser iniciado e terminado a toque de caixa. Já era hora de um terceiro disco, e foi um processo de trabalho bastante intenso. O último dia de masterização de *The Turn of The Lights* foi a véspera do primeiro show do V_{IPER}”.[179]

O processo de registro das vozes de Andre Matos foi visto de perto pelo baterista Rodrigo Silveira: “Eu acompanhei porque gosto dessa parte. Não haveria necessidade de eu estar lá. O Andre mudou muita coisa dentro do estúdio. As letras eram dele, mas algumas linhas de melodia ele mudou na hora. Teve música que eu gravei com a guia de voz de uma maneira. Quando ouvi depois, estava de outro jeito, a melodia tinha mudado. Nesses momentos dava pra sacar a genialidade dele. Ele tinha ouvido absoluto, tinha uma biblioteca musical na cabeça dele”, explica.

Entre as letras do trabalho, se destaca a canção “Gaza”, um som setentista calcado no Q_{UEEN}, com um tema lírico bastante visceral: “Foi inspirada em um documentário da BBC sobre a Faixa de Gaza. Parece que, cada vez mais, assistimos uma espécie de guerra silenciosa, entre as grandes potências e o mundo menos desenvolvido, que geralmente é camuflada ou motivada por divergências religiosas – mas sabemos que a coisa é mais profunda. Os motivos são muito mais políticos e econômicos, quando não, racistas”, conta Andre. O tema denso é uma exceção ao padrão de escrita do músico: “Não costumo escrever muito sobre temas contemporâneos, minhas letras sempre seguiram uma linha mais introspectiva, mística ou filosófica. Mas é impossível ficar indiferente ao que vem acontecendo no mundo de maneira geral. As mudanças ocorrem de forma muito rápida e a informação chega instantaneamente a qualquer parte do planeta”.[180]

A abordagem lírica do disco, segundo Andre, era uma unidade: “O álbum, basicamente, é conceitual em torno desse tema. Muito se falou sobre o ano de 2012, a questão do calendário Maia e o possível fim do mundo; também em uma mudança global de mentalidade, em que se fará necessário entender que vivemos num só planeta, que está sendo destruído há séculos. A tradução do

título, a rigor, seria algo como ‘a virada das luzes’. Isso vem de um conceito filosófico antigo: luz significa conhecimento. Quando se joga luz sobre a escuridão, passa-se a ver ou conhecer algo que parecia não existir, mas que já estava lá”.[181]

Uma importante música do álbum é a que encerra o disco, “Sometimes”, composta em homenagem ao filho, Adrian. Bastante triste e melancólica, a canção narra a dor de alguém que está distante de alguém que ama – uma alusão à saudade que Andre sentia do filho quando tinha que voltar ao Brasil, e aos momentos de despedida. “O Andre era alucinado pelo filho”, conta a irmã de Andre, Helena. “Não é que ele amava, ele era alucinado pelo Adrian. Foi o grande amor da vida dele. Foi um motivo de transformação pessoal inenarrável, além do que as palavras podem descrever”.

E a distância do filho machucava o cantor, que a partir de 2012 passou bastante tempo no Brasil por compromissos profissionais. “Sobre isso, certa vez o Andre disse uma coisa que me marcou bastante”, continua Helena. “Ele disse: ‘Durante muito tempo eu não entendia a necessidade que o papai tinha de trabalhar, de estar longe, enquanto eu e o Daniel éramos pequenos. Hoje eu entendo... Então, todo momento que eu tenho com o Adrian, eu me esforço para ser o mais presente possível”.

A turnê de *The Turn of The Lights* coincidiu com a celebração de vinte anos do álbum *Angels Cry*, icônico trabalho de Andre com o Angra, ao longo do ano de 2013. Sobre essa turnê, falaremos no próximo capítulo.

Rock in Rio

Um show de 2013, especificamente, no entanto, precisa ser comentado agora, por tratar-se da celebração definitiva da reunião entre Andre e Viper: a apresentação das bandas no icônico festival Rock in Rio.

O show foi uma espécie de consagração da jornada obstinada de Andre Matos. O repertório serviu como uma coletânea da carreira, como é comum em festivais. Assim, após a abertura com a nova “Liberty” e “I Will Return”, do *Mentalize*, a banda executou alguns

hits do passado: “Fairy Tale”, do Shaman, e “Lisbon”, “Angels Cry” e “Carry On”, do Angra. Ao último acorde de “Carry On”, imediatamente começa a melodia inicial de “Living for the Night”, clássico maior do Viper, com sua introdução lenta guiada por Andre, dando tempo hábil para a troca das bandas no palco. Quando chegou a parte pesada da canção, Guilherme, Hugo, Felipe e Pit estavam a postos. A performance enérgica teve sequência com “To Live Again” e “Prelude to Oblivion”, ambas originalmente gravadas por Andre, e a pesada “Rebel Maniac”, do álbum *Evolution*, o primeiro que contou com Pit nos vocais após a saída do maestro, no começo dos anos 1990. O encerramento apoteótico veio com “We Will Rock You”, do Queen, com os membros das duas bandas juntos, incluindo duas baterias simultâneas.

A produtora Vera Kikuti relembra aquela data tão icônica: “No palco Sunset tinha essa coisa de juntar duas bandas e então nós fizemos o Viper e o Andre Matos solo. Foi sensacional”. Ela explica que as bandas fizeram um bate e volta, com exceção do vocalista: “No Rock in Rio nós levamos duas bandas e não tínhamos hotel. Não tinha como pagar pra todo mundo, os preços estavam muito altos. Eu aluguei um quarto só para o Andre, ele foi um dia antes”.

Para a *Roadie Crew*, Andre comentou sobre a participação: “O público recebeu a turnê de braços abertos, e eu acho que o resultado disso é o que estamos vendo acontecer, minha banda solo ser convidada para o Rock in Rio, o que era esperado desde a edição anterior, e termos o Viper como convidado especial. Tudo isso encaixa de um jeito maluco, até meio esotérico, de uma forma que tudo acaba caindo no mesmo lugar, 28 anos depois. Deve ter alguma coisa maluca no ar”.[182]

Para concluir, vale mencionar duas participações especiais do período. A primeira foi com o grupo italiano Trick or Treat, em seu terceiro álbum de estúdio, *Rabbits’ Hill Pt. 1*. Andre canta na “Prince with a 1.000 Enemies”, em um dueto com Alessandro Conti. O italiano conta detalhes da participação: “Nós o conhecemos graças ao nosso empresário Fulvio Trinca, de quem ele era muito amigo. Fizemos dois shows juntos com o Trick or Treat na Itália, e o clima foi legal. Ele era uma pessoa extremamente amigável e humilde.

Pensamos nele para o papel de El-Ahraira, o Príncipe dos Coelhos, que ele aceitou com entusiasmo".

Outra participação de Andre na época foi com a banda brasileira Empüríos, em seu álbum *Cyclings*, de 2013. Nele, Andre gravou as vozes na "Over The Fire". Pelo baixíssimo número de acessos que a faixa tem, supõe-se que seja uma participação pouco conhecida pelo grande público. Aproveite o término deste capítulo para conhecê-la.

Capítulo 20

TURNÊS COMEMORATIVAS

O sucesso da turnê de reunião com o VIPER, em 2012, abriu caminhos para a carreira de Andre Matos. Uma agenda cheia, cobrindo praticamente todo o país, com casas de shows lotadas. Algo que Andre não via desde a turnê de *Ritual*, com o SHAMAN. E, como 2013 era o ano do vigésimo aniversário de *Angels Cry*, o cantor naturalmente colocou na mesa a possibilidade de uma turnê comemorativa do disco. Situação inusitada, já que o ANGRA estava voltando aos palcos no mesmo ano, com novo vocalista, o italiano Fabio Lione, usando como mote o vigésimo aniversário de *Angels Cry*.

Assim, duas turnês *Angels Cry* cruzaram o Brasil ao longo de 2013: a do ANGRA e a de Andre Matos. Embora tivessem o mesmo mote, eram diferentes. Enquanto a do ANGRA era uma espécie de "best of"'de toda a carreira, e não contava com todas as músicas de *Angels Cry*, a de Andre trazia o disco inteiro, tocado na ordem da primeira até a última música, e na tonalidade original. "Pra mim foi uma questão de honra determinar que faríamos essa parte do show na tonalidade original do disco", disse Andre em entrevista na época ao Moita, do programa *Heavy Talk*. "Esse disco foi gravado em uma determinada tonalidade, e são tons muito altos. Então pra mim foi ponto de honra tocar ao vivo na tonalidade original do disco. Eu entendo quem canta com meio tom abaixo. Não é fácil sair em turnê e cantar todos os dias aquelas músicas de vinte anos atrás quando a voz já modificou. Pra mim foi legal, foi um desafio. Na verdade, até o primeiro show eu não sabia se conseguiria aguentar até o final, mas dá... dá sim!".[183]

Assim, Andre mesclou a divulgação de seu álbum solo, *The Turn of The Lights*, com uma turnê na qual tocava *Angels Cry*, do ANGRA, na íntegra, novamente visitando a maioria das capitais brasileiras.

A empresária responsável pelo agendamento de shows, Vera Kikuti, trabalhou bem próxima da banda durante a turnê de comemoração de vinte anos do álbum *Angels Cry*, assim como das turnês posteriores: “Eu também gostava de fazer a produção dos shows em si. Para mim, fazia todo sentido fazer a venda, estar lá e acompanhar tudo... fazer a coisa acontecer. Em todos os shows que eu trabalhava com o Andre, eu fazia também a produção, então eu viajava com a banda e fazia a produção de estrada. Na época, terminamos a turnê do *Mentalize*, e fizemos a de trinta anos de carreira, do *Angels Cry*, e também a turnê inteira do VIPER”, relembra.

E, devido à demanda, Vera direcionou o vocalista a algo que ele não estava habituado a fazer: “Além dos shows que rolaram, a gente também fez *workshops*. Na época ele não fazia, mas tinha uma demanda para esse tipo de evento. Todo mundo queria *workshops*. Então, ele montou um formato, passava um vídeo e depois tocava algumas músicas. Fizemos vários desses, viajamos muito e acabamos conversando bastante. Para mim, era algo além do profissional, era um amigo”, conta Vera.

Algo diferente que aconteceu nessas turnês comemorativas foram os meet & greet, evento em que o fã paga para poder ter um contato a mais com o ídolo. Mas se a Avril Lavigne viralizou com suas fotos de meet & greet a meio metro de distância dos fãs, com Andre a experiência era completamente diferente. Por mais que ele tivesse uma personalidade introvertida em muitos momentos, quando havia essa demanda de seus admiradores, ele não se furtava em atender a todos, mesmo que levasse, literalmente, horas. Vera conta como acontecia: “Tinha muito fã que vinha com uma pilha de CDs para autografar. Ele autografava um por um. Ele atendia cada pessoa, e ficava dez, quinze minutos com cada um. As pessoas ficavam perguntando coisas da vida, pedindo conselhos... Ele era superatencioso. Tinha vez que ele mesmo puxava assunto com os fãs. Demorava horas, ficávamos quase três horas depois do show para fazer esses encontros”.

E muitos fãs testemunharam ocasiões em que Andre acabava atendendo mesmo os que não tinham pago pelo meet & greet e que ficavam esperançosos para conseguir uma foto.

Andre se preocupava em ser cordial não apenas com seus seguidores: “Eu via nele humildade e simplicidade para atender aos fãs ou a qualquer pessoa. Ele tinha o defeito de estar sempre atrasado, a van ficava esperando. Era o normal dele. Ele tinha tantas qualidades que nós não reclamávamos disso. Parávamos num posto para comer e ele ficava lá o maior tempão, conversando com o frentista do posto, e a gente querendo ir embora. Não tinha essa coisa de ser rockstar”, conta Vera.

O baterista Rodrigo Silveira, que esteve com Andre desde a metade da turnê de *Mentalize* até o fim das atividades, argumenta como a ideia de unir duas turnês em uma tomou forma: “Mesmo o Andre sendo um artista ‘velho’, com muitos anos de carreira, era difícil vender um show do disco novo. Então ele teve a ideia de aproveitar o mote do aniversário do *Angels Cry* para fazer essa turnê junto com o novo disco. Essa turnê comemorativa, de toda forma, era algo que ele queria muito fazer, porque o *Angels Cry* foi um disco muito importante e juntou com esse aspecto comercial. Outras bandas do mesmo estilo como o próprio Angra, Almah, Hangar, o Edu solo, sofrem com isso do saudosismo”, argumenta Silveira.

Andre Matos e sua banda solo, então, realizaram diversos shows durante 2013 e 2014 apresentando um repertório duplo, com as músicas de *The Turn of The Lights* e depois *Angels Cry* na íntegra. A banda fazia um repertório inicial com canções novas, algumas dos álbuns anteriores e músicas de Viper, Shaman e Angra; e, no segundo ato do show, apresentava integralmente *Angels Cry*, na ordem do disco original. O que gerava um show extenso. Sobre isso, Andre comentou em entrevista à *Roadie Crew*: “A turnê foi muito legal, apesar de o show ser um pouco longo demais, chegando a três horas. Se bem que, pra mim, quanto mais longo melhor, pois talvez, ao contrário de outros vocalistas, eu me sinto melhor no fim do jogo. Eu vou aquecendo e entrando mais na vibração. Só não gosto de show de uma hora, pois não dá tempo nem de entender o que está acontecendo”.[184]

Cantar músicas antigas, algumas das quais ele não interpretava desde a turnê daquele álbum, décadas atrás, foi por um momento uma incógnita para Andre: “Eu não sabia se ia conseguir até o show em Sorocaba,[185] que foi a estreia da turnê. Eu estava apreensivo pra caramba. É um repertório de vinte anos, a voz da gente muda e, por mais que você ainda consiga atingir as mesmas notas, o timbre é diferente e sua técnica já mudou. Só que eu me preparei para isto e foi um alívio depois do primeiro show. Tomei a decisão de cantar tudo no tom original, sem usar o artifício de baixar o tom para ficar mais fácil. Era um desafio”, comentou em entrevista para a *Roadie Crew*.[186]

O baixista Bruno Ladislau, integrante ativo dentro do grupo, analisa: “A turnê do *The Turn of The Lights* com o *Angels Cry* eu não posso dizer que foi a mais bem-sucedida da carreira dele, mas foi uma delas. Fizemos muitos shows, entre sessenta e setenta. Fizemos Rock in Rio, Porão do Rock no palco principal, a gente fez todos os festivais grandes. E tocamos muito bem, estávamos bem entrosados como banda. Foi uma sacada muito boa, porque estávamos mostrando um outro lado do Andre, a banda solo indo por um caminho diferente”. E o músico complementa: “Essa turnê foi a minha grande turnê com ele, porque toquei um disco que gravei com o Andre, e um disco que foi emblemático pra mim, o *Angels Cry*. Então foi uma mistura de emoções. Caramba, eu estou tocando um disco que eu gravei com o cara, que ajudei a compor e interpretando um disco que foi importante para minha formação como músico... Então 2013 e 2014 eu vou guardar pra sempre na memória como tendo sido anos maravilhosos”.

Com o filho no Brasil

Durante julho de 2014, em meio às atividades com os shows comemorativos da turnê *Angels Cry*, Andre teve o prazer de receber o filho Adrian, que passou algumas semanas em nosso país. Adrian pôde assistir ao pai em alguns shows dessa turnê, como a apresentação durante a Exposição Agropecuária de Cordeiro, no interior do Rio. “Aproveitamos que todos estavam aqui e ficamos uns dias em um hotel fazenda lá”, conta Vera Kikuti, que completa: “Ele estava com uma ligação intensa com o filho, sempre foi assim.

A coisa mais importante para ele era o Adrian. Isso era o mais importante. Por exemplo: quando o conheci, ele andava muito de parapente em Atibaia. Teve uma vez que eu o chamei para irmos pra lá, porque meu primo tem uma casa na região e tudo mais, e ele falou: 'Não quero mais fazer isso agora que me tornei pai, não quero fazer nada que coloque minha vida em risco'. Ou seja, estava abrindo mão de algo que ele adorava, que o deixava feliz, por causa do filho".

Adrian se lembra com carinho desses dias no hotel fazenda, em Cordeiro: "Lembro de um dia que foi muito divertido... nós passeamos em uma espécie de bicicleta misturada com barco [ele mostra pelo celular a foto de um pedalinho]. Eu não queria ir, mas acabou sendo bem legal!".

Andre aproveitou para levar Adrian para conhecer a parte carioca de sua família, em Niterói. Quem conta é Helena, irmã de Andre: "Outra história que eu lembro e que me marcou muito, e que acho importantíssimo constar em qualquer registro da história dele, é que o Andre colocou no centro da vida dele a paternidade [chorando]. Ele se reinventou para ser pai do Adrian e conseguiu trazer o Adrian para Niterói, que é onde eu moro hoje em dia, para conhecer a família do meu pai. Quando eu vi o Andre com o Adrian aqui em Niterói, teve uma cena que foi muito marcante. A gente estava na casa da minha tia, irmã do meu pai. O Andre começou a passar repelente nele. Ele é sueco, e estávamos no Rio. Esse gesto foi de uma delicadeza com o Adrian, passando em cada dedinho... com uma calma, curtindo cada segundo daquilo. Eu vi o meu pai naquela paternidade quase que maternal, foi uma experiência de uma paternidade maternal. Quando eu vi o Andre daquele jeito, eu não imaginava. Nunca tinha parado pra refletir como o Andre seria como pai e, quando eu vi aquilo, eu fiz questão de falar pra ele que ele estava se tornando um pai melhor do que o papai havia sido pra gente".

Do Brasil, Adrian se lembra do calor e de uma oportunidade que teve de entrar em campo com o time do Corinthians: "Fui ao Brasil três vezes e todas foram muito legais. Tudo é muito quente! Eu fiz novos amigos, e era sempre legal passear com meu pai. Teve uma

vez que fomos assistir um jogo do Barce... Ah não, desculpe... Foi do Corinthians! [risos]. Esse dia foi muito divertido, eu estava lá como VIP, então foi tudo muito divertido".

Eco Moliterno, primo de Andre, foi com ele e Adrian para o estádio e nos conta como foi esse dia: "É uma história bonita. Um cliente meu tem um camarote no Itaquerão. O Adrian adora futebol, então falei para o Andre pra gente levar o Adrian em um jogo do Corinthians. Eu pedi pra esse meu cliente o camarote e disse que ia levar uma criança. Ele falou que, se a gente chegasse antes, a gente podia descer e ver o aquecimento dos jogadores. Eu busquei eles... O Andre tinha comprado o uniforme inteiro! O Adrian estava vestido da cabeça aos pés com o uniforme do Corinthians. Então fomos ver o aquecimento, e uma mulher estava nos guiando, descendo com a gente, e viu que ele estava todo vestido. Ela perguntou se ele estava inscrito pra entrar em campo com os jogadores. Respondi que não, mas que, se fosse possível, nós ficaríamos muito felizes. Ela disse que era o dia de sorte do Adrian, porque tinha uma criança inscrita que não ia poder entrar, e que só poderia entrar em campo quem estivesse com o uniforme completo. Aí ela voltou e confirmou que o Adrian poderia entrar com jogadores naquele jogo! Então o deixamos com as crianças que iam entrar de mãos dadas, subimos para o camarote. Tinha uma TV passando o jogo e a gente ficou lá assistindo pra ver o Adrian entrar. Quando ele entrou, ele estava de mãos dadas com um jogador do Corinthians que se chamava Pedro Henrique: o nome do pai do Andre. O cara que fez a gente entrar com o Corinthians lá atrás, em 81. Olha que roteiro de vida maluco!".

Novamente no Wacken

Depois de levar o filho de volta à sua casa na Suécia, Andre participou novamente do maior festival de heavy metal do planeta: Wacken. Desta vez, cantando com o V_{AN} C_{ANTO}, um inusitado projeto alemão que canta heavy metal *a capella*: sem teclados, baixo ou guitarras. Somente bateria e vozes. Andre cantou a mais famosa de suas composições, "Carry On", junto com os outros cinco vocalistas da banda, no palco principal do festival. "Muito me orgulhou [o convite], pois eles vão tocar 'Carry On', que é uma música minha. Já

tinham gravado, mas agora vão tocar ao vivo e me quiseram como convidado. Como estou morando na Suécia, ali perto... fica fácil”.[187]

Em abril de 2015 foi anunciada a saída de André “Zaza” Hernandes da banda solo de Andre, de maneira amigável, devido à incompatibilidade de agendas. O guitarrista estava no grupo desde o começo em 2006. Guitarrista da última formação da banda de Andre Matos, João Milliet estreou na turnê em comemoração aos trinta anos de carreira do cantor, cujo repertório foi escolhido por votação dos fãs. O músico fez sua estreia nos palcos em uma apresentação em Piedade, e seguiu pela turnê até o fim do ano: “Aquele primeiro show foi muito massa, ele me abraçou e disse: ‘É isso aí, tamo junto’. Dali pra frente, fizemos shows muito legais, sempre com muito carinho. Foi ótimo ter acompanhado de perto uma pessoa que nem ele”. João conheceu o trabalho de Andre Matos ainda na adolescência, por meio de seu professor de guitarra, Kiko Loureiro. “Eu tinha uns 13, 14 anos, e na época eu nem conhecia o Angra. Fiz aulas com o Kiko Loureiro, e conheci a banda. Eu achei animal, era o som que eu queria fazer. Virei fã do Angra e do Andre”.

Os anos se passaram e João acabou se enveredando para o campo da produção musical. Seu caminho acabou cruzando o de Andre Matos através de amizades: “Eu conhecia o Eloy e o Bruno Ladislau, os dois estavam tocando com o Andre, e por esses contatos acabou pintando uma oportunidade. Eu estava num momento complicado da vida e o Ladislau falou que o Zaza ia sair porque não estava podendo acompanhar os shows. Aí me perguntaram se eu queria fazer um teste e eu falei: ‘É óbvio... que não! Eu não vou conseguir tocar nada!’. Fazia doze anos que eu não tocava esse tipo de som. Eu estava em depressão, e ele me incentivou. No dia seguinte, ele me ligou e falou que tinha marcado o teste pra mim, ele insistiu – conheci Andre pessoalmente nesse teste”, conta.

Após um teste tranquilo e a consequente contratação, Milliet entrou no ritmo e destaca uma característica marcante do vocalista, de às vezes adicionar músicas no repertório durante o show: “Do nada ele falava, vamos tocar aquela? Eu dizia que não sabia. Aí ele: ‘É fácil, me acompanha aqui!’. Pensa num cara que gostava de cantar, de

subir no palco. Quantas vezes a produção dizendo que tinha que encerrar o show e ele não saia do palco? Ele curtia, ficava lá tocando", recorda. "Tinha um momento no show que era só ele no piano, fazendo um som. Tinha vezes que era pra ele tocar uma música, ele tocava umas quatro ou cinco na sequência, curtindo muito".

Outra grande recordação que ele carrega é de um show na Eslováquia, país que Andre visitou algumas vezes em sua carreira: "Uma vez fomos tocar na Eslováquia, sem equipe técnica nenhuma e sem equipamento, mas todo mundo estava muito empolgado. Ele com trinta anos de carreira e ainda disposto a passar perrengues desse tipo. Chegamos lá e era um povo doce e afim de trabalhar, mas o roadie que estava com a gente não falava inglês. A gente tinha que explicar como montava as coisas e não estava dando certo. No final, nós mesmos subimos no palco e montamos. Nesse dia, ele acabou perdendo o voo, chegou em cima da hora, supercansado, todo mundo tenso. Eu juro pra você, ele chegou, entrou no palco e arregaçou. Era surreal. Ele sempre tinha um estado de espírito que, por mais que o mundo estivesse caindo, ele chegava lá e fazia o show".

Durante a segunda metade de 2015, Andre se empenhou em uma turnê comemorativa de trinta anos de carreira, com setlist que poderia ser escolhido através de uma votação online no seu site oficial. Como esperado, a maioria das escolhas recaiu sobre os grandes clássicos, que mesmo sendo inquestionavelmente espetaculares, poderiam ter dado espaço para algumas pérolas menos cotadas no vasto catálogo de Andre Matos. Em entrevista ao jornalista Clovis Roman, do *Acesso Music*, o vocalista revelou quais músicas obscuras gostaria de cantar no palco: "Eu citei essa numa entrevista recente, uma música do *Fireworks* que se chama 'Paradise'. Essa é uma que eu gostaria muito de tocar ao vivo. Do V$_{IPER}$, a gente tocou todas as músicas dos dois primeiros discos ao vivo. Do S$_{HAMAN}$, tem uma que gosto muito que se chama 'Born To Be', que acho uma música especial e que nunca teve o devido destaque ao vivo. E, da carreira solo, tem uma que é 'The Summit',[188] que é do último disco, *The Turn of The Lights*, que eu também gostaria de um dia tocar ao vivo, pois tem um significado muito especial".[189] Das

músicas citadas por Andre, apenas “Born To Be” acabou tendo oportunidade de ser conferida ao vivo, na reunião do Shaman que, naquele momento, ainda era algo totalmente impensável.

Holy Land

Uma turnê solo de Andre Matos tocando o clássico álbum *Holy Land*, do Angra, quando este completava vinte anos de seu lançamento, acabou acontecendo em 2016, mas, diferentemente da turnê comemorativa do disco *Angels Cry*, esta foi composta por pouquíssimas datas, contemplando menos de dez shows no Brasil, um no Chile e um na Argentina.

Curiosidade aqui é que o Soulspell foi cogitado para ser a banda de suporte do cantor. O grupo chegou a ensaiar o repertório, mas os shows não aconteceram. Quem conta é Heleno Vale: “A banda solo dele na época da turnê do *Holy Land*, eu não sei se não podia ou não queria fazer, alguma treta interna desse tipo. E o Soulspell foi cotado para ser banda de apoio dessa turnê. Tiramos o álbum inteiro, as percussões, berimbau, corais, tudo o que tem no álbum. Acabou não rolando, e ele fez a turnê com a banda solo dele. Teria sido muito louco”. Os shows foram realizados pela banda regular de Andre, na época formada por Rodrigo Silveira (bateria), Bruno Ladislau (baixo), Hugo Mariutti e João Milliet (guitarras).

Havia, sim, uma espécie de “treta” acontecendo, e o problema era com a nova empresária de Andre. Após Vera Kikuti deixar a administração das atividades de Andre, o que se viu foi um atrofiamento brutal da carreira do cantor, que simplesmente não tinha mais agenda. A gestão amadora fez com que a banda solo de Andre ficasse praticamente estagnada durante os anos de 2016 e 2017, período em que o cantor havia se proposto a rodar o mundo com uma turnê comemorativa do disco *Holy Land*, álbum mais icônico de toda a sua carreira. A turnê rendeu menos de dez apresentações no Brasil, ao longo de dois anos inteiros, um completo fiasco diante do que se esperava e do que Andre merecia.[190]

Nesse período, o cantor deu poucas entrevistas, suas redes sociais profissionais ficaram completamente desatualizadas e, quando notas eram publicadas em sua página no Facebook, o que se via

eram textos confusos, pouco objetivos e com erros gramaticais graves. Não raro os fãs testemunhavam bate-boca na sessão de comentários, com a página “Andre Matos” respondendo a críticas e questionamentos com xingamentos em letras maiúsculas. Certa vez (e isso está público até o momento do lançamento deste livro), a página de Andre Matos no Facebook foi usada para lavar roupa suja, com indiretas para uma fã que supostamente estaria disseminando mentiras sobre o cantor![191]

“Tudo culminou na péssima experiência da ex-namorada dele”, comenta Rodrigo Silveira, baterista da banda solo. “Ela assumiu [a administração da banda] no último período de shows e fez a cabeça dele. Em respeito à memória do Andre, quisemos evitar o máximo de polêmica possível, todos nós da banda. Mas ela atrapalhou a vida pessoal e profissional dele. A banda também foi prejudicada. Rolou um episódio em que nós todos da banda solo fomos à casa dele. Fomos o Hugo, o João, o Bruno e eu. Ela já estava acampada lá. Nós falamos na cara dela, com todo respeito, sem brigar, que não aceitávamos mais trabalhar com ela. Então nós queríamos botar um ponto-final nisso, estava prejudicando não só a banda, mas o próprio Andre”.

A banda Andre Matos nunca se dissolveu, mas a quantidade de shows foi bastante minguada. “Isso me deixa muito triste”, comenta Silveira. “O cara morreu e virou um fenômeno. Mas onde estavam todas essas pessoas que não saíam de casa para ir em um show? Era barato, na maioria das vezes. Não era inacessível. As pessoas preferem pagar mil reais pra ir em um show gringo do que pagar cinquenta pra ir em um show nacional legal. Essa mentalidade do brasileiro é muito complicada”.

Antes de concluirmos este capítulo, vale o registro de algumas participações especiais de Andre no período. Primeiro, com o projeto alemão A$_{RT}$ X, em seu disco *The Redemption Of Cain* de 2016. O audacioso projeto conta o mito bíblico do Jardim do Éden e traz diferentes vocalistas representando diferentes personagens: Blaze Bayley como Adão, Selina Iussich como Eva, Roberto Tiranti como Abel, Amanda Somerville como Lilith, Tim Aymar como Lúcifer, Lucia Emmanueli como esposa de Cain, Zak Stevens como

guardião do Éden, e Andre como Anjo de Deus. Andre canta duas músicas do álbum: “The First Sacrifice” e “Eden, Finally”.

Outra importante participação do período foi com o RavenBlack Project, do guitarrista italiano Riccardo Bacchi. Além de Andre, importantes nomes como Jon Oliva, Amanda Somerville, Doogie White, Mark Boals e James Christian emprestaram seu talento para seu álbum de estreia, *Breaking Through the Mist*.

Avantasia

Uma participação que todo mundo queria ver Andre fazendo em 2016 foi nos shows do Avantasia, em suporte ao disco *Ghostlights*, que passou pelo Brasil. Muito se comentou na época se Andre havia sido “demitido” da banda, por eventos que aconteceram em uma turnê anterior do Avantasia. Na ocasião, no Chile, Andre havia subido ao palco claramente alterado. Tobias nos conta o que aconteceu: “Jorn tomou algumas bebidas antes do bis, e Jorn é um viking... Ele bebe pouco hoje em dia, mas ele pode beber muito e você simplesmente não perceber, porque parece que o álcool não faz nada com ele. De qualquer forma, quando o Jorn preparou sua bebida, ele perguntou ao Andre se também não queria dar um gole. Como Jorn me contou depois, meio que com peso na consciência, Andre não queria ser grosseiro e aceitou. Jorn deu a ele a mesma quantidade daquele drink, mas o pobre Andre tinha um corpo diferente e o Jorn teve que quase carregar o Andre de volta para o palco. O Andre sempre foi super, superprofissional, mas naquela noite ele estava totalmente fora de controle. Ele correu pelo palco e dançou como um pirata em suas botas de mosqueteiro, pegou o microfone do Olli, desconectou-o e o usou como se fosse um microfone sem fio, cantando suas partes e todo mundo sem ter ideia do que estava acontecendo. Ele correu pelo palco dançando, e o resto da banda estava se olhando, pensando se não deveríamos ligar para um exorcista. Foi hilário. Ele ficou bastante envergonhado depois, mas ninguém ficou bravo. Foi engraçado... Pode acontecer com qualquer um!”.

Tobias aproveita a oportunidade para refutar os boatos de que Andre tenha sido “removido” do Avantasia por causa do incidente no Chile: “A única coisa de que me arrependo é que, por algum motivo,

nos últimos anos, ele pareceu pensar que foi removido da família Avantasia por causa desse incidente no Chile. Eu disse a ele repetidas vezes que isso não tinha nada a ver, eu jamais deixaria de confiar no talento dele por causa de um incidente tão bobo e sem importância. O Andre tinha umas agendas apertadas às vezes, e nem sempre as coisas funcionavam. Mas isso não significa que não éramos amigos. De toda forma, ele parecia ter a insegurança de que tínhamos problemas com ele. Ele era muito contemplativo e muito sensível, o que é lindo, mas que às vezes também pode complicar as coisas. Devo ter dito umas cem vezes: 'Andre, espero que tudo entre você e eu esteja legal. Você foi o bêbado mais feliz que eu já vi no palco'. Ele deveria ter recebido um troféu por isso. E outro pela dança naquela noite".

Soulspell

Com a opera metal brasileira, Soulspell, Andre fez duas participações: em 2017, como vocalista convidado no álbum *The Second Big Bang*, sob o personagem The White Lion of Goldah, nas faixas "The Second Big Bang", "White Lion of Goldah", "Soulspell (Apocalypse version)" e "Alexandria (Apocalypse version)". Heleno Vale, idealizador do projeto, conta que Andre fez questão de aprender a história para gravar as partes de seu personagem com a emoção correta: "Ele me chamou de lado e disse que queria conversar sobre a história, sobre o personagem que ele iria desempenhar, para ele fazer da maneira correta. A maioria da galera não faz isso. Para quem escreveu a história, isto é muito gratificante".

Outro momento de André com o Soulspell foi na gravação do DVD *X Years Of Soul*, que aconteceu em julho de 2018, no Teatro Adélia Lorenzetti, em Lençóis Paulista/SP. Andre e Fabio Lione (atual vocalista do Angra) subiram ao palco juntos, cantando "Soulspell". E ambos tiveram ótimos momentos juntos nos bastidores: "Estamos falando de duas pessoas do bem. Eles falam muito também, não param de falar", revela Heleno, que também conta que Lione via em André um grande vocalista: "Ele me confessou que cantar as coisas dele no Angra é muito complicado. Era a voz mais diferente que tinha, muito suave e peculiar. O Fabio me confessou que não tem Michael Kiske nem ninguém que tenha a voz mais especial que a dele".

Quem também excursionou em 2016 com uma turnê comemorativa para o álbum *Holy Land* foi o ANGRA. Com a recente saída de Kiko Loureiro da banda, para integrar o MEGADETH, o grupo passou a contar apenas com Rafael Bittencourt no *line-up* da época como membro original. Mas a ex-banda de Andre soube improvisar, chamando Ricardo Confessori e Luis Mariutti, integrantes da formação clássica do ANGRA, para participações especiais em alguns shows dessa turnê, chegando a tocar com duas baterias no palco. A turnê do ANGRA também não foi muito grande, mas os shows serviram para reconciliar Ricardo Confessori e Luis Mariutti, o que acabou sendo um primeiro passo rumo ao retorno do SHAMAN, que aconteceria em 2018, reencontro sobre o qual falaremos nas próximas páginas.

Capítulo 21

SHAMAN REUNION TOUR

Algo bastante interessante e inusitado aconteceu na internet brasileira no começo de 2018. Um grupo de fãs saudosistas do SHAMAN decidiu que poderiam fazer uma coisa útil além de ficar falando mal dos outros na internet e começaram um movimento através de redes sociais pela volta do SHAMAN, com a formação original.

No começo parecia uma brincadeira sem sentido e inconveniente. Imagina só. A qualquer postagem que Hugo, Ricardo ou Luis faziam sobre qualquer coisa, um bando de trolls postavam #voltashaman repetidamente. O movimento não poderia ser ignorado e Andre sinalizou que aquilo poderia eventualmente acontecer, desde que fosse pelas mãos de um empresário certo.

A reaproximação entre os integrantes do SHAMAN foi acontecendo aos poucos, com o passar dos anos. A primeira reconciliação aconteceu entre Ricardo e Luis Mariutti, que tocaram juntos com o ANGRA em 2016, em alguns shows comemorativos do álbum *Holy Land*. Sendo Luis e Hugo irmãos, ali estava uma primeira brecha de uma abertura para que eventualmente a coisa pudesse dar certo.

Com a ideia tomando forma, o nome que surgiu como opção para cuidar do negócio foi do empresário, Rick Dallal, da produtora paulista Free Pass, fundada em 2009. Com experiência na organização de shows e turnês grandes, como SLASH e AVANTASIA, Rick se viu do outro lado da moeda com o convite para trabalhar com o SHAMAN. “Eu tinha estrutura para shows internacionais, não para empresariar uma banda, estar do outro lado e fazer a banda rodar”, lembra Rick. “O Hugo me disse que a condição do Andre para voltar era de ter um empresário que não fosse sacanear com eles, que

fosse honesto e o Andre me conhecia por causa dos shows que eu havia feito com o AVANTASIA no Brasil e sugeriu meu nome. O Hugo me explicou que o Ricardo havia passado o nome da banda para o Andre e o Andre passado para o Hugo. O Andre era um cara metódico e pé atrás em relação a contrato, mas eu aceitei o desafio e fui falar com ele, que se mostrou um cara muito educado, profissional e iniciamos uma conversa".

Com a ideia solidificada, contratos individuais e um com toda a banda foram confeccionados e assinados por todas as partes. "O Andre palpitava bastante, querendo fazer com que fosse especial. Ele voltou para o SHAMAN por causa do Hugo, em agradecimento a ele. Mas não era só por ele. Ele achava que uma hora tinha que dar um basta nas coisas que passaram", lembra o empresário.

As lembranças de Ricardo Confessori em relação ao reencontro, depois de definidas as questões contratuais, são boas: "Foi muito legal. Já tínhamos conversado com o Rick, da Free Pass, que foi quem encabeçou tudo isso. Ele falou que já tinha conversado com o Luis, e que com o Andre tinha sido a situação mais difícil. Não que ele não quisesse tocar com a gente, mas ele queria que muitas coisas fossem do jeito dele para que acontecesse a reunião. Pelo que percebi, o Andre não queria mais ter dor de cabeça. Ele já tinha se estressado com esse meio. Não queria reunião burocrática, discutir detalhes, bater papo. Ele queria fazer os shows com as músicas que já tínhamos feito. Queria tocar todas as músicas para não precisar discutir setlist. Até o jeito que ele queria ser remunerado: ele queria um valor X, não queria saber de ingresso, merchandising, nem nada. Ele estava sem paciência para essa coisa do business. Não sei se ele se frustrou ou se cansou de tanta gente picareta".

Apesar de todas as negociações e contratos, a banda só se reuniu pessoalmente de fato para a sessão de fotos, realizada em junho de 2018. Rick conta que Andre estava ansioso e preocupado para aquele reencontro, mas que as coisas se amenizaram após o primeiro contato entre os músicos: "O Andre visivelmente tinha tomado algum remédio para se acalmar. Ele chegou um pouco alterado, estava nervoso. Ele falava que era preciso encontrar com

o Ricardo, mas que não seria nenhum prazer ter que fazer isso. Eu falei: ‘Vai lá, faça o que tem que fazer, seja profissional, como se cumprimenta qualquer um. Com o tempo vocês vão conversar e resolver as pendências’. Eu encorajei e ele foi. Ele foi se soltando aos poucos, começou a ver que não era um bicho-papão estar de frente com a banda. Começou a brincar, contar histórias”.

Ricardo conta que não sentiu tensões reprimidas: “O encontro foi bem legal, eu não via ele fazia muito tempo. Eu tinha conversado com ele uns dois anos antes. Quando eu vi o Andre nesse dia, notei que estava bem diferente, tinha ganhado peso”.

O que pode ter passado a borracha em desavenças entre ambos foi justamente esse encontro entre Andre e Ricardo em 2016: “Eu tinha entrado em um acordo com o Andre e o Hugo, e passado o nome do Shaman pra eles. Eu fui até onde deu com o Shaman, depois desisti. Nesse dia que encontrei o Andre e conversamos sobre isso. Tinha ficado um clima estranho pelo fato de eu ter continuado com o Shaman. Eles não se sentiram bem de eu continuar com a banda à revelia, vamos dizer assim; principalmente o André. A gente conversou e falei que esperava que tivesse ficado tudo bem, já que eu tinha passado pra frente o nome. Eu disse que esperava que a gente voltasse pelo menos a se falar, pra não ficar mais clima. O Andre foi superlegal comigo, disse que eu tinha pisado na bola, me deu um esporro. Eu assumo as cagadas que eu fiz, mas disse que queria tocar a bola pra frente”, conta o baterista.

Com o Shaman reunido e todos olhando para frente, deixando as rusgas no passado, foram feitas as fotos e se iniciaram os ensaios. O vocalista não participou da primeira série de ensaios, comparecendo apenas na reta final, quando se aproximava a primeira apresentação ao vivo. “A maior parte dos ensaios foi sem o Andre. Ele tinha um problema com horário. Depois eu fiquei sabendo que ele ia dormir na hora que a gente estava começando a ensaiar. Ele tinha esse problema, era invertido. O pessoal trabalhava, o Hugo trabalhava, nós tínhamos que levar nossos filhos para o colégio. O horário para ensaiar era de manhã. A gente precisou marcar uns ensaios de tarde pra ele poder ir. Só ensaiamos umas duas vezes para o show da Audio, em São Paulo.

No primeiro ensaio, o Andre chegou esquecendo um monte de coisa, mas no segundo foi rapidinho. A gente começou a tocar junto de novo, os mesmos cinco caras, e parece que a memória começou a vir lá de trás. Rolou uma química entre nós cinco", conta Ricardo Confessori.

O recomeço do SHAMAN foi um tanto cauteloso, já que ninguém sabia como ia ser. "A ideia era um show só em São Paulo e, se lotasse, abriríamos uma segunda data. Não existia uma conspiração de que isso era plano de marketing. Uma das condições do Andre era justamente essa. Se fosse ter mais shows, não poderia ser marcado ou anunciado antes do primeiro show. Ele queria fazer esse primeiro show, ver como ele ia se sentir no palco, a energia, e também o contato com os integrantes", revela o empresário.

Foram duas noites lotadas na Audio, importante casa de shows em São Paulo com capacidade para 3.000 pessoas. Os ingressos para a primeira noite, no dia 22 de setembro, com preços semelhantes aos de shows internacionais, se esgotaram em menos de uma semana. Um show extra foi aberto para a noite seguinte, do dia 23, que não chegou a esgotar, mas também teve um excelente público. "Esses shows do SHAMAN renderam um bom dinheiro, principalmente para os músicos, mas esse nunca foi meu foco, pessoalmente. Hoje, eu faço de coração, aprendi a gostar do SHAMAN e da história da banda", conta o empresário, Rick Dallal.

"E o Andre adorou", continua. "Na Free Pass, temos um padrão de exigência e qualidade altíssimos. Ganhando ou perdendo dinheiro, o show será impecável para o artista e para o público. Então, ao invés de eu revender o show do SHAMAN para outros produtores, nós mesmos produzimos, com padrão de qualidade internacional. O Andre ficou estupefato com a qualidade da produção. A banda voltou por cima, em uma casa grande, lotada, mas não imaginávamos que seriam duas datas lotadas. Fora de São Paulo, a maioria dos shows também foi *sold-out* ou muito cheia".

Para Confessori, o retorno do público nos primeiros shows foi memorável: "Foi legal pra caralho essa época dos ensaios, os primeiros shows também. A galera em São Paulo chorando! Tinha muita gente velha e muita gente nova que não imaginávamos que

conheciam a gente. Era um pessoal que havia conhecido o SHAMAN pela internet, de tanto ver o *RituAlive*. Foi legal ver todo mundo cantando e sabendo as letras, como se a banda tivesse ficado ativa todos esses anos".

Com duas datas esgotadas em São Paulo, contratantes se interessaram em agendar o SHAMAN para suas cidades e a banda tentou atender. Durante dois finais de semana, em novembro e dezembro, a banda se apresentou em Manaus (ao lado de KREATOR e ARCH ENEMY), Recife, Fortaleza, Brasília, Belo Horizonte e Rio. Todos para casa de shows cheias de fãs, que acompanharam apresentações de altíssimo padrão em produção. O show no Rio contou com a participação do violinista Marcus Viana durante a execução de "Fairy Tale".

Foram poucos shows com o SHAMAN, já que Andre estava cauteloso e queria fazer as coisas devagar. Mas algumas histórias interessantes aconteceram. E uma delas se deu no show em Brasília, em 30 de novembro de 2018. Quem conta é o empresário, Rick Dallal: "No dia em que nós íamos pegar um voo de São Paulo para fazer o show em Brasília, ele acordou atrasado e disse para não nos preocuparmos, que ele ia pegar um táxi. Com bandas, se o cara perdeu o voo, ele se vira. Tem horário pra tudo, existe um cronograma. Temos quatrocentos quilos de carga pra embarcar. Precisamos de tempo. Com o Andre a gente já marcava mais cedo, sabendo que ele ia se atrasar. Como ele estava atrasado, falamos pra ele se virar. Estávamos embarcando e não íamos deixar treze pessoas no aeroporto e pegar outro voo só porque ele não ia conseguir embarcar".

Continua o empresário: "Aí caiu um avião no Campo de Marte. Nosso voo partiu, mas todos os aeroportos dentro da cidade de São Paulo e nas redondezas foram fechados. É um protocolo de segurança da ANAC, fechar meia hora pra ver as causas. Quando fechou, todos os voos começaram a ser cancelados. Começou também uma chuva horrível e os aviões não podiam sair por causa disso também. Virou uma bola de neve no aeroporto de Congonhas, e a situação ficou insustentável. O problema é que o Andre havia esquecido o celular em casa. Ficamos sem contato com ele. Já

eram 3 da tarde e estávamos vendo, lá de Brasília, como fazer. Nem que fosse pegar um táxi aéreo. Mas tinha políticos e empresários nessa situação e nem *charter*[192] estava disponível. Então eu contatei uns amigos no aeroporto de Congonhas que começaram a ajudar a gente a localizar o Andre, que estava incomunicável. Eles começaram a fotografar todos os cabeludos de lá, porque eles não conheciam o Andre. Começaram a me enviar fotos perguntando se era esse, ou se era aquele. O aeroporto estava um caos, foi horrível. Depois, conseguiram encontrar ele perto de um café, tomando uma cerveja como se nada tivesse acontecido. Levaram ele pra um lugar e tentamos conseguir um voo pra ele. A menor fila de espera era de 157 pessoas para o último voo que saía para Brasília, um voo da LATAM".

Prossegue Rick, com a inusitada história: "Eles não conseguiram comprar a passagem, então o Andre comprou uma passagem pra março, só pra ter um documento na mão. Ele não podia passar no meio dos passageiros. Se eles vissem que tinha alguém furando a fila de espera podia ser um tumulto. Existiam centenas de pessoas esperando. A própria LATAM não autorizou que ele passasse na frente". A solução não foi ortodoxa, mas salvou o show de Brasília, que fatalmente seria cancelado: "Alguém da Infraero colocou o Andre em uma picape, depois no avião e em seguida enfiaram ele pelo compartimento de carga, e aí subiram ele lá em cima. O Andre conseguiu chegar a Brasília com duas horas de atraso, e o show aconteceu", conclui o empresário.

Mesmo com o Shaman reunido e fazendo shows de grande sucesso, o vocalista não queria abrir mão de sua banda solo, que estava apenas em uma pausa momentânea. Andre acabou chegando a um consenso com seus ex-colegas sobre o retorno do Shaman. O guitarrista da banda solo, João Milliet, comenta como seria gerenciar dois grupos diferentes: "Ele sempre deixou claro que uma coisa não interferia na outra. Eventualmente isso poderia acontecer. Pra mim, minha postura sempre foi: 'Estou tocando para a carreira solo do Andre'. Ele sempre quis essa unidade de banda, mas era a carreira solo dele. Se ele decidisse interromper a carreira solo e fazer o Shaman, era uma decisão que cabia a ele".

Guilherme Canaes, técnico de monitor e de som que havia trabalhado com Andre em toda jornada da primeira fase do SHAMAN, também esteve envolvido na turnê de reunião da banda, entre 2018 e 2019. Ele relembra como foi reencontrá-lo após uma década e como algumas coisas haviam mudado ao longo daquele tempo: “Foi em um estúdio perto do aeroporto que nos reencontramos depois de dez anos. A gente tinha se visto em 2008, em uma festa da MTV, mas não conversamos nada na época. Ele chegou no estúdio e foi direto para a técnica, que dava pra ver os músicos. Ele não ficou junto dos músicos lá dentro. Ele ouvia da técnica, segundo ele, pra não ter barulho”, explica.

No que veio a ser a parte derradeira da turnê, o SHAMAN fez duas datas no final de semana que abriu o mês de junho de 2019. No dia 1, o grupo se apresentou na cidade de Joinville, Santa Catarina. No dia seguinte, rumaram a São Paulo, para tocar com o AVANTASIA, onde sua apresentação foi tão importante quanto a da atração estrangeira. Sobre a data no Sul, Rick conta detalhes: “O Andre não estava muito bem fisicamente, a voz não estava rendendo tão legal, em Joinville. Eu conversei com ele sobre isso, e ele queria saber quem tinha falado que ele estava mal. Quem reclamou, na verdade, foi o pessoal da equipe técnica lá do evento. Eu perguntei se o Andre queria que eu trouxesse um médico para ver a voz, e ele falou que não precisava, que o show tinha sido excelente. Então, ele chegou em São Paulo com um gás, uma vontade de fazer o melhor show da vida. O ego estava ferido”.

Outro grande impulso foi o fato de Andre dividir o palco com antigos amigos, com uma banda na qual ele mesmo já havia atuado como convidado. Uma possível canja de Andre com o AVANTASIA foi um grande chamariz para o público, que lotou o Espaço das Américas, em São Paulo, conta o empresário: “Naquele show, metade ou mais da metade foi pra ver o SHAMAN. O AVANTASIA sempre teve um público de no máximo 5.000 pessoas. Estávamos com 8.000 naquele dia. A expectativa era grande de ver o Andre cantando junto com o AVANTASIA”. E complementa: “Foi um evento inesquecível para todos, a performance do Andre foi primorosa, consolidamos o SHAMAN, pela segunda vez tocando em São Paulo. Perante o público, o SHAMAN era o *headliner*. O próprio Andre tinha falado que achava que o AVANTASIA

devia tocar antes do SHAMAN". E foi Rick – que havia feito todas as turnês do AVANTASIA no Brasil – quem chegou ao mentor do supergrupo, Tobias Sammet, com a ideia de colocar Andre em uma participação: "O Andre teve uma história muito significativa no AVANTASIA. O mundo inteiro queria ver o AVANTASIA com o Andre e isso só aconteceria no Brasil. Isso foi natural, tinha que acontecer. Foi glorioso".

Tobias conta como foram os preparativos para aquela noite: "Eu tinha entrado em contato com o Andre antes do show, enviamos mensagens de texto pra lá e pra cá, falando: 'Vamos fazer isso e aquilo como antigamente. Aqui estão as letras, você canta isso e eu canto aquilo ou como vamos fazer isso? Nós improvisamos um pouco. Fiquei meio cansado devido à exaustão das viagens no dia do show. Ele estava em um hotel diferente. Por isso, mandamos uma mensagem e marcamos um encontro no show. Nos encontramos, nos abraçamos e conversamos um pouco, e foi muito emocionante. Combinamos que, depois do show, a gente ia sentar e tomar uma cerveja ou uma caipirinha. O dueto veio do jeito que se espera quando não tem ensaio: foi improvisado, mas a mágica de nós dois fazendo isso juntos foi um flashback e tanto. Aquele abraço que demos no palco foi realmente intenso e honesto, e senti – pensando nisso agora retrospectivamente – como uma reconciliação, mesmo que nunca tivéssemos tido um problema de fato. Depois da apresentação, o Andre já não estava mais na casa de shows e eu estava muito ocupado com aquela sensação de tristeza do final da turnê e com uma pressão que eu não imaginava. Ele provavelmente deveria estar cansado e ter ido pra casa silenciosamente, eu pude entender isso totalmente. Eu falaria com ele em alguns dias. Mal sabia eu que nunca mais o veria".

Já era madrugada do dia 03 de junho quando Andre abraçou Tobias e saiu do palco do Espaço das Américas, lotado; o público ovacionou orgulhosamente o vocalista brasileiro no absoluto auge de sua carreira. Fazendo poucos shows com o SHAMAN, em casas de shows lotadas, Andre havia encontrado um modelo interessante que o permitia viver com o filho na Suécia e visitar o Brasil uma vez por ano, ou a cada dois anos, para fazer turnês pontuais. O futuro parecia promissor.

“Ele falava que tinha um plano de fazer um curso na Suécia pra ficar mais próximo do filho”, conta o empresário. “Se ele fosse gravar o álbum e excursionar, ele não sabia se topava. Eu disse que dava pra acontecer logisticamente: existem bandas cujos membros moram em continentes diferentes. Mas era preciso novas músicas de trabalho. Ele me pediu um mês, me prometeu um single ou duas músicas. Ele e o Hugo tinham ideias, aí gravariam um single e veriam a reação do público. Era uma estratégia lançar singles para sentir como estava a banda na parte de composição. Eles não faziam músicas juntos há vinte anos. No palco, já tinha eliminado o trauma, estava tudo ok. Mas gravar era outro processo que ele queria testar de novo. O Andre era muito metódico, pensava nos mínimos detalhes de tudo. Tudo influenciava a vida dele. Ele tinha medo de tomar uma decisão e depois ser criticado ou ter que voltar atrás. Ele não queria ficar excursionando com o SHAMAN sem motivo”.

Seis dias depois daquela noite no Espaço das Américas, no entanto, Andre Matos faleceria, enterrando precocemente todos os planos e possibilidades futuras.

Capítulo 22

MORTE

Alguma coisa não ia bem com a saúde de Andre ao longo dos últimos anos, e isso era visível a todos que assistiam ao cantor. Andre estava visivelmente acima do peso e as pessoas que o encontravam após os shows notavam que ele ficava completamente esgotado após as apresentações. “Eu fiquei horrorizada quando vi o Andre depois de um show do Shaman. Ele estava supercansado, destruído... Eu nunca tinha visto ele daquela maneira”, comenta Vera Kikuti.

Já havia anos que Andre tinha hábitos de saúde pouco ortodoxos. O cantor era um verdadeiro nerd do mundo dos remédios e possuía praticamente um medicamento para cada necessidade que tinha. Sempre que perguntado em entrevistas se era hipocondríaco, Andre respondia que sim, e sempre dizia isso com bom humor, nunca com preocupação. Em uma entrevista do início dos anos 2000 ao jornalista Júlio César Bocáter, por exemplo, Andre respondeu da seguinte forma, ao ser questionado se era “meio hipocondríaco”: “Hugo, tira a sacola pra ele ver”. Nesse momento, Hugo tirou um saquinho com umas quinze cartelas diferentes de comprimidos. Andre continuou: “Estou preparado para tudo. Se eu ficar ruim mesmo, tem coisa mais forte aí que resolve na hora! Eu devia ter virado médico, acho que ia me dar melhor do que músico”, finalizou o cantor, dando risadas.[193]

Ao longo dos anos, viajando pelo mundo inteiro e tendo acesso a diferentes medicamentos e fórmulas para diferentes tipos de necessidade, Andre passou a ser do tipo de pessoa que consumia remédios para tudo. “O cara manjava tudo sobre remédios e fórmulas! Isso era uma característica dele. Era inseparável a vida

dos remédios dele", conta Guilherme Canaes, técnico de som e amigo pessoal de Andre.

A falta de sono regular e o impacto que isso causava nas cordas vocais era outro gatilho para que Andre consumisse mais remédios. "Para a voz ficar OK, ele ia nos médicos e pedia medicamentos. Ao longo da carreira, ele foi forçando. O cantor é o único cara numa banda cujo instrumento é uma parte do corpo", comenta Eco Moliterno, primo de Andre. "O Andre usava muitos remédios: pra dormir ou pra acordar. Ele estava sempre com muito sono ou muito acordado", conta Rick, empresário do SHAMAN.

"Acho que noventa porcento dos vocalistas são hipocondríacos, pois precisam cuidar do corpo pra conseguir cantar", comenta o irmão, Daniel. "Um cara como o Andre... Ele pegava a bula de remédio e lia por interesse. Depois abria um site do laboratório pra ler mais informações".

Uma das coisas que entristecia bastante o cantor era ficar distante do filho, Adrian. Desde que havia se divorciado de Sara, Andre, que antes dividia seu domicílio entre Brasil e Suécia, morando com o filho durante boa parte do ano, agora morava integralmente no Brasil, limitando seu contato diário com Adrian por Skype, vendo-o poucas vezes por ano.

"Ele tinha um psiquiatra a quem ele recorria quando tinha algum problema. Quando ele estava passando por alguma situação com a esposa sueca, por exemplo. Ele ficava muito nervoso. E o que ele fazia? Pagava uma grana para o psiquiatra e saía com uma receitinha que o deixaria melhor", conta Vera Kikuti.

"Ficar distante do filho deixava ele muito triste", conta a mãe, Sônia. "Ele vivia reclamando: 'Mãe, não aguento ficar longe do meu filho'. Ele chegou a ter um princípio de depressão durante um tempo, e recorria aos antidepressivos pra ver se melhorava. O grande grilo era o distanciamento do Adrian, mas tinha algumas coisas relativas à carreira também. Ele estava muito descrente do meio, das pessoas. E queria fazer uma pós-graduação na Suécia. Chegou inclusive a se inscrever para uma bolsa e queria se mudar definitivamente pra lá. Queria mudar de ramo, fazer menos heavy metal e ficar mais perto do filho. O Andre ganhou muito pouco

dinheiro com sua carreira. Ganhou, claro, mas pouco. Não dava pra ele se bancar na Suécia. Ele gastava muito porque ia pra lá toda hora, e as viagens eram muito caras".

"Durante o período em que trabalhei com ele, eu tentei mudar isso, partir para algo mais natural", conta Vera Kikuti. "Eu falava isso para ele. Indicava que ele fizesse meditação e fosse deixando os remédios, fazer medicina natural. Ele tinha que escapar daquele psiquiatra. Ele ficava triste, entrava em depressão. O que ele fazia era ir ao psiquiatra que indicava um remédio para ele".

Os hábitos alimentares também não eram os melhores. "Ele ainda era vegetariano e tinha um controle sobre o que comia", conta o primo, Eco. "Mas nessa coisa de trocar a noite pelo dia ele começou a comer muita pizza. Acho que teve alguma coisa de colesterol alto, mas a gente não sabe ao certo, porque ele não contava. Era muito fechado. O que a gente via é que ele engordava e emagrecia, ganhava e perdia peso fácil. A gente ficava um tempo sem se ver e eu via essa diferença. Mas acho que ele começou a se alimentar mal. Eu ia lá na casa dele e sempre tinha muita pizza e refrigerantes na geladeira. E meu avô não come pizza. Era coisa do Andre".

"Ele só comia ravioli!", comenta o filho Adrian.

"Ele estava com um pouco de sobrepeso na época em que trabalhava com ele", comenta a ex-empresária, Vera Kikuti. "Então eu ganhei uma esteira do meu irmão e, como já tinha uma em casa, dei a minha para ele, para que praticasse exercícios físicos. No fim das contas, era a mãe dele que usava. Ele mesmo, não".

Mônica Giardini, que trabalhou com Andre nas óperas *Tommy* e *Viagem ao Centro da Terra*, conta de uma ocasião em 2012 em que viu Andre preocupado com o coração. "Em 2012 nós apresentamos a peça no Memorial da América Latina. Eu achei estranho que, durante o ensaio, ele falou que estava com um aparelho de medir pressão. Ele ia ficar vinte e quatro horas medindo a pressão. Disse que tinha algo no coração e estava se cuidando, vendo o que ele poderia ter".

Mas o vocalista, que era bastante fechado em relação a tudo em sua vida, não comentava para a família se estava passando por problemas. "O Andre era um cara reservado inclusive para a gente.

Se você me perguntar que remédios ele tomava, eu não faço ideia. É uma coisa que era muito dele, muito particular. Ninguém fica perguntando muito dos outros na nossa família", comenta o primo, Eco.

No final de 2018, o SHAMAN fez uma série de três shows em um mesmo final de semana: sexta (30/11) em Brasília, sábado (01/12) em Belo Horizonte e domingo (02/12) no Rio de Janeiro. Comentamos sobre o show de Brasília no capítulo anterior – o show que quase foi cancelado por ele ter perdido o voo. Andre fez esses shows muito mal de saúde. "O Andre estava sentindo muitas dores e diarreia nesses dias. Ele teve que fazer os shows com fralda geriátrica. Ele não estava bem", comenta o empresário do SHAMAN, Rick Dallal.

O show seguinte, em BH, só aconteceu porque os profissionais locais Filipe Lima e Fausto Caetano foram à casa de shows e socorreram Andre, que estava absolutamente sem condições de subir ao palco.

A combinação de sono desregulado, sedentarismo, tristeza, alimentação bastante calórica e consumo excessivo de medicamentos é fatal em muitos casos, e foi no do cantor. Era manhã do dia 08 de junho quando Andre foi encontrado desacordado, caído em seu escritório. "O Andre tinha uma coisa que era de onde vinham nossas maiores brigas", conta Sônia, mãe de Andre. "Eu não me conformava de ele trocar o dia pela noite! Eu nunca soube lidar muito com isso, ele dormia de dia e ficava acordado de noite. Então eu sempre tive uma necessidade de acordar o Andre. Naquele dia, eu fui avisar meu pai que tinha um jogo de tênis na televisão. Meu pai gosta muito do Nadal. Ele disse que o Andre estava dormindo no escritório e pediu pra eu ir lá acordar ele. Como era sempre eu que acordava, eu tentei acordar, mas ele não acordava".

Daniel, irmão de Andre, imediatamente recebeu uma ligação: "Era o telefone da Dona Nininha, a moça que trabalhava na casa do meu avô. Ela passou o telefone pra minha mãe e ela me disse: 'Filho, nós encontramos seu irmão aqui, caído, ele não está acordando'. Nessa hora, eu saí correndo pra lá. Cheguei em vinte minutos. O Andre estava com muita febre. Fiz respiração boca a boca,

massagem cardíaca e tudo isso. Chegou então o SAMU, junto com uma outra ambulância particular que a gente chamou. Os paramédicos conseguiram reanimá-lo com aqueles aparelhos. Parecia cena de filme. Ninguém conseguia ficar ali naquela hora. Mas eles conseguiram reanimá-lo, e a gente o levou para a ambulância. O hospital ficava no quarteirão de trás de onde minha mãe mora. Nisso, pegamos o carro na garagem e fomos".

"Cheguei a carregar ele para a ambulância. Ele estava inconsciente, mas você via que ele estava respirando", conta Eco. "A gente botou ele na ambulância, que foi em direção ao Hospital Samaritano, que é do lado de onde a gente mora. Mas no caminho ele teve outro ataque, e não sobreviveu".

"Quando chegamos lá no hospital, a médica já estava esperando a gente pra dizer que ele não havia conseguido. Infelizmente, foi assim que aconteceu", lamenta o irmão, Daniel. "O Andre estava muito acima do peso na época, mas a conta não fecha na minha cabeça. Ele era um cara que dava prejuízo para o plano de saúde, porque fazia tudo quanto é tipo de exame. Ele tinha essa coisa com a saúde e queria fazer todos os exames possíveis. Eu não sei. A minha explicação é que chegou a hora dele. O que pode ter sido, clinicamente? Diagnosticaram um infarto agudo do miocárdio. Devido a quê? Não sei".

"Se você pensar bem, não é normal a pessoa simplesmente ter um ataque do coração e morrer", comenta Vera Kikuti. "Muitas pessoas têm um infarto e têm condições de ir ao médico, fazer exame, etc. Quando ele morreu, ele devia estar há muito tempo acordado. Embora fosse manhã, aquele horário era o fim do dia para ele. Ele ia dormir sempre por volta das onze da manhã. Algumas vezes só depois do almoço. Como uma pessoa pode morrer de ataque cardíaco desse jeito?".

"Nós nunca tivemos casos de problemas de coração na família", comenta Sônia. "Como todo mundo morreu de câncer, ele fazia exames constantes pra ver os marcadores cancerígenos. Ele tinha preocupação com a saúde, mas não com a parte cardíaca. Ele era hipocondríaco. Tinha remédio pra tudo! Um armário inteiro só de remédios".

Vera atribui a morte de Andre à indústria farmacêutica: “O Andre morreu exatamente como morreu o Michael Jackson. Ele foi vítima da indústria farmacêutica. Foi muito esse lance de ele começar com essa coisa de usar remédio para tudo. Muita gente faz isso. Você se sente triste, vai no psiquiatra. O cara te dá uma receita de antidepressivo, você toma, aí não dorme, não consegue produzir, aí toma outro remédio para dormir. De repente, você está tomando um monte de remédio. Isso acontece com um monte de gente. Ele era saudável? Não, ele tomava muito remédio! Uma pessoa que toma muito remédio não é saudável e isso ninguém publica. Tudo que a indústria farmacêutica faz mata mais do que todas as outras doenças”.

Contudo, embora seja normal buscar por culpados e responsáveis para que carreguem o fardo da responsabilidade em situações trágicas, nenhuma atribuição de culpa pode ser feita se não ao próprio Andre, que, adulto, responsável e inteligente como era, sabia perfeitamente das possíveis consequências do estilo de vida que estava levando.

Tudo o que foi dito aqui, no entanto, é vão. A preciosa vida de Andre Coelho Matos havia se perdido. E o vazio provocado por sua morte seria sentido por centenas de milhares de pessoas ao redor do mundo a partir daquele dia.

Além do trauma, as horas seguintes à morte de Andre foram de bastante estresse e desgaste para a família do músico. O que deveria ser um feliz sábado ensolarado de junho, tornou-se um inferno de burocracias para a liberação do corpo. “Foi muito traumático”, comenta a mãe de Andre. “Como ele morreu fora do hospital, e eu tive que ir com o Eco em uma delegacia fazer um B.O. Precisava ir pra um lugar que não era o IML, não lembro o nome, para ver a *causa mortis*. Todo esse processo era muito demorado e muito desgastante. Se ele tivesse morrido no hospital, os caras davam um atestado de óbito na hora. Mas como ele morreu na rua, tinha que averiguar tudo. Então esse processo demorou o dia de sábado inteiro e a noite para o domingo. O corpo só foi liberado no domingo, na hora do almoço”.

Em respeito a um pedido feito pelo próprio Andre, meses antes, a família escolheu não ter um velório público. Sônia explica: “A gente não fez o velório. E vou aproveitar a oportunidade pra contar os motivos. Primeiro, a gente não é religioso aqui em casa. Velório a gente não faz. Minha mãe não teve, nem minha irmã. Foi uma coisa muito rápida. Segundo, o Andre gostava muito do Ricardo Boechat. Mesmo lá na Suécia ele ouvia os comentários dele, pela internet. O Boechat também era de Niterói, ele e eu estudamos no mesmo colégio. Nós gostávamos muito das análises políticas dele. O dia em que o Boechat morreu foi uma comoção geral aqui em São Paulo. Lembro que, quando o Ricardo morreu, eu fui acordar o Andre e dei a notícia. Ele levantou e a gente ficou vendo aquele velório com milhares de pessoas. Ele virou pra mim e falou: ‘Se um dia isso acontecer comigo, eu não quero nada disso’. Eu falei que eu também não queria, ninguém aqui em casa quer. Eu sabia então que era um desejo dele”.

Mesmo diante do desejo explícito de Andre de não ser velado, a comoção dos fãs fez a família considerar a possibilidade de fazer alguma coisa. “O Eco e o Daniel até tentaram ver se havia um teatro, um lugar aonde os fãs pudessem ir”, comenta a mãe. “Mas era um sábado, e não acharam lugar algum. Não dava pra fazer em um lugar apertado. Muita gente ficou aborrecida com essa decisão da família, mas entenderam”.

Outra dificuldade dos familiares foi de contar sobre a morte ao senhor Ary, avô de Andre, com 98 anos à época e bastante apegado ao neto. Andre nunca teve uma casa para chamar de sua aqui no Brasil. Quando não estava morando na Alemanha, na Suécia ou viajando o mundo em turnês, seu lar era o apartamento do avô, de quem Andre cuidava com muito carinho. “O Andre era quem mais cuidava do meu avô”, comenta Eco. “Acho que, se ele tivesse morrido, o Andre já teria se mudado para a Suécia há muito tempo. Ele tinha um carinho muito grande pelo senhor Ary. Quem organizava a sequência de remédios que ele tem que tomar era o Andre. Ele tem aquelas caixinhas com os dias da semana, e quem comprou essa caixinha pra ele foi o Andre. Inclusive tá tudo escrito em sueco”.

“Dar a notícia pra ele foi terrível”, conta o primo. “A gente voltou do hospital e ficamos em dúvida sobre como contar. Pensamos em falar que ele ia fazer um tratamento, ia viajar. Mas o Andre é uma figura pública e meu avô ia saber. Não tinha como esconder. A gente resolveu dar a notícia, mas ele está tão velho e passou por tanta coisa que ele absorveu e seguiu. Ele falou: ‘Por que ele e não eu? Seria a ordem natural das coisas’. Mas ele sentiu muito. Como sentiu a ida da minha mãe”.

“O meu pai simplesmente desliga as coisas da memória”, comenta a mãe de Andre, Sônia. “Pra conseguir sobreviver ele apaga e não toca no assunto. Ele bloqueia total. Até hoje ele não toca no nome do Andre. No dia da homenagem, da live, minha sobrinha tentou mostrar e ele não quis ver. Então ele continuou com a vida dele de uma pessoa de 99 anos, que já é bem limitada. Ele era muito ligado ao Andre e sentiu muito”.

“Hoje ele assimilou”, completa Eco. “Ele lembra às vezes, mas ele é velho demais. Chega um momento da vida que a memória não é tão frequente. Você conversa com ele, tem que repetir porque não grava mais. São 100 anos de vida, né... Por esse lado, o fato de ele ser velho demais ajudou na forma como ele recebeu a notícia”.

Foi mais ou menos por volta do meio-dia que os rumores da morte de Andre chegaram à internet. A primeira pessoa a postar condolências foi Pat Kisser, esposa de Andreas, do Sepultura, com uma mensagem curta e direta: “Chocada! RIP Andre Matos”. A postagem, apagada rapidamente, foi replicada em grupos e fóruns, deixando os fãs apreensivos se era uma notícia real, uma piada de mau gosto ou, no melhor dos cenários, um mal-entendido. Então veio uma postagem do Manifesto Bar, prestando condolências, e depois um post do tecladista do Shaman, Fabio Ribeiro, de apenas uma palavra, mas que dizia tudo: “Inacreditável...”.

O anúncio oficial veio através de um curto pronunciamento no perfil do Shaman nas redes sociais:

> O destino nos uniu, nos separou, nos reuniu e agora pregou mais essa com a gente. É com profunda dor em nossos corações que nos despedimos do Andre mais uma vez, desta vez de forma definitiva. Além da ferida que jamais cicatrizará, e mesmo sabendo que passamos momentos gloriosos junto ao nosso companheiro e amigo, restará pra sempre o melhor dele em nossos corações. R.I.P.

A repercussão na internet foi monstruosa. Reproduzir aqui todas as homenagens e lamentos postados naquele dia deixaria este capítulo maior que todo o restante do livro. Mas vale destacar algumas coisas. Além (claro), dos perfis oficiais das bandas Viper, Angra e Shaman, os perfis de importantes bandas internacionais como Avantasia, DragonForce, Kamelot e Epica postaram sobre a morte de Andre. O Angra, que encerrava a turnê de seu último disco com apresentação naquela noite, em São Paulo, cancelou seu show.

Colegas de bandas, *roadies*, companheiros de estrada, ex-professores e até desafetos, com quem Andre não falava há décadas, postaram fotos e vídeos lamentando sua morte. Inúmeros músicos, brasileiros e de fora, prestaram suas condolências e contaram da influência de Andre sobre eles.

Canais de YouTube não relacionados a música, como Um Sábado Qualquer, Craque Neto, Doentes por Futebol, entre outros, postaram homenagens. Youtubers de posições políticas antagônicas, como Nando Moura, Pirula, PC Siqueira e Arthur Moledo do Val (Mamãe Falei), que vivem brigando e se atacando, foram unânimes em postar sobre a importância de Andre em sua formação.

O perfil oficial do Corinthians no Twitter postou algumas palavras sobre Andre, junto com uma foto dele com Tite.

O famoso ditado popular “a gente só dá valor depois que perde” se aplica bastante a tudo o que se viu naquele fim de semana. Sete músicas de Andre, de suas diferentes bandas (Angra, Shaman, Viper e Solo) entraram no Top-50 Virais do Spotify nos dias seguintes, ocupando lugares tradicionalmente tomados por funk, sertanejo e axé.

O reconhecimento tardio fez com que milhares de novas pessoas conhecessem Andre e sua música, e isso é um ponto muito positivo. Mas onde estavam todos esses milhares de fãs quando Andre estava excursionando com sua banda solo com shows maravilhosos, cantando todos os clássicos de sua carreira, ou tocando discos na íntegra – algumas vezes com casas de shows vazias? Quantas vezes não testemunhamos Andre fazer um show espetacular, mas para pouco mais de 100 pessoas?

E esses colegas de banda e ex-empresários desafetos que postaram vídeos com homenagens e arrependimentos, por que não fizeram um mísero esforço de se reconciliarem com ele, colocarem as coisas em pratos limpos, como fez Ricardo Confessori?

Andre se foi, e com ele morreram possibilidades incríveis. O que fica é a saudade, o amargo sentimento de ausência e o legado do que já foi criado.

Capítulo 23

LEGADO

Muitas homenagens têm sido propostas e realizadas desde o falecimento de Andre Matos. A primeira delas, uma semana após a morte do cantor, foi uma missa de sétimo dia na Igreja da Consolação, no centro de São Paulo. Organizada por Felipe Machado do VIPER, a missa reuniu centenas de fãs que cantaram as músicas “Living for the Night”, do VIPER, e “Carry On”, do ANGRA.

“Eu pensei muito em ir a essa missa”, conta a mãe de Andre. “No momento, quando tudo aconteceu, eu estava muito forte. Mas de repente eu dei uma caída e pensei que não ia aguentar ver centenas de pessoas vindo falar comigo. Eu não ia aguentar. Eu me arrependi de não ter ido, foi uma missa muito bonita, uma bela homenagem. Mas eu não sei se emocionalmente eu aguentaria. Cantaram as músicas dele lá... Eu não teria resistência emocional para suportar tudo isso”.

No âmbito nacional, fãs de diversas partes do país têm solicitado aos legisladores que o dia 08 de junho seja reconhecido como o “Dia do Heavy Metal”. Até o momento, as cidades de São Paulo e Manaus, além do Estado do Paraná, já instituíram o dia como homenagem.

Na biologia, a cientista Cristina Anne Rheims, do Instituto Butantan, descobriu e nomeou quatro aracnídeos em homenagem a astros do rock. Uma das aranhas recebeu o nome científico de *Extraordinarius andrematos*. Ao comentar a escolha, a pesquisadora disse: “Os nomes dessas espécies são em homenagem a pessoas que, de alguma forma, são extraordinárias, no meu ponto de vista”.[194]

Nos ares, a companhia aérea LATAM disponibilizou em seus monitores alguns videoclipes de músicas de Andre nas bandas Angra, Shaman e Viper, além de um pequeno documentário com entrevistas dos músicos dessas bandas falando sobre o cantor. A iniciativa veio do empresário Paulo Baron, presente em várias fases da carreira de Andre.

Na música, diversas bandas gravaram covers e versões de músicas de Andre desde o dia 08 de junho de 2019. No meio do seu show no Rock in Rio em 2019, o Sepultura tocou a intro de “Carry on” com a imagem de Andre Matos no telão ao fundo. Do Japão, país que idolatrava Andre e seus trabalhos, a banda Unlucky Morpheus gravou uma música em homenagem ao cantor chamada “Carry On Singing to the Sky”. A influência do Angra é notória na música da banda japonesa, que inclusive faz a mesma citação da “Caprice no. 24”, de Paganini, que o Angra utiliza em “Angels Cry”. Outra banda internacional que prestou homenagem foi a americana Theocracy, com uma regravação de “Time”, do Angra.

Do Viper, primeira banda profissional de Andre, veio o lançamento de uma música inédita, “The Spreading Soul Forever”. O lindo videoclipe mostra cenas aéreas das ruas de São Paulo vazias durante a quarentena. Fotos antigas do Viper aparecem nos prédios.

O lendário Robertinho de Recife liberou uma música inédita com Andre, um cover da música “Noturno”, do cantor Fagner, em inglês. A versão foi lançada em setembro de 2019, e sobre ela Robertinho comentou: “Essa música foi sucesso na voz do Fagner, cantor que o Andre Matos admirava, e ele fez uma versão em inglês para a canção. Esse registro inédito foi gravado numa reunião comigo em estúdio, sem pretensões de ser exposto ao público, pois o Andre apenas estava nos mostrando como tinha ficado. Decidi então mostrar aos fãs do Andre Matos, que com certeza vão gostar de ouvir essa linda versão. Salve, Andre Matos!”.

No entanto, o maior dos tributos até o momento aconteceu no último dia 14 de setembro, data em que Andre celebraria 49 anos. Um evento chamado “Alive”, patrocinado e transmitido pelo UOL, trouxe a apresentação de despedida da banda solo de Andre, com os

integrantes da banda tocando ao vivo e as linhas vocais de Andre cantando ao fundo.

O evento foi produzido pelos mesmos técnicos que trabalhavam nas bandas de Andre e aconteceu no Morrison Rock Bar. A organização ficou por conta do diretor Anderson Bellini e do produtor e jornalista Thiago Rahal Mauro, com produção executiva de Eco Moliterno, primo de Andre.

“O Thiago Mauro me indicou o documentário do Quincy Jones”, comenta Anderson. “Ele disse que era muito legal. A gente começou a assistir na mesma época. Ele reuniu a banda do Michael Jackson que havia gravado o *Thriller*. O Thiago então deu a ideia de fazermos algo parecido com a banda do Andre, já que não teve uma despedida. Mas como a gente ia fazer com o Andre? O Hugo devia ter as vozes do disco e eu liguei pra ele e perguntei se era possível. Eu passei a ideia maluca pra ele e achei que ele não ia topar... Mas quando ele topou, eu liguei para o pessoal da banda solo do Andre e perguntei um por um pra ver se todos topavam. Tinha que ser com todos. Prontamente eles toparam e a gente começou a produzir isso”.

Belíssimas imagens do cantor apareceram ao vivo, em um telão, com um cuidado que emocionou a todos. “Fechamos um repertório e eu comecei a fazer a busca de arquivos e vídeos do Andre cantando essas músicas. Deu um trabalho absurdo fazer isso, procurar os vídeos dele cantando, com qualidade suficiente para ser apresentado. Foi difícil também sincronizar as imagens do telão. O Andre era um cara que não parava quieto, então conseguir manter só uma imagem dele era bem difícil em show”, comenta Anderson Bellini.

O ápice do evento, que levou muitas pessoas às lágrimas, foi a música bônus, com Daniel Matos (irmão de Andre) dividindo os vocais da música “Lisbon” com o cantor e humorista Bruno Sutter. “Eu senti que o Andre estava ali em cima do palco cantando as músicas. Eu ouvi a voz dele, ele representado no telão, a banda tocando emocionada e eu vendo tudo com uma qualidade absurda! Eu estava no *switcher*, onde ficam as câmeras, vendo as imagens muito lindas. Então foi uma realização pessoal e profissional essa

live. Tenho certeza de que eu entreguei algo que o Andre exigiria, ele era muito exigente", finaliza Anderson.

"Alive" foi assistido simultaneamente por cerca de dez mil pessoas, e por outras dezenas de milhares desde então. Uma das ilustres expectadoras era a mãe de Andre, Sônia: "Até esse evento acontecer, eu não conseguia ouvir a voz do Andre. Se eu abro a internet, é Andre de cabo a rabo! Mas eu não tinha conseguido ouvir a voz dele, ainda. O Eco perguntou se eu ia assistir e eu disse que não sabia se eu ia conseguir. Mas eu liguei a TV, para ver se eu ia dar conta, e acabei assistindo todo o evento. Eu não sei te contar a sensação, pois foi uma coisa meio surreal pra mim. Eu não sei descrever... Um misto de emoções que eu sinceramente não sei descrever. Eu fiquei muito agradecida, foi um trabalho muito bonito o que eles fizeram. Ver o Daniel cantar uma música do Andre no final... Aquilo pra mim, que sou mãe, foi muito bonito. Eu consegui assistir ao evento e isso foi uma vitória pra mim, pois eu não conseguia sequer ouvir a voz dele".

Durante o evento, foi apresentada ao público uma música gravada por Andre em 2001 e jamais divulgada até então: "Life Goes On". Uma linda composição de Theo Vieira que será trilha sonora de um documentário a ser lançado em 2021, também no dia 14 de setembro, data em que Andre comemoraria 50 anos. Os produtores, Anderson e Thiago, têm em mãos uma megaentrevista de cinco horas que gravaram com Andre meses antes de sua morte, além de um acervo gigantesco de filmagens raras, cedidas pela família do músico.

Muitas histórias narradas aqui, que por acaso tenham ficado superficiais ou incompletas, poderão ser esclarecidas com o documentário, em que todos poderão ver e ouvir Andre contando tudo quanto é tipo de coisa. Nós, os autores, aguardamos ansiosos por mais esse tributo ao cantor.

É importante dizer que este livro não compete com o documentário, e que o documentário não compete com o livro. São mídias independentes entre si, feitas por pessoas diferentes, com propostas diferentes, mas que têm em comum duas coisas: o amor

pela pessoa, pela obra e pelo legado de Andre Matos, bem como a curadoria da família do músico.

Anderson Bellini e Thiago Rahal Mauro muito gentilmente cederam espaço em seu evento “Alive” para que pudéssemos disponibilizar o primeiro capítulo deste livro para os espectadores. E terminamos esta obra gentilmente convidando a todos vocês a apoiarem e a seguirem as atualizações do pessoal do documentário. Participem de suas redes sociais, de seus financiamentos coletivos e vaquinhas virtuais. O que eles estão fazendo custa muito dinheiro, trabalho e dedicação. E estão fazendo tudo na raça! Quem doar para o documentário, terá o nome citado nos créditos finais.

E que venham mais homenagens, releituras, livros, produtos, relançamentos... Que a história de Andre Matos, registrada agora em livro, possa virar documentário, série, filme, novela. E que seu legado permaneça para sempre, ao lado das obras de grandes compositores do passado.

“Eu sei que ele recebeu outras homenagens e tem que receber muito mais”, comenta Andreas Kisser. “A gente vê busto de políticos, jogadores de futebol, alguns merecem, outros não. Mas seria legal ver essas homenagens para mais músicos. O Heitor Villa-Lobos tem o shopping, o parque. Tem tudo Villa-Lobos, mas muita gente nem sabe quem ele foi. Isso é muito triste. O Tom Jobim tem nome em avenida... O Andre Matos também tem esse peso na cultura brasileira e ele merece todas as homenagens”.

“Era uma pessoa por quem eu tinha um carinho muito grande”, comenta Bruno Sutter. “É o tipo de morte que é melhor para a pessoa que morre, porque ela não sofre. Mas, pra quem está aqui, é muito doído. Diferente do contrário, quando uma pessoa tem uma doença e vai morrendo aos poucos: não é algo tão doído pra quem está próximo, porque já vai se preparando, mas para a pessoa é muito sofrimento”.

“Uma pessoa contemplativa, realmente inteligente. Às vezes um pouco desajeitada de uma maneira adorável”, comenta Tobias Sammet. “Lembro também da maneira como seus olhos se tornavam pequenas fendas, quando ele tentava descobrir para

quem ele estava sorrindo ao olhar por cima dos óculos ou com os óculos na cabeça".

"Ele tinha um talento enorme para a música, um carisma realmente inacreditável", comenta Felipe Machado, do VIPER. "Dividir o palco com ele era uma coisa muito difícil para a gente. As pessoas só olhavam pra ele. Ele tinha uma atenção muito forte do público, um carisma, e estabelecia uma relação com a plateia como poucos. Apesar de ser brasileiro, ele era um rockstar internacional. O SEPULTURA eu vejo como uma banda coesa, mas o Andre foi o grande rockstar brasileiro no exterior junto com o Max Cavalera. Um dos grandes. Um cara que teve um destaque internacional, altamente respeitado no exterior. Com certeza foi o melhor músico brasileiro nesse sentido".

"A morte dele foi um negócio sem sentido", reflete Ricardo Confessori. "Eu vivi muitas coisas com o Andre: praticamente tudo que eu conquistei na música foi ao lado dele. Nunca tinha perdido uma pessoa assim tão próxima, a não ser meu pai, familiares. Realmente foi algo que demorei pra entender. A gente é uma geração que está chegando na meia-idade e caiu a ficha de que agora pode ser que isso aconteça a qualquer momento, de quando em quando. Foi algo que eu senti muito. Tanto pela perda dele quanto por ter caído em uma real, eu não esperava. Parece que a vida agora ficou pós-Andre. Marcou uma fase. Acabou nossa juventude, vamos dizer assim. Ela foi embora com o Andre. Ficou uma lição de aproveitar a vida, desfrutar os momentos que ainda temos aqui".

"O Andre Matos do palco e o Andre Coelho da nossa família eram pessoas diferentes", comenta o irmão, Daniel. "O Coelho era uma pessoa muito introspectiva. Pensava muito, falava pouco, ficava quieto no canto. Ele vivia essa coisa meio eremita, introspectiva. Ele é o oposto de mim: eu tento falar uma frase, saem dez e eu não consigo falar o que eu quero. Eu via pessoas falarem que tentaram falar com ele e que ele não tinha tratado mal, mas ficou quieto. Ele era assim. Não queria ser VIP. Ele tinha uma admiração por quem admirava o trabalho dele, é um valor que ele sempre falou comigo. Que era incrível o fato de as pessoas gostarem do que ele fazia. O

social não era o forte dele. Apesar de que ele se esforçava, sempre tratou todo mundo bem".

"Ele era uma pessoa muito engraçada", resume o filho Adrian, hoje com 11 anos. "Ele podia fazer qualquer coisa. Gostávamos de coisas assustadoras, como filmes de terror, e ele era uma ótima companhia. Uma pessoa muito legal".

"Ele era uma pessoa sensível, humana e não vaidosa", comenta a irmã, Helena.

"O legado que mais me emociona não é ele ser um grande músico", comenta a mãe de Andre. "É o ser humano, o caráter, a dignidade... Tudo isso que os fãs transparecem. A família fica muito feliz com essa imagem que o Andre deixou. Ele ajudou muita gente, tem histórias incríveis de fãs que dizem que uma música salvou a vida deles. Isso é gratificante. E que isso se perpetue para sempre".

Este livro termina com uma frase do próprio Andre, falando sobre a morte: "Se eu tivesse que ir embora deste mundo em breve, eu iria feliz. Eu gostaria de agradecer, mesmo, a oportunidade que nós tivemos, até hoje. Porque a gente pôde dividir muita coisa com muita gente. E isso é arte de verdade. Isso acho que talvez seja uma das únicas coisas que valem a pena nessa vida".[195]

Apêndice 1

VOLTA AO ANGRA?

Talvez a pergunta a que Andre mais tenha respondido em entrevistas ao longo de sua carreira é se eventualmente ele voltaria para o Angra ou se pensava em se reunir com a banda para algum show ou turnê. Já durante os primeiros anos após a ruptura entre eles, diversos entrevistadores perguntaram se a decisão não poderia ser repensada.

Em 2008, quando o Angra passou por sua segunda grande crise, que levou à ruptura definitiva com Toninho Pirani, em várias entrevistas o vocalista foi perguntado se toparia voltar para o grupo.

Quando Edu Falaschi anunciou sua saída do Angra, em 2012, e com o anúncio de que o Viper faria uma turnê comemorativa com o vocalista original, lá foi Andre ser perguntado outras dezenas de vezes se haveria essa chance de se reunir com o Angra. Em 2013, em entrevista para o programa *Heavy Nation*, do UOL, Andre apelou: “Acho que o Angra tinha que acabar”.[196]

A resposta ríspida não encerrou as perguntas, e em dezenas de outras abordagens ao longo dos anos Andre ouviu o mesmo questionamento. A esperança dos fãs cresceu ainda mais com o anúncio da volta do Shaman, em 2018. Em entrevista ao Moita, do *Heavy Talk*, falando sobre perdão e sobre resolver as intrigas do passado em nome da música, Andre deu uma resposta diferente das anteriores: “É uma porta que se abre... Se eventualmente acontecer. E olha que é difícil pra mim dizer isso. Se eventualmente acontecer, tem que ser com a formação original. Eu não vejo sentido se não for”.[197]

Ao longo dos anos, muitas tentativas foram feitas para reunir Andre e Angra. Olivier Garnier, empresário que cuidou das divulgações do Angra e do Shaman na França, foi uma das pessoas que se empenharam. “Eu tentei algumas vezes, mas não deu certo. Eu queria fazer algo grande com o Angra original para o Hellfest, na França, mas não rolou. Eu tentei duas vezes. A última vez foi para celebrar o aniversário do *Holy Land*, mas infelizmente não consegui”.

Com a morte de Andre, saíram notícias de que ele havia dado sinal verde para que se iniciassem conversas sobre uma reunião com o Angra, que deveria incluir Kiko Loureiro. O interlocutor dessas conversas seria Paulo Baron, ex-empresário de Andre no Shaman e início da carreira solo, e, à época, empresário do Angra.

“Existia uma intenção da nossa parte”, comenta Rafael Bittencourt. “Em 2021, o Angra faz 30 anos e eu tinha intenção de celebrar isso. Eu passei a falar pra todo mundo em entrevista que eu queria reunir todos os cantores, o Fabio, o Edu e o Andre, no mesmo palco. Nós não conseguimos concluir essa conversa. O Paulo Baron, que era o empresário na época, no ano passado, estava tentando armar isso, pelo que me consta”.

Baron afirma categoricamente que Andre, após muitos anos, havia dado sinal um sinal positivo para a reunião. “Eu tinha uma reunião com o Andre naquele sábado em que ele morreu”, conta Paulo. “Seria uma conversa para apresentar algumas possibilidades de uma reunião com o Angra. O Andre tinha dito pra mim que só faria sentido se o Kiko participasse, se fossem os cinco. E o Kiko tinha me falado, na semana anterior, que se o Andre topasse, ele participaria. Então aconteceria, sim. Cedo ou tarde, aconteceria”.

“É uma suposição”, comenta Kiko Loureiro. “O Baron era um bom elo: ele é muito amigo meu, do Angra e do Andre. Era uma das pessoas que poderiam fazer esse elo. Essa história rolou um pouco antes do falecimento do Andre. Se iria acontecer, eu não sei. Teria tudo pra acontecer alguma coisa”.

Algumas pessoas próximas a Andre são mais céticas em relação a essas possibilidades de reunião com o Angra. “Muita gente pergunta se o Andre voltaria para o Angra, mas eu acho que não”, comenta o

primo, Eco. “Tinha esse boato que no final ele estava negociando, mas eu duvido. Ele nunca falou nada, nem com a gente, nem publicamente. Ele não tinha essa vontade. Quando rolou a reunião do Viper, ele comentou com a gente antes, disse que eram caras que ele gostava, perguntou nossa opinião. A gente incentivou. Sobre o Angra, ele nunca falou nada sobre voltar. A separação foi muito traumática e ele estava muito feliz na carreira solo”.

Outro que duvida é o empresário do Shaman, Rick Dallal: “Ele dizia que o maior sonho da sua vida era pegar de volta o dinheiro que o Angra roubou dele fazendo um show beneficente, um só, em um estádio. A banda gastaria muito pra fazer o evento e não arrecadaria nada. Era uma forma de o Andre ‘ter de volta’ o que roubaram dele: com a banda investindo muito sem ganhar nada. Se rolasse a reunião, seria algo explosivo e ele não queria dar esse prazer para a banda. Queria que fosse um show só”.

“Eu acho que esse papo de ‘só volto se o Kiko voltar’ foi um blefe dele pra ver se o Kiko voltaria”, comenta Eco. “O Andre era muito inteligente e jogava muito com isso. Ele queria testar pra ver. Se só faltasse ele, ele ia pensar. Mas, mesmo assim, eu duvido que ele fosse topar. Não é o que motivava ele. Eu não vejo ele realizado em voltar a fazer algo com o Angra. Era uma página virada”.

Jamais saberemos se a novela Andre Matos/Angra teria um desfecho diferente se Andre não tivesse partido. Comercialmente falando, com o Shaman em alta como estava, não faria sentido ensaiar uma reunião com o Angra naquele momento.

Fato é que, antes de acontecer, Andre Matos considerava mais improvável uma reunião do Shaman do que uma do Angra[198] – e com o Shaman aconteceu! Além disso, o Shaman, como tal, tinha a maior parte do *line-up* necessário para se fazer uma reunião do Angra: Andre Matos, Luis Mariutti e Ricardo Confessori – três dos cinco integrantes da formação clássica.

Luis e Ricardo já haviam se reconciliado e tocado com o Angra no passado recente, podendo ser pontes de contato para uma reconciliação entre Andre, Kiko e Rafael. Talvez uma porta tivesse mesmo sido aberta com essa reunião do Shaman. Talvez não para agora, mas para daqui alguns anos.

Mas jamais saberemos, infelizmente.

[46] Naomi Munakata faleceu em 26 de março de 2020, aos 64 anos. Naomi foi a condutora do coral que gravou “Crossing”, a faixa de abertura do álbum *Holy Land*, do Angra, de 1996. Seu último trabalho foi como regente titular do Coral Paulistano Mário de Andrade.

[48] Entrevista de 2009, disponível em: https://whiplash.net/materias/entrevistas/095796-andrematos.html. Acesso em: 27 jul. 2020.

[49] Revista *Top Rock*, n. 27, outubro de 1994.

[50] Revista *Metal Head*, edição desconhecida, 1994.

[51] Revista *Hard Roxx*, novembro de 1998. Tradução nossa.

[52] Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2006/03/10/viper-bio/. Acesso em: 25 jul. 2020.

[53] *Top Rock*, n. 27, outubro de 1994.

[54] Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2019/12/04/entrevista-do-fc-do-shaman-2002/. Acesso em: 25 jul. 2020.

[55] Revista *Top Rock*, n. 27, outubro de 1994.

[56] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QxX_YeAfy-E. Acesso em: 17 set. 2020.

[57] Revista *Hard Roxx*, n. 37, novembro de 1998. Tradução nossa.

[58] A página do Angra no Facebook republicou esses áudios em vídeos. Confira “Angels Cry” em: www.facebook.com/watch/?v=1694025737304292. Acesso em: 22 out. 2020.

[59] Disponível em: https://www.imprensadorock.com.br/papo-de-guitarrista-com-caue-leitao-2-andre-hernandes/. Acesso em: 17 jul. 2020.

[60] *Rock Brigade*, n. 82, maio de 1993.

[61] Disponível em: http://www.metalmeltdown.com/dr-metals-blog/interviews-andrematos2. Acesso em: 25 jul. 2020.

[62] Disponível em: http://www.metalmeltdown.com/dr-metals-blog/interviews-andrematos2. Acesso em: 25 jul. 2020. Tradução nossa.

[63] Disponível em: http://www.metalmeltdown.com/dr-metals-blog/interviews-andrematos2. Acesso em: 25 jul. 2020.

[64] Disponível em: https://youtu.be/EvhjjzuEcG0. Acesso em: 20 ago. 2020.

[65] Disponível em: http://www.metalmeltdown.com/dr-metals-blog/interviews-andrematos2. Acesso em: 25 jul. 2020. Tradução nossa.

[66] Disponível em: http://www.metalmeltdown.com/dr-metals-blog/interviews-andrematos2. Acesso em: 25 jul. 2020. Tradução nossa.

[67] *Rock Brigade*, n. 96, junho de 1994.

[68] *Rock Brigade*, n. 96, junho de 1994.

[69] Disponível em: https://andrematosolo.wordpress.com/imprensa/entrevistas/2001-entrevista-de-andre-matos-para-heavy-melody/. Acesso em: 25 jul. 2020.

[70] Disponível em: https://www.facebook.com/aquilespriester/photos/a.497906633569240/3930591873634015/. Acesso em: 20 ago. 2020.

[71] Disponível em: https://youtu.be/q7xp8h0HWVU. Acesso em: 23 out. 2020.

[72] *Rock Brigade*, n. 96, junho de 1994.

[73] Além do vídeo original da aparição do Angra nesse programa, “*reacts*” modernos de Kiko Loureiro e Luis Mariutti estão disponíveis em seus respectivos canais no YouTube.

[74] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wzuuHAmrGzA. Acesso em: 10 ago. 2020.

[75] Revista *Top Rock*, n. 27, outubro de 1994.

[76] *Roadie Crew*, n. 211, 2016.

[77] *Heavy Melody*, n. 1, 1996.

[78] *Roadie Crew*, n. 211, 2016.

[79] *Rock Brigade*, n. 118, maio de 1996.

[80] *Metal Head*, edição desconhecida, 1996.

[81] *Rock Brigade*, n. 118, maio de 1996.

[82] Disponível em: http://www.ram.org/music/articles/angrinterview.html. Acesso em: 20 ago. 2020. Tradução nossa.

[83] *Roadie Crew*, n. 211, 2016.

[84] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ic7yo6X_ZtI. Acesso em: 15 de agosto de 2020. Tradução nossa.

[85] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BXPwYMGjBD0. Acesso em: 21 ago. 2020.

[86] *Rock Brigade*, n. 115, fevereiro de 1996.

[87] *Roadie Crew*, n. 211, 2016.

[88] *Ibid*.

[89] *Roadie Crew*, n. 211, 2016.

[90] *Roadie Crew*, n. 211, 2016.

[91] Como já foi dito, Naomi faleceu em 2020, infelizmente uma das centenas de milhares de vítimas da Covid-19.

[92] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z0J9KQ7mFI4. Acesso em: 22 ago. 2020.

[93] *Roadie Crew*, n. 211, 2016.

[94] *Rock Brigade*, n. 115, fevereiro de 1996.

[95] *Angra News*, n. 6, junho de 1996.

[96] *Roadie Crew*, n. 211, 2016.

[97] Disponível em: http://metalkings.com/reviews/shaman/shaman-eng.htm. Acesso em: 25 ago. 2020. Tradução nossa.

[98] *Roadie Crew*, n. 211, 2016.

[99] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u6J9i3K2onc. Acesso em: 25 ago. 2020.

[100] *Roadie Crew*, n. 211, 2016.

[101] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p4_Cq74U_qQ. Acesso em: 25 ago. 2020.

[102] Disponível em: https://youtu.be/FiXOL_4ctzw. Acesso em: 25 out. 2020.

[103] *Angra News*, n. 11, janeiro de 1998.

[104] *Ibid*.

[105] *Angra News*, n. 11, janeiro de 1998.

[106] *Cover Guitarra*, n. 46, 1998.

[107] *Rock Brigade*, n. 145, agosto de 1998.

[108] *Rock Brigade*, n. 145, agosto de 1998.

[109] *Angra News*, n. 12, setembro de 1998.

[110] *Rock Brigade*, n. 145, agosto de 1998.

[111] *Angra News*, n. 13, março de 1999.

[112] *Roadie Crew*, n. 17, setembro de 1999.

[113] A versão bônus de “Rainy Nights” na edição japonesa de *Fireworks* tem bateria eletrônica, além de uma mix levemente diferente da variante que saiu posteriormente. No single, as três versões têm bateria orgânica.

[114] Disponível em: http://metalkings.com/reviews/shaman/shaman-eng.htm. Acesso em: 2 set. 2020. Tradução nossa.

[115] *Roadie Crew*, Especial Holy Land, 2016.

[116] Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2011/02/20/rock-brasil-andre-matos-para-a-fire-rock. Acesso em: 2 set. 2020.

[117] *Ibid*

[118] Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2011/02/20/rock-brasil-andre-matos-para-a-fire-rock. Acesso em: 2 set. 2020.

[119] Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2011/02/20/shaman-online-entrevista-andre-matos-parte-1. Acesso em: 2 set. 2020.

[120] Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2011/02/20/entrevista-antiga-de-luis-mariutti-ao-webzine-rock-connection/. Acesso em: 2 set. 2020.

[121] *Roadie Crew*, n. 23, 2000.

[122] Disponível em: https://andrecoelhomatos.wordpress.com/2011/02/20/rock-brasil-andre-matos-para-a-fire-rock. Acesso em: 2 set. 2020.

[123] Alex Holzwarth, para quem não se lembra, foi o baterista contratado para gravar o álbum *Angels Cry*, do Angra, sete anos antes.

[124] Tradução nossa.

[125] *Comando Rock*, n. 14, 2005. Entrevista ao jornalista Antônio Rodrigues Junior.

[126] Disponível em: https://whiplash.net/materias/entrevistas/001406-hamlet.html. Acesso em: 3 set. 2020.

[127] Revista *DVD World*, n. 14.

[128] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h1maekBOJQ0. Acesso em: 05 set. 2020.

[129] Entrevista originalmente publicada no site www.shaman1.cjb.net, atualmente não disponível online. Clovis encontrou a entrevista em seus registros e nos cedeu gentilmente o conteúdo.

[130] *Roadie Crew*, n. 45, agosto de 2002.

[131] *Valhalla*, n. 16, agosto/setembro de 2002.

[132] *Roadie Crew*, n. 43, agosto de 2002.

[133] *Valhalla*, n. 16, agosto/setembro de 2002.

[134] *Valhalla*, n. 16, agosto/setembro de 2002.

[135] *Roadie Crew*, n. 45, agosto de 2002.

[136] *Comando Rock*, n. 14, 2005.

[137] Revista *Comando Rock*, ed. 14.

[138] Disponível em: http://rockunderground.net.br/shaaman.html. Acesso em: 04 set. 2020.

[139] *Roadie Crew*, n. 75, abril de 2005.

[140] *Roadie Crew*, n. 75, abril de 2005.

[141] *Roadie Crew*, n. 75, abril de 2005.

[142] Entrevista transmitida em vídeo, pelo portal AOL, no dia 20 de abril de 2005. Disponível atualmente no YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=tin7Zac9w_I. Acesso em: 13 set. 2020.

[143] Entrevista ao programa *Stay Heavy*, em 2005. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MztZlpH7E1E. Acesso em: 13 set. 2020.

[144] Entrevista ao programa *Stay Heavy*, em 2005. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MztZlpH7E1E. Acesso em: 13 set. 2020.

[145] Entrevista ao programa *Stay Heavy*, em 2005. Atualmente disponível no YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=MztZlpH7E1E. Acesso em: 13 set. 2020.

[146] *Reason* saiu na Europa pela AFM Records. Seu dono, Andy “Henner” Allendörfer, que também era vocalista da banda Squealer, morreu nesse acidente em janeiro de 2005.

[147] *Roadie Crew*, n. 235, agosto de 2018

[148] *Comando Rock*, n. 14, p. 28, 2005.

[149] Disponível em: https://whiplash.net/materias/news_911/041271-shaman.html. Acesso em: 10 set. 2020.

[150] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IXAkFo9CA4o. Acesso em: 20 set. 2020.

[151] *Roadie Crew*, n. 235, agosto de 2018.

[152] *Ibid*.

[153] *Rock Brigade*, n. 257, 2007.

[154] Disponível em: https://whiplash.net/materias/entrevistas/090869-trenloco.html. Acesso em: 20 set. 2009.

[155] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GXXsk6SNWbc. Acesso em: 20 set. 2020.

[156] *Roadie Crew*, ano 12, n. 131

[157] *Rock Brigade*, ano 27, n. 263.

[158] *Roadie Crew*, ano 12, n. 131.

[159] *Rock Brigade*, ano 27, n. 263.

[160] *Roadie Crew*, ano 12, n. 131.

[161] *Roadie Crew*, ano 12, n. 131

[162] *Rock Brigade*, ano 27, n. 263.

163 *Comando Rock*, n. 66, março de 2010.

164 *Comando Rock*, n. 66, março de 2010.

165 17 de outubro de 2010. Um ano depois, Eloy entraria para o Sepultura.

166 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GXXsk6SNWbc. Acesso em: 20 set. 2020.

167 Postagem feita em 06 de janeiro de 2011. Disponível em: http://symfoniablog.blogspot.com/2011/01/vocal-recordings-from-forests-of-sweden.html. Acesso em: 20 set. 2020. Tradução nossa.

168 Entrevista publicada em 27 de fevereiro de 2012. Disponível em: https://www.heavyworlds.com/it/interviews/timo-tolkki. Acesso em: 24 set. 2020. Tradução nossa.

169 Entrevista disponível em: https://whiplash.net/materias/news_742/321788-timotolkki.html. Acesso em: 15 set. 2020.

170 *Roadie Crew*, n. 160.

171 *Roadie Crew*, n. 172, 2013.

172 *Ibid.*

173 O show aconteceu em 04 de setembro de 2015. A matéria foi publicada em 06 de novembro de 2015. Disponível em: https://acessomusic.com.br/2015/11/06/andre-matos-celebra-carreira-com-repertorio-especial/. Acesso em: 25 set. 2020.

174 *Roadie Crew*, ano 18, n. 204.

175 *Roadie Crew*, n. 172, 2013.

176 Disponível em: http://www.wikimetal.com.br/entrevista-andre-matos. Publicada em 27 de novembro de 2012.

177 O show aconteceu em 04 de setembro de 2015. A matéria foi postada em 06 de novembro de 2015. Disponível: https://acessomusic.com.br/2015/11/06/andre-matos-celebra-carreira-com-repertorio-especial/. Acesso em: 25 set. 2020.

178 *Roadie Crew*, ano 18, n. 204.

179 *Roadie Crew*, n. 165.

180 *Roadie Crew*, n. 165.

181 *Ibid*.

182 *Roadie Crew*, n. 172, 2013.

183 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vliqa4l1sPw. Acesso em: 21 set. 2020.

184 *Roadie Crew*, n. 204, 2013.

185 Realizado em 22 de março de 2013, no Pirilampus Bar, em Sorocaba/SP.

186 *Roadie Crew*, n. 204, 2013.

187 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EQfWQlP7u5s. Acesso em: 25 set. 2020.

188 Andre mencionou “The Summit”, entretanto, o título da canção é “White Summit”.

189 Disponível em: https://acessomusic.com.br/2015/11/06/andre-matos-celebra-carreira-com-repertorio-especial/. Acesso em: 25 set. 2020.

190 Apenas para efeito de comparação: Edu Falaschi, também ex-vocalista do Angra, fez cerca de cinquenta shows no Brasil em 2017, também numa proposta de revisitar álbuns passados da banda.

191 Disponível em: https://www.facebook.com/AndreMatosOfficial/posts/1612476648784487. Acesso em: 02 nov. 2020.

192 Operação de transporte aéreo comercial público e não regular, cujo horário, local de partida e de destino são ajustados em função da demanda.

193 Disponível em: https://andrematosolo.wordpress.com/imprensa/entrevistas/shaman-ritual-ao-vivo/. Acesso em: 23 set. 2020.

194 Disponível em: https://bit.ly/3estNgA. Acesso em: 04 nov. 2020.

195 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AN_SCaOh7Cc. Acesso em: 29 set. 2020.

196 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HseyfHkTB3M. Acesso em: 05 nov. 2020.

197 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h1maekBOJQ0. Acesso em: 05 nov. 2020.

198 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wpC2rEN5iMk. Acesso em: 05 nov. 2020.

Apêndice 2

O que se segue é o conto "A noite", escrito e datilografado por Andre Matos, no verso de uma lauda do avô, quando tinha apenas 8 anos. Trata-se de um texto inacabado, um exercício despretensioso de escrita. O leitor poderá constatar, admirado com a aptidão com que o conto foi escrito, que a genialidade do músico já se mostrava desde a mais tenra idade. A transcrição foi feita respeitando a maneira de escrever do jovem Andre. A interferência dos editores foi mínima: foram mantidos, inclusive, os poucos erros ortográficos e gramaticais que o texto continha, de forma a deixar à mostra para o leitor a singularidade do pequeno autor.

A NOITE

Cap. 1

Estava escuro lá fora. Na sala, apenas o fogo da lareira iluminava as paredes encrustradas de teias de aranhas que abrigavam o meu corpo imóvel, paralizado pelo frio da meia noite. E os flocos de neve caíam silenciosamente, a congelar todos os vermes que tentavam se abrigar dentro de minha casa de campo.

Congelava também ao meu gramado, que nunca mais seria o mesmo.

Apenas o uivo constante do vento na frágil porta de madeira, que já prestes a tombar, separava-me da escuridão infinita onde não havia viv'alma para me acudir, caso necessitasse.

Eu não me sentia com sono, e como não houvesse mais lenha para a lareira resolvi agasalhar-me adequadamente e ir buscar mais lá fora.

Minha casa de campo não limitava-se apenas a uma casa; era uma grande chácara, onde eu sempre ia passar meus feriados ou outros eventos. Era um lugar bem afastado, distante uns quinhentos e setenta e cinco quilômetros da cidade onde eu morava, e a cidade mais próxima dali ficava a aproximadamente centro e vinte quilômetros de distância.

Não havia nada por perto, a não ser o sítio vizinho, que pertencia a um homem que morava com sua filha. Seu caseiro era um rapaz da mesma cidade que eu e era bastante amigável. Ele fora expulso de casa porque seu pai havia morrido, e sua mãe adotiva não o tolerava. Era apenas um garoto. Vivia muito bem, com muito dinheiro, porque seu pai era um grande industrial da cidade.

Mas foi despejado, e acabou empobrecendo, sem emprego ou meios de se sustentar.

Pegou carona num caminhão, e não sabia onde iriam deixá-lo, contanto que não fosse perto de sua cidade, de onde ele trazia uma recordação terrivelmente amarga.

Foi acabar naquele fim de mundo, como capataz do sítio vizinho à minha chácara. Se ele soubesse o que lhe aconteceria depois, nunca teria pisado lá. Mas era um bom rapaz.

Eu andava intrigado com o tal dono do sítio, que o jovem capataz apelidava de sr. Bruxo. Mais tarde fui saber que o homem chamava-se Von Brüxner.

Perguntei ao jovem capataz, cujo nome era Karl sobre seu patrão.

Disse-me que o velho Bruxner era viúvo e que morava lá com uma filha que aparentava ter uns trinta e cinco anos e que fora abandonada pelo marido. Era uma moça realmente bonita. Notava-se que, apesar da aparência, devia ser bem mais jovem do que a suposta idade. O que a fazia aparentar o seu amadurecimento, ou melhor, a sua “velhice”, Karl supunha que era porque seu marido abandonou-a grávida, e seu bebê nasceu morto, e também, porque o pai a devia torturar, pois toda noite Karl escutava seus berros, e ouvia barulhos de pancadas e chicotadas. O rosto da moça tinha uma cicatriz que, segundo Karl, fora provocada pelo pai enquanto ele a castigava com uma faca quente.

Quando abri a porta de madeira para ir buscar a tal lenha, um jato frio [...].

Cap. 2

Cheguei ao estábulo. Lá estava muito frio, e com um terrível cheiro de mofo que atrapalhava-me a respiração. Notei a umidade nas paredes de madeira, e que havia um ninho de ratos em um canto. O estábulo contava com vários coxos de cavalo lá dentro, mas como eu não tinha nenhum cavalo, estes estavam vazios, e eu os aproveitava para guardar o que quisesse.

Eu tinha certeza de que havia posto a lenha em um deles, e comecei a procurar um por um. Eram em torno de dez. Os nove primeiros já haviam sido revistados. Faltava apenas o décimo. Eu

verdadeiramente esperava que a lenha estivesse lá, pois era a minha única salvação naquela madrugada de frio e escuridão, afinal, na minha chácara não tinha luz elétrica, por falta de condições, porque o frio lá era muito intenso, e o último problema que houve com eletricidade lá foi esquecido pela companhia elétrica, porque eles julgaram que era muito longe e de difícil acesso.

Assim sendo, eu dependia da lenha para iluminar também, já que só me sobrava um pouco de querosene. No dia seguinte, eu pretendia viajar os longínquos cem quilômetros para comprar mais no lugarejo mais próximo.

A décima portinhola foi por mim aberta. Esta era toda forrada por palha, e notei que a lenha não estava ali também. De repente, algo se mexe, e vejo saltar sobre mim uma cobra enorme. Era verde, e tinha os olhos vermelhos como fogo. Tentou picar-me, mas eu soube jogar o copo para o lado, e consegui pegar-lhe com uma foice que encontrava-se ao meu lado. Não matei-a, porque sabia que ela apenas estava faminta.

Sabiamente, coloquei-a perto do ninho de ratos que havia visto antes, e fiquei à espreita, para ver o que a cobra fazia. Dentro em pouco, vi-a devorando os ratos, que totalizavam cinco, um a um, e notei que ela os picava e os engolia inteiros.

Após ter devorado os ratos, a cobra saiu rapidamente do estábulo.

O cheiro da umidade me perturbava profundamente, e eu já estava começando a sentir falta de ar. O pior é que eu não achara a lenha, e teria de ir cortar mais no bosque de eucaliptos, que ficava a um quilômetro e meio dali.

Fui até o carro e abri a porta. Meu carro era todo enferrujado, e ele já tinha algumas dezenas de anos. A porta esquerda não possuía tranco, e por isso, qualquer ladrão poderia roubá-lo. A sorte é que, apesar de todo o estado do carro ser tão calamitoso, ele jamais apresentara algum problema sério.

Liguei a chave e parti em direção ao bosque. A gasolina já estava na reserva do tanque, e o escapamento fazia muito barulho.

Chegando ao bosque, a escuridão era total, e como os faróis do meu carro não funcionavam, eu tive de me suprir das últimas gotas

de querosene que me restavam para a lamparina. Saltei de machado em punho, e mirei a primeira árvore que surgia na beira da estrada. Comecei a desfechar golpes violentos em cima do pobre vegetal, e comecei a imaginar o que estaria ele sentindo. Será que sentia dor?

Pra uma árvore pequena, de dois metros, imagino. Assim que a derrubei, tratei de retirar os galhos, e comecei a talhar a madeira. Apesar do frio, o suor escorria-me pelo rosto, pois era um trabalho muito pesado e cansativo. Quanto mais em alturas.

[...]

Cap. 3

Meu carro nunca havia falhado antes, e eu tinha certeza de que não iria falhar logo ali. Saltei do banco, e levantei o capô. Antes mesmo de abri-lo, notei que estava muito quente, com um cheiro fortíssimo de queimado. Ao abrir, vi surgir uma enorme labareda de fogo, que me lambia o motor do carro. Ele só não explodiu porque não havia mais gasolina no tanque, pois quando eu saí da chácara, ele já estava na reserva da reserva. Mas mesmo assim, o carro foi fulminado, e dele nada restou senão cinzas.

Agora a escuridão era total. A lamparina já havia se apagado, e eu não tinha um fósforo sequer. Apenas o luar da lua cheia iluminava muito pouco a estrada. O que fazer? Sentei-me no chão para pensar como tudo aquilo poderia ter acontecido. Estava ficando perigoso demais para mim. Resolvi ir embora no dia seguinte mesmo. Só que não sabia como.

Comecei a ouvir uns ruídos estranhos, como se fosse de muitos passos, como se fosse muitas pessoas andando lentamente, e gemendo. Meu coração começou a apertar, e eu me vi impulsionado a correr. De repente, um uivo me intercepta. Um uivo de lobo, que foi seguido por outro. Então eram vários lobos. Meu medo aumentava cada vez mais, e comecei a correr rapidamente. Lembrei-me da Von Brüxner. Estava do lado de seu sítio, e resolvi entrar lá para ficar protegido de tudo aquilo. Pelo menos para passar o resto da noite em paz.

Cheguei perto da casa do capataz, e me aproximei. Ao bater na porta, notei que não havia ninguém. Havia uma estradinha entre a casa do capataz e a casa de Bruxner. Comecei a caminhar em direção à casa do patrão. Era uma estradinha estreita, toda esburacada, e com algumas pegadas estranhas, de patas que eu nunca havia visto em toda a minha vida. Eram pegadas grandes, e não eram semelhantes nem com de cavalo, nem com de boi. Pareciam que tinham três dedos, e eram profundas, como se algum ser pesado tivesse passado por lá.

De repente, no ar, comecei a sentir o cheiro de carniça, que quase me sufocava, pois era muito forte, e insuportável. Ao olhar para o valo da estrada, notei que um líquido meio gosmento escorria por ali. Eu não conseguia ver o que era porque estava muito escuro, e apenas o luar alumiava o chão. Cheguei mais perto para ver, e qual foi o meu choque ao perceber que era sangue. Um sangue podre. Um sangue que cheirava muito mal.

Ao ver de onde corria todo aquele sangue, notei que era um corpo embrulhado. Entumeci de medo. Com o resto de coragem que tinha, desenrolei o tal corpo de dentro de um pedaço de pano, o qual estava encharcado de sangue.

Era Karl. O jovem caseiro que foi tentar a vida no interior, um caso inédito. Agora ele estava morto. Morto, e com marcas de tortura. Quando virei seu corpo, notei um pequeno punhal cravado nas costas, que deveria ser o que o teria matado. [*Ilegível*] a me intrigar seriamente, e pensei na perda de Karl. Um rapaz com o qual eu já vinha mantendo uma certa amizade com ele, e sua perda foi, de certa forma, [*ilegível*] para mim. Uma lágrima me escapou pelo canto do olho. Teria sido Von Bruxner?

DISCOGRAFIA

VIPER

1985 The Killera Sword (Demo)
1987 Soldiers of Sunrise
1989 Theatre of Fate
2015 To Live Again – Live in São Paulo (DVD)
2020 The Spreading Soul Forever (Single)

ANGRA

1992 Reaching Horizons (Demo)
1993 Angels Cry
1994 Evil Warning (EP)
1995 Eyes of Christ (Demo)
1995 Live Acoustic at FNAC
1996 Make Believe (Single)
1996 Holy Land
1997 Freedom Call (EP)
1997 Holy Live (EP)
1998 Acoustic and More (Compilação)
1998 Lisbon (Single)
1998 Fireworks
1999 Rainy Nights (Single)
2012 Best Reached Horizons (Compilação)
2018 On the Backs of Angels (Compilação)

VIRGO

2001 Virgo

SHAMAN

2001 Demo (Demo)
2002 Ritual
2003 RituAlive
2005 Innocence (Single)
2005 Reason

SYMFONIA

2011 In Paradisum

SOLO

2007 Demo (Demo)
2007 Time to Be Free
2009 Mentalize
2012 The Turn of The Lights
2019 Moonlight – The Best Of Andre Matos (Compilação)
2020 Life Goes On (Single)

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

1988 Vodu – Seeds Of Destruction
1989 Silvio Vartan – Demo
1992 Skyscraper – Captain Frog
1996 Nepal – Manifiesto
1997 Gamma Ray – Rebellion in São Paulo 97
1998 Looking Glass Self – Equinox
1998 Superior – Younique
1998 Time Machine – Secret Oceans Part II – Eternity Ends
2000 Marcus Viana – Speranza – Trilha sonora da novela Terra Nostra
2000 Rodrigo Alves – Suddenly
2001 Holy Sagga – Planetude
2001 Hamlet – Willian Shakespeare's Hamlet
2001 Karma – The Speech

2001 Sagrado Coração da Terra – A Leste do Sol, Oeste da Lua
2001 Henceforth – Promo CD
2002 Avantasia – The Metal Opera Pt. 1
2002 Avantasia – The Metal Opera Pt. 2
2002 Luca Turilli – Prophet of the Last Eclipse
2003 Dr. Sin – 10 Anos Ao Vivo – Fire
2003 Aina – Days Of Rising Doom
2003 Avalanch – Los Poetas Han Muerto
2004 Korzus – Ties Of Blood
2004 Thalion – Another Sun
2005 Eyes Of Shiva – Deep
2005 Epica – Consign to Oblivion
2005 Henceforth – Henceforth
2006 Krusader – Angus
2007 Viper – Love is All
2008 Clairvoyants – Word to the Wise
2008 Tren Loco – Venas de Acero
2009 HDK – System Overload
2009 Corciolli – Lightwalk
2009 Irmandade do Blues – Ao Vivo (DVD)
2010 Corciolli – Lightwalk Live (DVD)
2010 Avantasia – The Wicked Symphony
2011 Avantasia – The Flying Opera (DVD)
2011 My Alley – Hope
2012 Trick or Treat – Rabbits' Hill Pt.1
2013 Empürios – Cyclings
2016 Art X – The Redemption Of Cain
2016 Brasil Heavy Metal – Brasil Heavy Metal (Documentário)
2016 Riccardo Bacchi's Raven Black Project – Breaking Through The Mist
2017 Edguy – 25 Years – The Best of the Best: Monuments Tour 2017

2017 Soulspell – The Second Big Bang
2019 Robertinho de Recife - Noturno (Single)
2020 Dune Hill – Song Of Seikilos
2020 Soulspell – 10 Years Of Soul (DVD)

Table of Contents

Prefácio
Apresentação e agradecimentos
Capítulo 1 - A infância
Capítulo 2 - The killera sword
Capítulo 3 - Soldiers of sunrise
Capítulo 4 - Theatre of fate
Capítulo 5 - Saída do viper
Capítulo 6 - Reaching horizons
Capítulo 7 - Angels cry
Capítulo 8 - Holy land
Capítulo 9 - Freedom call / Holy live
Capítulo 10 - Fireworks
Capítulo 11 - Saída do angra
Capítulo 12 - Virgo e participações especiais
Capítulo 13 - Ritual
Capítulo 14 - Ritualive
Capítulo 15 - Reason
Capítulo 16 - Saída do Shaaman
Capítulo 17 - Time to be free
Capítulo 18 - Mentalize / Symfonia
Capítulo 19 - The turn of the lights / Viper reunion
Capítulo 20 - Turnês comemorativas
Capítulo 21 - Shaman reunion tour
Capítulo 22 - Morte
Capítulo 23 - Legado
Apêndice 1 - Volta ao angra?
Apêndice 2 - A noite
Discografia